



Maria de Nazaré Barreto Trindade

**A “SENHORA DO REINO ENCANTADO DE GUIMARÃES” E SUAS
CONTEMPORÂNEAS: ANTROPOLOGIA E LITERATURA NA TRAJETÓRIA DA
ESCRITA FEMININA NEGRA NA AMAZÔNIA DO ENTRESSÉCULOS XIX E XX**

Tese de Doutorado

**Belém-Pará
Abril/2022**



Maria de Nazaré Barreto Trindade

**A “SENHORA DO REINO ENCANTADO DE GUIMARÃES” E SUAS
CONTEMPORÂNEAS: ANTROPOLOGIA E LITERATURA NA TRAJETÓRIA DA
ESCRITA FEMININA NEGRA NA AMAZÔNIA DO ENTRESSÉCULOS XIX E XX**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará. Na área de Concentração: Antropologia Social. Linha de Pesquisa: Memória, Paisagem e Produção Cultural. Tese orientada pela Prof. Dra. Rosa Acevedo Marin

**Belém- Pará
Abril/2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

T832s Trindade, Maria de Nazaré Barreto.
A "Senhora do Reino Encantado de Guimarães" e suas contemporâneas : Antropologia e Literatura na trajetória da escrita feminina negra na Amazônia do entresséculos XIX e XX / Maria de Nazaré Barreto Trindade. — 2022.
xii,298 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Rosa Elizabeh Acevedo Marin
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belém, 2022.

1. Antropologia, Literatura, Feminina, Negra, Cultura. I.
Título.

CDD 809.93355



Maria de Nazaré Barreto Trindade

**A “SENHORA DO REINO ENCANTADO DE GUIMARÃES” E SUAS CONTEMPORÂNEAS:
ANTROPOLOGIA E LITERATURA NA TRAJETÓRIA DA ESCRITA FEMININA NEGRA NA
AMAZÔNIA DO ENTRESSÉCULOS XIX E XX**

Tese de Doutorado

Banca Examinadora

Prof. Dra. Rosemere Ferreira da Silva (UNEB/BA)- Examinadora Externa

Prof. Dra. Camila do Valle Fernandes (UFRJ/RJ)- Examinadora Externa

Prof. Dr. Luis Heleno Montoril de Castilo (UFPA/PPGL)- Examinador Externo

Prof. Dra. Zélia Amador de Deus (UFPA)- Suplente Externa

Prof. Dra. Katiane Silva (UFPA/PPGA)- Examinadora Interna

Prof. Dr. Fabiano de Souza Gontijo (UFPA/PPGA) - Examinador Interno

Prof. Dra. Eliane Cantarino O’Dwyer (UFPA/PPGA)- Suplente Interna

Prof. Dra. Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UFPA/PPGA)- Orientadora

Belém, 8 de abril

2022

EM NOME DOS SILENCIADOS- MANIFESTO DE UMA ESCRITA NEGRA NA AMAZÔNIA

*Em nome do povo sempre deportado
Pelas brancas velas no exílio dos mares;
Marginalizado
Nos cais, nas favelas
E até nos altares
Em nome do povo que fez seu palmares,
Que ainda fará palmares de novo
-Palmares, palmares, palmares
Do povo!!!*

Milton Nascimento

Este manifesto é a dedicatória de minha tese. É um manifesto que expõe de forma agressiva e forte a chaga de uma sociedade adoecida pelo capital, pela riqueza de poucos em detrimento da pobreza de muitos. *É um grito em meio ao silêncio de três séculos...um grito que ecoa nas matas, percorre os sertões, mergulha nos rios e que reverbera para ouvidos que não querem ouvir. E alguns que querem.*

É a necessidade voraz de dizer-se, para que o baque surdo no tambor seja a anistia para tanta dor que em pleno século XXI- das trevas? Impõe-se aos que ousam dizer-se: sou negra, da periferia, sou cantora de hip-hop, feminista, sou alguém que defende os direitos humanos, antifascismo e antirracista...sou mulher...sou gay...sou trans.

Nos últimos anos de escrita desta tese- vários acontecimentos tomaram palco na sociedade brasileira, entre eles, registro aqui o assassinato da vereadora do PSOL- Marielle Franco em 2018. Juntamente com seu motorista Anderson... Crime não elucidado até agora. Na sequência ganharam as páginas dos jornais e repercussão na mídia o assassinato do músico Evaldo Rosa Santos no Rio de Janeiro- morto cruelmente em meio a 80 tiros- disparados pela polícia contra seu carro!?, Depois já em meio a uma Pandemia de um vírus extremamente letal – João Pedro, jovem de 14 anos cuja casa foi fuzilada e são tantos, crianças assassinadas em 2020 no Estado do Rio de Janeiro: Kauã Vitor da Silva (11 anos); Leônidas Augusto Oliveira (12 anos); Luiz Antônio de Souza, 14; Maria Alice Neves, 4; Rayane Lopes, 10; João Vitor Moreira, 14; Anna Carolina Neves, 8; Douglas Enzo Marinho, 4; Ítalo Augusto Amorim, 7; João Pedro Pinto, 14; Emilly Vitória Santos, 4; Rebeca Beatriz Santos, 7; No Recife, o menino Miguel, cinco anos deixado por uma mulher branca num elevador de um prédio de mais de 30 andares e que perdido acabou caindo de 37 metros de altura ...

O que há de comum entre esses mortos e essas mortes? Todos são negros! Todos vieram de áreas periféricas, todos têm nomes e histórias para serem contadas.

Todos estão de uma forma ou outra-presentes nesta pesquisa.

EU NÃO CONSIGO RESPIRAR! (Floyd)

Nos EUA George Floyd foi cruelmente assassinado sob os joelhos de um policial branco, que cinicamente e violentamente o manteve por 8 minutos sem possibilidade de respirar. Enforcamento sumário. Imposição da força branca racista.

RESPIRAR...é tudo que os negros desse país querem...viver, ter trabalho, não serem olhados de lado ...RESPIRAR

E é isso que tento fazer agora em meio a tanta dor que nos cerca. Escrever e respirar. Respirar...porque precisamos ...dizer que os traumas do holocausto, os traumas da ditadura militar durante 20 anos no Brasil não ensinaram parcela da população, em sua maioria branca, com nível social elevado, endinheirados e impediram que essas pessoas saíssem às ruas para defender um genocida.

Respirar

Essa tese é pandêmica.... É a busca de problematizar a situação de escritoras postas no limbo da sociedade patriarcal, misógina e racista

Essa tese é o grito represado de mulheres por esse país afora. Essa tese é dor.

É o grito de milhares de manifestantes que tomaram as ruas de lá e de cá.

A longa noite que se abateu sobre o povo brasileiro- enquanto escrevia a tese partiram:

Luís Melodia em 2017;

Marielle Franco executada em 2018 no Rio de Janeiro; e quantas estrelas negras ...

Tony Morrison em agosto de 2019; perdemos *bell hooks*, referência da voz negra feminina para uma boa parte das mulheres no Brasil, 2021; partiu um passarinho- Elza Soares e um poeta da contestação- Thiago de Mello.

Dedico:

A Marielle Franco, (2018), Anderson, Evaldo, Miguel, Gabriel, Carlos Alberto (19/11/2020), Emily e Leila Arruda (paraense, 2020) anjos negros ...cada um deles com uma história de violência e de luta.

Ceifados foram...de respirar!

A dois profetas da esperança: Padre Bruno Sechi e Pedro Casaldáliga, que partiram em meio à pandemia.

A todas as vítimas diretas e indiretas do governo genocida instalado no Brasil.

A minha mãe Francisca Maria e ao pai José Amador (em memória), eles me trouxeram a esse mundo;

A meus irmãos Paulo Guilherme (em memória); Carlos Geraldo; José Raimundo e irmãs Rosália de Fátima (em memória); Sandra Helena; Roseana Benedita; Rosilena de Lourdes; Claudia Cristine e Joseline Simone, Flávio Marcelo e Fábio Márcio a quem amo muito, apesar dos desencontros pela vida.

As minhas três icamiabas, frutos primaveris da minha existência como mulher: **Naíra, Marina e Mariana**, partícipes desta difícil contemporaneidade.

Agradeço

Aos professores do PPGA e ao corpo técnico que sempre nos apoiaram nessa aventura nem sempre tranquila em busca de conhecer; agradeço especialmente ao Carlos Vila, secretário do curso, sempre atento as nossas dúvidas e questões; A todos os colegas da Turma 2017 que me brindaram com suas inteligências, espontaneidades, força e juventude;

A Capes pela concessão de bolsa, sem a qual seria impossível realizar as viagens, a pesquisa de campo e adquirir um bom acervo de títulos de livros;

A professora e orientadora desta tese Rosa Acevedo pela paciência e auxílio na construção de uma rota, meu carinho e respeito;

Meu agradecimento especial aos professores Fabiano Gontijo, Luis Heleno Montoril e Camilla do Vale que gentilmente compuseram a banca de qualificação e me alertaram para alguns rumos na tese;

Agradecimento muito especial ao amigo Gilberto Mendonça que registrou a entrevista que fiz com a professora Conceição Evaristo em 2017; A todos e todas e todes que comigo travaram silêncios e questões em torno da pesquisa, algumas amigas gostaria de nomear: Sil Lane, Marizete Fonseca, Rosivane Chaves, Lilian Miranda, Jane, Iolanda Costa e ao amigo Íris Sousa.

Minha mensagem é de luta! À esperança e ao tempo de esperar! Axé!!

Trindade, M.N.B, 2022. A “Senhora do Reino encantado de Guimarães” e suas contemporâneas: Antropologia e Literatura na escrita feminina negra na Amazonia o entresséculos XIX e XX. Rosa Acevedo Marin (Orientadora). Tese de doutorado. Pós-graduação em Antropologia. Belém/UFPA

RESUMO

A tese *A “Senhora do Reino Encantado de Guimarães” e suas contemporâneas: Antropologia E Literatura na Trajetória da Escrita Feminina Negra na Amazônia do entresséculos XIX e XX* pretende reconstruir etnograficamente a trajetória literária, social e política de vozes femininas e negras na literatura produzida no Brasil e, especialmente na Amazônia no entresséculos XIX e XX. Produzir uma teia de relações onde a multivocalidade, ou seja, as múltiplas vozes sejam evidenciadas e, essencialmente, as vozes silenciadas por uma sociedade que se construiu sobre o tripé do preconceito- racismo- discriminação social. Por meio do diálogo entre a antropologia e a literatura e usando a etnografia enquanto concepção teórico- metodológica que fundamenta uma espécie de “arqueologia” do conhecimento acerca das mulheres que escrevem e escreveram e cujos textos ficaram à sombra da historiografia literária. Penso que essas questões são relevantes nesse contexto de intensificação das discussões em torno da construção de novas relações de poder e da democratização do acesso aos bens culturais no Brasil. Assim, encaramos a literatura também como campo de poder, espaço construído histórica e socialmente, onde as publicações e o acesso foram controlados por homens, brancos e de classes sociais privilegiadas. A tese rastreia algumas dessas autoras, cujos nomes sofreram em determinados momentos apagamento dos registros oficiais, mas sua escrita permanece registrada seja em folhetins, em publicações avulsas, em periódicos, em livros já publicados. Levarei em conta suas subjetividades, o riscado de suas existências no mundo, ou como bem aponta Evaristo, suas escritas de vida- ou escrevivências, portanto são para mim sujeitas, das quais a tese compila e analisa um pouco da trajetória de vida e da produção literária. Algumas autoras e autores foram meus companheiros nessa incursão, entre eles, cito: Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, Ângela Davis, bell hooks, Michele Perrot, Regina Dalcastagnè, Vicente Salles, Abdias do Nascimento, José Veríssimo, Aimé Cesairé, Frantz Fanon, George Balandier, Goldman, Pierre Bourdieu, J. Clifford entre outros.

Palavras-chave: Antropologia. Literatura. Voz Feminina negra. Etnografia. Poder

Trindade, M.N.B, 2022. The “Lady of the Enchanted Kingdom of Guimarães” and its contemporaries: Anthropology and Literature in the trajectory of black female writing in the Amazon region between the XIX and XX centuries. Rosa Acevedo Marin (Orientadora). Tese de doutorado. Pós- graduação em Antropologia. Belém/UFPA

ABSTRACT

The thesis *The “Lady of the Enchanted Kingdom of Guimarães” and its contemporaries: Anthropology and Literature in the trajectory of black female writing in the Amazon region between the XIX and XX centuries* intends to ethnographically reconstruct the literary, social and politic trajectory of female and black voices produced in Brazilian literature and, especially in the Amazon region between the XIX and XX centuries. To produce a web of relations where multivocality, that is, the multiple voices are put in evidence and, essentially, the voices silenced by a society built in the tripod of prejudice-racism-social discrimination. Through the dialog between anthropology and literature and by using ethnography as a theoretical-methodological conception that substantiates a type of “archaeology” of the knowledge on women who write and wrote and whose works remained shadowed by literary historiography. I believe that these questions are relevant in this context of intensification of the discussions around the construction of new power relations and the democratization of access to cultural property in Brazil. This way, we also face literature as a field of power, a space historically and socially built, where the publications and access were controlled by men, white and from privileged social groups. The thesis tracks a few of these female authors, whose names were, in certain moments, erased from official records, but whose writing remains registered in *feuilletons*, in loose publications, in journals, in published books. I will take into consideration their subjectivities, the trace of their existence in the world, or like Evaristo points out, whose write-living, or *escrevivências*, therefore, are for me subjects, from whom the thesis compiles and analyzes a slice of their life trajectories and literary production. Some authors were my companions in this attempt, among whom I mention: Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, Ângela Davis, bell hooks, Michele Perrot, Regina Dalcastagnè, Vicente Salles, Abdias do Nascimento, José Veríssimo, Aimé Cesairé, Frantz Fanon, George Balandier, Goldman, Pierre Bourdieu, J. Clifford, among others.

Keywords: Anthropology. Literature. Black female voice. Ethnography. Power.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Representação gráfica dos indicadores-atlas-2021.....	19
Figura 2- Pichação no banheiro da UFU (MG)/ X Copene/ 2018.....	36
Figura 3- Mapas onde aparecem as cidades referenciadas na tese.....	112
Figuras 4 e 5- Praça Benedito Leite: ontem e hoje.....	115
Figura 6- Casa do Tambor de Crioula (Centro de São Luís).....	116
Figura 7- Os tambores em torno da fogueira.....	116
Figura 8- Os tambores percussivos.....	117
Figura 9- Miniaturas de um dos grupos de dança de São Luís.....	118
Figura 10- O Santo homenageado: São Benedito.....	118
Figura 11- Frontispício da revista Mocidade.....	122
Figura 12- A oficina dos Novos.....	123
Figura 13- Marianna Luz- Poema a Vargas (Revista Athenas).....	124
Quadro 1- Ocorrências sobre a vida e escrita de Maria Firmina dos Reis/1859-1975.....	127
Quadro 2- Número de periódicos em cada um dos três estados/1850 – 1959.....	129
Figura 14- Folha de rosto da publicação Coleção de Poesias.....	130
Figura 15- Folha de rosto da publicação <i>Arquivo Maranhense</i>	132
Figura 16- Referência aos “jornaletes da época” no Arquivo Maranhense.....	133
Figura 17- Publicação Arquivo Maranhense.....	133
Figura 18- Capa da Pequena História da Literatura Brasileira.....	135
Figuras 19 e 20- Laura Rosa, colaboradora na Revista Maranhense.....	136
Figura 21- Coluna Literária da Revista.....	137
Figuras 22 e 23- Capa e Folha do Prefácio da Antologia.....	138
Figura 24- Poema de Laura Rosa na Antologia.....	138
Figuras 25 e 26 - Poema de Leonete Oliveira e índice.....	139
Figura 27- Comentário de Laura Rosa a antologia organizada por Sá Valle.....	139
Figura 28- Capa da publicação “Sonetos Maranhenses”.....	141
Figura 29- Fotografia da escritora Maria Benedita Câmara Bormann.....	145
Figura 30- Imagem do site da Academia Ludovicense de Letras.....	146
Figura 31- Composição “A Negra” / INTER-PRETA-AÇÃO.....	160
Figura 32- Retrato de uma antiga ama de leite e a A Negra.....	161
Figura 33- Registro da entrada da exposição Mãe-preta.....	163
Figura 34 – Texto “Das dores invisíveis”.....	164
Figura 35- Mostrar o que deve ser visto-Intervenções das artistas.....	165
Figura 36- A lupa revela o que deveria ser visto.....	166
Figura 37 – Uma mulher grávida, lembra “Nascimento de Vênus”.....	166
Figura 38- Monumento Mãe-preta em São Paulo.....	167
Figura 39- A documentação da escravização de seres humanos.....	168
Figura 40- Modos de encantar.....	168
Figura 41- Espaço da exposição para leitura e escrita.....	169
Figura 42- Retrato das Heroínas Negras.....	170
Figura 43- Busto de Maria Firmina dos Reis.....	173
Figura 44- Recorte do Periódico “O Domingo”.....	174
Figuras 45 e 46- Páginas 126-127 do periódico “O Domingo”.....	177
Figura 47- Verbete Itacolumin a página 186.....	178
Figura 48 - Capa e a lenda contada sobre S. Sebastião.....	179
Figura 49- Capa e Recorte da Revista A Faceira.....	181
Figura 50 - Recorte do Jornal Diário de Notícias.....	181
Figura 51- Print da página que organiza o memorial de Maria Firmina.....	182
Figura 52- Ilustração do Site.....	183
Figura 53- Selo comemorativo em homenagem a Maria Firmina.....	185

Figura 54- Ex-aluna de Maria Firmina na escola mista.....	189
Figura 55- Recorte de Pacotilha de 1881.....	189
Figura 56- Recorte do livro HLB.....	190
Figura 57 - Fac- símile da capa da 1ªed. / 1859.....	191
Figura 58- Dicionário Bibliográfico.....	192
Figura 59- D. Maria Firmina dos Reis, p.232.....	192
Figura 60-Hino à Liberdade dos Escravos.....	196
Figura 61- Resenha no jornal “A Imprensa” de 1860.....	206
Figura 62- Recorte do Jornal A Coalizão em 1862.....	207
Figura 63- Recorte do Semanário Maranhense de 3/11/1867.....	209
Figura 64- Capa da publicação Dicionário Mulheres do Brasil.....	209
Figura 65- Recorte do jornal.....	210
Figura 66- As obras de Clóvis Ramos.....	212
Figura 67- Musa Esquecida/ Diário de São Luiz.....	213
Figura 68- Imagem de Marianna Luz (desenho).....	224
Figura 69- Poema “Assim” de Marianna Luz.....	228
Figura 70- A Mocidade, poema publicado.....	229
Figura 71- Poema de Marianna dedicado a Coelho Neto.....	230
Figura 72- Poema “Leprosos”.....	231
Figura 73- Poema Credo de Marianna Luz.....	231
Figura 74- Desenho de Laura Rosa.....	232
Figura 75- Laura Rosa fez uma conferência, intitulada “As crianças”.....	236
Figura 76- Anúncio de sua conferência sobre Pedagogia.....	237
Figura 77- Laura Rosa é colaboradora da Revista.....	238
Figura 78- Laura Rosa no Congresso Pedagógico.....	239
Figura 79- Na Associação de Professores Normalistas, 1935.....	240
Figura 80- Coluna com título “Clube Pedagógico”.....	241
Figura 81- A Sociedade Cultural Maranhense.....	243
Figura 82- Participação de Laura Rosa na Associação das Damas.....	243
Figura 83- Nomeação da professor.....	243
Figura 84- Recorte do O Jornal de 19/04/1918.....	244
Figura 85- Nomeação da Professora.....	245
Figura 86- Crítica de Moraes.....	248
Figura 87- Anúncio de publicação do livro “Promessas”.....	249
Figura 88- Colaboradora do Diário do Maranhão.....	250
Figura 89- Resenha sobre “As Promessas”.....	251
Figura 90-Laura Rosa e seu nome.....	252
Figura 91- Imagem e parte da biografia de Astolfo Marques.....	254
Figura 92- Gotas de Pranto.....	256
Figura 93- Academia anuncia novo livro de Laura.....	258
Figura 94- As eleições em Caxias.....	259
Figura 95- Poema dedicado a Laura Rosa.....	259
Figura 96- Poema “O Meu amigo”.....	262
Figura 97- Foto da poetisa Laura Rosa- (1970).....	262
Figura 98- Poema Maria, de Maria Firmina dos Reis.....	266
Figura 99- Poema Vida.....	267

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	14
A NARRADORA- ABRINDO OS CAMINHOS.....	21
CAPÍTULO I - ANTROPOLOGIA E LITERATURA	
1.ANTROPOLOGIA E LITERATURA: DIÁLOGOS EM FRONTEIRA	48
1.1. Nas veredas desses rios.....	48
1.2. Uma imersão antropoliterária.....	57
1.3. A favor da etnografiliteratura.....	64
1.4. Ser negro no Brasil: o percurso de uma construção.....	72
CAPÍTULO II - O LOCAL E O TEMPO	
2. AMAZÔNIAS: EDENIZAÇÃO E RACIALIZAÇÃO.....	94
2.1. A Representação Científica e Literária das Amazônias e suas gentes ...	94
2.1.1. Positivismo, evolucionismo e suas margens.....	99
2.1.2. A Representação Literária da Amazônia.....	103
2.2. Pelas Ladeiras de São Luís: Buscando a Rota da Vida de algumas Escritoras	111
CAPÍTULO III - AS TRAMAS, O ENREDO, a memória a partir dos rastros – os arquivos	
3. LITERATURA E IMPRENSA NA AMAZÔNIA- rastreando presenças!.....	121
3.1 Os Movimentos Literários no Maranhão.....	121
3.2 Rastros e encontros com as escritoras nos arquivos e fragmentos de jornais.....	124
3.3. Rastros Históricos nas Publicações Literárias.....	131
3.3.1 A Revista Maranhense de 1916 a 1921.....	136
3.3.2. A presença das mulheres na Antologia Maranhense.....	137
3.3.3. As Mulheres na Poesia Maranhense.....	140
CAPÍTULO IV - AS PERSONAGENS	
4. MULHERES, LUTAS E REPRESENTatividade.....	143
4.1. “Me visto com a roupa com a qual me despes”- as histórias ocultada.....	143
4. 2. Mulheres saem dos arquivos- quebrando o silêncio!.....	144
4.3. Negra@-Corpo, Negra@Voz- Representação e Ação no mundo.....	149
4.4. Representação e ação no mundo- o corpo político.....	155
4.5. Escritoras Negras na Amazônia: um defeito de gênero e de cor.....	156
CAPÍTULO V - AS PERSONAGENS: SUAS HISTÓRIAS POSSÍVEIS	
5. AS MÃES- PRETAS- OUTRO OLHAR SOBRE A HISTÓRIA.....	160
5.1. Maria Firmina dos Reis: a Arqueologia Literária e as histórias desarquivadas	172
5.1.1. Maria Firmina, professora das primeiras letras.....	187
5.1.2. Maria Firmina e sua Úrsula: desarquivando a obra.....	190
5.1.3. A narrativa da escravização na pena da romancista.....	193

5.1.4. O Álbum como gênero literário.....	203
5.1.5. Maria Firmina, a romancista, os leitores e as críticas.....	206
5.2 Marianna Luz- vida inteira em retalhos.....	212
5.2.1. Um pouco de sua história nos fragmentos de jornais da época.....	218
5.2.2. O Longo percurso da Escritora até sua entrada na AML.....	222
5.2.3. cações e participação em associações literárias.....	223
5.2.4. Tramas da vida – obra.....	224
5.2.5. Uma escrita do mundo- para o mundo.....	227
5.3. A escrita da vida e a vida da escrita de Laura Rosa, a <i>violeta do campo</i>.....	232
5.3.1. Participação em associações da sua época.....	237
5.3.2. A obra e a crítica à produção literária de Laura Rosa.....	244
5.3.3. A produção intelectual de Laura Rosa.....	251
5.3.4. Sobre seu relacionamento com o tempo e as pessoas- sociabilidades.....	257
5.4. O Encontro de Maria Firmina, Marianna Luz e Laura Rosa: <i>poetisas ou poetas?</i>.....	262
EPÍLOGO: FALAVRA- ATO - ATO DE LAVRAR A PALAVRA, ATO DE OUSAR.....	269
REFERÊNCIAS.....	275
ANEXOS- arquivo.....	290

As Senhoras Desencantadas

Essa noite mergulhei num poema de *Evaristo*,

A roupa secava no varal

E eu contando estrelas!

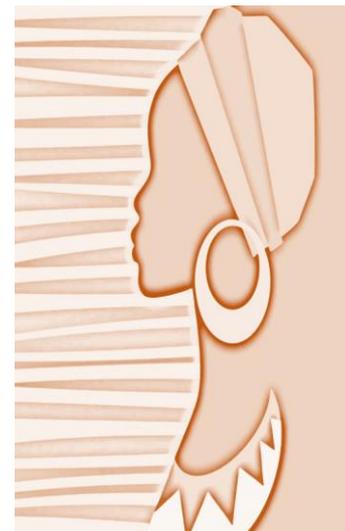
Sob um escaldante céu de verão?

Paradoxos! A vida ensinou:

Que há sóis

Há ventos e tempestades

Há inquietantes histórias,



Como esta: *Era 1917*. Uma parada obrigatória na casa da senhora mais velha: *Maria Firmina dos Reis*, os seus 95 anos pesavam-lhe nos ombros, seus olhos vêem sombras, mas sorri....

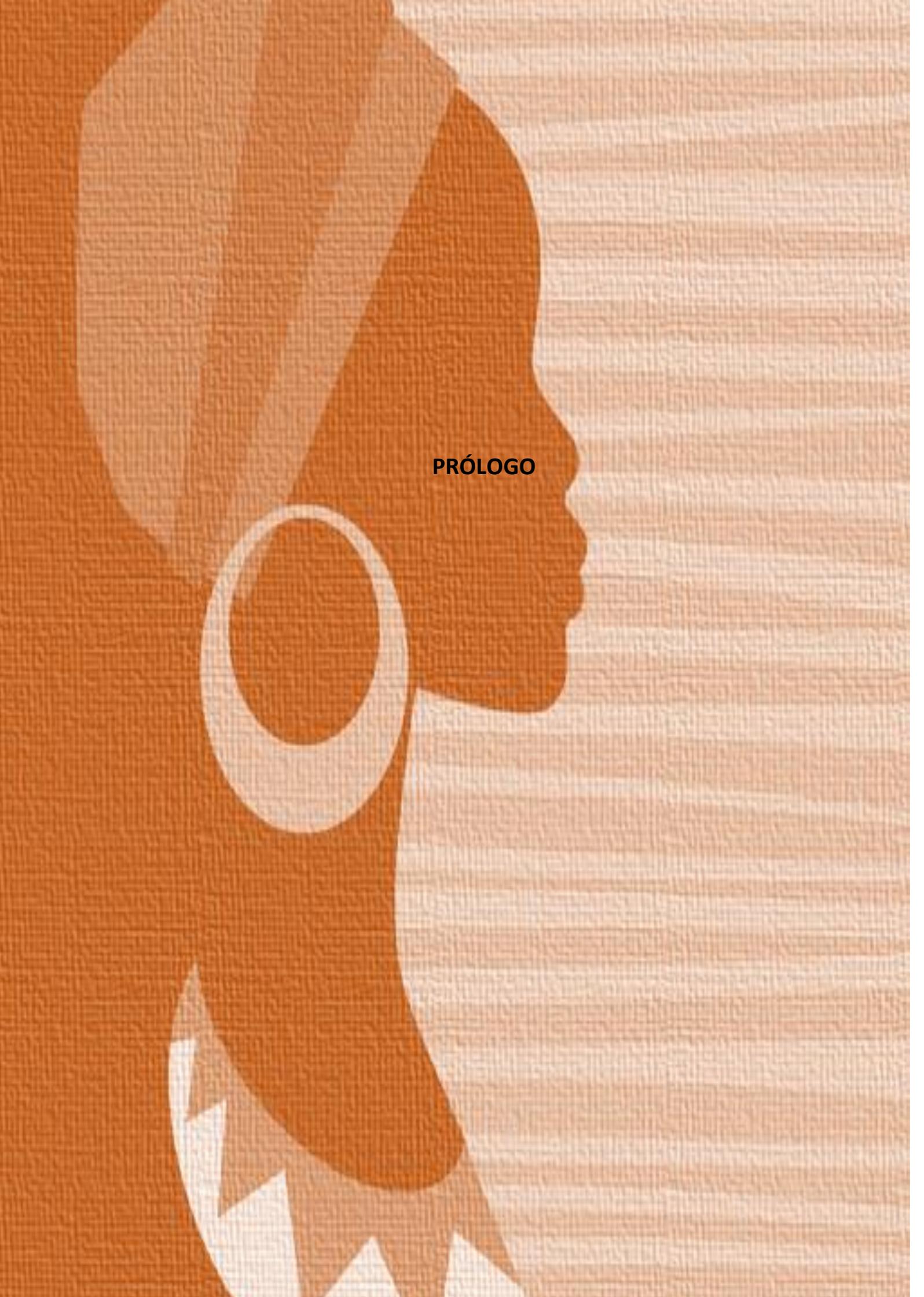
Laura, Laurita, Violeta do campo, com seus grandes olhos negros indaga sobre Marianna Luz: já chegou? Sim. Responde Firmina! Está olhando o jardim, as flores são sempre inspiração para belos poemas e solenemente recita um verso de Marianna: “*As loucas e inconstantes borboletas...Osculam inda uma vez as violetas. E fogem, ao ver o brilho das estrelas*”. Laura Rosa comenta: belos versos. Mas me diga Firmina: Guimarães é uma bela cidade, de muitos encantos e muitas histórias. Ela inspirou seu romance? Afinal quem era *Úrsula*?

E *Marianna* entra na conversa: então, não sabes quem era *Úrsula*? Uma boa moça. Moça branca, boa e sonhadora. A ousada poetisa-continuou perguntando. Maria Firmina responde: quem importa mesmo *Laurita*, é *Túlio* e *Suzana* ...são personagens inquietantes, *negros escravizados que falam, tecem em palavras as dores e amarguras do exílio e da violência da escravidão*. Laura arregala seus olhos negros ávidos por saber mais e convida: vamos continuar essa conversa na cozinha saboreando o bolo de milho e café?

A tarde adormecia... O sol descaia no horizonte....

As senhoras entraram em outras histórias. Viraram o século.

Moara Barreto, abril negro



PRÓLOGO

PRÓLOGO

A escrita de uma tese envolve muitas situações, algumas completamente fora do controle racional de quem está escrevendo, lendo e refletindo, outras são sublimadas e postas na escura condição de subconsciente. Com alguma dor vi a nossa sociedade entrar numa pandemia sem registro e sem controle. Mais, sob auspício de um governo completamente irresponsável. A imagem que me vem é a de uma guerra que se travou contra um microscópico inimigo e nós completamente desarmados, fomos vendo cair ao nosso lado nossos amigos, vizinhos, parentes próximos. Num frenesi sem precedentes as notícias se avolumavam e nós que nunca tínhamos vivido uma urgência sanitária tão grave ficamos ali, alguns completamente engessados no medo, outros em completo desespero e abandono.

E você leitor deve estar se perguntando o que isso tem a ver com o meu tema de pesquisa? Qual o sentido de iniciar uma tese por este relato? Eu respondo: tem tudo a ver. Porque da crise sanitária emergiram os fantasmas sublimados por uma sociedade construída sob os pilares do racismo, da intolerância religiosa, da violência contra as mulheres e contra homossexuais, da extrema e diária violência contra negros e pessoas que moram em periferias dos grandes centros urbanizados, da extrema violência contra trabalhadores rurais e povos indígenas. Todas as marcas de um caos-mundo criado pelo capitalismo. O choro que veio com a pandemia desembocou em rios, inundou as florestas, lágrimas foram vertidas neste país todo, de Norte a Sul, vimos famílias completamente desarticuladas, crianças cedo conhecerem a orfandade. Perdemos de um dia para outro, nossas referências de conhecimento, de cultura, de história familiar. O país foi mergulhado no esquecimento, e tudo isso em meio ao riso e escárnio maroto de outros - uma minoria elitizada, em sua maioria branca, que passou a negar todo desenvolvimento científico, e não dar a menor importância à vida de milhares de pessoas.

No Rio de Janeiro, em março de 2020, uma mulher negra - Cleonice Gonçalves, de 63 anos foi a primeira vítima da covid-19 no Brasil. A história: a empregada doméstica contraiu o vírus de sua patroa, que havia retornado da Itália. Apresentando comorbidades como hipertensão e diabetes, Cleonice não resistiu. A manchete tomou lugar em vários jornais nacionais e internacionais e nas redes sociais e logo as discussões se voltaram para as possíveis vítimas do vírus – a sua mortalidade veio à tona. Logo dados mostraram que

negros e mulheres estavam entre as maiores vítimas, as mais vulneráveis aos efeitos do corona vírus no organismo. Logo se chegou à conclusão de que negros são os que mais morrem de covid-19 e os que menos recebem vacinas.

Marcadores sociais como gênero, raça, cor, etnia, classe social e geração devem ser considerados na perspectiva do combate ao vírus e na definição de estratégias de soluções para os problemas, além disso, esses marcadores evidenciam as profundas desigualdades no país no que diz respeito ao acesso a bens e equipamentos de saúde. Nas palavras de Márcia Pereira Alves dos Santos, integrante do GT-Racismo e Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco):

Apesar dos esforços, o sistema brasileiro insiste em ignorar esses marcadores sociais. Assim, a abordagem da pandemia na perspectiva étnico-racial é premente, por ser uma oportunidade de encarar as desigualdades raciais tão marcadamente presentes em nosso país, e de forma definitiva. Caso contrário, os negros continuarão sendo os primeiros na fila de óbitos e os últimos na fila da imunização.

Pesquisadores denunciam que o apagão de dados étnico-raciais evidencia a ausência de ação governamental para evitar os óbitos- a lógica racista do estado brasileiro impede a busca de soluções. Dois estudos mostram esta realidade no primeiro ano de pandemia, um do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde da PUC-Rio e o segundo do Instituto Polis. “No primeiro, ficou demonstrado que, enquanto 55% de negros morreram por covid, a proporção entre brancos foi de 38%. Na segunda pesquisa, o Instituto Polis mostrou que a taxa de óbitos por covid-19 entre negros na capital paulista foi de 172/100 mil habitantes, enquanto para brancos foi de 115 óbitos/100 mil habitantes.” Outra questão observada foi a desigualdade no processo de vacinação. Dados informam que 3,2 milhões de pessoas que se declararam brancas receberam a primeira dose do imunizante contra o novo coronavírus. Já entre os negros, esse número cai para 1,7 milhão (Brasil de Fato/2020).

Em setembro de 2021 a Rede de Pesquisa Solidária¹ lançou estudo divulgando que “Mulheres negras morrem mais de covid-19 do que todos os outros grupos (mulheres

¹ A Rede de Pesquisa Solidária é uma iniciativa de pesquisadores para calibrar o foco e aperfeiçoar a qualidade das políticas públicas dos governos federal, estaduais e municipais que procuram atuar em meio à crise da covid-19 para salvar vidas. O alvo é melhorar o debate e o trabalho de gestores públicos, autoridades, congressistas, imprensa, comunidade acadêmica e empresários, todos preocupados com as ações concretas que têm impacto na vida da população. Trabalhando na intersecção das Humanidades com as áreas de exatas e biológicas, trata-se de uma rede multidisciplinar e multi-institucional que está em contato com centros de excelência no exterior, como as Universidades de Oxford e Chicago. A coordenação científica está com a professora Lorena Barberia (Ciência Política- USP).

brancas, homens brancos e negros) na base do mercado de trabalho, independentemente da ocupação”. A nota técnica da pesquisa especifica que homens negros morrem mais por covid-19 do que homens brancos independentemente da ocupação, tanto no topo quanto na base do mercado de trabalho, enquanto mulheres brancas morrem menos por covid-19 que homens brancos nas profissões superiores, mas morrem mais nas ocupações da base do mercado de trabalho.

O estudo utiliza como base de dados as informações do SIM (Sistema de Informação sobre Mortalidade) do Ministério da Saúde, referentes ao ano de 2020, com dois recortes - o de ocupação e o de raça/cor, gênero. Os resultados do estudo em relação ao primeiro recorte apresentam os seguintes dados:

Em números absolutos, os trabalhadores do Comércio & Serviços (6.420) são os que mais morreram de covid-19, seguidos de trabalhadores da Agricultura (3.384) e dos Transportes (3.367). As taxas relativas, contudo, mostram que, dentre as mortes evitáveis, foram os líderes religiosos (44%) os que, de longe, mais morreram de covid. O segundo grupo é dos profissionais da Segurança (25,4,0%), atividade essencial pouco contemplada com medidas de proteção e prevenção nos locais de trabalho. Em terceiro estão os profissionais da Saúde (24,0%), que têm atuado intensa e cotidianamente nas Unidades Básicas de Saúde, nos pronto-atendimentos e nos hospitais. Entre os profissionais da enfermagem, esse valor é superior a um em cada quatro mortes. O grupo de profissionais das Artes e Cultura (21,7%) vem em quarto. Seguem as taxas de profissionais diretores e gerentes (20,3%), profissionais de ensino superior (20,2%) e profissionais da comunicação (20,1%). Os dados mostram que a pandemia afetou, relativamente, grupos mais privilegiados, justamente por ser aqueles que morrem menos em geral. Os resultados também mostram o impacto da covid-19 em profissionais menos qualificados e que trabalharam ativamente durante a pandemia, como os dos Transportes (especialmente motoristas de ônibus, caminhoneiros, taxistas e motoristas de aplicativos e transporte privado). Reúnem-se aqui atividades classificadas como essenciais, de maior vulnerabilidade à infecção pelo sars-cov-2 por prestarem um tipo de serviço direto à população e envolvem exposição a um grande número de pessoas diariamente (Jornal da USP/28/09/2021).

Em relação ao recorte cor e gênero os achados desta seção demonstram que, “mesmo exercendo as mesmas ocupações, a mortalidade pela covid-19 é diferente para homens e mulheres, entre pessoas brancas e negras. Porém, as assimetrias de raça e gênero são distintas. Os dados estimam as razões de chance de morte pela doença, comparando homens brancos, homens negros, mulheres brancas e mulheres negras”. Os achados apresentam as seguintes conclusões:

Os homens negros morrem mais de covid-19 do que os homens brancos em praticamente todas as ocupações – as únicas exceções são os trabalhadores agrícolas. A desigualdade racial nas chances de morte pela covid-19 entre os homens é transversal a todo o mercado de trabalho, independentemente do tipo de atividade, do setor, de se tratar de ocupações que se encontram no topo ou na base da pirâmide social.

De acordo com o estudo dois motivos esclarecem esse padrão: 1) as diferentes formas de inserção laboral. Mesmo exercendo as mesmas ocupações, negros tendem a uma inserção significativamente mais precária, seja em razão do tipo de vínculo (formal ou informal) ou da natureza dos estabelecimentos (mais ou menos estruturados). 2) Fatores ambientais e as desigualdades de acesso a recursos, a exemplo dos serviços de saúde.

Para o seguimento de mulheres negras o estudo apresenta o seguinte resultado:

...para as mulheres negras evidenciam a desigualdade racial e de gênero de forma combinada. Entre as ocupações superiores, as únicas ocupações que reportaram significância estatística entre mulheres negras e homens brancos foi para os profissionais de enfermagem (com mulheres negras com menor chance) e com “outros profissionais da saúde”, com mulheres negras morrendo mais.

Diferentemente das brancas, entretanto, não houve diferença estatisticamente significativa em nenhuma ocupação do espectro superior. Longe de dizer que homens brancos e mulheres negras pouco se diferenciam no topo da estrutura. O dado e a literatura especializada sugerem simplesmente que as mulheres negras são fortemente sub-representadas nesses grupos. Por outro lado, as diferenças se tornam visíveis nas ocupações de menor instrução. Não apenas as mulheres negras têm maiores chances de mortalidade pela covid-19 em comparação aos homens brancos em praticamente todas as ocupações de menor instrução, como também são maiores as chances em relação às mulheres brancas (única exceção é entre as trabalhadoras da limpeza urbana). Às disparidades de gênero que explicam as diferenças entre homens e mulheres brancos (as) na base da estrutura, somam-se as disparidades raciais, mesmo quando exercendo as mesmas ocupações. Rede de Pesquisa Solidária (SIM/Datasus, 2020)

Penso que essas informações resumem um pouco os dois anos de tensão e horror vivenciados pela maioria da população deste país. Muitas ideias e ideologias passaram a ser questionadas com mais afinco, emergiram dessa crise sanitária- que é um aspecto da crise política, econômica e social que se instalou desde 2016, muitos monstros – alegoricamente que dormiam sob os lençóis de seda da pátria- mãe, junto com as questões de saúde, dados sobre violência em todas as suas formas tomaram o país de norte a sul- uma violência direcionada- negros, mulheres, homossexuais, transexuais, indígenas, militantes do movimento social, atacados diariamente a ponto de termos uma estatística – o Atlas da

Violência no Brasil publicado pelo IPEA em 2021, tipifica seis – Violência contra as mulheres, Violência contra a Juventude, Violência contra a população LGBTQI+; Violência contra Indígenas e Violência contra pessoas negras e Violência contra pessoas com deficiência. Alguns dados que constroem uma narrativa bem séria em relação às mulheres, por exemplo:

Em 2019, 66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras. Em termos relativos, enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras foi de 2,5, a mesma taxa para as mulheres negras foi de 4,1. Isso quer dizer que o risco relativo de uma mulher negra ser vítima de homicídio é 1,7 vezes maior do que o de uma mulher não negra, ou seja, para cada mulher não negra morta, morrem 1,7 mulheres negras. Essa tendência vem sendo verificada há vários anos, mas o que a análise dos últimos onze anos indica é que a redução da violência letal não se traduziu na redução da desigualdade racial. A evolução da taxa de homicídios femininos por raça/cor mostra que, em 2009, a taxa de mortalidade entre mulheres negras era de 4,9 por 100 mil, ao passo que entre não negras a taxa era de 3,3 por 100 mil. Pouco mais de uma década depois, em 2019, a taxa de mortalidade de mulheres negras caiu para 4,1 por 100 mil, redução de 15,7%, e entre não negras para 2,5 por 100 mil, redução de 24,5%. Se considerarmos a diferença entre as duas taxas verificamos que, em 2009, a taxa de mortalidade de mulheres negras era 48,5% superior à de mulheres não negras, e onze anos depois a taxa de mortalidade de mulheres negras é 65,8% superior à de não negras. (IPEA 2021: 38).

Neste rodo cotidiano da violência – uma violência sistêmica construída ao longo dos quatro séculos de violência colonial- trauma histórico que questionou a humanidade de homens e mulheres negros, indígenas, que perpetuou discriminações, estereótipos, segregações, e que neste contexto vemos traduzido em indicadores sociais que mostram de forma preocupante que o racismo estrutural se mantém e faz vitimas diárias. “Em 2019, os negros (soma dos pretos e pardos da classificação do IBGE) representaram 77% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,2. Comparativamente, entre os não negros (soma dos amarelos, brancos e indígenas) a taxa foi de 11,2 para cada 100 mil, o que significa que a chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra” (IPEA 2021:49).

O enfrentamento desse caos social está ocorrendo e se evidencia na forma como lideranças políticas do movimento social vêm ao longo dos últimos anos sendo perseguidas e executadas por um estado brasileiro que de certa forma autoriza a violência, o que evidencia que,

...é indispensável atentar que a violência étnico-racial, considerada a partir de qualquer concepção ou quaisquer medidas quantitativas, guarda

complexidades interpretativas e não responde apenas à ideia da violência física, ou seja, tortura, ferimento, tentativas de agressões e assassinatos, lesões corporais dolosas e homicídios. Pode-se acrescentar nesse espectro de violência ampliada, os casos de abusos de poder, formas sistemáticas ou não de assédio, criminalização de lideranças e movimentos sociais indígenas, ameaças, violências sexuais etc. (IPEA 2021:89)

Alguns indicadores estão resumidos na figura a seguir- resta notar que os dados de violência no campo, tão importantes haja vista o imenso número de trabalhadores assassinados e cujas mortes ficam na impunidade no Norte do país onde se concentra uma forte luta pela terra, não estão detalhados no relatório- que traz a seguinte chamada:

O segundo foco de tensão diz respeito ao recrudescimento da violência no campo. Segundo o relatório “Conflitos no Campo 2019”, da Comissão Pastoral da Terra (CANUTO; LUZ; SANTOS, 2020), essa violência aumentou em 2019, quando foram registrados uma média de cinco conflitos por dia, o maior número de conflitos em 10 anos, e um total de 32 assassinatos. As principais vítimas foram indígenas, sem-terra, assentados e lideranças agrárias. (IPEA 2021:14)

O boletim chama a atenção para um segundo documento intitulado “Atlas da Violência no Campo no Brasil: Condicionantes Socioeconômicos e Territoriais”, Cerqueira e Mello (2020) onde são analisados o fenômeno da violência e da pressão fundiária no campo.

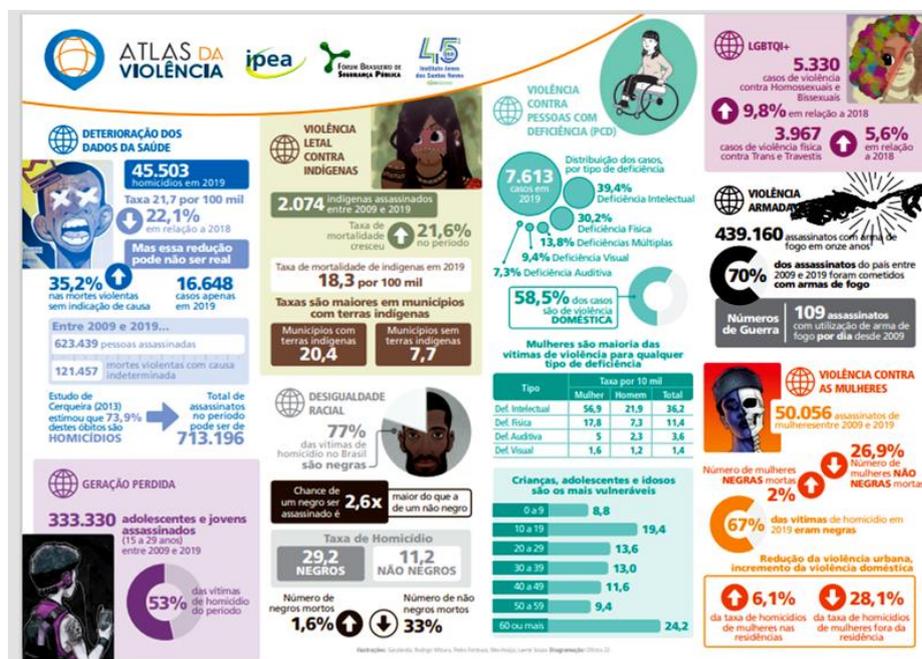


Figura 1- Representação gráfica dos indicadores-atlas-2021

Fonte: IPEA/2021

Assim, estamos em pleno mar do século XXI. Do tombadilho enxergo um país sem rumo. Esse século começou difícil, os acontecimentos no país e no mundo demonstram que o aprendizado da democracia, da cidadania e da liberdade ainda são lentos e trazem consigo marcas e traumas que remontam aos quase quatro séculos da travessia atlântica de seres humanos animalizados em navios tumbeiros. Essa história só está no começo. Mas para contá-la precisamos situar tempo-espço- estamos falando do cinturão verde chamado Amazônias. Quando iniciei essa viagem não tinha muita idéia de por onde e quais caminhos percorreria. Pensei várias vezes em desistir, mas como diz nossa poeta Cora Coralina ou Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889-1985): "Desistir... eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério; é que tem mais chão nos meus olhos do que o cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos, do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça".

E assim persegui dia a após dia uma escrita, uma forma de dizer em meio a um caos social e pessoal. Não foi fácil enfrentar a história de homens e mulheres marcados no corpo e na alma por objetos de tortura. Simbologia da dominação do branco. Contar e ouvir histórias, ler narrativas de dor e solidão, mas também reaprender os passos da resistência. Sou assim a narradora de uma história possível. De fragmentos, questões, enlaces, palavras-vida, tramas de vida e do cotidiano, de ousadas mulheres, senhoras do seu tempo que circularam, viajantes sempre por cinco municípios do Maranhão: São Luis, a capital, Caxias, Itapecuru-Mirim, Guimarães e Rosário.

Professoras que faziam trajetos da capital aos municípios, cada uma com suas peculiaridades e no seu contexto histórico e local específicos. Falar delas remete a contexto de vida e, ao longo dos cinco anos de estudo fui descobrindo obras, blogs, sites que já traziam um pouco dessas mulheres... e de tantas outras. Assim como Fanon, apelo pra Césaire, peço licença poética e parafraseio sua fala diante deste cenário social e político e digo para mim mesma: "*E sobretudo, meu corpo, assim como minha alma, evitem cruzar os braços em atitude estéril de espectadora, pois a vida não é um espetáculo, pois um mar de dores não é um palco, pois uma mulher que grita não é uma pantera que dança*" (Césaire *apud* Fanon 2008).

A NARRADORA - ABRINDO OS CAMINHOS

Nós estamos num momento em que temos a liberdade, mas também quase a obrigação de desobedecer às linguagens que nos foram dadas. É importante fazer isso. É importante criar novos discursos, novas narrativas, novas imagens, novos movimentos.

Grada Kilomba

Naveguei muitos paranámirins, rios, mares, afluentes e influentes; banhei em muitos igarapés, comi muito chão para chegar até aqui. A tese A “Senhora do Reino Encantado de Guimarães” e suas contemporâneas: Antropologia e Literatura na trajetória da escrita feminina negra na Amazônia do entresséculos XIX e XX nasce primeiro de um desejo e de uma vontade de trazer à luz autor@s que foram subalternizad@s ao longo da história literária por relações sociais extremamente desiguais que foram forjadas no chão deste país a partir do processo colonizador e da brutalidade da escravização africana e indígena; e, ainda, de um percurso acadêmico que venho traçando ao longo das últimas três décadas e que me direcionou para a reflexão sobre questões políticas e étnico-raciais que marcam a construção da nacionalidade brasileira, entre elas as questões em torno da produção e divulgação de textos escritos, da construção de um cânone literário essencialmente masculino e branco que não condiz com a realidade de produção de textos escritos que grassa neste país.

A minha história acadêmica começou propriamente na década de 1980 do século XX quando realizei uma primeira formação na área da Matemática. Naquela época os cursos de graduação da área de exatas eram pouco procurados por mulheres, tanto é assim que na minha turma éramos duas apenas. Vivíamos a transição da ditadura militar para um regime democrático no Brasil – deste modo, além de já militante de um partido de esquerda, ingressei também na direção do Centro Acadêmico de Matemática (CAMAT). Tínhamos àquele momento tarefas importantes e uma delas era a mobilização dos estudantes em torno da luta pela meia passagem, da resistência ao governo autoritário dos Barbalhos e à organização em torno do Movimento das Diretas Já. Possivelmente por esse conjunto de questões e interesses e pela reflexão em torno de um ensino de Matemática que problematizasse a realidade e não fosse apenas um conjunto de algoritmos e regras aos quais os alunos deveriam seguir, fiz um TCC que versou sobre o ensino dos números, a construção histórica e social da matemática.

Seguindo esse percurso trilhei em busca de um mestrado em Educação Matemática ou em etnomatemática. Não havia em Belém. Resolvi então fazer uma especialização. Fui selecionada para o III Curso de Educação e Problemas regionais no Centro de Educação da Ufpa. Curso de 450 h, com bolsa. Conclui o curso que, entre outras coisas, me possibilitou ampliar o olhar educacional nas perspectivas da democratização do acesso à educação, da qualificação da educação pública, enfim foi um curso que primava pela discussão teórica e pela participação política, sempre na perspectiva do aprimoramento do conhecimento e do subsídio para atuação na regência de classe ou outros espaços educacionais.

Por essa época tornei-me militante do movimento popular, participei de algumas reuniões do MMCC- Movimento de Mulheres do Campo e da Cidade e iniciamos um trabalho de discussão política com mulheres no bairro de Val-de-Cans, temáticas variadas, sexualidade, maternidade, participação política, direitos sociais. Nesse contexto uma das maiores dificuldades das mulheres no bairro era a inexistência de locais para deixar os filhos menores enquanto trabalhavam, por isso algumas das senhoras com quem reuníamos disponibilizavam suas casas para acolher algumas crianças do bairro– denominavam-se de mães-crecheiras. Entrei neste mesmo período no MLPA²- Movimento pela Libertação dos presos do Araguaia. Reuníamos na igreja de São Sebastião- onde tirávamos orientações para continuidade da luta em torno da libertação dos presos do Araguaia, fizemos algumas manifestações e visitas coletivas aos presos, pressionando por sua libertação.

Neste mesmo contexto participei do momento de formação nas lutas sociais, pelo Direito de Morar e posteriormente também no MDV- Movimento em Defesa da Vida, discutíamos à época a construção das eclusas de Tucuruí. Nessa mesma conjuntura um grupo de ativistas do Partido dos Trabalhadores (PT) fundamos o Núcleo de base do PT “Nossa Luta” que teve uma inserção no bairro e na chamada baixada de Val-de-Cans, orientando reivindicações, manifestações e reuniões com o poder público em busca de melhoria nas condições sociais e na qualidade de vida das pessoas do local, nesse momento eu morava na área de atuação e compunha a diretoria do principal Centro Comunitário- o

²O MLPA- Movimento pela Libertação dos Presos do Araguaia- foi um movimento de cunho político e religioso que aconteceu em 1981 por ocasião da prisão de 13 posseiros e dois padres que tinham uma ação na região de Conceição do Araguaia. A questão fundiária no Pará continua na agenda de uma das maiores problemáticas sociais e lugar de execução de inúmeros lutadores pela reforma agrária e pelo bem viver no campo.

CCP- Providência. Por essa época era professora de uma escola municipal da área e participava de uma subseção do Sindicato dos Professores – SINTEPP.

Alguns anos depois, já em 1996, fui aprovada para o Mestrado em Educação e Políticas Públicas, vinculado ao Centro de Educação. Meu projeto versava sobre um estudo comparativo dos Sistemas de Avaliação da Educação Básica de dois países Brasil (SAEB) e Argentina e era orientado pelo professor Carlos Lima do NAEA. Ao final do primeiro ano tive que me afastar em função de uma grave doença que demandou cirurgia, quimioterapia e que me abalou bastante. Adiei o mestrado e me afastei para tratamento e retorno ao trabalho.

Vivíamos em Belém a experiência de um governo democrático e popular. Tempos de muita aprendizagem e desafios. Tempos cabanos. Nestes anos, como pesquisadora da Secretaria Municipal de Educação elaboramos pesquisas sobre os impactos de programas sociais na Educação - Bolsa Escola e outros projetos que relacionavam a aprendizagem com as novas orientações da Gestão Cabana e do Sistema de Ciclos. Nesse percurso muito conhecimento e participação em diálogos sobre educação foram agregados ao meu histórico pessoal, acadêmico e social.

Apesar de escrever desde tenra idade. Minha entrada na literatura tem uma história que remete à década de 2000 quando participei com alguns escritores de Belém da criação do Clube do Escritor Paraense (CEP). Durante dois anos nos reunimos e produzimos encontros sobre autores e autoras da Literatura Brasileira intitulado “Café com verso e prosa” e ainda publicamos dois livros de poesias. Essa paixão por literatura me impeliu a fazer outro curso de graduação. Em 2005 ingressei no curso de Letras, ênfase em Língua Portuguesa. A graduação em Letras e, posteriormente, o Mestrado em Estudos Literários (PPGL) abriram meu horizonte reflexivo para questões ligadas às categorias identidade, cultura e memória. Além de alimentar a curiosidade de entender mais a literatura e o pensamento sobre e na Amazônia³. Durante o curso tivemos contato com os romances de Inglês de Sousa e de Dalcídio Jurandir. Apenas notícias breves, obtidas em encontros que

³A Amazônia no espaço brasileiro. “O Brasil possui 63,4% da Amazônia sul-americana, e a Amazônia brasileira corresponde a mais da metade do território nacional, estendendo-se até os estados do Mato Grosso, Tocantins e parte do Maranhão, ela não se confunde com a Região Norte, que é uma divisão político-administrativa para fins censitários” (Becker 2001:9).

participamos durante a graduação- caso do EPEL- Encontro Paraense dos Estudantes de Letras e outros seminários discentes.

Ainda que não constasse no currículo de Letras – Língua Portuguesa uma disciplina específica sobre a literatura produzida na Amazônia, esse conhecimento foi abordado parcialmente pelos professores de textos narrativos e poéticos. Lemos esta literatura, de forma autodidata, uma vez que disciplinas importantes como “Cultura Brasileira” e “Literatura Paraense” não constavam mais do currículo de Letras. Foi na disciplina Teoria do Texto Narrativo que obtivemos algumas informações sobre a literatura produzida por estas paragens. A leitura de um conto “A Feiticeira” do escritor de Óbidos, Herculano Marcos Inglês de Sousa foi a mola impulsadora do interesse das pesquisas que posteriormente desenvolvemos. A forma e o conteúdo impressionante do conto que tem como enredo central o confronto de duas identidades: o branco, representado por um jovem delegado recém-formado em direito que cria na ciência e não acreditava “em credices” e uma velha tapuia- uma mulher forte chamada Maria Mucuí- a quem se atribuíam poderes sobrenaturais –, e se transformou em uma velha alquebrada com um dente só, devido ter segundo o senso-comum mantido um relacionamento carnal com o vigário de Óbidos. O confronto entre essas duas identidades constitui o mote para a compreensão das relações que se deram nesse espaço de colonização.

O diálogo com o conto “A feiticeira” realizado à luz da perspectiva dos Estudos Culturais (EC) tornou-se um artigo e posteriormente compôs o Trabalho de Conclusão de Curso, tendo como tema central essa identidade- tapuia, intitulado: “Maria Mucuí, a feiticeira do Paraná-mirim de cima: um Estudo sobre a não permanência identitária de povos indígenas do Pará oitocentista”. Buscou-se trazer a discussão para o campo social e histórico, mostrando com base em registros históricos – como essas identidades se transformaram e em alguns casos foram destruídas no encontro/confronto com o seu outro (o colonizador, o branco e outros).

Dois aspectos das obras de Sousa me chamaram a atenção e motivaram os estudos posteriores sobre as literaturas produzidas na Amazônia. O primeiro diz respeito à forma como em sua obra traça um panorama das relações políticas nessa região. A Amazônia do ciclo do cacau, contexto das relações político-partidárias extremamente clientelistas, da pena de Souza emergem tipos sociais que se enfrentam - as relações servis de pescadores e

tapuios e do outro lado os coronéis- mandatários da política local, os donos de gado, os pequenos comerciantes, boticário, proprietários de terras, os militares.

O segundo aspecto está relacionado às amplas descrições das manifestações, danças, as comidas e bebidas, as formas de tratamento, enfim, o que a perspectiva cultural chama de descrições complexas concretas⁴; recriações sócio-históricas de culturas ou de movimentos culturais, ou, ainda, descrições culturais etnográficas, o que é bem conhecido como procedimento da chamada literatura realista de ficção, em que as experiências socialmente localizadas são recriadas. Mas ainda, as *Cenas da vida do Amazonas* traduzem encontros ente colonizados e colonizadores. Neste vasto território a obra encena confrontos entre tapuios e brancos, mamelucos e índios, geralmente ligados à posse da terra, ou a situações de trabalho servis, conforme relatos históricos desse período.

Depois dos créditos de mestrado realizados e após discussões com o orientador, o projeto foi reorganizado e deu origem à dissertação de mestrado, cujo tema é a discussão de Identidade, cultura e poder nos três romances de Inglês de Sousa: *O Cacaulista*, *História de um pescador* e *O Coronel Sangrado*, publicados em 1876, e 1877, respectivamente, e cujo título é: “Entre cacauais e Paraná-Mirins: cultura e identidade em Cenas da vida do Amazonas”. A dissertação problematiza as relações de poder vigentes por essa época na Amazônia. E especialmente quais as identidades sociais personificadas na literatura de Souza.

Por essa época pude perceber que no curso de letras havia poucos projetos voltados para a literatura produzida na Amazônia. E os que existiam eram voltados para autores clássicos do cânone literário brasileiro, Guimarães Rosa, ou entre os paraoaras, Dalcídio Jurandir, além de alguns trabalhos sobre a poesia de Max Martins. Em relação a autores afrodescendentes ou dentro de alguma temática relacionada às questões étnico-raciais as incursões ainda são muito restritas e geralmente trazem para foco o nosso poeta jurunense Bruno de Menezes (1893-1963). Num breve levantamento realizado no site da Sucupira/ Capes encontramos projetos aprovados entre 2010 e 2013 que evidenciam o que venho falando anteriormente, por exemplo, na área de concentração dos estudos Literários

⁴Para esta discussão ver: ESCOSTEGUY, A.C. et al. O que é, afinal, Estudos Culturais? Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

voltados para a discussão entre Literatura, Memórias e Identidades são listados os seguintes projetos: Narrativas IFNOPAP: quem são esses narradores e personagens em espaço-temporal amazônico? Coordenado pela prof. Dra. Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões; A Cultura como Ficção: cartografia dos saberes interculturais em narrativas da/na Amazônia Atlântica, coordenado por José Guilherme dos Santos Fernandes; Literatura Comparada e Estudos Culturais: perspectivas teóricas para ler literatura, arte, cultura, sociedade e processos globalizantes na Amazônia, Brasil e América Latina do professor Coordenador: Luis Heleno Montoril Del Castillo e Representações da Infância em Narrativas de Catástrofe da professora Tânia Maria Pereira Sarmiento Pantoja.

Na discussão sobre interpretação, circulação e recepção na Literatura encontramos dois projetos sobre Guimarães Rosa, um sobre a recepção crítica da obra entre 1969 e 2010, e um de Interpretação e Recepção crítica de Guimarães Rosa(1969-2012): estudo de arquivos amazônicos, nacionais e latino-americanos – ambos coordenados pelo Professor Dr. Silvio Holanda, um projeto sobre Tradução na poesia portuguesa contemporânea; um sobre Circulação e Produção Literária em Belém Do Pará (1850-1950); um sobre Correspondências Literárias: a circulação de romances-folhetins em jornais diários fluminenses e paraenses no século XIX; dois projetos sobre Dalcídio: Dalcídio Jurandir (1909-1979): o romancista da Amazônia, coordenados por Gunter Karl Pressler, um projeto sobre Dalcídio Jurandir: o jornalista e o romancista por Marli Tereza Furtado. Leituras à Prova do Tempo: a crítica ao romance em jornais diários no século XIX, Coordenadora: Germana Maria Araújo Sales; e Literatura da Amazônia e Literatura dos Viajantes (2 Versão), Coordenador: Gunter Karl Pressler e Memória em Periódicos: a constituição de um acervo literário da professora Germana Maria Araújo Sales.

Frente a esse quadro meu interesse de pesquisa foram os cronistas nascidos na Amazônia, assim escrevi alguns artigos tendo como tema os personagens, o enredo, a paisagem nas obras de Inglês de Sousa, José Veríssimo, Eneida de Moraes e Milton Hatoum. A tônica desses artigos é a análise literária das identidades que se personificam em tapuios, mulheres, seres humanos à margem da sociedade constituída enquanto branca, hierárquica e preconceituosa. Posteriormente, em decorrência da minha inserção na crítica literária, estes trabalhos foram organizados em uma coletânea que recebeu o prêmio literário para ensaio “Dalcídio Jurandir 2015”. Além destes trabalhos, tive oportunidade de desenvolver

uma reflexão durante a disciplina do Prof. Dr. Ernani Chaves, acerca da relação literatura e antropologia que redundaram na elaboração de um artigo com o título: Fronteiras étnicas no “Relato de um certo oriente”: controle, silenciamento e apagamento sociais. O artigo faz uma breve discussão sobre as diferentes formas como alguns personagens do romance, em especial uma jovem libanesa que engravida sem contrair matrimônio e por isso é estigmatizada pela família e relegada ao isolamento e silenciamento com a filha, fruto do “pecado” que nasce com deficiência auditiva e aos seis anos morre, vítima de atropelamento.

Terminei o mestrado em 2013 e fui amadurecendo um projeto de continuidade dos estudos. Particpei de alguns eventos acadêmicos que contribuíram bastante para a reflexão que vinha fazendo e para obter referências bibliográficas, inclusive o Neáfrica, em São Luís, quando me aproximei do movimento feminista e pude me inteirar das discussões acerca das questões étnico-raciais, em especial as questões em torno da interseccionalidade raça, classe e gênero. No percurso da minha escrita sobre a literatura brasileira e da Amazônia aproximei-me das discussões sobre a literatura negra e feminista. Li algumas obras literárias, entre elas, *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves, que em sua estreia como escritora realiza uma obra de porte considerável tecendo no romance a intensidade e a capacidade de buscar a história “a contrapelo” de negros que aqui aportaram, ficando desterritorializados e, assim, perdendo suas referências culturais, históricas, religiosas. Ao mesmo tempo criaram formas de resistir e de guardar algo de suas origens, de suas histórias, de seus povos do outro lado do Atlântico. No romance, a protagonista- Kehinde- diante das dificuldades do cativo enterrava seus orixás e só os tirava do esconderijo quando precisava fazer suas rezas; uma vez, por ocasião da tortura infringida pela senhora branca a negra Verenciana – “pejada” do senhor dono da fazenda, ela arranca-lhe os olhos a sangue frio, Kehinde diz: “Eu não sabia o que fazer, então tirei meus orixás do esconderijo e comecei a rezar para que eles também ajudassem a Verenciana” (2009:108). Posteriormente li *Rei de Ketu* e *Casa da Água*, ambos de José Olinto, narrativas que trazem as marcas de uma África desconhecida e que me motivaram várias perguntas sobre os afrodescendentes brasileiros que tentavam buscar suas origens na África, pensando afirmar sua identidade.

Neste percurso pude conhecer algumas obras da escritora nascida em Minas Gerais, Carolina Maria de Jesus⁵, e mergulhei no Diário de uma favelada, a obra “Quarto de Despejo”, seu primeiro diário. A entrada no mundo de uma escritora de periferia me levou a pensar num projeto para o doutorado que problematizasse a presença negra na literatura produzida sobre e a partir da Amazônia. O contato com obras da Literatura produzida na Amazônia; além disso, a leitura de autores como, por exemplo, Conceição Evaristo, Lima Barreto, Joel Rufino, Luis Cuti me levaram a refletir e perguntar sobre as marcas de uma escrita negra nessa região. Quais registros existem além de a poesia de Bruno de Menezes, o poeta paraense? E das representações dos negros e mestiços em romances e contos de autores como Inglês de Sousa, Dalcídio Jurandir e José Veríssimo?

A esta entrada inicial nas discussões em torno do tema e a partir das orientações e das disciplinas cursadas ao longo do primeiro ano de curso, outras leituras e horizontes de análise vieram se agregar, em especial as leituras acerca do feminismo negro; o que me conduziu e despertou para uma leitura do tema com foco na produção literária feminina negra, tendo como base de reflexão as referências do feminismo negro e as autoras que nesse período são protagonistas de uma história. Nessa busca fui apresentada por minha orientadora ao trabalho da professora Giovanna Xavier⁶, que vem ao longo de sua docência pesquisando a participação da mulher negra nos diferentes espaços de poder e considerei muito contundente como na apresentação do seu livro ela pergunta “Como Marielle Franco será lembrada pela história? Qual seria a diferença para outras mulheres negras que foram esquecidas dos documentos e da história? (Xavier 2019:21)”. E ela mesma responde:

Considerando mulheres como Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo, que levaram entre cento e trinta e um anos para que seus trabalhos fossem reconhecidos, Marielle Franco representa um grande avanço na história das mulheres negras do Brasil. O reconhecimento da sua relevância se dá no seu tempo presente. No momento político em que ela é sujeita da história (Id:21)

⁵Maria Carolina de Jesus, mineira nascida em 14 de março de 1914 em Sacramento, interior de Minas Gerais, 26 anos após o decreto da propalada abolição da escravidão negra no país e do proclame da república, dois fatos que marcaram a história da sociedade brasileira àquele período. Carolina é filha de uma filha do ventre livre Maria Carolina de Jesus e de João Cândido Veloso, pai que ela não conheceu. E do qual temos conhecimento por meio de sua escrita, anos depois, no seu último trabalho, publicado postumamente em 1986, com o título Diário de Bitita: “Um dia ouvi de minha mãe que meu pai era de Araxá, e o seu nome era João Cândido Veloso. E o nome da minha avó era Joana Veloso. Que o meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele tinha só um terno de roupas” (Jesus 1986: 6).

⁶Professora, pesquisadora, idealizadora e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras na UFRJ, criado em 2014 (Xavier 2019:17)

“Mulheres negras contando sua própria história” é o fundamento da escrita de Xavier. Ela traz para o texto as diferentes formas como as mulheres negras enfrentam o racismo e as demandas sociais e políticas da sociedade brasileira. Considera Marielle uma referência importante dessas lutas no tempo presente e contar a sua história e a de outras mulheres negras no contexto da sociedade brasileira significa criar formas de permanência de suas ideias, perspectivas de mundo e de construção social. Significa ainda considerar essas mulheres sujeitas, personagens e protagonistas de sua própria história. Neste sentido esta tese pretende ser mais uma contribuição nesse momento presente a necessidade de existir e re(sistir) aos mecanismos de controle e de apagamento dos corpos negros na sociedade brasileira.

Neste rumo na tese serão contadas as histórias tecidas em torno de algumas mulheres, cujos nomes sofreram em determinados momentos apagamento dos registros oficiais, mas sua escrita permanece registrada, seja em folhetins, em publicações avulsas, em periódicos, e, ainda em livros já publicados. Levarei em conta aspectos de suas subjetividades, o riscado de suas existências no mundo, ou como bem aponta Evaristo, suas escritas de vida- ou *escrevivências*, portanto não são para mim objetos de pesquisa, são *sujeitas* contando um pouco de seus percursos de produção literária e de afirmação de suas existências no mundo frente a uma sociedade brasileira constituída de forma profundamente racial e sexista. Elas serão personagens de histórias que aos poucos vão sendo desarquivadas e reveladas em publicações e pesquisas. As senhoras encantadas ou as mães-pretas fazendo uma referência a suas formas de resistir e tornar público suas escrituras, seu modo próprio de ver o mundo, suas narrativas expressas em poemas, crônicas, álbuns, romances e críticas.

As reflexões pautadas nessas autoras me levaram a pensar como abordar e como trazer a voz dessas mulheres nascidas na chamada Província do Norte – Pará e Maranhão, estados que posteriormente vieram compor com mais sete o espaço geográfico da Amazônia Legal. E, ainda, refletir sobre o que suas narrativas dizem sobre os negros e negras e o possível contraponto com suas autorrepresentações e com a forma como nessas narrativas escritas aparecem esses discursos. Neste sentido trata-se de discutir argumentos que possam explicar como se deu o seu apagamento da historiografia oficial e dos compêndios de literatura brasileira. E, aqui faço parêntese necessário porque a memória me trouxe a fala

de Diva Guimarães⁷, cidadã brasileira negra, professora de 74 anos, que em meio a uma plateia eminentemente branca da FLIP em Parati em 2017 contou emocionada e nervosa, mas segura da decisão de dizer- um pouco de sua história- filha de uma empregada doméstica, aos cinco anos foi recolhida por uma missão católica que em troca de estudar ofereciam-lhe trabalho duro desde tenra idade, curiosamente é uma história que vem de longe e que assemelha-se a apreensão que Perrot (2007) faz sobre o tratamento social dado às meninas desde o século XVII:

A escolarização das meninas é mais atrasada que a dos meninos, principalmente nos países católicos. Sob esse ângulo, o protestantismo, que promove uma leitura da Bíblia pelos dois sexos, é muito mais igualitário. Nos meios católicos, as religiosas se encarregam de ateliês onde ensinam às meninas: rudimentos de leitura, a prece e, principalmente, a costura. Elas formam a mão-de-obra ideal para as indústrias da renda, por exemplo, como aconteceu na baixa Normandia, nas vizinhanças de Bayeux e de Caen, no século XVII e mais ainda no século XVIII (Perrot 2007:43-44)

Diva reporta-se em sua fala ao preconceito, ao racismo e a luta diária para sobreviver nesta sociedade. A história dela traz elementos das histórias de tantas outras mulheres que nesse país afora ousaram se posicionar seja por meio de suas atividades e ações junto à sociedade, seja por suas escritas, por seus posicionamentos, são por isso fontes de inspiração para esta tese.

Nesta perspectiva, o tema da literatura, das narrativas, sejam elas na forma escrita ou oral em países como o Brasil que passaram por uma colonização violenta tanto do ponto de vista simbólico, pela imposição de uma ideologia do branco, seus valores, suas crenças, seus modos de vida, como do ponto de vista da violência explícita marcada sobre o corpo de mulheres e homens, negros e indígenas, traz para o tecido textual a necessidade de produzir as necessárias conexões, ou seja, falar de literatura negra significa conectar esse tema com os seus condicionantes nos campos social, político e econômico, admitir que temos uma escrita que sofreu tentativa de apagamento durante o processo histórico de constituição da sociedade brasileira e trazer à tona como isso tem sido impedido no campo das lutas sociais em voga a partir de um grande movimento em torno das discussões étnico-raciais e de gênero, cujas primeiras iniciativas podem ser localizadas sim, nessas escritoras que ali estavam ainda sob um mundo do escravagismo e pós-abolição, mas que assim mesmo ousaram se posicionar.

⁷ Disponível em: <https://www.flip.org.br/edição/2017>, acesso em 20/01/2018.

Assim, trazemos para esta tese uma voz-mulher, não como predicativo, complementando outras vozes, mas a voz substantivada, ancestral e resistente de um ser humano que contemporaneamente compartilha conosco a sua singular forma de ser e estar numa sociedade marcada pelo preconceito, e “ismos” de toda natureza. No decurso da história brasileira só é possível falar da literatura escrita e publicada por mulheres, se traçarmos um perfil da constituição da sociedade brasileira enquanto sociedade e relacionar essa escrita com a estrutura de poder historicamente estabelecida no contexto do Estado brasileiro.

E, mais, falar de uma escrita feminina e negra recolhe ao texto outros temas que a atravessam, caso do tema da escravização no Brasil, e especialmente na Amazônia, deste modo busquei autores e autoras que discutem as questões em torno do sequestro de negros da África para o Brasil. O ponto de partida de imersão no tema foi a pesquisa no acervo do professor Vicente Salles⁸. Na obra “O Negro no Pará - sob o regime da escravidão”, o autor a partir de informações retiradas de jornais e periódicos do século XIX busca produzir uma compreensão da presença dos africanos em chão amazônico. Salles faz uma vasta análise sobre a participação do negro- seja na economia, na arte, em diferentes aspectos da sociabilidade humana. “Procura analisar sua presença- como força de trabalho, como fator étnico, como elemento plasmador da cultura amazônica; o negro agindo e interagindo neste contexto- suas lutas e vicissitudes” (Salles 2005: s/p)”.

A questão aqui é refletir sob quais aspectos os afro-brasileiros ou os negros brasileiros aparecem ou são representados. Deste modo, na quarta parte do livro de Salles, que trata do trabalho e lazer sob o regime de escravidão, mais especificamente quando trata do lazer do escravo o autor faz a seguinte observação:

Uma das condições impostas pelos escravos para dar ao senhor maior produtividade foi certamente o uso do lazer. O português colonizador era homem religioso, embora vivesse sempre às turras com os missionários. Por isso, desde o início, foram introduzidos na colônia certos princípios ortodoxos, como o descanso no domingo e a guarda de alguns dias santificados pela igreja. Em meados de dezembro havia um período de 15 a 16 dias de quase completa liberdade e descanso dos escravos. Os negros, nesse período de férias, festejavam Bedito e realizavam numerosas brincadeiras. Dançavam e folgavam livremente (Salles 2005:221).

⁸Vicente Salles, Historiador paraense, nasceu na Vila de Caripi, município de Igarapé-Açu, nordeste do Pará. O interesse por literatura, música e folclore começou bem cedo. Seus primeiros trabalhos foram publicados em jornais.

Assim, Salles faz uma incursão sobre o batuque, sobre a literariedade do negro – o negro nos contos populares. Mas o que fica essencialmente de lição neste trecho do livro são as formas encontradas pelos escravizados para sua manutenção física, social e psíquica. Ou seja, um acordo de sobrevivência em meio à dureza do trabalho e dos castigos. Numa outra obra, intitulada *Lundu: canto e dança do negro no Pará*, o autor argumenta que,

Ao submeter o índio, o habitante da terra, e o negro, traficado para sustentar a economia, o europeu impôs seu modelo de cultura. Na imposição desse modelo estão os fundamentos, as raízes da Cultura Mestiça, resultado final desse processo que abrange não só a lúdica e outras expressões culturais que explicam a formação ao longo do tempo das tradições, a conduta e o hábito das gentes, seus fazeres e saberes (Salles 2016:21).

Dado esse primeiro passo na trilha de construção da pesquisa fiz um levantamento inicial de alguns trabalhos sobre o tema, entre artigos e dissertações. Encontrei, por exemplo, a dissertação de Nayra Colombo da Universidade do Acre (UFAC) intitulada *Corpos Negros x Falas Brancas: As representações do Negro na Literatura de Expressão Amazônica*, que faz uma análise de três obras literárias que tratam de assuntos de expressão amazônica, *A Selva*, de Ferreira de Castro, *Terra Caída*, de José Potyguara e *Seringal*, de Miguel Jeronymo Ferrante. Sua perspectiva foi traçar o modo como os referidos autores representam os negros em suas obras. Uma das referências da autora é o martinicano Glissant⁹, que no livro *Introdução a uma Poética da Diversidade* assim discorre sobre a forma como,

Os africanos chegam despojados de tudo, de toda e qualquer possibilidade, e mesmo despojados de sua língua. Porque o ventre do navio negreiro é o lugar e o momento em que as línguas africanas desaparecem, porque nunca se colocavam juntas no navio negreiro, nem nas plantações, pessoas que falavam a mesma língua. O ser se encontrava dessa maneira despojado de toda espécie de elementos de sua vida cotidiana, mas também, e, sobretudo, de sua língua (Glissant 2005:19).

A reflexão sobre as formas de controle colonial sobre os corpos me levou a pensar como a linguagem produz representações e possibilita ou inviabiliza a troca, a sociabilidade, a solidariedade, assim mesmo ocorre uma disputa de poder, ou seja, mesmo carregando a dor do silêncio imposto e da não-língua, os escravizados conseguiram se comunicar e

⁹Édouard Glissant, antropólogo, filósofo, poeta, romancista e ensaísta martinicano integra a geração de intelectuais das colônias que emigraram para a metrópole Francesa, cuja reflexão crítica se formou no pós-guerra e na atmosfera das lutas anticoloniais (Prefácio da obra *Introdução a uma poética da diversidade*).

produzir em terras estrangeiras formas de *aquilombar-se*¹⁰ para lutar contra um regime de extrema crueldade. A narrativa de nascimento dessa pesquisa esta muito ligada a essa ideia de organizar-se, de estar num grupo, de pertencimento; de reflexão sobre a formação social brasileira e todas as questões pertinentes às formas de viabilização da vida de uns e de outros. Nessa construção teórica ao longo do curso tive oportunidade de participar de diversos eventos fora do estado que tinham como foco as questões étnico-raciais, principalmente as discussões em torno do racismo nas diferentes áreas do conhecimento, em especial na Literatura e Antropologia.

Assim em evento em São Luís, promovido pelo Núcleo de Estudos África e Sul Global - Neáfrica da Universidade Federal do Maranhão - fiquei sabendo o nome de um professor de Minas Gerais que trabalha com escritores afrodescendentes, anotei o nome e posteriormente vim a conhecer o trabalho do professor Eduardo de Assis Duarte (2011)¹¹. Duarte coordena um projeto composto por 61 pesquisadores, vinculados a 21 instituições de ensino superior no Brasil que visa mapear e estudar a produção de afrodescendentes desde o período colonial. Possivelmente durante três séculos muito da produção escrita de negros e negras que viveram neste país ficaram apagados e que aos poucos, lentamente, vai sendo escavado e a partir daí vão surgindo nomes e histórias dignas de serem contadas, conhecidas e estudadas.

Duarte inicia sua antologia crítica com uma variante da questão já posta pela indiana Gaiatri Spivak na obra *Pode o subalterno falar?* Ele pergunta: “Pode o negro falar? Expressar seu ser e existir negros em prosa ou verso? Publicar? ” (2011:14). Mais recentemente li a crítica de Grada Kilomba¹², ao livro de Spivak. Em *Memórias da Plantação* Kilomba faz uma reflexão inicial sobre o pensamento de Spivak acerca do silenciamento da subalterna e afirma que o posicionamento de Spivak é problemático caso seja visto como uma afirmação absoluta sobre as relações coloniais, segundo a autora essa posição,

¹⁰ Sobre o assunto ver Nei Lopes- Bantos, malês e identidade negra, 2011.

¹¹ Eduardo de Assis Duarte é graduado em Letras (1973), com Mestrado em Literatura Brasileira na PUC/RIO (1978) e Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na USP (1991). Atualmente é professor da UFMG, com atuação em projetos que visam discutir a literatura afro-brasileira.

¹²Grada Kilomba, escritora nascida em Lisboa no ano de 1968 é escritora, psicóloga com formação em psicanálise, teórica e artista interdisciplinar. Tem seu trabalho reconhecido internacionalmente, com foco no exame da memória, trauma, gênero, racismo e pós-colonialismo. Publicou em várias línguas. Suas origens remontam às colônias de Angola e Porto príncipe, locais de nascimento de seus avôs.

“sustenta a ideia de que o sujeito negro não tem capacidade de questionar e combater discursos coloniais (2019: 3-4)”.

Kilomba apóia seu argumento em Benita Parry (*apud* Loomba 1998), que afirma “que essa posição atribui um poder absoluto ao discurso dominante branco”. E ainda, em Patrícia Hill Collins (2000) que explica:

A ideia de uma subalterna que não pode falar como encontra primeiro a ideologia colonial que argumenta que grupos subordinados se identificam de modo incondicional com os poderosos e não têm uma interpretação independente válida de sua própria opressão – e, portanto, não podem falar. Em segundo lugar, a ideia de uma subalterna silenciosa pode também implicar a alegação colonial de que grupos subalternos são menos humanos do que seus opressores e são, por isso, menos capazes de falar em seus próprios nomes (*apud* Kilomba 1989: 3-4).

Para Kilomba essas afirmações vêem os colonizados como incapazes de falar, e os discursos como insatisfatórios e inadequados e, nesse sentido, silenciosos. Nessa mesma perspectiva Lélia Gonzalez (1989), assim como diversos outros autores no Brasil avaliam que as mulheres que escreveram e se posicionaram na sociedade, “mais do que partilhar as experiências baseadas na escravidão, no enfrentamento ao racismo e sexismo, essas mulheres partilham processos de resistência (1989: 27)”. O que casa perfeitamente com a percepção de Kilomba que defende a criação de novas narrativas não apenas pautadas no sofrimento da escravização, mas na criação de possibilidades de resistência e permanência. Produzir novos discursos e movimentos.

Elas também vão de encontro a sugestão comum de que grupos oprimidos carecem de motivação para o ativismo político por conta de uma consciência falha ou insuficiente de sua própria subordinação. No entanto, grupos subalternos – colonizados – não têm sido nem vítimas passivas nem tampouco cúmplices voluntárias/os da dominação.

À reflexão sobre a situação de subalternidade e de silenciamento da voz de personagens que viveram ao longo do século XIX, além de outras leituras foram sendo agregadas ao longo desses anos de busca, de pesquisa, e a partir de conversas com inúmeras pessoas e das leituras realizadas nas disciplinas e a partir da orientação da professora Rosa, as reflexões em torno da temática me levaram a pensar numa tese que mesmo fazendo referência aos nomes masculinos da literatura negra, centrará na fala feminina e na sua escrita de resistência. Para isso foi muito importante uma viagem de duas semanas a São

Luís, quando pude visitar a biblioteca Benedito Leite, conheci e scaneei alguns periódicos e pude organizar um acervo digital do material levantado.

Em 2018 participei no Acre das XIII Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana. O Jalla - ocorreu na cidade de Rio Branco e reuniu pesquisadores em Literatura e áreas afins de todo o Brasil e da Amazônia andina. Foram cinco dias de diálogos com vozes de grande parte da América latina: peruanos, argentinos, chilenos, compartilharam conosco suas pesquisas e apreensões sobre os destinos dessa América. Ocorreu também uma mesa redonda sobre as intelectualidades negras – Mayra Andrade de Cabo Verde falou sobre música; Aline Frazão de Angola falou sobre Literatura. Discutiram qual literatura escreveu a identidade negra. E sobre a palavra enquanto ato -Falavra- ato de Fala.

Falavra- ato me motivou a pensar como a escrita das mulheres que aqui aparecerão tem muito desse ato, ato de lavar a palavra, ato de ousar. Essa jornada no Acre e em especial a visita a Xapuri, lugar de labuta e de bem viver de Chico Mendes e tantos outros trabalhadores de cujos castanhais e seringais tiram seu sustento diário. Visitamos a “casinha verde” de Chico, tombada pelo IPHAN como patrimônio Cultural Nacional do Acre que guarda a memória presente de uma vida de luta pela floresta e pelos seres que a habitam. Sua estante onde repousam seus livros, sua máquina de escrever onde produzia o material para a luta diária contra o latifúndio, são memórias de um tempo que permanece. Durante a programação cultural fiz o lançamento do livro Palavras entre rios e ruas: ensaios sobre literatura na Amazônia.

Ainda em 2018 participei do X COPENE- Congresso Brasileiro de pesquisador@sNegras e negros em Uberlândia (MG). Ali tivemos encontros verdadeiramente maravilhosos com a palavra de Kabengele Munanga, entre tantos outros pesquisadores e pesquisadoras negras desse país afora e também vivenciamos atos de racismo explícito. Uberlândia foi por uma semana uma cidade negra, ao enegrecimento da universidade houve uma resposta racista- os banheiros foram pichados com frases “pretaiada vai voltar pra senzala”, coisas do gênero. Indignados com os acontecimentos fizemos uma passeata até a Reitoria da UFU exigindo posicionamento dos administradores da Universidade. Num ato simbólico questionamos a forma como fomos tratados, o racismo evidenciado em atos e olhares dos estudantes do campus. Era ano eleitoral, o jogo de poder estava posto e a perspectiva da ideologia da direita tomava o país todo. A população

predominantemente branca de Uberlândia interrogava mais uma vez “o porquê daqueles corpos ali”, corpos que não pertencem a lugar nenhum, que não deveriam estar na universidade. Foi com muita dor e indignação que enfrentamos essa situação.

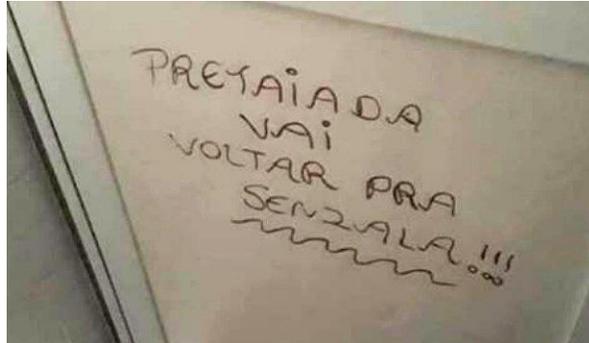


Figura 2- Pichação no banheiro da UFU (MG), X Copene/ 2018
Fonte: Site do congresso- Copene

Mesmo em meio a uma crise política instalada no país, esses anos foram de muito aprendizado. E principalmente de reconhecimento da minha negritude, e reconhecimento de quanto caminho ainda teremos que percorrer para chegarmos a um país onde haja justiça social e onde sejam reconhecidas e respeitadas as diversidades étnicas, religiosas, geográficas, sexuais que existem. Participei ainda neste ano do II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACULT, importante momento de mesas e discussões sobre a decolonialidade do saber/poder.

As reflexões postas nestes eventos, vividos e vivenciados intensamente me levaram a decidir a ênfase da pesquisa no estudo da produção literária de escritoras nascidas ainda no século XIX e na discussão da memória, entendendo a literatura como um processo cultural e subjetivo, portanto destaca-se a pluralidade de registros escritos de e sobre negros com os quais pretendemos estabelecer um diálogo e assim organizar um conjunto de informações dispersas sobre essa escrita literária de mulheres negras que viveram o final do século XIX e início do XX. Trata-se de construir um conhecimento que é antes de tudo decolonial¹³ porque questiona os padrões e conceitos sobre os quais foi fundada a chamada literatura brasileira canônica.

Existe no que diz respeito às diferentes áreas de estudo, aos diversos temas e às diferentes abordagens e concepções acerca de algumas autoras cujo registro de suas obras se encontram em algum suporte material – seja em livros, compêndios, jornais, periódicos

¹³Decolonial no sentido de que desconstrói a epistemologia produzida pela colonização.

na literatura, farei incursões acerca das categorias teóricas da identidade, uma vez que a minha visada problematiza essa identidade negra e as questões em torno dela, neste intuito, quero inicialmente pensar com Kabengele Munanga (1988) na negritude enquanto categoria socio-histórica, ou seja, situar a negritude como movimento. Portanto, ação no mundo, o que contribui para que tenhamos de fato uma memória social, o que segundo Deleuze,

[...] prescinde da usual perspectiva enquanto arquivo monumental, ou comemorativo, para tanto critica a concepção arqueológica, adotada por teorias como a psicanálise, e defende uma concepção cartográfica; a memória não aparece como restituição de algo, mas sim como um movimento em construção. Em sua compreensão não se trata de buscar uma origem, mas sim a avaliação dos deslocamentos de um mapa a outro. “A tumba do faraó, com sua câmara central inerte situada na parte inferior da pirâmide, cede lugar a modelos mais dinâmicos: da deriva dos continentes à migração dos povos, tudo aquilo através do que o inconsciente cartografa o universo” (Deleuze 1996:76).

Considerar essa memória como um movimento em construção vai ao encontro de uma existência subliminar da escrita negra- uma presença feita de apagamentos periódicos, mas que permanecem e de alguma forma ao longo dos últimos quarenta anos vem sendo tiradas dos arquivos da história. Caso, por exemplo, da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, cujo legado foi organizado inicialmente pelo crítico biógrafo e romancista Nascimento de Moraes Filho¹⁴ no livro *Fragmentos de uma vida* (1975). Quantas outras histórias deixaram de ser contadas nesse período de final do século XIX e início do XX? Visando responder e discutir as questões em torno desse silenciamento pretendo incursionar pela história das mulheres, e em especial, sobre como as inferências e discussões do feminismo negro trazem essas mulheres para o protagonismo das lutas e da sua própria vida. O que me move? A identificação com as lutas por igualdade e justiça. O que justifica hoje minha fala é o meu percurso político, histórico, social. E neste emaranhado de

¹⁴ Romancista, poeta, biógrafo, historiador e ambientalista José Nascimento Moraes Filho era um intelectual multifacetado. Nascido em 15 de julho de 1922, filho do consagrado escritor maranhense José Nascimento Moraes, autor de “Vencidos e Degenerados” - e de Francisca da Graça Bogéia. Após a morte da mãe fora criado por Ana Augusta Nascimento Moraes. Escreveu mais de dez livros, entre os quais se destaca: *Pé de conversa; O que é? O que é? Esfinge do Azul; Esperando a missa do galo; Maria Firmina. Fragmentos de uma vida*; entre outros. Ocupou a cadeira de número 37 da AML, da qual era membro desde 1970. Destacou-se também como um incansável ambientalista, promovendo a criação do Comitê de Pesquisa da Ilha, o primeiro na capital maranhense a defender a preservação de rios e solos. Casou-se com Maria da Conceição e tiveram cinco filhos. Faleceu em 21 de fevereiro de 2009. (Furtado 2017: 90).

possibilidades pretendo situar as vertentes de construção de um pensamento sobre negritude no Brasil e, especialmente, na Amazônia.

Nesta perspectiva, a construção de uma ideia de nação e de um povo livre prescindiu do entendimento acerca da identidade negra e de sua subjetividade nessa construção. Houve de fato um apagamento desses autores na historiografia e na crítica literária. Luis Cuti (2010) em seu trabalho “Literatura negro-brasileira” argumenta que “o silenciamento da identidade negra perpassou os séculos e atingiu o século XXI de várias formas; uma delas é apresentar negros como detalhes de uma suposta generalidade branca” (Id, 2010:37). Por esta perspectiva, “Na literatura por razões fundamentadas em teorias racistas, a eliminação da personagem negra passa a ser um velado código de princípios. Ou a personagem morre ou sua descendência clareia” (Ibd, 2010:34). Essa perspectiva atravessou todas as expressões artísticas, desde as artes plásticas até a expressão literária em suas diferentes formas de apresentação e suportes. São situações que serão discutidas em capítulo específico da tese, finalmente, estaremos compondo uma memória social e literária por meio da sistematização de informações dispersas e construindo um mapa da presença feminina negra na literatura produzida nessas Amazônias.

O caminho metodológico desta pesquisa é a busca de uma escavação antropoliterária, entendida como um processo dinâmico de apreensão de informações históricas e literárias e a busca de compreensão e explicação de determinado tema à luz de um contexto histórico, social e político, específicos. Em uma primeira incursão no tema fiz uma pesquisa exploratória, bibliográfica e documental, a pesquisa exploratória no sentido de escavar o máximo de informações em arquivos digitais e físicos, isso incluiu busca no APM – Arquivo Público do Maranhão de bibliografia, biografias, documentos dos séculos XIX e XX, em forma de periódicos, revistas, antologias e dicionários literários. Neste sentido penso a etnografia nos termos de Peirano, como,

[...] a ideia-mãe da antropologia, ou seja, não há antropologia sem pesquisa empírica. A empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos –, é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação. Não são ‘fatos sociais’, mas ‘fatos etnográficos’, como nos alertou Evans Pritchard em 1950. Para os antropólogos, no entanto, é nosso chão (Peirano 2014: 380).

Considerando a literatura também como um “fato etnográfico”, portanto que como a antropologia mobiliza também diversos sentidos, diversos olhares, faremos uma ampla investigação que utilizará não apenas os registros escritos, mas as imagens- os percursos para se chegar às fontes, ou seja, uma etnografia documental, que pretende descrever as fontes de informação, os arquivos digitais, as imagens. Assim, foi realizado um amplo levantamento bibliográfico e documental, em bibliotecas, arquivos públicos, jornais periódicos, documentos já publicados em forma de livro. Foi realizada uma viagem ao Maranhão onde pudemos ter acesso a algumas informações da Biblioteca Benedito Leite (BPBL) e do Arquivo Público do Maranhão (APM) e onde tive o primeiro contato com o nome de pesquisadoras sobre mulheres escritoras maranhenses: Dilercy Adler e Jucey Santana.

Inicialmente a pesquisa pretendia levantar autores identificados como afrodescendentes sem a preocupação com o recorte de gênero. Neste sentido numa busca inicial em sites da internet, e compêndios de literatura alguns nomes são citados como representantes dessa literatura, a exemplo de Domingos Caldas Barbosa (1740-1800); filho de português com uma escrava angolana, “poeta árcade, ‘mulato’, primeiro escritor afro-brasileiro a assumir a cor da pele nos seus próprios versos, destacando o africanismo das suas modinhas e lundus”¹⁵; Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814); Antônio Gonçalves Dias (1823-1864). Luiz Gonzaga Pinto da Gama (1830-1882) nasceu em Salvador, filho de Luiza Mahin, líder da revolta dos Malês; Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). José do Patrocínio (1853-1905). João da Cruz e Souza (1861-1898). Afonso Henriques de Lima Barreto (1891-1922). Lino Guedes (1906-1951). Solano Trindade (1908-1974); Joel Rufino dos Santos (1941- 2015).

Uma lista predominantemente masculina, mas que aos poucos vai sendo modificada e acrescida à medida que a crítica literária, especialmente monografias científicas desenvolvidas em universidades e centros de pesquisa e os movimentos em torno da valorização da produção feminina vão agregando valor às produções de mulheres como Maria Firmina dos Reis, maranhense (1822- 1917); Auta de Souza, riograndense (1876-1901), Mariana Luz (1871-1960), Laura Rosa (1884-1976); Leonete Oliveira (1888-?). E mais recentemente, Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Ana Maria Gonçalves (1970). Existe algo em comum nas escritas dessas mulheres, que pretendo discutir, para tanto, além de a

¹⁵Elio Ferreira de Souza, Poesia negra Curitiba: Appris, 2017.

literatura específica da antropologia trarei para o texto a voz de algumas referências importantes no contexto da discussão sobre a literatura negra no Brasil e seus temas transversais, caso do feminismo negro, são elas: Lélia Gonzalez (1935-1994), Beatriz Nascimento (1942-1995), Luiza Bairros (1953-2016). Maria da Conceição Evaristo (1944); Suely Carneiro (1950); Djamilia Ribeiro (1980), *bell hoks* (1952); Ângela Davis (1944).

Assim avanço para a discussão do espaço geográfico, dessa forma, inicialmente a pesquisa traria autores e obras de três estados da chamada Amazônia brasileira legal: Pará, Amazonas e Maranhão, enquanto referência de produção literária nessa região. A entrada inicial da pesquisa foi o acervo Vicente Salles, depois visitei bibliotecas e arquivos públicos dos Estados do Pará e Maranhão, posteriormente tive acesso a material digitalizado tanto na Biblioteca Benedito Leite em São Luís quanto na Biblioteca Artur Viana. Em princípio trata-se de um levantamento amplo quanto a estilos, tipos e gêneros textuais.

A pesquisa foi desenvolvida em três fases. Na primeira fase foi realizado um amplo levantamento no Arquivo Público do Maranhão (APM), nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional Digital (BNDB) e nos arquivos digitais da Biblioteca Benedito Leite (BPBL). Dessa busca inicial resultou numa quantidade de documentos digitais considerável em que são evidenciadas essencialmente quatro autoras nascidas em terras maranhenses. São elas, Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Mariana Luz (1871-1960), Laura Rosa (1884-1976) e Leonette Oliveira (1888-1969). A documentação observada, inclusive algumas imagens, além de algum material já publicado sobre as três primeiras autoras as identifica como negras ou afrodescendentes.

Na segunda fase da pesquisa fiz um processo de cotejamento do material bibliográfico e documental levantado, usando a lupa das referências do feminismo negro e da discussão da antropologia política para ver além do dito, aquilo que foi sequestrado da história dessas mulheres; é interesse da pesquisa descrever as possíveis conexões da produção literária dessas autoras com o momento social, político e econômico vigente, dando atenção para as tramas que levaram ao quase apagamento de suas escritas, da amplitude de suas produções, discussão sobre o seu reconhecimento enquanto escritora (o) negra (o) e, como suas obras revelam o negro e enquanto representação e enquanto enunciador. Finalmente, na terceira fase fiz a sistematização do conteúdo encontrado, diálogo com a teoria já mencionada e escrita final da tese.

A pesquisa na hemeroteca da BND- Biblioteca Nacional Digital me remeteu a vários documentos e periódicos que traziam o registro da vida e da escrita das autoras das quais já havia tido notícias em alguns periódicos do Maranhão. Em relação aos outros Estados não localizei no início da pesquisa nenhuma menção a escrita feminina. Como parte da imersão na temática escrevi três artigos que trataram de literatura escrita por mulheres e por mulheres negras no Brasil; e, ainda, em 2017 tive a feliz oportunidade de entrevistar a professora e escritora Conceição Evaristo¹⁶. A conversa com ela tratou especialmente do protagonismo de mulheres negras na cena cultural, acadêmica, política e social brasileira atual. Essa entrevista comporá as reflexões desta tese.

Face ao exposto a proposta da tese é reconstruir o percurso literário e de ação no mundo de mulheres e mulheres negras cuja vida e escrita aconteceram na Amazônia Brasileira em metade do século XIX até início do século XX. Presença que se expressa a meu ver sob duas formas: como *negro corpo* – trata das diferentes representações do negro na literatura, ou seja, o negro persona e, como *negro voz* – aqui temos o sujeito, o negro como protagonista de sua escrita, e, portanto, de sua história no mundo, ou seja, produtora/enunciadora de textos, nesse caso sujeito da enunciação.

Em vistas destas questões discutiremos como essa presença seja como corpo, seja como voz, contribuem para a reflexão sobre a construção de uma identidade que é negra, mas também amazônica, afro-indígena, latino-americana, brasileira, portanto, uma pluriidentidade, e, ainda como se evidencia a ação dessas mulheres na sociedade à época. Gostaria de apontar ainda que não trabalharei com a metodologia de história de vida nem biografia, dado a impossibilidade de reconstruir as subjetividades dessas personagens em sua integridade. Penso organizar os rastros dessas personagens a partir do material desarquivado, o que inclui jornais, periódicos, revistas que circularam na segunda metade do século XIX e início do XX, além de material bibliográfico encontrado quando já havia iniciado a escrita da tese.

Neste contexto, falar de literatura é falar de um lugar social construído historicamente, onde foram definidos papéis, privilégios, lugares e importância de fala. Com

¹⁶Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte. Mestre em Literatura Brasileira pela PUC/Rio e Doutora em Literatura Comparada pela UFF. Terceiro lugar no Prêmio Jabuti/2015, na categoria Contos e o Prêmio Faz Diferença 2016, na categoria prosa. Tem seis obras individuais, entre elas *Olhos d'água*, *Becos da Memória* e *Ponciá Vicêncio* (Evaristo 2017).

esse horizonte perguntamos: onde está a mulher neste universo de escrita construído na sociedade brasileira de entresséculos XIX e XX? E mais, onde está a mulher negra, adjetivada e substantivada em diferentes formas? Como narradora deste século XXI faço um olhar para dois séculos atrás e para isso busco mulheres e homens que contemporaneamente pensam sobre esse processo de “não-registro” de autoras na historiografia e crítica literária brasileiras. Nesta contemporaneidade entendo que tanto Conceição Evaristo como Carolina de Jesus refletem ao seu modo e em suas poéticas sobre isso, sobre essa presença apagada; como bem disse Evaristo na entrevista concedida a mim em outubro de 2017: “São vozes de mulheres que experimentaram a subordinação- uma história coletiva marcada por esse processo de subalternização. Isso é bem marcante em Carolina de Jesus” (Evaristo Informação verbal 2017)¹⁷.

Nesse rumo pretendemos ainda discutir quais as condições e mudanças do contexto que hoje no século XXI nos proporcionaram vir a conhecer essa produção? Em princípio atribuímos a três: a pesquisa acadêmica que vem produzindo um material interessante, bastante denso sobre a escrita afro-brasileira, caso, por exemplo, das duas antologias de escritoras do Século XIX organizadas por Zahidé Lupinacci Muzart¹⁸ (2004), projeto organizado em torno de dois eixos: o grupo de trabalho “A Mulher na Literatura” com seus encontros na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) e os seminários bianuais “A Mulher na Literatura”. No afã de encontrar os nomes, segundo a organizadora tratava-se de um trabalho quase detetivesco quando iniciaram as buscas ainda nos anos 1980, afinal “não havia senão pistas por demais tênues, informações truncadas, referências quase lendárias, ou até segredos de família” (Muzart 2004:21).

Gostaria de citar ainda o trabalho do professor Eduardo de Assis Duarte que reúne estudos sobre escritores afrodescendentes, fruto do Projeto Integrado de Pesquisa “Afrodescendências: raça/etnia na cultura brasileira” sem o recorte de gênero. Há ainda uma quantidade considerável de teses e monografias de mestrado que remetem às

¹⁷ Entrevista concedida pela escritora Conceição Evaristo a Maria de Nazaré Trindade em outubro de 2017.

¹⁸ Professora da Universidade Federal de Santa Catarina, pioneira no estudo da crítica literária feminista no Brasil. Dedicou-se ao estudo acadêmico da literatura produzida por mulheres brasileiras, principalmente no século XIX, resgatando obras e nomes e criando um ambiente acadêmico de pesquisa desta literatura no Brasil. Contribuiu para a definição do status da crítica literária como uma disciplina de caráter científico, bem como para a consolidação de uma crítica literária feminista no Brasil a partir de meados da década de 1980.

mulheres escritoras, caso do título *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista* publicado em março de 2019 de autoria de Rafael Balseiro Zin (2019). Neste trabalho o autor retoma aspectos da vida e da obra da escritora maranhense procurando explicar sua participação como intelectual no espaço social e político do Maranhão oitocentista.

Observo aqui um elemento facilitador nessa busca por informações sobre escritos e escritores: a grande quantidade de sites e blogs e outras formas de acesso às informações por meio virtual, bibliotecas digitais, que produzem um acesso rápido, mas que devem ser cuidados dadas as informações desconexas e sem fundamento que pude encontrar em alguns deles.

Um segundo e muito importante condicionante desse acesso a essa literatura; a organização do Movimento Negro com maiúsculas reivindicações de reconhecimento social, político e cultural e o protagonismo das mulheres negras, enquanto segmento intelectual que, a partir da década de 1970, em especial se fez mais presente no eixo sul-sudeste do país, incorporando questões relevantes do feminismo negro e das lutas em torno de conquistas sociais e econômicas para esse segmento majoritário da população brasileira e que a partir dos encontros em nível nacional e local vem tomando corpo e compondo uma agenda de lutas aqui na Amazônia, incluindo também segmentos dos povos indígenas em torno de questões comuns, caso da violência e discriminação contra as mulheres. Lélia Gonzalez na obra *Lugar de Negro* aponta que “a década de 1970 foi muito ativa no sentido de aglutinação dos movimentos negros, representados àquele momento pelos famosos bailes do ‘soul’¹⁹, para ela o berço do movimento negro no Rio de Janeiro” (1982:32).

Finalmente, considero terceiro condicionante, as questões legais em torno do acesso à educação superior de setores antes alijados, pelo sistema de cotas, a incorporação de discussões étnico-raciais no contexto da Educação Básica através de legislação e orientações via Ministério da Educação e criação de Secretarias especiais em níveis Nacional, Estadual e Municipal, vide Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial -SEPPIR, criada em 2003, e Conselhos Estaduais e municipais voltados para esse fim.

¹⁹ Segundo Gonzalez (1982) eram bailes nos subúrbios do Rio de Janeiro que reuniam milhares de pessoas, todas negras para ouvir clássicos tipo James Brown, depois esses bailes se estenderam para São Paulo também.

Nessa encruzilhada, onde questões teóricas e empíricas se entremeiam, aponto ainda as questões: Quais nomes e quais obras seriam representativos de uma literatura negra nessa região? E ainda como é personificado o negro na escrita literária? Quais os motivos do silenciamento e até do apagamento de vozes femininas negras na literatura produzida em chão amazônico? Quais condições sociais, econômicas e estruturais levaram a este estado da arte sobre essa produção?

A resposta à questão sobre uma escrita literária feminina negra na Amazônia vem no bojo de um olhar sobre os condicionantes de ordem social, econômica e política que dão a essa produção características específicas nos albores do século XIX e início do século XX. Com essa perspectiva o objetivo geral da tese é estabelecer um diálogo entre Literatura e Antropologia na perspectiva de se produzir um conhecimento crítico sobre as escritoras negras que produziram literatura na Amazônia dos séculos XIX e XX.

Nossos objetivos específicos são: 1) Fazer levantamento de informações e organizar um panorama da literatura produzida por autoras consideradas afrodescendentes e outras que são originárias de estados da Amazônia Legal; 2) Elaborar um conhecimento mais amplo sobre os atores históricos que emergem de obras literárias, representados em personagens e narradores, procurando discutir a categoria identidade a partir da representação na obra literária; 3) Discutir a necessária “recuperação da memória literária” da literatura da Amazônia; 4) Ampliar a reflexão em torno das questões teóricas e teórico-práticas sobre a produção cultural de brasileiros afrodescendentes; 5) Abordar de forma crítica a presença africana na literatura e cultura brasileiras como um todo, sobretudo no momento presente, que demanda a inclusão dos estudos afro-brasileiros nos currículos escolares de todo o país.

Situo a relevância acadêmica e social dessa pesquisa na perspectiva de organizar com base na crítica literária e antropológica informações dispersas sobre a escritura de identificados negros ou afrodescendentes no Brasil. A relevância social amplia-se no sentido de desconstruir visões estereotipadas dos negros, construídas nos três séculos de colonização, impresso na literatura dos viajantes e posteriormente na literatura de cunho nacionalista que estão presentes em todos os aspectos da vida seja no trabalho, nas artes, na cultura, nos espaços midiáticos e, enfim, na produção de conhecimento. Por fim as condições de pesquisa e algumas dificuldades surgidas durante o percurso me levaram a focalizar os nomes encontrados na então Província e posterior Estado do Maranhão, com a

ressalva de que no material que pesquisei apesar de numa revista ter encontrado menção a um nome no Pará- Maria Simões, a busca por mais informações em publicações não apontou resultados.

Como narradora no século XXI de histórias que ocorreram ainda no século XIX, penso que recomponho a partir da reflexão e dos rastros uma história possível sobre estas personagens, trata-se de uma contribuição ao pensamento sobre a presença de escritoras negras no que chamamos de Amazônia Legal, espaço de conquistas, de muita luta e resistência ao domínio branco. Assim que essa tese traz a seguinte arquitetura Prólogo- que como na ficção romanesca, traz as motivações dessa pesquisa, as inquietações da autora, uma digressão sobre o contexto social e político no país. Em seguida, nesta introdução intitulada A narradora- *Abrindo os Caminhos* exponho a metodologia, os objetivos da pesquisa, a relevância da tese, ou seja, todos os elementos que compõem a discussão teórico-metodológica.

No primeiro capítulo- Antropologia e Literatura: Diálogo em Fronteira-estabeleço o diálogo entre os dois campos de conhecimento, suas imbricações e problemáticas, assim como suas peculiaridades. Considero inicialmente que o construto teórico e literário de viajantes que construíram um olhar e plantaram uma ideologia sobre os habitantes dessas províncias no século XIX e posterior, demonstra a aproximação entre os primeiros escritos e a etnografia-literatura. É de meu interesse tratar, ainda, de alguns aspectos centrais da presença negra na América latina e no Brasil- discutir autores do pan-africanismo; negritude; racismo, de forma que possa construir uma rota dessa literatura e suas imbricações com outras de outros continentes, especialmente a África e o Caribe.

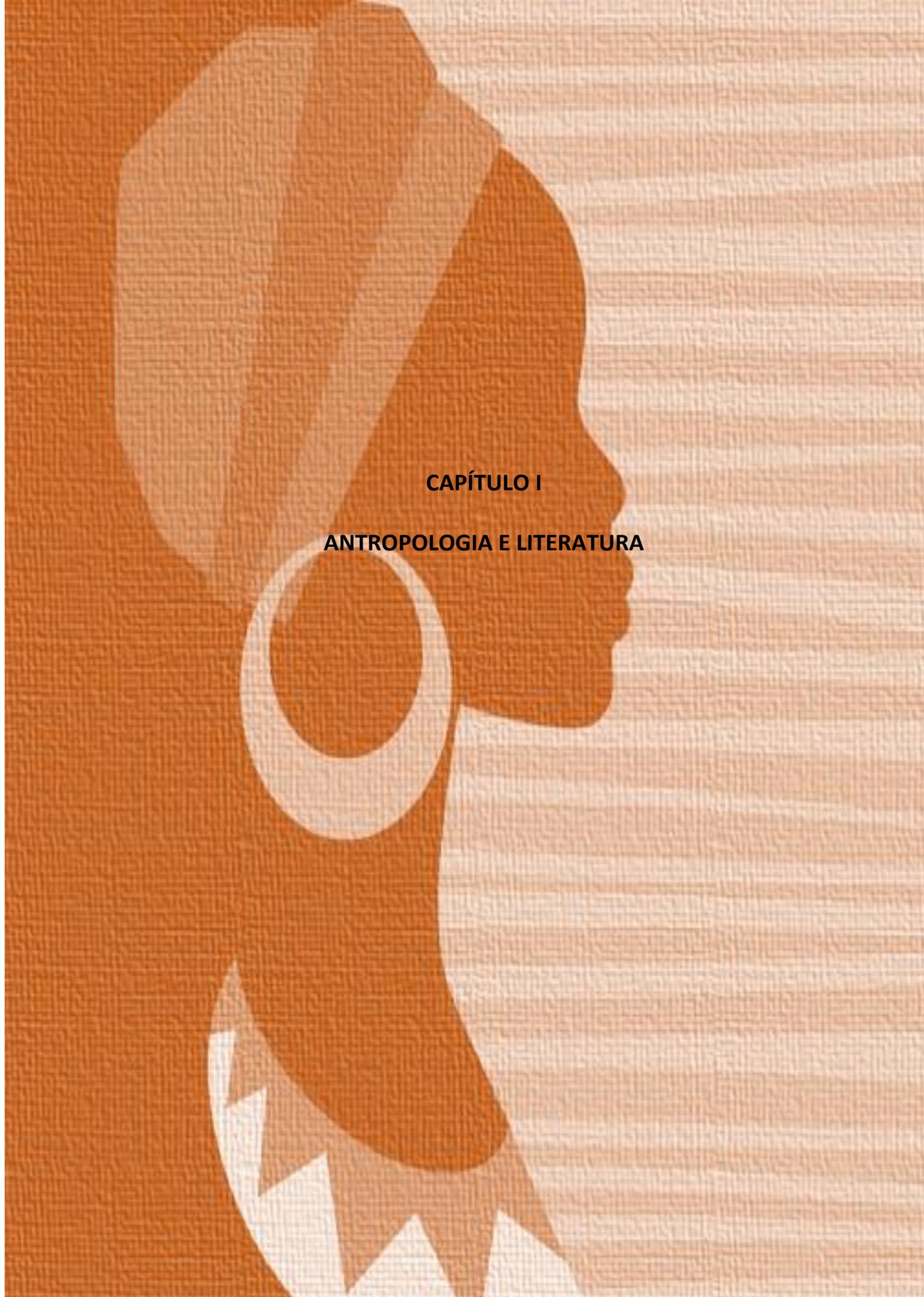
No segundo capítulo - O Local e o Tempo – discuto as representações científicas e literárias sobre o local, nesse caso a Amazônia. Trago algumas questões teóricas acerca do eugenismo e na parte literária as representações de viajantes e cronistas sobre esse território e seus povos, por meio da literatura de José Veríssimo, Alberto Rangel e Euclides da Cunha. Em um subcapítulo apresento as vilas onde habitavam e por onde circulavam as escritoras maranhenses.

O capítulo III da tese- traz as tramas, alguns aspectos do enredo construído pela vida e escrita dessas mulheres. Faço uma breve discussão sobre alguns aspectos do contexto histórico que tem papel importante na produção e possível visibilidade das autoras neste

século. Assim trato da Literatura e imprensa na Amazônia, detectando os rastros da escrita de mulheres nos diferentes veículos, jornais, antologias, para evidenciar quais os mecanismos de apagamento/silenciamento utilizados pela sociedade patriarcal e misógina.

No quarto capítulo faço uma discussão mais teórica sobre as mulheres no contexto da sociedade brasileira e latinoamericana, trato das personagens-*sujeitas* das histórias contadas-as mulheres-, suas lutas e representatividades. O quinto capítulo constitui-se das histórias possíveis de serem contadas sobre as autoras. Na primeira parte faço uma reflexão pautada na concepção de mãe-preta em obras artístico-literárias e depois refaço a trajetória social, literária, política das três escritoras, evidenciando suas ações e representações no mundo. Nesse capítulo há ainda o encontro das três escritoras, enquanto produtoras do gênero poesia. O material encontrado em arquivos virtuais foi organizado e catalogado com uma atenção especial às resenhas críticas sobre a escrita e os conteúdos da produção literária delas, da seguinte forma: 1) Informações e fragmentos de jornais sobre a vida funcional ou social; 2) Fragmentos de textos escritos para as colunas de jornais, 3) Textos importantes da crítica, feita por elas ou por outros literatos da época sobre elas; 4) Textos gerais sobre a mulher no oitocentos.

Finalmente o epílogo apontará algumas reflexões sobre os achados da tese no geral, sobre as possibilidades de continuidade de estudos nessa área. A inspiração do título da tese- “Senhora de um Reino encantado” - nasceu a partir de histórias sobre poder místico tanto de Maria Firmina, quanto de Marianna Luz na velha Itapecuru-Mirim. Além disso, depois relendo Nascimento Moraes Filho em sua obra de 1975 vi que ele atribui a Maria Firmina o cognome de “Senhora de um Reino Encantado”, cuja sede é Guimarães- quero pensar que essas senhoras estão sendo desencantadas e desarquivadas e serão lidas por toda uma geração neste país. Em alguns textos- principalmente das autoras e autores do século XIX utilizo a grafia original, desse modo anuncio no texto; outros eu traduzi para a ortografia vigente e nos textos estrangeiros e neologismos uso o itálico.

A stylized, monochromatic illustration of a woman's head in profile, facing right. The illustration is composed of various shades of brown and tan. She has large, circular hoop earrings and a necklace with triangular beads. The background is a light, textured beige color.

CAPÍTULO I

ANTROPOLOGIA E LITERATURA

1. ANTROPOLOGIA E LITERATURA: DIÁLOGOS EM FRONTEIRA

ANTROPOLOGIAS

*Eu tenho as tuas palavras
e uma dose quase nula
de certeza
para ser capaz
de evitar as minhas.*

Marília Floor Kosby (2015)

1.1. Nas veredas desses rios...

Início este capítulo um pouco como a antropóloga e poeta Marília Kosby²⁰. Com muitas questões e certezas poucas que *“me fazem usar muito pouco as minhas palavras”*. No entanto, ousamos falar e escrever, como as escritoras que desta tese emergirão. As discussões durante os estudos de Mestrado em Estudos literários em torno das categorias teóricas identidade e cultura com base nos Estudos Culturais²¹ trazem problematizações importantes para o contexto dessa tese. A cultura é entendida como prática social concreta, ou seja, um campo de luta em torno da significação social e identidade vista a partir da discussão “identidade” e “subjetividade” o que segundo Kathryn Woodward são conceitos utilizados de forma intercambiável:

[...] há uma considerável sobreposição entre os dois. Subjetividade sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos (Woodward 2000:55).

Assim duas ideias-força foram patentes na dissertação defendida no mestrado em Estudos Literários: a problematização dos Estudos Culturais- EC em torno da cultura e da

²⁰Marília Floôr Kosby nasceu em 1984, em Arroio Grande, sul do Brasil. É poeta e tem como formação Antropologia. É autora do livro *Os Baobás do Fim do Mundo*, publicado em 2015.

²¹ Campo de conhecimento que surgiu “Forma organizada, através do *Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS)*, diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra. Inspirado na sua pesquisa, *The Uses of Literacy* (1957), Richard Hoggart funda em 1964 o Centro. Ele surge ligado ao *English Department* da Universidade de Birmingham, constituindo-se num centro de pesquisa de pós-graduação da mesma instituição. As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, vão compor o eixo principal de observação do CCCS (Escosteguy 2001:152).

identidade, ou seja, a ideia de que “o reconhecimento da textualidade e do poder cultural, da própria representação, como local de poder e de regulamentação; do simbólico como fonte de identidade (Hall 2009:198).

Estas perspectivas corroboram o texto literário enquanto um produto cultural que expressa em sua textualidade um conjunto de significados que representa o poder em determinado tempo histórico e espaço social. É essa perspectiva que baliza nossa análise: a representação como local de poder e o simbólico como fonte de identidade. A aproximação dos EC das questões de poder evidencia a filiação de Hall ao método e às prioridades de Gramsci, entre elas a de fazer um trabalho teórico que contribuísse para a construção de uma ideologia e cultura “populares”, em contraposição à cultura do bloco de poder, trata-se não apenas de um posicionamento teórico, mas também político. E que poderia ser base para se pensar a aproximação literatura e antropologia.

Assim a dissertação conclui por uma concepção de identidade condicionada à articulação entre o social e o simbólico, o que é visto pelos EC no “circuito da cultura” e neste âmbito é fundamental a relação entre representação e identidade. Segundo Woodward (2000:17), a representação “inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos”. Os sistemas simbólicos, entre eles a literatura, tornam possível pensar a identidade. Assim:

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (Id:17).

São reflexões que contribuíram para pensar sobre qual literatura temos na Amazônia, quais as suas ênfases, qual o contributo social da produção literária nesta região? E em especial as questões em torno de uma literatura afrodescendente. Essa busca me aproximou do movimento negro em Belém, frequentei programações culturais, saraus de poesia do Povo da noite, organizado por poetas de Belém, busquei ler outra literatura, protagonizada por autores e personagens negros, participei de encontros institucionais sobre questões étnico-raciais que me levaram a pensar como poderia contribuir para a sistematização de um conhecimento sobre autoras e autores negros nessa região física, cultural, histórica, social e política chamada Amazônia.

Neste percurso apresentei uma comunicação sobre o diário de Carolina de Jesus “Quarto de Despejo” intitulada *Carolina, a mulher pelo avesso: uma poética do desassossego* durante o III Simpósio África: movimentos, territórios e contextos, em São Luís – Maranhão. Por essa ocasião tive contato com professores que desenvolviam pesquisas sobre a escrita de mulheres negras na Bahia e Piauí, o que me motivou a repensar os trabalhos de crítica literária que vinha elaborando e produzir uma pesquisa dentro desta temática. Com essa decisão voltei a ler obras que problematizam e investigam a presença do negro em diferentes aspectos da sociabilidade da vida nas Amazônias.

O diálogo entre Literatura e estudos de antropologia é possível se percorrermos um caminho etnográfico que privilegie as representações das identidades ou identificações que emergem do texto literário e, ainda que inventarie as estruturas sociais, as formas de trabalho e relação com este, as características da aristocracia rural, as formas de sociabilidade e solidariedade presentes no território amazônico e que são representados nessas obras, no discurso do narrador, na forma de ser dos personagens e nos eventos narrados, ou seja, os narradores, os personagens as temáticas os contextos traduzem uma determinada forma e concepção de sociedade.

A leitura de dois dos livros de Carolina Maria de Jesus, e a pesquisa sobre as produções acerca da literatura escrita por negros e sobre os negros no Brasil e, especialmente, na Amazônia me levaram a constatar que, apesar de políticas públicas de inclusão da população negra nos espaços educacionais, como o sistema de cotas na seleção para as universidades instituído pela Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012, conhecida como Lei de Cotas, decretada pela presidenta Dilma Rousseff e que tinha como principal artigo:

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (Redação dada pela Lei nº 13.409, de 2016)

Parágrafo único. No caso de não preenchimento das vagas segundo os critérios estabelecidos no caput deste artigo, aquelas remanescentes deverão ser completadas por estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Outra importante medida desse período foi a inclusão do estudo da história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos da Educação Básica, matéria proposta na Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 e regulamentada posteriormente pelo Conselho Nacional de Educação através do parecer CNE/CP 003/2004 que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais, visando sanar a dívida histórica que temos com a literatura e história do continente africano e apesar de certo protagonismo do movimento social negro, no norte do país ainda há pouca incursão pela temática da presença negra nos diversos campos da cultura, entre eles, o da literatura.

Sobre esse tema importa mencionar que Abdias Nascimento em 1977 durante o segundo Festival Mundial de Artes e Culturas negras e Africanas (*Festac 77*), festival ocorrido na Nigéria, como teve sua tese rejeitada cujo conteúdo versava sobre o questionamento da democracia racial no Brasil: *Racial Democracy in Brazil: Mity or Reality?* Passou a compor um grupo de trabalho cujo tema era “Civilização Negra e Pedagogia” e cujo relatório apresentava a seguinte orientação “grande necessidade de definir nossos objetivos e propósitos educacionais para refletir os permanentes e estáveis valores sociais, culturais e econômicos da África” (Nascimento 2016:38). Observando que não constava no referido relatório nenhuma menção aos africanos fora do continente, Abdias se posicionou politicamente e propôs uma inserção: “que os governos dos países onde exista significativa população de descendência Africana incluam nos currículos educativos de todos os níveis (elementar, secundário e superior) cursos compulsórios que incluam História Africana, *Swahili* e História dos Povos Africanos na Diáspora “ (Id:39).

Infelizmente a proposta de Nascimento foi derrotada, mas àquele momento todos ficaram sabendo que no Brasil não existia em nenhum nível de ensino estudo sistemático sobre a África, seus povos e suas culturas. A inclusão de uma língua africana – caso do swahili- agregou o apoio dos delegados dos povos negros na diáspora ao projeto da União dos Escritores Africanos – selecionar e ensinar uma língua aos povos africanos e negros de forma que houvesse uma comunicação mais eficiente e elaborações conceituais mais independentes da Europa (Nascimento 2016).

As questões enfrentadas por Abdias vieram ao longo dos últimos quarenta anos sendo reformuladas e enfrentadas, línguas, história e literatura constituem aspectos muito importantes da formação educacional e não é possível mais olhar, pensar e refletir sobre a

história do Brasil sem considerar todos os povos negros que aqui estiveram e que aqui permanecem nas diversas manifestações culturais, políticas. Sobre a literatura afro-brasileira, artigo publicado por José Geraldo da Rocha e Patrícia Luísa Nogueira Rangel argumenta que:

A literatura afro-brasileira é uma grande fonte histórica, em que ocorre o resgate da identidade de negros escravizados, os quais sofreram com tentativas de aculturação de uma classe dominante. O livro *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, é um romance que trata do tema escravidão, em que a oralidade dos personagens retoma os saberes africanos, de forma que esta obra resgatou uma nova construção do sentido e perspectiva histórica, pois deu voz aos negros para expressar seus pensamentos, sentimentos e contar a sua história (2014: s/p).

Maria Firmina dos Reis, a autora referenciada no artigo, nasceu no Maranhão em 1822²² e é considerada a primeira escritora negra a publicar um romance, fato praticamente desconhecido pelos estudos literários que centram a maioria de seus estudos em autores canônicos, geralmente brancos. Pesquisa realizada por Regina Dalcastagnè sobre autores da literatura brasileira contemporânea resume de certa forma o quadro elitista das letras no país. Os primeiros resultados da pesquisa foram divulgados em publicações acadêmicas, e em 2012 foi lançado o livro *Literatura Brasileira Contemporânea — Um Território Contestado*, que disponibiliza os números da pesquisa. A autora leu 258 romances, publicados entre 1990 e 2004, pelas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco. A pesquisa revelou que os autores, na maioria, são brancos (93,9%), homens (72,7%), moram no Rio de Janeiro e em São Paulo (47,3% e 21,2%, respectivamente).

Suely Castilho (2004) faz a seguinte observação sobre as referências ao negro na literatura:

[...] a presença do negro na literatura brasileira, ao longo da história, foi marcada ou pelo silêncio, como no período anterior à abolição, ou pela afirmação de sua inferioridade, tanto biológica como cultural, a qual, dependendo do autor, varia de grau. No modernismo, o negro era visto como uma preocupação, devido ao entrave que ele representaria à instituição de uma “nação brasileira civilizada” (2004:107).

²²Segundo trabalho publicado por Rafael Balseiro durante as atividades do VIII Seminário Internacional e XVII Seminário Nacional Mulher e Literatura ocorridos entre os dias 17 e 20 de setembro de 2017 na Faculdade de Letras da UFBA, a professora Dilercy Aragão Adler (UFMA) tornou pública a informação de que a escritora teria nascido mesmo no dia 11 de março de 1822 e não em outubro de 1825, data já usada por mim e outros autores em outros trabalhos.

Discussão retomada por Luiz Cuti (2010) no livro *A Literatura negro-brasileira*, quando localiza a presença do negro em diferentes momentos da historiografia literária. Primeiro, quando dos viajantes estrangeiros e estudiosos “O domínio político e econômico também se refletia no domínio cultural, incluindo a literatura” (2010, p.15). Segundo. No chamado período da nacionalidade brasileira, século XIX quando processos e revoltas sociais, como a abolição, a independência, as revoltas locais forçam a uma crítica à literatura até então produzida, deste modo o Romantismo investe nas “densas descrições de uma cor local da vida social”. Após a abolição tanto o parnasianismo, como o naturalismo e mesmo o simbolismo tratam o negro a partir de vieses onde,

Nesse contexto os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravização havia coisificado os africanos e sua descendência. A literatura, como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar a personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, humanidade (Cuti 2010:16).

Portanto, as personagens foram construídas inicialmente com base em concepções biológicas, deterministas próprias do positivismo e depois de forma estereotipada no período de afirmação da nacionalidade brasileira. Em reflexão sobre os métodos utilizados pelos críticos, Silvano Santiago argumenta:

Se os etnólogos ressuscitaram por seus escritos a riqueza e a beleza do objeto da cultura desmantelado pelo colonizador – como o crítico deve apresentar hoje o complexo sistema de obras explicado até o presente por um método tradicional e reacionário, cuja única originalidade é o estudo das fontes e das influências? (Santiago 2000:17).

Refletindo sobre as palavras de Santiago penso que para além das fontes e influências um dos primeiros problemas a ser enfrentado quando propomos organizar um mapa da escrita negra e sobre o negro é a questão sobre quais critérios considerar para situar aquela escrita no campo literário. Sobre isso, concordo com Dalcastagnè quando afirma que o campo da literatura é um campo contestado, ainda é com muito preconceito que se olham algumas obras e autores. Deste modo teríamos duas formas de organizar e pensar essa cartografia. Uma primeira seria desconsiderar os padrões estabelecidos e a segunda partiria da noção de literatura presa ao cânone, porém para Dalcastagnè

[...] talvez seja mais produtivo percorrer o primeiro caminho – que é também o mais difícil –, desconsiderando os modelos de valoração estética

nascidos da apreciação das “grandes obras” e partindo para um questionamento do nosso conceito de literatura. Afinal, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros, o que significa que determinadas produções estão excluídas de antemão (2012:16).

Portanto, são essas vozes excluídas, que se encontram à margem do campo literário, vozes cuja legitimidade é posta em questão. Confrontam e tensionam, com a sua presença, nosso entendimento do que é (ou deve ser) o literário. Segundo a autora “É preciso aproveitar esse momento para refletir sobre nossos critérios de valoração, entender de onde eles vêm, por que se mantêm de pé, a que e a quem servem”.

Nossa reflexão aponta como a antropologia tem contribuições a dar nesse processo de construção da crítica e na reformulação das formas de produção de conhecimento em humanidades. E um dos motivos é a sua tradição fundamentada na alteridade, no olhar para “outros” modos de vida, de organização societária. Além disso, do ponto de vista da prática social, a importância reside em viabilizar estudos que fortaleçam as medidas legais de introdução de questões étnico-raciais nos currículos escolares, tão necessárias neste momento histórico brasileiro.

Além disso, a pesquisa etnográfica está eminentemente ligada ao contexto social no qual se exerce a prática em questão, que é necessariamente a de um pesquisador pertencendo a uma época e a uma sociedade. Quando pensa estar fazendo aparecer a racionalidade imanente ao grupo que estuda, o etnólogo pode esquecer (frequentemente de boa-fé) as condições— sempre particulares — de produção de seu discurso. Mas estas nunca são históricas, política, cultural, e socialmente neutras; expressam diferentes formas da cultura ocidental quando esta encontra o outro. Além disso, corroborando a legislação vigente, esse projeto inscreve-se nos marcos do “reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional” (Resolução Nº 8, de 20 de novembro de 2012- MEC- Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica).

Finalmente pensando em termos metodológicos, segundo Deleuze e Guattari, o rizoma seria o “pesadelo do pensamento linear”, porque é aberto para experimentações, e “sempre ultrapassado por outras linhas de intensidade que o atravessam”.

Como um mapa que se espalha em todas as direções, se abre e se fecha, pulsa, constrói e desconstrói. Cresce onde há espaço, floresce onde encontra possibilidades, cria seu ambiente. Se trata de ciência? Isso importa? São apenas agenciamentos, linhas movendo-se em várias direções, escapando pelos cantos, o desejo segue direções, se esparrama, faz e desfaz alianças. Chame do que quiser então: *“riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio”* (Deleuze & Guattari 1996:).

A proposta metodológica da pesquisa quis absorver um tanto da força criadora da proposta de Deleuze e Guattari e, em vistas disso, estabelecer um olhar antropológico sobre a literatura produzida no contexto da Amazônia Brasileira. Dada a liberdade de ramificações dessa proposição, penso que o central é a atitude de olhar a literatura produzida por mulheres negras com o olhar investigador, no sentido de despir-se de preconceitos históricos e estereótipos²³ assinalados quando do estabelecimento de um cânone literário e presentes na historiografia da região, o que não nos impede de comentar esparsamente a literatura de homens negros nesse país e nesta região.

Assim, a decisão sobre esta ou aquela abordagem teórica e metodológica também compõe esse rizoma de inflexões e questões. Em relação à discussão sobre o valor estético da obra, gostaria de retomar a reflexão sobre a possibilidade de olhar a produção literária na Amazônia confrontando aspectos das convenções dominantes na crítica literária com aspectos de uma crítica mais livre das amarras com o propósito de olhar as obras literárias e justificar seus valores literários e históricos, desde que olhadas sem preconceito.

Neste sentido, a partir de algumas leituras realizadas sobre a perspectiva da cartografia, percebi que para se construir um conhecimento de vasta amplitude como o proposto é necessário se pensar como um rizoma que a todo o momento se vai articulando uma nova questão, um novo contexto, uma nova informação. Pensar e falar de literatura escrita por negros ou sobre negros na Amazônia exige uma atitude de busca, de se pôr em processo de investigação, de perguntas e busca de respostas e mais que isso de desvelamento de situações e de percalços de pesquisa e enfrentar uma série de atravessamentos.

²³ Quero pensar estereótipo enquanto fenômeno complexo, que pode ser inicialmente definido como sendo a causa quanto o efeito de um pré-julgamento de um indivíduo em relação a outro, devido à categoria a que ele ou ela pertence. É geralmente de natureza ética. De qualquer forma estão enraizados no preconceito. E mais: uma vez que estão mais enraizados no preconceito do que no fato, eles são tão flexíveis na prática quanto inflexíveis na teoria (Brookshaw 1983: 9-11).

Portanto, mapear significa o próprio ato de conhecer num fluxo contínuo, como tecendo uma rede de relações ou se mantendo a imagem do rizoma em múltiplas relações e, portanto, rizomática. Esse trabalho metodológico implica um mergulho crítico na história produzida sobre a literatura, sem esquecer os contextos de produção das obras levantadas, uma vez que obras do século XIX produzidas no contexto de relações escravocratas, de semiescavidão, de um colonialismo violento evidenciado nas diversas lutas locais, como a Balaiada no Maranhão e a cabanagem no Pará. Entendo que o rizoma sugere o “Mapear” como ato de conhecer, portanto de fazer a crítica, é uma concepção que nos ajuda a entender os limites da construção de uma cartografia da presença negra na literatura amazônica. E, ainda, levando-se em conta que trabalho com um sujeito de pesquisa, portanto subjetivo porque implica estabelecer uma concepção de quem é negro e do que é uma literatura negra.

No processo de reconhecimento dessa literatura gostaria de pensar com Aimé Césaire²⁴, negritude como simplesmente o ato de assumir ser negro e ser consciente de uma identidade, história e cultura específicas. Escuro está que no contexto histórico do XIX não estava posta esta discussão, ou seja, quero relativizar essa questão racial, no entanto já havia por parte de algumas mulheres certa ousadia e determinação de deixar sua marca no mundo, por meio de ações pontuais, é o que veremos na forma como Maria Firmina se apresenta à sociedade da época.

No percurso de pensar o tema da tese algumas questões pós-disciplinas me foram postas, como por exemplo: existe uma interdisciplinaridade Literatura x Antropologia? A compreensão dos estudos culturais sobre as narrativas versus a compreensão da antropologia são perspectivas que dialogam? E, ainda alguns aspectos a serem retomados na escrita, entre eles, o interesse inicial com as identidades comumente referenciadas nas narrativas escritas na Amazônia. Com isso passei a questionar sobre uma identidade negra – enquanto voz autoral e enquanto representação literária e a buscar acervo oral e escrito amplo nas diferentes áreas do conhecimento- história/geografia/literatura/antropologia – de forma multidisciplinar; definir negritude enquanto categoria sócio-histórica e não

²⁴Aimé Fernand David Césaire, nascido em Basse-Pointe na Martinica em 26 de junho de 1913, foi poeta, dramaturgo, ensaísta e grande lutador e político da negritude.

biológica; vivemos o contexto de um país onde diferentes credos, ideologias, concepções religiosas, convivem, confrontando-se e afirmando-se linguística-étnica e culturalmente.

1.2. Uma imersão antropoliterária

Antropologia e literatura. Afinal em que águas se encontram essas duas áreas do conhecimento? As águas são as do conflito e não porque intrinsecamente elas estão imbricadas, seus objetos se conectam, se interpelam. A antropologia lida com o “antropos” tudo o que diz respeito ao homem – suas diferentes dimensões- sociais, políticas, biológicas, culturais. E, mais, segundo Goldman (2006) “A antropologia é um dos lugares destinados pela razão ocidental para pensar a diferença”. Pensar a diferença não é sem dúvida uma ação tranquila e livre de consequências, ao contrário, em sociedades marcadamente desiguais do ponto de vista da divisão dos direitos e poderes sociais, pensar a diferença pode ser uma escolha arriscada. Mas estamos atentos à história e ela “deve ser escrita a contrapelo” (Benjamin 1994), assim como a literatura.

A literatura, por sua vez, lida com o dito e o escrito e com os seus significados. Roland Barthes (1977) assim considera a literatura:

Entendo por literatura não um corpo ou uma seqüência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela vivo, portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. Posso, portanto, dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto. (Barthes 1977:8)

É como se o semiólogo Francês soltasse os grilhões da linguagem, afinal ele diz cultivar “as forças de liberdade que residem na literatura”. Nesta perspectiva literatura ganha substância, e social, porque como bem ele afirma “literatura é a prática de escrever” e nesse sentido quando pensamos em escritoras mulheres numa longínqua província do Brasil do século XIX, ficamos pensando o quanto elas tiveram que lidar com a língua enquanto esse “jogo de palavras” para fazer valer suas opiniões, suas escrituras em um meio social predominantemente masculino. Lendo Barthes me lembrei de uma das passagens do conto “A escrava” de Maria Firmina dos Reis- quando a mãe-escravizada, enlouquecida, desesperada e nua está fugindo do feitor e encontra os olhos complacentes de uma senhora branca abolicionista. Ali, no jogo da não-palavra, no olhar, conseguimos sentir e adentrar o

teatro de horror que foi a escravização no Brasil, a perseguição de homens e mulheres nas matas, a dor imensa sentida por mães que viram seus filhos serem vendidos para nunca mais. Esse é o enredo do conto e exemplifico aqui para demonstrar o quanto Barthes fornece elementos importantes para a interpretação dessa literatura, desse texto por mais de um século abandonado e empoeirado em sebos. Quero pensar que as mulheres que nessa tese se expressarão fizeram da sua “literatura, escritura, texto” espaço de liberdade, de dizer-se, e porque não dizer também de poder.

Neste rumo não queremos falar do cânone ou daqueles a quem a história deu o privilégio de compor os anais literários, ocupar a crítica literária e histórica, queremos a partir desse momento contribuir para o encontro das margens, para trazer a voz, que já existe e que por motivos vários, entre eles, as relações de poder fundamentalmente desiguais em nossa sociedade, foram ficando ali à sombra, são mulheres, homens, negros e negras, cuja voz, no percurso de construção da historiografia brasileira foram tratadas como menores ou nem mencionadas. Sobre essas margens- Grada Kilomba em *Memórias da Plantação* faz uma importante discussão sobre a hierarquização dessas relações:

Tal hierarquia introduz uma dinâmica na qual a negritude significa não somente “inferioridade”, mas também “estar fora do lugar” enquanto a branquitude significa “estar no lugar” e, portanto, “superioridade”. No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, “em casa”, corpos que sempre pertencem. Eles pertencem a todos os lugares: na Europa, na África, no Norte, no sul, leste, oeste, no centro, bem como na periferia. Através de tais comentários, intelectuais negros/os são convidadas/os persistentemente a retornar a “seus lugares”, “fora” da academia, nas margens, onde seus corpos são vistos como “apropriados” e “em casa”. Tais comentários agressivos são performances frutíferas do poder, controle e intimidação que certamente logram sucesso em silenciar vozes oprimidas como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer (Kilomba 2019: 56-57).

Existir para o outro neste sentido é imprescindível para a organização de movimentos sociais que considerem os diferentes sujeitos e personagens de uma história a ser escrita, assim quero pensar com Lélia Gonzalez sobre a importância da Consciência e da Memória no processo de formação cultural das mulheres negras e de sua resistência no contexto das sociedades racistas. E, ainda, nesse processo as margens são repensadas como espaços de resistência como bem aponta Kilomba:

Nesse sentido, a margem não deve ser vista apenas como um espaço periférico, um espaço de perda e privação, mas sim como um espaço de resistência e possibilidade. A margem se configura como um “espaço de abertura radical” (hooks 1989:149) e criatividade, onde novos discursos críticos se dão. É aqui que as fronteiras opressivas estabelecidas por categorias como “raça”, gênero, sexualidade e dominação de classe são questionadas, desafiadas e desconstruídas (Kilomba 2020:15).

Gostaria de pensar essas fronteiras como espaços críticos, onde se pode perguntar e buscar respostas para alguns silenciamentos. Neste sentido, com o início das reflexões acerca do tema da tese, algumas questões que dialogam com ele vieram à baila. Essencialmente as disciplinas ofertadas pelos professores da antropologia social me fizeram introduzir uma questão óbvia e, por isso, difícil de responder: “Afinal o trabalho que pretendo desenvolver é de crítica literária ou de antropologia? Como enfatizar o fazer antropológico na minha proposta? ”. Afinal a minha formação agora é em antropologia. Diante deste dilema motivador de certo modo de uma saída a campo, iniciei uma busca sobre referências a discussão da relação literatura e antropologia, mas na perspectiva de entender a literatura como um fazer cultural extremamente imbricado em relações sociais e de poder, portanto a literatura como um território contestado como afirma Dalcastagné (2012), conflituoso, uma vez que imbricada em uma sociedade de classes, que privilegia alguns sujeitos em detrimento de outros.

Sobre essa relação, Amir Geiger (2002) argumenta “a relação entre antropologia e literatura deve ser invocada não como ponto de partida teórica, mas como ‘fato interpretativo’, uma inflexão do espírito com que se pensa e se faz antropologia” (2002:1.). Geiger avalia que as questões críticas em torno da relação antropologia e textualidade incorporou também considerações sobre sua relação com a modernidade. O autor anota que muitos antropólogos fizeram a aproximação entre literatura-antropologia, mas distingue “Clifford Geertz como um dos principais autores associados à abordagem literarizante ou textualista da antropologia”. Com isso Geertz abre caminho para outras conceitualizações de campos interdisciplinares, mobiliza e aproxima outros gêneros textuais – história, geografia, linguística – produzem visadas sobre objetos de pesquisa.

Seguindo em sua interpretação, Geiger cita James Clifford, que de modo crítico resume a questão da literariedade da antropologia da seguinte maneira: “a etnografia antropológica não é apenas literatura, mas é uma escrita”. A indistinção entre gêneros

discutida por Geertz é considerada como hibridismo por James Clifford que “defende então que a etnografia atravessa gêneros e disciplinas” (Clifford *apud* Geiger 2002: 4). Desta forma Clifford de acordo com Geiger desfaz algumas polarizações de Geertz e enfatiza a etnografia em suas varias dimensões- poética- em contexto- política, com isto James Clifford amplia a noção de texto como operador, mas,

Essa operação textual- isto é, que se dá no texto e por meio dele –está associada ao narrador, mas tem seu plano autoral: existe também um **jogo discursivo** em que a experiência de observar e narrar a experiência alheia deve fazer, culturalmente sentido. Assim como a experiência nativa existe e faz sentido numa narração (textual) etnográfica, a experiência do sentido dessa narração deve ser textualmente narrável (Geiger 2002: 4, grifo meu).

Seria problematizar sobre uma etnografia literária acerca da escrita de mulheres no século XIX, o que implica trazer para a tese os significados dessa escrita que estão subliminares a sua produção e as suas trajetórias de vida. Assim a cultura emerge como texto - os condicionantes de uma sociedade e de um ser-estar no mundo, educação, valores, aspirações, políticas, sociabilidades, religiões, assim, de acordo com Geertz assumo a postura de uma antropóloga que a partir de minhas experiências traço uma interpretação possível para as realidades vivenciadas por essas autoras no entresséculos. Deste modo assumo “uma poética mais ou menos consciente” reunindo no curso da tese textos históricos, antropológicos, literários, que comporão ao final uma narrativa possível. Quero pensar com Geertz (1989) que o antropólogo como autor combina diferentes níveis de conhecimento nos quais com maior ou menor suspeita, com maior ou menor talento, sai e entra continuamente: o nível do que descreve, o do leitor e seu próprio.

Deste modo, as reflexões sobre *as sujeitas* desta tese e a necessidade de definir as fronteiras, os campos movediços de um estudo sobre a escrita negra na Amazônia me levaram em busca de textos de diferentes áreas do conhecimento, entre estas, a da antropologia política, uma vez que essa área da antropologia se preocupa com as relações de poder e com os conflitos inerentes aos espaços da ação humana, caso da literatura. Deste modo, por considerar a literatura um campo de poder e de emersão de conflitos. Possivelmente porque eu venho inicialmente de uma área preocupada com a escrita e com a fala enquanto elementos complementares nessa relação de poder.

A *antropoliteratura* considera dois campos do conhecimento, mas imergindo numa aproximação, que é antes de qualquer coisa dialética no sentido de que se interpenetram e

se interpelam mutuamente, se interrogam. Nesse sentido quero pensar com Goldman (2006) a antropologia mais como ponto de partida do que de chegada, o que constitui segundo o mesmo autor uma compreensão da antropologia enquanto um “desafio epistemológico, mas também ético e político” o que significa “não reproduzir na produção do conhecimento antropológico as mesmas relações de dominação a que os grupos sociais que estudamos estão submetidos” (Goldman 2006:169).

Com essa perspectiva sugiro pensar também a literatura sob outro foco, sob outra chave de interpretação- o dessa antropologia e deste modo proponho uma antropologia da literatura ou uma antropoliteratura no sentido mesmo de indefinição de fronteiras, de fronteiras moventes. Deste modo, discutir aqui outros parâmetros sob os quais se alumia a literatura produzida no país e especialmente na Amazônia. Usar parâmetros que saem do campo etnocêntrico e questionam o cânone e principalmente questionam os parâmetros do processo civilizatório que produziu uma história e uma cultura literárias que subtraiu aos compêndios e às grandes antologias os nomes de mulheres e, especialmente, de afrodescendentes, a maneira e os porquês de como isso se deu se inscreve no espaço de luta e poder nas sociedades vivenciadas por elas.

Entendendo a literatura em sua relação com a antropologia poderíamos ainda pensar com Bourdieu, o sistema literário como um campo do poder simbólico, ou seja, lugar de tensão e fricção e de muitas questões em torno de quem escreve, de quem publica, onde publica, para quem publica, textos e subtextos, ideias subliminares. Neste sentido a existência de um leitor, de um escritor, de um crítico estariam subordinadas a determinado poder - e, segundo o autor esse “campo de produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes” (Bourdieu 1989: 12).

Na tentativa de compreender o papel dos intelectuais no enfrentamento com esse poder constituído e considerando como Bourdieu que esse campo de produção simbólica está inserido na luta entre as classes, cabe ainda entender com Barthes (1977) não apenas a pluralização do poder no espaço social, mas a sua perpetuação no tempo histórico, o que nos leva a pensar na impossibilidade histórica de destruí-lo, afinal ele resiste e,

A razão dessa resistência e dessa ubiqüidade é que o poder é o parasita de um organismo transsocial, ligado à história inteira do homem, e não somente à sua história política, histórica. Esse objeto em que se inscreve o

poder, desde toda eternidade humana, é: a linguagem — ou, para ser mais preciso sua expressão obrigatória: a língua (Barthes 1977:6).

Continuando a discussão sobre a ambivalência de campos teóricos, considero a memória como aspecto importante e muito atual, uma vez que a discussão em torno da uma escrita que é ao mesmo tempo memória e trabalho (Ricouer 2007), ou seja, reconstruir o itinerário de produção dos textos de escritoras no sentido de produzir essa memória coletiva, o que se tornou uma das principais reivindicações do movimento negro, restabelecendo os fios da ancestralidade africana cortados bruscamente pelo processo colonial no Brasil e assim voltar ao berço de nascimento da história do povo brasileiro. Para Grada Kilomba (2019) restabelecer esses fios cortados pelo processo de colonização e que impôs ao povo negro viver processos de violência em diferentes espaços geográficos, sociais e inclusive no espaço de produção do conhecimento- nas academias. Kilomba contesta a associação da objetificação com ausência de resistência por parte da comunidade negra, assim argumenta que,

...esse lugar da “Outridade” não indica, como se acredita, uma falta de resistência ou interesse, mas sim a falta de acesso à representação, sofrida pela comunidade negra. Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós. De ambos os modos, somos capturadas/os em uma ordem violenta colonial. Nesse sentido, a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a (Kilomba 1989:5).

A escritura da psicóloga Grada Kilomba mostra em seus traços a força de soletrar a palavra violência como uma expressão também do espaço de produção do conhecimento- possivelmente o fato de Kilomba escrever textos literários a ajuda a gerar a força desse significante e dos seus significados implícitos na forma de grafar a palavra. Fato é que a autora busca explicar a violência epistêmica e suas outras manifestações como uma expressão do sistema racista gerado no contexto da violência colonial, sobre essa discussão Frantz Fanon (1968) na obra *Condenados da Terra* assim se remete a violência colonial e ao que ficou após seu desmonte:

A violência que presidiu ao arranjo do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais indígenas, que arrasou completamente os sistemas de referências da economia, os modos da

aparência e do vestuário, será reivindicada e assumida pelo colonizado no momento em que, decidindo ser a história em atos a massa colonizada se engolfar nas cidades interditas. Fazer explodir o mundo colonial é doravante uma imagem de: ação muito clara, muito compreensível e que pode ser retomada por cada um dos indivíduos que constituem o povo colonizado. **Desmanchar o mundo colonial não significa que depois da abolição das fronteiras se vão abrir vias de passagem entre as duas zonas. Destruir o mundo colonial é, nem mais nem menos, abolir uma zona, enterrá-la profundamente no solo ou expulsá-la do território** (Fanon 1968: 30, grifo meu).

Trata-se de um manifesto revolucionário, tomando-se as devidas distâncias entre os processos de luta nas diversas colônias, podemos afirmar, contudo, que a reflexão de Fanon contribui para entender o que aconteceu em países como o Brasil após um longo e violento processo de colonização do império português – a violência-exploração imposta ao corpo do colonizado, reduzindo-o a cidadão de terceira categoria, sem direitos- se transformou em outro tipo de violência a violência simbólica a interdição do acesso aos mecanismos de mudança de *status quo*- leia-se a dificuldade para acessar os aparelhos educacionais, sociais e políticos. Mas isso não significa dizer que as diferentes formas de violência não coexistam- sim, não enterramos nem expulsamos o branco colonizador – não explodimos o mundo colonial – como queria Fanon- ao contrário coexistimos com muito do seu legado ideológico- percepções sobre o outro, preconceitos e racismos.

E desse modo fizemos da literatura uma de nossas trincheiras simbólicas – é bem o que disse Firmina em 1859 “Oh, a mente! Isso sim ninguém a pode escravizar!” ... Tornamos a literatura em um lugar de fala de mulheres e homens que sofrem os interditos de uma sociedade estruturada sobre o racismo. Desse modo conformamos uma interpretação importante em vistas de que a tese refaz o percurso de mulheres- gênero, de classes sociais –subalternizadas- são professoras- e são afrodescentes- racial, e, ainda, cujo processo de aprendizado foi realizado a duras penas- uma vez que às mulheres do entresséculos bastava aprender a bordar, costurar e portar-se em espaços de sociabilidade- digam-se os salões e igrejas.

No artigo “A articulação entre objetividade e subjetividade nos textos antropológicos: contribuições da escrita literária para a construção de saberes antropológicos”, a autora Marine Lila Corde discute uma relação dialógica entre Antropologia e Literatura e considera que o conhecimento em antropologia busca se “basear em grande parte na experiência subjetiva do pesquisador, que constrói seu trabalho de

campo numa interrelação entre sua experiência pessoal e a de seus vários interlocutores” (2013:12).

Neste sentido é de fundamental importância pensar o papel que o saber exerce no contexto das sociedades. E principalmente as formas de acesso a esses saberes, muitas vezes negados às populações afrodescendentes nos diferentes contextos da história brasileira. Assim pensar o trabalho de campo e as questões teóricas postas em torno da discussão da imbricação antropologia/literatura nos leva a entender que os processos de interação social são dinâmicos e ainda “No trabalho de campo, o sociólogo e o antropólogo se interessam em primeiro lugar por relações sociais, por percepções e organizações de mundos socialmente negociados e construídos; tais elementos não são imutáveis, estáveis ou dados por antecedência, mas sim estão sempre em construção” (Corde 2013: 15).

1.3. A favor da etnografaliteratura

Fazer uma etnografia da Literatura, por meio da busca sistemática de informações e da sistematização e discussão dos registros escritos e lidos encontrados nos diferentes acervos e mais que isso considerar as *sujeitas*²⁵ dessa história imbricadas em relações e interações sociais e de poder. Em Antropologia e Poder, Caldeira (1989) se detém sobre a antropologia americana para empreender uma ampla discussão acerca da tradição da disciplina. Segundo a autora, George Marcus e Michael Fischer atribuem certo estado de crise na disciplina e nas ciências humanas como um todo a três fatores: o abandono de paradigmas; o ecletismo e a intensa experimentação nas tentativas de descrever as culturas (1989:5).

Penso que os três aspectos são conjunturais e respondem às transformações ocorridas no mundo ocidental após principalmente o fim da chamada guerra fria e início do que se chama de globalização. Com o intenso processo de privatização e entrada de novas tecnologias na sociedade, as práticas passadas são questionadas e novos temas, novos objetos e novas maneiras de pesquisa e análise são incorporados aos estudos da antropologia. Segundo Marcus e Fischer (1986) não há uma linha metodológica explícita,

²⁵ Quero pensar essa expressão no sentido que bell hooks utiliza no seu livro Olhares negros – raça e representação (2013), quando ressalta o protagonismo das mulheres negras na construção de suas subjetividade negra radical.

para eles, essas novas tendências na antropologia seriam experimentos de onde emergem questões, interesses ou práticas recorrentes.

No rol das questões apontadas pela autora estão as relações de poder que, segundo ela, mesmo já sendo objeto de estudo da disciplina desde a década de 1940, mais especificamente ligada à subárea da antropologia política; nos últimos anos vem ganhando novos contornos, no sentido de perpassar outras categorias, outras discussões. Deste modo, o interesse muito específico pelas instituições políticas e que tiveram seu auge com o livro fundador da antropologia política os ensaios *African Political Systems, organizado por Fortes e Evans-Pritchard em 1940*, hoje estão mais voltados para as várias dimensões políticas das sociedades e culturas, no que diz respeito aos temas da dominação, resistência, luta e conflito.

No espaço da cultura, Pratt cita James Clifford para dizer que “a literatura emergiu no século XIX, como instituição burguesa fortemente ligada à cultura e a arte”, e mais os seguidores desta concepção criaram uma “arte sem público”, mas sempre com algum crítico ou mecenas que a apoiava (1991:11). É uma dominação que se estabelece, sempre referenciada na experiência europeia. Não é demasiado afirmar que há nessas concepções um determinismo científico e biológico cujas referências influenciaram sobremaneira a escrita literária em território brasileiro, inclusive a dos romancistas e contistas que escreveram na e sobre a Amazônia.

Não obstante essa discussão, Pratt afirma que “a dominação coexiste com a resistência à dominação, e as culturas atuam na definição, transformação e reprodução dessas relações de força”. Por isso a autora dá importância aos escritos dos viajantes. Em sua visão “los antropólogos debieran conocer mejor ese legado de los viajeros y observadores que, antes de ellos, se preocuparon por las culturas de «losotros», pues La etnografía, actualmente, no puede persistir al margen del discurso literário” (Pratt 1991: 12).

Sobre essa discussão da proximidade dos escritos antropológicos com a literatura de viajantes, Pratt argumenta que essa conexão poucas vezes aceita, existe e pode inclusive afetar a estrutura narrativa de muitas obras antropológicas e exemplifica com as coincidências entre a obra de Evans-Pritchard sobre os *Nuer* com a literatura colonial de exploradores. Para James Clifford, tanto a cultura como a arte se converteram num lugar de estetas e classes privilegiadas, desse modo os praticantes assumiram a função de coroar o

sistema europeu, tornando-o referência de cultura ou ainda de única civilização ou cultura concebida por eles. Esta concepção acabou tornando a Europa núcleo de produção e dispersão de conhecimento, beleza e estética que deveria ser imitada por todos os rincões colonizados.

Deste modo, pensar a literatura é pensar as relações de poder que determinam a correlação de forças na sociedade e, ainda refletir sobre o contexto de produção dessa literatura, os agentes sociais envolvidos no processo, em suma, interpretar a Amazônia em seus diversos aspectos implica estabelecer um olhar, uma visão sobre a região que na literatura sempre foi representada como uma região inferior. Discutir sob qual perspectiva pode-se pensar a literatura e nessa canoagem adentrar os séculos XIX e XX cotejando em documentos antigos como com suas marcas temporais marcam o início dessa viagem, lugar de descrições pormenorizadas de uma natureza exuberante e paradisíaca ou não, lugar da natureza, de onde desaparece o sujeito social e evidencia-se um homem sem indústria, sem progresso, sem alma e, assim, o caboclo é descrito nos pergaminhos de viajantes por essa região.

Na perspectiva de Clifford não é possível pensar a etnografia separada do discurso literário, afinal o conceito de literário permeia qualquer trabalho que verse sobre as representações culturais. É ainda Pratt (1991) que define alguns aspectos como fundamentais numa escrita etnográfica para lhe conferir coerência, são eles; 1) o contexto. É imprescindível que uma etnografia apresente os significados sociais; 2) apresente uma retórica-uso das convenções expressivas; 3) generalização; 4) Politização; 5) historicismo (Clifford 1991:32). Nesta perspectiva, a construção desta tese pretende fazer esse caminho proposto, buscando abarcar as discussões em torno desses significados propostos por Clifford, ou seja, falar do contexto, que implica localizar o olhar na direção da Província do Maranhão, em meados do Século XIX e início do XX, espaço-tempo histórico do acontecer de seres humanos, mulheres na luta diária contra as interdições da sociedade burguesa em construção.

Deste modo, compreender o território de produção do conhecimento literário é travar algumas lutas particulares, uma delas é sair do lugar comum, olhar para além do que historicamente foi dado como literatura canônica, ou seja, tentar fazer um olhar de águia, cercar o que aqui passo a chamar de sujeitas da pesquisa e fazer algumas escolhas pessoais,

afinal em minha tese quero falar de uma literatura específica, a literatura escrita por negras, quero ver *“corpos e vozes negras no bailado das palavras”* que no percurso de nossa construção enquanto povo estiveram presentes, mas foram subtraídas aos compêndios, aos almanaques históricos, aos livros didáticos aos ensaios de literatura de grandes críticos como por exemplo, Antonio Candido, Alfredo Bosi, entre outros.

Esse caminho etnográfico me levou em busca de compor um acervo oral e escrito-amplo, com vídeos, obras literárias, crítica e ensaios sobre obras, textos políticos etc. História/Geografia/Literatura/Antropologia – numa busca multidisciplinar, todas maiusculamente em diálogo. Iniciei um estudo sobre as concepções em torno do vocábulo “negritude”, visando atingir o que seria o cerne dessa discussão: negritude, enquanto categoria sócio-histórica e não biológica, como queriam os eugenistas.

Para isso estão sendo fundamentais as orientações que tenho recebido, acerca dessas referências a partir das ex-colônias, a leitura de autores martiniquenses, autores que vivenciaram a situação de fronteira e nesse sentido pude perceber que os autores negros que já cotejei nessa busca tem este aspecto em comum: todos eles saíram de suas terras de nascimento, por desastres, por guerras civis, por perseguição, por precarização da vida e em suas terras de destino produziram obras que pensam esta situação de fronteira, pensam o drama do desterro involuntário, da cruel escravização de seres humanos, o que se tornou gérmen de um país construído sobre o racismo.

No Brasil vivenciamos um contexto onde as discussões em torno de uma pluralidade e diversidade social torna-se bandeira e expressão societária, afinal diversos credos, ideologias, concepções sociais e religiosas convivem e se confrontam neste território, e todos sem exceção precisam se autoafirmar, se legitimar, permanecer. Nesse caldo as identidades emergem, sejam elas linguísticas, étnicas, sociais, políticas, religiosas. Nesse sentido, a literatura torna-se reescrita de outras escritas, ou ainda do mundo onde se vive e se partilha, por isso Conceição Evaristo (1944) com sua “escrevivência” me deu um norte, para entender a escrita de algumas mulheres no percurso da história, como elas adentram o cenário cultural, predominantemente sexista, branco, privilegiado, para dizer de

si, de suas experiências individuais e coletivas. Quando Evaristo conta de sua história junto ao *Quilombhoje*²⁶, sua inserção na literatura pela porta da participação crítica e politizada.

Corroborando essa perspectiva, Munanga (1988) aponta projetos literários em disputa, grupos organizados desde a década de 1980. Assim para entender os diferentes projetos e, ainda, entender a literatura como organizadora de um pensamento, como um campo teórico que tece uma determinada representação sobre os sujeitos encontrei alguns trabalhos, entre eles, o do pesquisador Eduardo de Assis Duarte da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX*; com uma cuidadosa e profunda discussão sobre a afrodescendência e ainda o trabalho de grande porte da professora Zahidé Muzart (1939-2015), escritoras negras do século XIX, já mencionado anteriormente e que se reporta às duas antologias como um desafio para reescrever a história da literatura brasileira do século XIX, o que significa uma outra compreensão sobre a cultura e o fazer literário daquele século.

A reflexão de Muzart aponta-nos o sentido de viabilizar a crítica sobre a produção das 104 escritoras inicialmente reportadas nas duas antologias, trazer sua escrita para a agenda de debate, trazê-las para o século XXI e intentar explicar os porquês de naquele contexto e em épocas posteriores elas sumirem dos compêndios, da história literária. Portanto entrar em seus textos, criando nexos e uma produção específica sobre o diálogo que essas autoras mantinham com o seu tempo histórico e social.

Estou assim nesse campo antropoliterário buscando poéticas variadas para expressar a voz inaudível dessas mulheres que ousaram escrever, vivendo ainda sob o mais forte julgo da sociedade patriarcal brasileira. Neste sentido, penso que o texto etnográfico e a escrita literária são expressões que mantêm encontros no sentido de que as duas formas são reescritas da realidade.

²⁶*Quilombhoje* foi fundado em 1980 por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros, com o objetivo de discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura. O grupo tem como proposta incentivar o hábito da leitura e promover a difusão de conhecimentos e informações, bem como desenvolver e incentivar estudos, pesquisas e diagnósticos sobre literatura e cultura negra. Em 1982, com a entrada de Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa, Miriam Alves e Oubilnaê Kibuko, o grupo assumiu a organização dos *Cadernos Negros*, cuja edição, na época, era de responsabilidade do Cuti, com apoio de Jamu Minka. Depois vieram José Abílio Ferreira e Vera Alves. Ao longo do tempo o grupo ficou mais conhecido pela organização da série. Disponível em: [Quilombhoje – Quilombhoje](#), acesso em Janeiro/2020.

Numa pesquisa inicial na plataforma Sucupira do MEC- de acesso a livros e publicações produzidas observei que não há nenhum registro sobre o tema literatura negra. E também não há projetos de pesquisa ou linhas de pesquisa. Deste modo um dos objetivos da tese é construir uma teia de significações acerca dessa presença/ausência das mulheres negras na literatura brasileira e, especialmente amazônica, por meio do estabelecimento de um diálogo entre a antropologia e a literatura e usando a etnografia enquanto concepção teórico- metodológica que fundamenta uma espécie de “arqueologia” do conhecimento acerca das mulheres que escrevem e escreveram e cujos textos ficaram à sombra da historiografia literária. Penso que essas questões são relevantes nesse contexto de intensificação das discussões em torno da construção de novas relações de poder e da democratização do acesso aos bens culturais no Brasil.

É inegável que no processo de construção do Brasil enquanto nação independente, vozes foram silenciadas. Por quê? No percurso de construção desta rota algumas constatações acerca dessa ausência de escritoras nos grandes compêndios literários: 1) não se trata de esquecimento, trata-se de relações de poder que estão na base de nossa constituição enquanto nação; 2) pode-se dizer que existe hoje um movimento autônomo caracterizado por uma escrita feminina através da voz das próprias mulheres. Desde os primeiros textos do feminismo negro observa-se uma representação literária das mulheres por meio de fortes personagens femininas. Isto está bastante evidente na produção de Conceição Evaristo e de toda uma geração de novas autoras negras no Brasil, como por exemplo, Giovanna Xavier, Esmeralda Barbosa, Luiza Bairros, entre outras importantes referências da escrita feminina negra no país.

O exame dos documentos da historiografia literária oficial, ou seja, os compêndios de literatura escrita por autores como Silvio Romero, Alfredo Bosi, Antonio Candido, Nelson Werneck Sodré, José Aderaldo Castelo (1999), José Guilherme Merquior, Afrânio Coutinho e a história da literatura de Luciana Stegagno-Picchio, publicada pela Nova Aguilar em 1997. E, ainda os autores de manuais e livros didáticos, nesta perspectiva observa-se na tese que para além das escolas literárias e dos estilos de épocas discutidos exaustivamente por grandes críticos da literatura brasileira, havia uma literatura sendo elaborada nos contextos das províncias e posteriormente dos estados desse país, que não figura nesses compêndios, mas tiveram alguma repercussão local e alguma forma de registro, que está sendo escavado

e continua sendo gestada por movimentos autônomos e representativos. Seguimos os rastros dessa escrita.

Em pesquisa mais recente na plataforma Sucupira de acesso a livros e publicações produzidas, pude observar que a produção sobre a voz feminina na literatura e mais ainda a voz feminina negra na Universidade Federal do Pará é praticamente inexistente, quando se pensa numa voz negra masculina, aí encontramos alguns trabalhos sobre Bruno de Menezes. Mas quando se trata da escrita literária negra feminina são raros os trabalhos. Não exatamente sobre o tema, mas com temas transversais encontram-se alguns trabalhos no Amazonas, em especial, o livro organizado pela professora Patrícia Sampaio- “O Fim do Silêncio: presença negra na Amazônia” e artigos que problematizam a presença africana e afrodescendentes em diferentes aspectos da sociabilidade humana, inclusive na literatura. Já agora em 2020, soube da produção da escritora e pesquisadora Jucey Santana, membro efetivo da Academia de Letras de São Luís, nascida na mesma cidade de uma das escritoras que estou pesquisando, Itapecuru-Mirim e sobre a qual ela também já escreveu- Marianna Luz, nome grafado oras com um “n” oras com dois. Usarei na tese a grafia Marianna Luz.

Deste modo, contribuir para esta discussão, para compor esse acervo de saberes significa construir uma teia de significações acerca da alteridade e das relações de poder que se imbricam em torno da presença das mulheres na literatura brasileira. Para estabelecer esse diálogo busquei referências da antropologia e na literatura, tomando a etnografia enquanto concepção teórico-metodológica que fundamenta uma espécie de “arqueologia” do conhecimento acerca das mulheres que escrevem e escreveram e cujos textos ficaram à sombra da historiografia literária.

Problematizar as relações em torno desse silêncio e da morte seja ela simbólica ou real. Ou ainda como afirma Dalcastagné da incômoda ausência de uma escrita negra e feminina na historiografia e na literatura brasileira. Estas reflexões constituem ainda parte do que venho gapuiando nas águas, no dizer poético, acerca das referências sobre a presença do negro na literatura amazônica. Assim na perspectiva antropológica tratamos de problematizar as relações de poder que implicaram na subalternidade e no silenciamento de algumas vozes (nem tanto veladas, mas caladas) na nossa literatura.

Dalcastagné em pesquisa aponta que, apesar de pouco expressiva em números, a representação das mulheres na literatura (dado geral) indica uma tendência de crescimento: elas

estão sendo mais publicadas por grandes editoras do que antes, afirma a autora. Depois de estudar os romances publicados entre 1990 e 2004, fez o mesmo com romances da época da ditadura, de 1965 a 1979. Segundo a pesquisa das décadas de 1960 e 1970 para as décadas de 1990 e 2000, a proporção de autoras cresceu de 17,4% para 27,3%, uma possível conquista do feminismo que floresceu nesse período. Já a presença de personagens femininos decaiu de 40,7% para 37,8%. No que diz respeito à cor, a proporção de autores brancos cresceu de 93% para 93,9%.

Neste intuito, encaramos a literatura também como campo de poder, espaço construído historicamente e socialmente, onde as publicações e o acesso foram controlados por homens, brancos e de classes sociais privilegiadas. Quero pensar com Caldeira(1989) que,

O que está em jogo, então, é a dinâmica das práticas culturais no seu imbricamento com relações de poder, nas mais variadas formas em que estas se manifestem, e nos mais diferentes contextos da vida social (em movimentos religiosos, na família, nas relações sexuais, na produção do conhecimento, em relações de classe e assim por diante) (1989:5).

Acrescentaria a este rol a produção literária e a sua veiculação enquanto conhecimento, dificuldades vivenciadas por vários autores cuja produção ficou no limbo da história, como bem aponta Dalcastagnè:

...é preciso reconhecer que nosso olhar é construído, que nossa relação com o mundo é intermediada pela história, pela política, pelas estruturas sociais. “Negar isto é insistir na perpetuação de uma forma de violência que elimina da literatura tudo o que traz as marcas da diferença social e expulsa para os guetos tantas vozes criadoras” (2008: 8).

As estruturas sociais em sua relação com aspectos de raça e gênero condicionam uma forma de ver o outro, de legitimar o que esse outro escreve e mais a ação de grupos sobre esse outro, as malhas ideológicas tecidas em representações que inferiorizam, tornam sem valor a produção escrita de muitos de nossos autores e autoras que trazem as marcas de uma descendência e ancestralidade africana ou afro-brasileira e a problematização em torno das condições históricas, sociais, políticas, que inviabilizaram conhecer essas subjetividades, suas produções, suas inserções em seus locais é algo que vamos aos poucos construindo como alternativa às narrativas etnocêntricas que invisibilizaram essas subjetividades.

1.4. Ser negro no Brasil: o percurso de uma construção

“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!” Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me *descubro objeto em meio a outros objetos*. Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraíndome do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu (Fanon 2008:103, grifo meu).

Fantz Fanon neste breve excerto resume o que foi a experiência negra no processo colonizador, a experiência do encontro com o outro – ou com as formas como esse seu outro a ele se referia – a pergunta quem foram os negros africanos que extraditados de suas nações em diversos pontos da África aqui aportaram? Seus nomes, seus rostos, seus referentes de vida, de cultura, suas músicas, crenças, ritos, suas histórias, suas falas? O etnólogo Edison Carneiro na conferência- **O negro como objeto de ciência**²⁷- faz menção ao texto de Silvio Romero publicado na abertura do livro de Nina Rodrigues –Os Africanos no Brasil- e que em tom de advertência considera o quanto os estudiosos da época deixaram de registrar sobre a vida dos africanos que foram escravizados na colônia brasileira. O mesmo texto tinha sido publicado em 1888, no trabalho de Silvio Romero *intitulado Poesia Popular do Brasil (1879-1880)*:

...é uma vergonha para a ciência do Brasil que nada tenhamos consagrado de nossos trabalhos aos estudos das línguas e religiões africanas. Quando vemos homens como *Bleek* refugiarem-se dezenas e dezenas de anos nos centros de África somente para estudarem uma língua e coligir uns mitos, nós que temos o material em casa, que temos a África em nossas cozinhas, como a América em nossas selvas, e a Europa em nossos salões, nada havemos produzido neste sentido. É uma desgraça! (Romero 1888:10-11)

Romero advertia que “o negro não é só uma máquina econômica; ele é antes de tudo, e malgrado sua ignorância, um objeto de ciência” (Idem: 11). Para além do racismo já exposto na assertiva de Romero, uma coisa ele atestava à época - a necessidade de se produzir estudos sobre os povos que aqui aportaram, e neste sentido ele aponta o quanto

²⁷ Conferência pronunciada por Édison Carneiro no dia 13 de maio de 1968, como parte da programação realizada pelo Centro de Estudos Afro-orientais em comemoração aos 80^o aniversário da Abolição da escravidão no Brasil.

esta preocupação estava ausente dos interesses dos colonizadores estudiosos da época. E alertava “Apressem-se os especialistas, visto que os pobres moçambiques, benguelas, monjolos, congos, cabindas, caçanges... vão morrendo. O melhor ensejo pode-se dizer, está passado com a benéfica extinção do trafico. Apressem-se, porém, senão terão de perdê-lo de todo. E, todavia, que manancial para o estudo do pensamento primitivo! (Ibd:11).

Duas décadas depois Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906)²⁸ publica o estudo “Os africanos no Brasil”. Sobre este trabalho gostaria de comentar como mesmo com recursos parcos e dificuldades do contexto e óbvio limitações de interpretação, trata-se de um estudo que busca dar conta de um amplo leque de aspectos da vida africana no país- Nina Rodrigues - médico escreve um longo estudo²⁹ que possibilita conhecer em nove capítulos “escritos sob paciente, demorada e grave investigação científica” sobre a procedência de alguns africanos, sobre algumas lutas e sublevações com menção a alguns quilombos, sobre as línguas e as belas artes dos colonos pretos, sobrevivência de festas e ritos religiosos e sobrevivência psíquica na criminalidade dos negros no Brasil (Rodrigues 1935).

Mas de início ele considera que,

Até aquele momento não puderam os negros se constituir enquanto povos civilizados... O critério científico da inferioridade da raça negra nada tem de comum com a revoltante exploração que deles fizeram os interesses escravistas dos norte americanos. Para a ciência esta inferioridade não é nada mais que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha natural do desenvolvimento filogenético da humanidade (Rodrigues 1935: 20)

E assim ele traça um cenário futuro em que teríamos no Brasil,

...a oposição entre uma nação branca, forte e poderosa provavelmente de origem teutônica e que se esta constituindo nos estados do Sul, onde o

²⁸ Raimundo Nina Rodrigues nasceu no Maranhão, na cidade que hoje tem seu nome, em 1862. Seu pai, coronel Francisco Solano Rodrigues, era dono do Engenho São Roque, que teria passado às mãos de seus escravos devido ao desinteresse de seus sete filhos por ele. Sua mãe, Luiza Rosa Nina Rodrigues, seria descendente de uma família sefardita que veio para o Brasil fugindo das perseguições aos judeus na Península Ibérica. Nina Rodrigues estudou no Colégio São Paulo e no Seminário das Mercês, em São Luís. Pelas suas próprias, e pelas referências de seus colegas, parece ter tido uma saúde frágil. (Correa 2006:132)

²⁹ O livro *Os Africanos no Brasil* foi organizado pós-morte de seu autor. No prefácio Homero Pires (1935) afirma que o livro “é como o tesouro de Niebelungen , guardado por Fafnir- trazia a desgraça àquele que consigo o retivesse”. Quando já estava na impressão da página 280 do sétimo capítulo, o seu autor Raimundo Nina Rodrigues faleceu em Paris de repente. Um discípulo seu- Oscar Freire tomou a missão de terminar o trabalho e publicar quando lhe sobreveio a morte. Enfim, após vários anos de pesquisa e de mistério em torno do livro o prefacista encontrou na Bahia o frontispício do que seria a obra completa: Dr. Nina Rodrigues- O Problema da raça Negra na América Portuguesa. Bahia- Livro- Tipografia Almeida, 1905. Os Africanos no Brasil trata-se de um dos volumes.

clima e a civilização eliminarão a Raça Negra ou a submeterão, e do outro lado, os estados do Norte, mestiços vegetando na turbulência estéril de uma inteligência viva e pronta, mas associada a mais decidida inércia e indolência, ao desânimo e por vezes à subserviência e assim se converterem em pasto submisso de todas as explorações de régulos e pequenos ditadores (Rodrigues 1935: 25-26).

Mariza Correa (2005) aponta que o interesse inicial de Nina Rodrigues foi pela saúde pública,

...sua preocupação desde que foi transferido para a cadeira de Medicina Pública, em 1891. Era, em suas palavras, a “garantia da ordem social” que estava em primeiro plano em suas considerações e, nesse sentido, epidemias, prevenção e repressão ao crime, assistência aos alienados, aperfeiçoamento das leis, combate ao charlatanismo eram objeto de suas intervenções na imprensa diária e na imprensa médica, em comissões locais, na faculdade, no planejamento institucional (Correa 2005-2006:136).

Importante ressaltar que Nina Rodrigues teve uma carreira médica intensa com uma acirrada “... Luta a favor dos alienados, por exemplo, tanto no plano prático – tomando medidas que possibilitaram salvar de uma epidemia os loucos internados no asilo de Salvador – como no planejamento de novas instituições para abrigá-los” (Correa 2005-2006: 136). Anos depois é que o interesse pelas questões raciais aflorou, muito devido a publicações de seus autoproclamados discípulos como, por exemplo, Arthur Ramos.

As marcas de uma narrativa pautada nos critérios da inferioridade e da condição de “incivilizado” imputadas aos povos africanos problematiza uma concepção em voga àquele momento e motiva a leitura detalhada da obra desse autor, assim, retornando a *Os Africanos no Brasil*, podemos apontar que Rodrigues faz uma extensa discussão no sétimo capítulo quando trata das sobrevivências religiosas: religião, mitologia e culto. Trata-se de uma densa descrição sobre os orixás, os mitos de criação e origem e discute a permanência dessas práticas naquele momento, mesmo que muito centradas na Bahia,

Assim, pois decorrido meio século após a extinção do tráfico, o fetichismo africano constituído em culto apenas se reduz ao da mitologia gegê-iorubana. Angolas. Gurucins, Minas, Haussás que conservam as suas divindades africanas, da mesma sorte que os Negros crioulos., Mulatos e caboclos fetichistas, possuem todos a moda dos nagôs terreiros e candomblés em que as suas divindades ou fetiches particulares recebem ao lado dos orixás yorubanos e dos santos católicos um culto externo mais ou menos copiado das práticas nagôs. (Rodrigues 1935: 321).

É claro que os limites da sua pesquisa estão expressos quando ele diz que coligiu apenas a mitologia gegê-iorubana e ainda em sua concepção de que “as práticas religiosas

de cada povo se manteria pura e extremada da influência estranha”, ou seja, ele nega a relação e mais que isso a dominação- enquanto formas de reprimir e até de eliminar alguns cultos e às quais foram criadas também formas de resistências, daí o sincretismo. Por fim nesse breve olhar sobre o autor Mariza Correa traz uma interessante observação

... é sua ênfase na atuação das mulheres: quando falava dos terreiros mais afamados – o Gantois, o Engenho Velho, o do Garcia – seria preciso anotar que eram todos liderados por mães-de-santo. Ou quando ia enumerando as mães – Julia, Isabel, Livaldina, Thecla, a mãe da Calçada do Bonfim, etc. – estava mostrando aos leitores, quarenta anos antes da pesquisa de Ruth Landes, que a Salvador africana era, de fato, a cidade das mulheres. Em sua tentativa de demonstrar a seus colegas médicos que a histeria não era privilégio das burguesas, mas que podia também se manifestar na raça negra – ao contrário do que muitos deles diziam – Nina Rodrigues colocava no centro da cena os terreiros controlados por mães, ficando elas encarregadas de defender o dúbio privilégio que ele lhes atribuía. Do mesmo modo, ao analisar os casos de negrinhas estupradas, de velhas asiladas ou desamparadas, e das primeiras operárias da cidade, acometidas de uma estranha doença que lembrava as máquinas agitadas das fábricas, vai traçando, em vinhetas, um painel da população feminina pobre de Salvador que certamente mereceria ser recapturado pela história social. (Corrêa 2005-2006:138).

Particularmente me interessou bastante a minudências de detalhes na descrição dos orixás e dos mitos coletados sobre eles e na forma como Rodrigues os referencia na obra. Assim interessa para nós pensarmos como as construções ideológicas em torno de ser negro se mantiveram ou não no contexto da sociedade brasileira. Outro brasileiro que dialoga com Nina Rodrigues, Manuel Raimundo Querino (1851- 1923) é apresentado em seu livro como alguém que no plano antropológico, opôs-se às teorias racialistas do maranhense Nina Rodrigues, para quem a mestiçagem era um dado desfavorável na construção do Brasil. Querino é apresentado como,

...um dos mais interessantes intelectuais do Brasil, homem de pensamento e de ação, e um precursor em termos de cultura. Escritor, abolicionista engajado, e professor do que era à época o ensino técnico, Querino notabilizou-se como ensaísta de uma nascente antropologia brasileira, disposto à controvérsia sobre o que deveria ser uma visão satisfatória com respeito à relação entre raça e nacionalidade, e autor de livros didáticos, para formar desenhistas profissionais como ele próprio.(...) Foi um dos fundadores do Partido Operário da Bahia, mutualista, de um caráter mais beneficente que revolucionário ou reformista, com um contingente grande de trabalhadores negros. O partido fragmentou-se em vários “rachas”, e Querino engajou-se num de seus ramos mais devotados à difusão da cultura (2018:4).

Pinto de Aguiar na apresentação do livro *A Raça Africana e seus costumes* (Querino 1956) pondera que o fato de,

(...) a sua ascendência africana, e a atitude de profunda simpatia e compreensão pelas crenças, hábitos e destinos dos seus irmãos de sangue, tornavam-lhe acessíveis os meios mais esotéricos dos cultos e das famílias negras, permitindo-lhe a coleta na fonte, deste imenso manancial de informações que nos transmitiu, na simplicidade de sua prosa desconchavada e pitoresca (Aguiar 1956:5)

Arthur Ramos, um dos pioneiros dos estudos etnológicos e etnográficos no Brasil, apesar de entusiasmo pela obra de pesquisa científica de Nina Rodrigues, aponta que essa característica do trabalho do grande negro baiano, sob tais aspectos, é mais valiosa, como conjunto de observações, que a do sábio maranhense. Este livro foi organizado a partir de quatro estudos, duas teses apresentadas ao Congresso Brasileiro de Geografia e dois estudos publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (Querino 1956). No livro, o autor organiza o conhecimento sobre os costumes dos povos africanos e seus descendentes na Bahia, fazendo uma ampla etnografia. Aqui ele mostra os limites de sua investigação:

As nossas investigações compreenderam os próprios africanos e estenderam-se aos seus descendentes mais diretos, indivíduos sabedores das práticas religiosas dos ascendentes. Incontestavelmente, o feiticismo africano exerceu notória influência em nossos costumes; e nos daremos por bem pagos se o reduzido material que reunimos puder contribuir para o estudo da psicose nacional no indivíduo e na sociedade. E, aproveitando o ensejo, deixamos aqui consignado o nosso protesto contra o modo desdenhoso e injusto por que se procura deprimir o africano, acoimando-o constantemente de boçal e rude, como qualidade congênita e não simples condição circunstancial (Querino 1956:21-22).

Querino deseja contribuir para o estudo do que argumenta ser uma psicose nacional no indivíduo e na sociedade, o que nos leva a Fanon e também a Lélia Gonzalez, ambos discutirão como em relação ao negro se construiu uma espécie de neurose, evidenciada no racismo. Em *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* (1983) a autora vai falar de um sintoma neurótico do racismo. Feitas essas considerações iniciais sobre os estudos acerca do negro no Brasil, pela apresentação de dois autores que atravessaram o século XIX, penso que os temas em torno da negritude e seus temas transversais, como racismo, sexismo, preconceito racial, homofobia vem produzindo e reverberando em publicações as mais variadas, seja no campo antropológico, seja na literatura ou na história, fato é que

chegamos ao século XXI com uma responsabilidade ética e histórica de enfrentar este manancial de produções, fazer a crítica e contribuir para que se construa na sociedade brasileira a devida resistência. A partir daqui destecemos os fios de uma compreensão sobre o tema.

Os autores com os quais dialogo nessa parte da tese são autores cujas vozes se fizeram audíveis em diferentes contextos sociais, políticos e econômicos. Pensaram e, mais, se posicionaram contra regimes racistas e colonialistas e produziram um conhecimento sobre negritude, sobre pretitude, sobre racismo. São autores contemporâneos, todos nascidos no início do século XX, intelectuais pensadores das diásporas africanas e caribenhas e de questões político-sociais no Brasil e América Latina. Lélia Gonzalez (1935-1994)³⁰, Vicente Salles(1931-2013)³¹, Abdias Nascimento(1914-2011)³², Frantz Fanon (1925-1961), Aimé Césaire (1913-2008)³³, e serão os autores que dialogam em suas buscas e reflexões.

Lélia Gonzalez é a mulher negra, pensadora do seu país e da sua gente de suas relações em todas as perspectivas para quem a questão do negro é mais do que uma questão econômica e social, é central em sociedades como a brasileira. Salles é a voz da negritude no Pará, estudioso que trouxe à luz a imensa contribuição dos africanos na constituição de nossa cultura e história. Abdias do Nascimento (1914-2011) com o seu teatro experimental do negro (TEN), sua atuação artística, e, portanto, política também, dá voz às denúncias das condições desumanas como foram e são tratados os afrodescendentes em nossa sociedade. Frantz Fanon (1925-1961)³⁴, é o psiquiatra e escritor que se preocupa como as experiências da diáspora afetam a psique dos seres humanos submetidos aos regimes escravistas e colonialistas, os traumas surgidos a partir daí; e Aimé Césaire (1913-

³⁰ Lélia Gonzalez nasceu em Minas Gerais em 1935. Foi a penúltima filha de uma família de 18 irmãos. Seu pai era ferroviário e sua mãe empregada doméstica. Graduou-se em História e Geografia (1958) e em Filosofia (1962). Foi professora da PUC/Rio e de outras instituições. Militou no Movimento negro, fundou e atuou no Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), no Movimento Negro Unificado (MNU) e no Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga. Foi do Partido dos Trabalhadores e posteriormente do PDT. (Raquel Barreto).

³¹Vicente Salles, Vicente Juarimbu Salles, nasceu na Vila de Caripi, município de Igarapé-Açu, nordeste do Pará. Foi historiador, antropólogo e folclorista paraense. É considerado um dos mais importantes intelectuais do século XX, da Amazônia e do Brasil.

³² Abdias Nascimento é poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras.

³³ Aimé Césaire, poeta, dramaturgo, ensaísta e político da negritude. Além de ser um dos mais importantes poetas surrealistas.

³⁴Frantz Fanon é psiquiatra, intelectual antilhano e militante da independência algeriana na FLN.

2008) é o poeta martinicano, cuja voz forte alça a defesa dos seus compatriotas e a denúncia da exploração do homem pelo homem, torna-se membro do partido Comunista.

Para travar o diálogo com a perspectiva desses autores mencionarei ainda Kabengele Munanga, antropólogo nascido no Congo em 1942, fonte de inspiração para esta tese. Ele, um homem que experimentou uma situação de fronteira, de diáspora e que no Brasil é uma das vozes que discute o racismo, a negritude, enfim as diferentes formas como a sociedade brasileira invisibiliza grande parte de seus cidadãos. Nessa viagem antropoliterária, como já mencionei anteriormente revisito dois territórios, o da antropologia e o da literatura, que se conectam, se interpenetram, se interrogam, se enredam, e, na visão Deleuziana, se enrizomam.

Da literatura fui buscar o *devenir*, no sentido do que ainda não está escrito e precisa ser. É um conceito filosófico que significa as mudanças pelas quais passam as coisas. O conceito de "se tornar" nasceu no leste da Grécia antiga cunhada pelo filósofo Heráclito de Éfeso que no século VI A.C., disse que nada neste mundo é permanente, exceto a mudança e a transformação. Da antropologia fui buscar o porvir no sentido de apresentar o instrumental teórico e metodológico necessário – construção metodológica em torno de um processo, um futuro, uma possibilidade de se construir algo que seja uma resposta social e política ao contexto histórico presente, ao caos afetivo e à violência explícita e simbólica em que mergulharam milhares de pessoas perseguidas por doutrinas racistas dos séculos precedentes.

Nesse caos-mundo a literatura tem um valor civilizatório, porque compõem a subjetividade e a bagagem cultural de um povo. Neste sentido, existe uma dívida histórica da nação brasileira com os africanos e descendentes afro-brasileiros, afinal trata-se de séculos de discriminação e silenciamento do negro no Brasil. A forma como essa discriminação se tornou violenta traduz o racismo estrutural na sociedade brasileira, ou seja, o racismo, enquanto sistema de dominação justifica e legitima a exploração do outro e mantém um estado de profunda desigualdade social, política e econômica. Quando Gonzalez diz que a questão do negro é mais que uma questão econômico-social, argumenta que o racismo é inclusive anterior ao sistema capitalista e, mais, diz como foram criados mecanismos de exclusão do povo negro após a abolição, com a constituição de 1891, proibindo o voto do analfabeto (Gonzalez 2018).

Desse modo o racismo, enquanto instituição impede o acesso a direitos fundamentais, como educação, saúde, uma vida digna. Essas reflexões compõem as preocupações com as quais iniciei essa jornada pela antropologia social. Uma viagem sem dúvida melindrosa, pois dela sei que emergirão conflitos que dizem respeito a como nos vemos e como vemos o outro nessa contemporaneidade. Tenho buscado referências que me ajudem a construir uma opinião autônoma sobre a presença do negro na história e na literatura deste cadinho do Brasil – denominado Amazônias.

Deste modo, como o central na construção do argumento da tese foi trazer a voz do negro para a “escrevivência”³⁵ da literatura amazônica, termo cunhado pela escritora mineira Conceição Evaristo que traduz uma forma de escrever a partir das experiências na vida, do cotidiano, assim, as questões relativas ao protagonismo negro serão fundamentais na composição de uma reflexão sobre os intelectuais negros, escritoras que produziram textos literários nesta Amazônia, que aqui viveram, amaram, trabalharam, lutaram e foram silenciadas. A história da construção do Brasil enquanto nação independente envolve os diferentes discursos e representações que se construíram sobre os povos que aqui habitavam e sobre aqueles que vieram escravizados das nações africanas e, posteriormente, as representações sobre os processos de aproximação e mestiçagem desses povos. Essas representações trazem a marca de estigmas, estereótipos e preconceitos construídos ao longo de mais de três séculos de escravização e genocídio de nações africanas e de povos indígenas, e que são de fato de difícil enfrentamento, como bem denuncia Frantz Fanon³⁶:

Na América, há pretos postos à margem. Na América do Sul, açoitam-se nas ruas e metralham-se os grevistas pretos. Na África ocidental, o preto é um animal. E aqui, mesmo ao meu lado, um colega da Faculdade, originário da Argélia, diz-me: ‘Até fazerem do árabe um homem como nós, nenhuma solução será viável’ (Fanon 2008:106).

³⁵ O termo aponta para uma dupla dimensão: é a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um escreve o mundo que enfrenta (Conceição Evaristo).

³⁶ Fanon é mais conhecido como um revolucionário. Nascido na ilha da Martinica em 20 de julho de 1925, era um homem carismático de grande coragem e brilho, tendo lutado junto às forças de resistência no norte da África e na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, ocasião em que foi por duas vezes condecorado por bravura. Após completar seus estudos em psiquiatria e filosofia na França, dirigiu o Departamento de Psiquiatria do Hospital Blida-Joinville na Argélia (hoje renomeado como Hospital Frantz Fanon) e tornou-se membro da Frente de Libertação Nacional da Argélia, entrando, assim, na lista de cidadãos procurados pela polícia em todo o território francês. Todo o resto de sua vida foi dedicado a esta batalha, enfatizando sua importância na luta para transformar as vidas dos condenados pelas instituições coloniais e racistas do mundo moderno. Fanon morreu de pneumonia em 6 de dezembro de 1961 em Bethesda, estado de Maryland, nos Estados Unidos, enquanto buscava tratamento para a leucemia (Gordon 2008: 12).

Ideias arraigadas, plantadas e pranteadas na origem da construção do Brasil enquanto nação independente. É sem dúvida um desafio pensar as questões sempre viscerais em torno da constituição de nossa identidade, e, ainda, aquelas que configuram o Brasil enquanto nação e narração, ou ainda, a reflexão sobre a literatura, seus significados nos contextos históricos, quais os significados construídos em torno dos nativos e daqueles que para o território inóspito da colônia foram degredados, o que da violência objetiva tornou-se simbólica afinal,

... nas sociedades pós-coloniais, como a nossa, a literatura serve não só para o colonizado encenar o “direito de significar”, mas também “questionar o direito de nomeação que é exercido pelo colonizador sobre o próprio colonizado e seu mundo”. Assim, para os afrobrasileiros, a literatura torna-se um dos lugares de criação, de manutenção e de difusão de memória e identidade; um lugar de transgressão, ao apresentar fatos e interpretações novas a uma história que antes só trazia o ponto de vista do colonizador (Bhabha 1998:321)

Entendendo a literatura enquanto esse lugar da transgressão, pensamos nesse ponto da tese sobre quais as teorias em torno da construção da categoria “negro” na literatura amazônica. É relativamente nova essa discussão aqui na Amazônia, o material escrito sobre o tema ainda é bastante incipiente. Em vistas disso, torna-se tarefa necessária fazer uma etnografia da documentação existente sobre essa presença. Traçar os rastros de gêneros textuais literários presentes na produção escrita das mulheres que compõem um capítulo específico desta tese, discutir os suportes textuais, que no caso das escritoras que conheceremos são principalmente, os jornais e periódicos. Estabelecer um olhar sobre o período histórico, ou seja, imergir na realidade delas fazendo algumas devidas conexões.

Como “*Falar é existir absolutamente para o outro*” (Césaire), e escrever é um ato de insubordinação, o ato de fala de Lélia, traz em suas linhas e entrelinhas uma contundente resposta de *o porquê* devemos falar. Para existir enquanto seres,

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. E justamente a partir da alternativa proposta por Miller, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do **ato de falar** com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (*infans* é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (Gonzalez 1983:225).

Nesse ato de fala, e de estabelecer um diálogo necessário, não de uma criança, mas de alguém que olha para a sociedade e percebe as tramas e os enredos que a constituíram dessa forma, pra desfazer o novelo dessa trama algumas obras estarão mais presentes nessa parte da tese, algumas das quais apresentam um conteúdo mais histórico. Trata-se de uma publicação do senado de 2012 sobre o centenário da abolição e a revista *Thoth, escriba dos deuses- pensamento dos povos africanos e afrodescendentes*³⁷, publicação quadrimestral do mandato do então senador Abdias Nascimento; o livro de Aimé Cesaire – Discurso sobre a negritude e o livro de Frantz Fanon- *Pele Negra, Máscaras Brancas*. O livro do escritor paraense Vicente Salles – *O Negro no Pará sob o regime de escravidão, e alguns trabalhos publicados de Lélia Gonzalez, entre eles Primavera para as rosas negras e Lugar de Negro*.

“*Minha negritude não é nem torre nem catedral*”, para ser admirada como exótica, ao contrário, “*Ela mergulha na carne rubra do solo e na ardente carne do céu*” à imagem impactante e profunda de uma relação com a terra e o ar ele *conclui*: “Minha negritude rompe a prostração opaca de sua justa paciência”. O poema é do martinicano Aimé Cesaire e foi retirada do livro *Cadernos de um regresso ao país natal*, publicado em 1939. O texto mobiliza nossa imaginação em torno de pensar as diferentes formas de resistência ao domínio colonial, experimentadas por autores que vivenciaram de diferentes formas e em diferentes locais as agruras das diásporas e dos processos de colonização. Pensamos com Lélia que há uma variedade de sentidos e concepções em torno do vocábulo negro/negritude, formulados por diferentes áreas do conhecimento, com base em referências antropológicas, históricas e literárias, visando uma elaboração teórica do vocábulo negritude, além de suas implicações sociais, políticas e culturais.

A preocupação com as formas como as identidades são representadas seja na literatura, seja na história, seja no discurso midiático nasceu muito em função das reflexões realizadas no contexto do mestrado em estudos literários e da minha atuação nos campos político, social e sindical. Penso que houve no decorrer dos séculos de colonização uma construção discursiva e, portanto, ideológica em torno do ser humano que habitava essas paragens amazônicas que, de certo modo, nos submeteu e inferiorizou, o que ao longo das últimas quatro décadas vem se modificando, parte pela ação política de pessoas que trazem

³⁷ Nas palavras do autor: “Na longa e antiga luta libertária do povo negro, a projeção de *Thoth* esteve sempre presente, corporificada em Exu, o orixá da contradição dialética, senhor dos caminhos e das encruzilhadas do destino humano.” (Apresentação do n.01).

a lume as discussões sobre as relações raciais, a luta contra o domínio colonial e contra o racismo.

Claro que isso constitui substância para se pensar as Amazônias em suas relações econômicas e sociais e mais, justificar as desigualdades e as injustiças sociais cometidas contra povos ameríndios e povos trazidos de além-atlântico. São cores coloniais que deixaram tons exacerbados de racismo que até hoje em pleno século XXI viceja em diferentes contextos da vida social e que pintaram o ser humano amazônico como “preguiçoso, sem indústria, indolente”.

No início do seu livro *Cultura e Imperialismo*, Edward Said afirma que:

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas. Esse problema alimenta discussões de toda espécie — acerca de influências, responsabilidades e julgamentos, sobre realidades presentes e prioridades futuras (Said 2011:31).

As interrogações de Said são bem propícias ao atual momento, afinal trabalhamos e refletimos sobre diferentes temas sempre na perspectiva de reconstruir um passado que deixou marcas profundas e dolorosas para o negro que aqui habitou e habita e persistem em forma de discursos e violências explícitas e outras veladas, traduzidas num cotidiano de medo e de resistência. Penso que neste aspecto reside a importância de trazer a lume a contribuição negra para a literatura. Quero pensar com Said que “esse passado persiste, mesmo que talvez em outras formas”.

Em 1931 o então estudante senegalês Léopold Sédar Senghor³⁸ fez um empolgante discurso na universidade sobre a necessidade de reconhecimento dos valores específicos de povos africanos e de amar as raízes dessas culturas milenares. Isso abriu os olhos do jovem Césaire e permitiu a ele restabelecer sua autoconfiança. Por essa época,

O termo Negritude ainda não tinha vindo à luz. Mas foi sob a sombra dessa aglutinadora e mágica palavra, aproximados pela luta anticolonialista e antirracista, que Léon-Gontran Damas³⁹, Léopold Sédar Senghor e Aimé

³⁸Nascido no Senegal, Léopold Sédar Senghor foi político e escritor. Governou o país como presidente de 1960 a 1980. Foi entre as duas Guerras Mundiais, juntamente ao poeta antilhano Aimé Césaire, ideólogo do conceito de negritude

³⁹O poeta Léon-Gontran Damas nasceu em 28 de março de 1912, em Caiena, na Guiana Francesa. Seu pai é mestiço africano-europeu; sua mãe, africano-ameríndia.

Césaire se reuniram em concílio político desafiador. Eles firmaram o pacto triunviral que fundou formalmente a Negritude. É certo que, no nascedouro, esse conceito privilegiou o poético e o literário. Eles eram, sobretudo, poetas. Mas, na medida em que eram também negros, transitavam num mundo onde a cor da pele, o fenótipo e a ascendência africana definiam e fixavam a subalternidade racial. Coube a Césaire a articulação, ao longo de três décadas de ação e reflexão, da mais abrangente e radical definição conceitual e pragmática da Negritude. O Marxismo e o Surrealismo, ambos no auge na Europa da época (Césaire se filiará ao Partido Comunista Francês na década de 1940), lhe serviriam também como sustentáculos nos planos conceitual e estético (Moore 2010:14).

São relevantes neste diálogo dois aspectos. Primeiro, a vinculação inicial da questão da negritude à poesia e literatura, o que é perfeitamente aceitável pelo fato de os autores, neste momento, estarem vivenciando uma experiência acadêmica e diaspórica na França e, ainda, porque a poesia enquanto um gênero literário eloquente e de simples compreensão poderia de forma mais contundente traduzir o momento vivenciado. Estamos falando de ascensão de lutas contra o colonialismo, contra o fascismo e regimes totalitários, de onde emergem as identidades até então sufocadas.

Um segundo aspecto desse diálogo é a constatação de que esses autores eram ativistas políticos, e de certo modo produziam uma resistência aos sistemas coloniais, inclusive de onde são deslocados, desse modo Fanon (2008) salienta que na sua fase inicial o movimento da negritude tinha um caráter cultural. “A proposta era negar a política de assimilação à cultura”, desta feita o dilema para os africanos e negros da diáspora, assevera o autor deixou de ser “embranquecer ou desaparecer”. Dizer não ao processo de alienação significava “morrer para a cultura branca a fim de renascer para a alma negra (Sartre)”. Assim passou-se a recuperar e a enaltecer os valores e símbolos culturais de matriz africana.

Nesta perspectiva, na concepção de Césaire, negritude é simplesmente o ato de assumir ser negro e ser consciente de uma identidade, história e cultura específicas. Césaire definiu a negritude em três aspectos: identidade, fidelidade e solidariedade (2010). Nesta perspectiva assumir-se enquanto negro é mais que simplesmente assumir uma identidade, trata-se de pôr-se no mundo numa atitude de encontro, de solidariedade e participação na luta dos oprimidos.

Em o *Discurso sobre negritude*, Carlos Moore⁴⁰ situa as discussões dos intelectuais: Aimé Césaire (Martinica), Frantz Fanon (Martinica), Léopold Sédar Senghor (Senegal) e Léon Gontran Damas, da Guiana. Estabelece o contraponto do pensamento destes autores acerca da negritude e do racismo e denuncia:

A Modernidade teve sua gestação no bojo da maior explosão de violência e horror que a humanidade conheceu até então, consequência da expansão, além-mar, das potências da Europa ocidental. Neste tenso contexto de amplidão planetária, cristalizaram-se as definições sobre o ser humano e se construíram as instituições sociais e políticas modernas. A Modernidade deu lugar às grandes reflexões sobre Cultura e Identidade que continuam a dominar os debates sobre as sociedades (Moore 2010:8).

Esse intenso movimento de intelectuais que movimentou a cena em torno das discussões apontadas por Moore e que teve um importante momento na Primeira Conferência Hemisférica de Povos Negros da Diáspora (Homenagem a Aimé Césaire), que reuniu intelectuais das mais diversas partes do mundo, evento Panafricanista, cujo tema “Negritude, Etnicidade e Culturas Afro nas Américas” reverbera até hoje entre nós. Aconteceu entre os dias 26 a 28 de fevereiro de 1987, em Miami. Participaram próximo de mil pessoas, vindos de vários cantos do planeta entre eles Congo, Senegal, Colômbia, Jamaica, Costa Rica, Brasil, Honduras, Peru, Nicarágua, Panamá, Equador, entre outros. Do Brasil estavam presentes Lélia Gonzalez e Abdias Nascimento (2010: 37).

Fanon (2008) em *Pele negra, máscaras brancas* expõe de forma contundente, avassaladora a realidade do aprisionamento do ser humano em sua epiderme, em sua cor de pele, expresso em: “O mundo branco, o único sério, recusava-me toda a participação. De um homem exigiam uma conduta de homem. De mim, uma conduta de homem preto- ou pelo menos uma conduta de preto. *Eu chamava o mundo e o mundo amputava-me do meu entusiasmo*. Pediam-me que me confinasse, que me retraísse” (Fanon 2008:107).

Uma fala que ecoa como um grito e é isso mesmo que o autor deseja: caminhar sobre as palavras, afinal a palavra é mistificadora, criadora de significados, cortante, “carne

⁴⁰Intelectual cubano de origem jamaicana possui ambas as nacionalidades. Carlos Moore é escritor, pesquisador e cientista social, dedicado ao registro da história e da cultura negra. Vivenciou toda a problemática do racismo em Cuba, exilando-se em 1963, após grandes divergências com o governo de seu país. Morou no Egito, na França e foi viver com sua família na África. Foi Professor Titular do Instituto de Relações Internacionais da Universidade do Caribe, em Trinidad Tobago. Atualmente, radicado na Bahia é autor de *Esta puta vida, Castro: os negros e a África, A presença Africana nas Américas, Racismo e Sociedade*; dentre outras importantes publicações. (Disponível em: Lélia Gonzalez, o feminismo negro no palco da história (projetomemoria.art.br).

trepidante” como quis Césaire. E por isso mesma criadora de representações que marcaram e marcam os afrodescendentes. Fanon analisa o racismo como um fenômeno singular, que não pode ser subsumido simplesmente na luta de classes, ou seja, extrapola os muros das concepções marxistas. Ao negro foi negada *a humanidade, sua essência humana*; uma desapropriação ontológica pautada na concepção de raça. Em *Pele Negra, máscaras brancas fica* explicitada toda dor da experiência histórica da escravidão negra, que por isso “construiu um imaginário social completamente desfavorável ao corpo negro, às feições do negro e às suas culturas” aponta Moore (2010:25).

As questões em torno da luta contra o racismo e do colonialismo mobilizadas por intelectuais das diásporas caribenhas e africanas ecoaram em terras brasileiras e influenciaram o pensamento de escritores, ativistas políticos de diferentes áreas do conhecimento. É assim que no Brasil, por ocasião do centenário da abolição foi relançado o documento “A abolição no parlamento: 65 anos de luta (1823-1888) ” que traz algumas referências históricas importantes sobre o processo de resistência e abolição dos negros no Brasil. Começo com este texto por ter claro que todas as informações e representações gestadas e emitidas pelo discurso oficial e não oficial sobre a negritude tem sua origem nesses documentos da oficialidade brasileira e em registros de viajantes que por estas paragens fizeram pouso.

Dados desse documento apontam que, no século XVI, eram 15 mil o número de negros na colônia, em dois séculos saltou para mais de dois milhões, o que nas palavras de Celso Furtado, citado por Nascimento, significava que para o capital era mais fácil repor as “peças”, como eram tratados os negros escravizados, do que gastar com “Taxas de manutenção”, ou seja, a perversidade das ideias colonizadoras e do sistema escravista condenou à morte milhares de seres humanos trazidos das nações africanas. Segundo esse mesmo documento, durante todo o século XIX houve resistência à escravização indígena.

Trata-se da terceira fase pós-escravidão, ou período de descolonização, que se estende no caso do Brasil desde a abolição, até as formas modernas de racismo e de representação do negro nas periferias urbanas até os ganhos institucionais e sociais via programas – de inclusão? Políticas afirmativas e autorreconhecimento, tudo em meio à ilusão de vivenciarmos uma democracia racial.

As questões em torno da racialização no Brasil tem o pé centrado na colonização e nas suas formas de controle e violência contra os desterrados, desterritorializados. Afinal a primeira providência dos colonizadores foi apagar a memória do pertencimento dos seres humanos capturados nas terras de África, o nome dado ao escravizado dependia do porto em que embarcavam que comumente era longe do local de captura. Trata-se de fraturar a memória ou apagá-la de maneira que a dominação ocorra sem maiores impedimentos. Gonzalez ao explicar sua concepção, opõe os dois termos e entende como consciência “o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente”. Em contrapartida, para ela a memória:

...a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioulada, a gente saca que a consciência faz tudo prá nossa história ser esquecida, tirada de cena (Gonzalez 2018:194).

Gonzalez reflete sobre como a memória pode restabelecer os fios que nos conectam com outras formas de ser e viver em sociedade, a memória inclui o que a consciência colonial apagou. Sobre essa discussão Munanga por sua vez defende que “a consciência histórica, pelo sentimento de coesão que cria, constitui uma relação de segurança mais sólida para cada povo”. E acrescenta que nas sociedades colonizadas,

Negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica. E, como o ser humano toma sempre o cuidado de justificar sua conduta, a condição social do negro no mundo moderno criará uma literatura descritiva dos seus pretendidos caracteres menores. O espírito de muitas gerações européias foi progressivamente alterado. A opinião ocidental cristalizara-se e admitia de antemão a verdade revelada negro = humanidade inferior. À colonização apresentada como um dever, invocando a missão civilizadora do Ocidente, competia a responsabilidade de levar o africano ao nível dos outros homens. No máximo, foram reconhecidos nele os dons artísticos ligados à sua sensibilidade de animal superior. Tal clima de alienação atingirá profundamente o negro, em particular o instruído, que tem assim ocasião de perceber a idéia que o mundo ocidental fazia dele e de seu povo. Na seqüência, perde a confiança em suas possibilidades e nas de sua raça, e assume os preconceitos criados contra ele. É nesse contexto que nasce a negritude (Munanga 1988:7)

Munanga, assim como Fanon agrega uma substancial discussão que avança no sentido de pensarmos como as sociedades pós-coloniais enfrentam as questões em torno da raça e da constituição de um ser negro, à missão civilizadora agregou-se a violência física, moral, e a violência simbólica. No Brasil, trata-se de uma longa e dolorosa história de mais de três séculos que marcou na epiderme de seres humanos o estigma da inferioridade, de uma condição selvagem gestada no ventre da ideologia de dominação branca. Abdias Nascimento pondera que por volta de 1900/1910 a imprensa negra, em meio às celebrações da chamada abolição,

Vocalizava os clamores da população de ascendência africana, atirada do peso da escravidão à agressão da discriminação racial urbana e à situação de pária no campo, os supostos novos cidadãos e cidadãs tinham nesses periódicos de vida curta e tiragens minguadas os únicos meios para articular suas queixas, protestos e reivindicações. Imprensa frágil e valente, que merece todo o nosso respeito e gratidão, desempenhou um papel histórico fundamental em nossa luta coletiva por liberdade, respeito e cidadania (Nascimento 1997:9).

Esse texto faz parte da revista do mandato do então senador Abdias Nascimento lançada em abril de 1997, de tiragem quadrimestral e intitulada *Thoth- escriba dos deuses*. À página 12 do primeiro número ele faz um comentário sobre as produções que tratavam do negro e explica:

Em determinado momento dessa trajetória jornalística, também fui responsável por duas dessas publicações carentes e esporádicas: entre 1949 e 1950, auxiliado pelo sociólogo Guerreiro Ramos, mantive circulando, no Rio de Janeiro, o periódico *Quilombo*, órgão do Teatro Experimental do Negro, centrado nos “problemas e aspirações do negro brasileiro”; mais tarde, junto com a professora Elisa Larkin Nascimento, editamos *Afrodíspora*, uma revista dedicada ao “mundo negro-africano”. Tentativas absolutamente temerárias, que sabíamos destinadas ao malogro, mas que atendiam ao apelo - articulado ou implícito - de uma vanguarda militante disposta aos riscos e até ao desafio de uma aventura (Nascimento 1997:12).

Abdias remete-se a uma história contada graças à publicação parlamentar que manteve por seis números. Neste mesmo número da revista menciona o “Primeiro Festival Mundial das Artes Negras” realizado em Dacar em 1966: “Com a conquista da independência do Senegal, Dacar havia se tornado a capital da *Négritude*, movimento político-estético protagonizado pelos poetas antilhanos Aimée Césaire e Léon Damas e pelo presidente do Senegal, poeta Léopold Senghor”. Segundo Marcos Bagno,

Para Damas, a Negritude é “a tomada de consciência de um estado de coisas que se caracteriza por três elementos: a colonização, a assimilação,

uma vontade de integração humana”. Embora sempre mencionado com um dos três “pais fundadores” do movimento, Damas acabou por ficar marginalizado e hoje goza de uma posteridade menos brilhante que a dos outros companheiros. Talvez porque sua carreira política não tenha sido tão prestigiosa quanto a do deputado-prefeito Césaire ou do presidente Senghor (Bagnó s/d: .201).

Em 1998, Abdias faz uma avaliação de sua atuação parlamentar , assim como aponta avanços nas políticas voltadas para o negro:

Nos sete projetos de lei que apresentei, bem como nos quase sessenta discursos que proferi, procurei refletir os anseios e aspirações dos afro-brasileiros, tal como expressos na plataforma do movimento negro. Aperfeiçoar a legislação antidiscriminatória, ampliar os recursos jurídicos das vítimas de ofensas raciais, enriquecer os currículos escolares com a história dos africanos na África e na diáspora, estabelecer medidas compensatórias capazes de garantir a igualdade de oportunidades – esses foram os temas em que busquei concentrar minha atuação, na certeza de constituírem a espinha dorsal na solução da questão racial em nosso País. (Nascimento 1998:13)

Na Amazônia, Vicente Salles, reconhecido intelectual paraense mostra em sua obra a participação incontestável do negro na formação social e política da Amazônia. Registra em seu livro *O negro no Pará sob o regime de escravidão (2005)* dados estatísticos do aporte de negros na Amazônia, das difíceis relações comerciais entre Pará e Maranhão e em determinado momento como o exímio contador benjaminiano, passa a narrar a história de um senhor Calixto, morador do Rio Capim que trata “realmente seus escravos, como se eles fossem verdadeiramente umas crianças,” (2005:148), o que faz lembrar como Fanon ao longo de sua análise sobre a forma como os senhores brancos falavam com seus escravos, aponta que eles se referiam ao negro com uma linguagem infantilizada, justificada da seguinte forma: “eu conheço os negros; é preciso dirigirmo-nos a eles amavelmente, falar-lhes de sua terra (terra de onde foram brutalmente arrancados) ; a questão é saber falar-lhes. Quero dizer: um branco ao falar a um preto comporta-se exatamente como um adulto com uma criança” (Fanon 2008:61). Gonzalez (2018) reitera essa concepção quando discute como o branco infantiliza o negro, buscando tirar-lhe o direito de fala própria, isso vai aparecer muito na literatura produzida no século XIX. Florestan Fernandes (1969) apud Brookshaw (1983) analisa esta questão como uma evidência de identificação que denomina de “ideais democráticos da personalidade”, ou seja, “Quanto mais o negro e o mulato identificam-se com os ideais democráticos de personalidade ligada à imagem do cidadão e

aos direitos básicos do indivíduo, mais eles são mal compreendidos, julgados etnocentricamente e depreciados” (*apud* Brookshaw 1983:11).

Vicente Salles “além de um inventário histórico acerca das chegadas de africanos à Amazônia, à luz das provas que pode compulsar nos arquivos e na pobre bibliografia existente (...) há a análise muito serena do que representou, etnicamente, o negro na elaboração da sociedade regional” (Reis s/p). É uma voz histórica importante para se pensar a presença e a voz negra neste território. No capítulo do livro que diz respeito à construção de alguns estereótipos e afins, Salles (2005), afirma:

A literatura regional não oferece muitos subsídios ao estudo da interação social do negro. Também poucos trabalhos poderão ser levados em conta, quando se pretende conhecer a presença do negro no Pará. Encontramos frequentemente enfoques distorcidos e de tal forma evitados de preconceitos que tornam difícil a inclusão numa bibliografia especializada (Salles 2005: 114).

Evidenciamos estes estereótipos na literatura de vários autores na Amazônia, são representações literárias e históricas que concorreram para criar uma relação tensa e conflituosa entre brancos e negros e que em pleno século XXI estão mais acesas do que nunca. O debate está posto. Na contemporaneidade, em meio a essa dialética da colonização ficam explícitas as marcas da violência simbólica, vivida na carne por negros que buscam se afirmar e construir espaços de resistência, que são culturais, musicais, sociais e, portanto, políticos.

A partir das leituras realizadas para este breve apanhado acerca do pensamento e da atuação política e principalmente, da produção literária desses intelectuais buscamos perceber o enfrentamento que eles fazem ao contexto, é assim que Aimé Césaire traz para nós uma reflexão importante para se pensar a negritude, ele diz: “A Negritude é um dos mais revolucionários conceitos de luta social surgidos no Mundo Negro contemporâneo, tanto na definição dos contornos culturais, políticos e psicológicos da descolonização, como na determinação dos parâmetros na luta contra o racismo.” Quero ficar com esse conceito para pensar que a apropriação de uma forma de resistência é de fundamental importância para os movimentos de ação negra, buscando tirar do silenciamento ou apagamento, a história de autoras e autores que em meio às adversidades do sistema colonial escravista e da posterior política racista, resistiram e criaram formas de se expressar, caso do Teatro Experimental do Negro (TEN) de Abdias. Quero ainda pensar com Gonzalez (2018) sobre o

caráter do “discurso emocional” atribuído aos negros, o que nos leva a pensar que a emoção e a subjetividade que são bem marcas do discurso literário implicariam a uma renúncia à razão, ao contrário diz Lélia, seria uma “outra razão”, mais concreta, mais humana.

No Brasil, a discussão atual sobre as questões em torno da negritude e da presença africana na constituição do povo brasileiro gira em torno de dois posicionamentos, segundo Alex Ratts (2006) equivocadas e extremas, uma primeira aponta que “nunca adotamos regimes legais de segregação racial, como nos Estados Unidos ou na África do Sul, afirmam que não somos racistas. Subestimam a persistência e a importância das formas dissimuladas de preconceito e discriminação econômica, cultural e política contra os segmentos negros e pardos de nossa população” (2006:8). A segunda posição por sua vez,

[...] insistindo nessas formas encobertas de discriminação e na condição subalterna da maioria da população negra e parda, tendem a converter a oposição entre brancos e negros no conflito principal de nossa sociedade, não o relacionando adequadamente com as condições de classe e de gênero, por exemplo. Alimentam, mesmo que involuntariamente, o perigo de que nosso patrimônio cultural compartilhado seja negligenciado e nossa identidade comum como brasileiros, fragmentada na justaposição forçada de afrodescendentes, euro-descendentes, nipo-descendentes, e assim por diante (Ratts 2006:8).

As questões postas por Ratts neste trabalho problematizam as formas de relacionamento entre os diferentes segmentos da sociedade brasileira, cujas ações podem tomar dois rumos que de toda forma são inquietantes, alguns simplesmente negam o racismo, a discriminação histórica, evidenciadas nas condições sociais e de dignidade humana negadas aos negros, que comumente habitam as periferias dos grandes centros urbanos. Esse posicionamento se pauta na ideologia da democracia racial no Brasil, cuja base teórica está exposta na análise do sociólogo Gilberto Freyre, “segundo a qual o homem português teria mostrado uma forma específica de interação com a população autóctone, criando uma tendência natural de interpenetração de etnias e culturas, o que aproximaria o Brasil do conceito de democracia racial” (Villen 2013:84). Vários autores fizeram contrapontos à teoria de Freyre, entre eles o sociólogo Renato Ortiz que segundo Villen (2013):

...demonstra como o discurso das Ciências Sociais brasileiras da época se apropriou das categorias racistas de pensamento da produção teórica europeia, em particular do social-darwinismo, do evolucionismo de Spencer e do positivismo de Comte, tendo como ponto de partida essa continuidade

lógico-teórica, o *negro* e o *índio* apareciam fundamentalmente como obstáculos da civilização, sendo o ideal de ‘embranquecimento’ da sociedade brasileira –apoiado então pelas políticas de incentivo do fluxo migratório europeu ao Brasil- o elemento base de configuração do pensamento das Ciências Sociais à época (Villen 2013: 86).

E, ainda a afirmação de uma “ideologia da harmonia racial” como condição para uma sociedade mestiça equilibrada, o que durante um tempo histórico buscou justificar a dominação, apaziguar e enfraquecer o poder de reação dos setores da população brasileira identificados com as questões da negritude, com base no fundamento dessa ideologia – que era embranquecer a sociedade. Por outro lado, outros evidenciam como conflito central a oposição negro x branco, sem olhar as condições de classe e relações de gênero, por exemplo. São questões que devem ser enfrentadas e tenho muita clareza de quanto a literatura em suas diferentes formas, gêneros e suportes pode contribuir para essa reflexão.

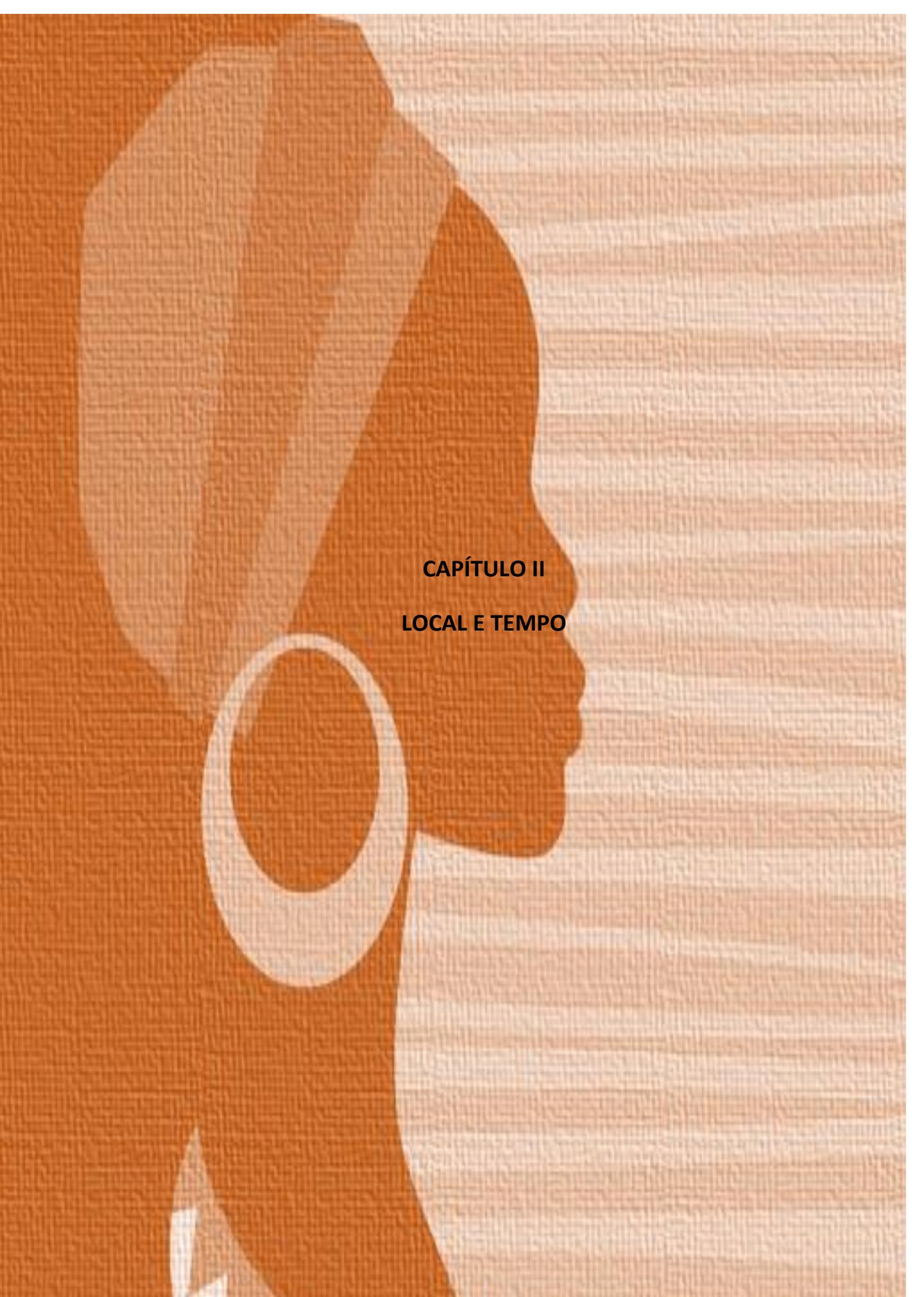
Por fim Achille Mbembe (2014) intelectual contemporâneo faz uma importante crítica ao que ele chama de razão negra, em sua obra ele discute inicialmente as questões em torno das designações-“Negro e raça” e argumenta que “tem significado para os imaginários das sociedades européias a mesma coisa – designações primárias, pesadas, perturbadoras e desequilibradas, símbolos de intensidade crua e de repulsa- a sua aparição no saber e no discurso moderno sobre o homem e como consequência sobre o humanismo e a Humanidade)” (Mbembe 2014:10) produziram uma espécie de delírio da modernidade – segundo o autor “um e outro representam duas figuras gêmeas do delírio que a modernidade produziu” (Id:12). Como se explicaria essa alegoria criada por Mbembe? Negro e raça- Ele responde que essa associação se deve a duas manifestações: Primeiro. “Deve-se ao fato de o Negro ser aquele que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender”. Segundo: “ninguém, nem aqueles que o inventaram nem os que foram englobados neste nome, desejaria ser negro ou, na prática ser tratado como tal” (Mbembe 2014:12). Trata-se de digressões teóricas muito sérias e penso que dessa associação surgiram todas as formas de discriminação e mais a base do racismo estrutural que fomentou e fomenta no Brasil situações de violências em todas as suas dimensões- física, simbólica, institucional e que se estenderam por todas as formas de conhecimento, e que se constituiu enquanto genocídio do negro brasileiro (Nascimento 2016).

Tiburi (2017) em sua resenha sobre o livro de Mbembe, aponta que “A história do racismo é a história do capitalismo, uma história de submissão dos corpos, de uso e abuso dos seres nele capturados, por meio de operações eminentemente teóricas e discursivas, com efeitos perversos na prática”. Assim ela discorre sobre o que Mbembe chamou de “delírio da modernidade”

Hoje, aqueles que se autoafirmam a partir da raça, como Negros, sabem que usam um nome que não deram a si mesmos. Muitos tentam fazer o melhor uso possível, um uso político de uma identidade, em princípio, alienada. Resignificam um nome forjado contra eles, um nome que foi criado com o objetivo de promover um necessário empobrecimento ontológico para os fins do capitalismo sustentado justamente na humilhação daqueles que são usados por ele. O sujeito humilhado, reduzido ao “calabouço da aparência”, sujeitado à “falsificação de si pelo outro” não confronta os donos do poder do capital.

Pessoas e grupos marcados como Negros, assim como mulheres, índios e outras minorias políticas atuam hoje por meio de uma “contramarcacão” na intenção de confrontar o poder sustentado na lógica de aviltamento da qual a lógica da raça é um dos elementos mais importantes. Em nome desse dispositivo capitalista foram perpetrados crimes, catástrofes e carnificinas: a escravatura, a colonização e o apartheid são suas provas históricas.

Fazer uso político de sua identidade frente a uma máquina capitalista que captura e destrói sonhos e perspectivas é um pouco do que hoje no Brasil fazem os movimentos sociais. A lógica racial que aprisionou seres humanos em sua epiderme e concorreu para mais de três séculos de tortura física e psicológica vem aos poucos sendo posta em xeque.

A stylized, high-contrast illustration of a woman's head in profile, facing right. The head is rendered in a dark brown color, while the background is a lighter, textured brown. The woman has large, white, oval-shaped hoop earrings. The overall style is minimalist and graphic.

CAPÍTULO II
LOCAL E TEMPO

2. AMAZÔNIAS: EDENIZAÇÃO E RACIALIZAÇÃO

2.1. A Representação Científica e Literária das Amazônias⁴¹ e suas gentes

O que mudou nas relações entre os humanos com a globalização e a introdução de novas tecnologias nos cotidianos de milhares de pessoas? Algumas notícias veiculadas nos jornais e nas redes sociais nos dão a perfeita medida da completa desumanidade em que estamos mergulhando. O discurso da civilização ou barbárie deve ser modificado para civilização e barbárie. O ataque frontal às pessoas autoidentificadas como negras e indígenas estão exacerbando e saindo do controle. As questões em torno das diferenças raciais e étnicas estão na pauta das discussões em todos os setores sociais, seja na educação, na história, na mídia, enfim por meio de todos os mecanismos de distribuição ou controle do poder.

Penso que se tornou recorrente na modernidade e também agora e muito mais agora a preocupação com o que o outro pensa sobre nós, as opiniões que outra pessoa tem sobre o que fazemos ou sobre o que dizemos ficou mais latente. Há certa paranóia social que busca afirmar uma identidade, um “eu” que foi fragmentado pela modernidade que compreende a necessidade de se manter múltiplo, mas também se quer uno. Sem igual. Único. Mas que tenta organizar-se como se fôssemos parte de um grande mosaico quebrado em algum momento do intermédio entre a modernidade e essa época tão tecnologizada e fugaz. Alteridade ou outridade tornaram-se pano de fundo dessa metáfora que ora traço.

Parece-me que a apreensão do outro sobre nós, e de forma mais ampla as representações etnografadas em narrativas e crônicas de estrangeiros e não estrangeiros compõem a substância da relação antropologia/literatura e me guiaram a observar em vários autores e inventariar, assim mesmo, como método do evolucionismo- as referências a classificação, ou a representação que estes autores tecem sobre a Amazônia- território e sua gente, seus povos que habitavam esses rincões na tenra idade do final do século XIX e início do XX. Essas representações literárias que escritores brasileiros e estrangeiros estabeleceram sobre a Amazônia e seus viventes coincidem com a ascensão de teorias racistas e deterministas no campo científico e, especialmente, na recém-criada antropologia.

⁴¹ Falamos de muitas Amazônias, diversa em suas cores e povos

Amazônia de gentes, flora e fauna, foram para os exploradores um mundo a ser descoberto e devassado. Diferentes percepções sobre esta vastidão de verdes e águas foram construídas e referenciadas na literatura brasileira seja dos grandes poetas e escritores, seja na literatura científica. A pergunta fica: afinal essa construção da imagem sobre a Amazônia e seus habituais permanece? O que permanece destas representações? A antropologia será a chave para entender e interpretar a forma como estudiosos escritores se reportaram à Amazônia e seus dilemas, passando por seus filhos bem-amados, cantados em verso, prosa e discriminação racial, social e também de gênero. E essencialmente a teoria que em fins do século XIX influenciou as concepções de estudiosos, cientistas e literatos, inclusive nas colônias, caso do Brasil e Amazônia, em particular.

De paraíso a inferno, de selvagem a exótico, afinal quais caminhos foram percorridos para que sobre os povos que viviam neste território se construíssem diferentes visões marcadas por preconceitos e estereótipos? E eles são frutos de que perspectiva científica, de quais concepções? Inventariar e dialogar como os autores do século XIX se reportavam em suas literaturas aos princípios da eugenia, como ali já existia a ideia de uma supremacia de raça acerca do habitante do “inferno verde⁴²”.

A investigação do preconceito, entre eles, os ligados à raça, deve ser uma orientação e um pressuposto para gerar novas formas e novos conhecimentos para tratar com o outro o nosso avesso. Aqui uma interpretação que faço de Guimarães Rosa quando em “Grande sertão veredas” o seu narrador Riobaldo compartilha com o seu interlocutor sobre o ser ambíguo: “explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos” (Rosa 2001:26). Para mim esse homem é o espelho de uma identidade quebrada, partida, minorizada, que busca se recompor nesta contemporaneidade.

Deste modo, interessa perguntar como as questões em torno do evolucionismo, especialmente as concepções que foram incorporadas ao que chamaríamos de um discurso literário produziram uma visão dessa região, para entender como a escrita literária expõe e afirma as concepções que vão desde o evolucionismo biológico até o determinismo

⁴² Expressão cunhada por Alberto Rangel (1871-1945).

ambiental, faremos um percurso que passara pela história da antropologia e a corrente evolucionista e suas vertentes teóricas, para depois seguirmos para a escrita literário-histórica de três autores, fazendo o enlace e diálogo das narrativas literárias com a perspectiva teórica. São eles José Veríssimo, Euclides da Cunha e Alberto Rangel (1871-1945).

Quando os conquistadores e exploradores aportaram neste mundo de águas e florestas, espécimes não conhecidos e fauna viçosa passaram a traduzir a beleza do que viam e experimentavam em relatos e crônicas de viagem que muitas vezes se reportam a um paraíso terrestre, a experimentação de um novo clima e a exuberante natureza enchiam mentes e corações de desejos de cobiça e de posse, afinal poderiam ter encontrado o tão procurado Eldorado. Possivelmente, isso também explica a nova ênfase da antropologia, inicialmente interessada nos sistemas políticos e societários das chamadas sociedades “primitivas” da África e da Ásia, neste momento passa a olhar para os indígenas das Américas, como bem aponta Schwarcz:

Talvez essa nossa história das diferenças comece mesmo com a descoberta do Novo Mundo, quando ocorre um deslocamento do paraíso terrestre da Ásia e da África para a América. Em uma época em que era bem melhor ouvir do que ver, a curiosidade renascentista voltava-se para esse local da grande flora e da fauna exótica, mas acima de tudo para essas novas gentes, tão estranhas em seus costumes e civilização. Com relação a natureza, a tendência geral apontava para uma certa **edenização**, marcada pela fertilidade do solo, do equilíbrio do clima e da força da vegetação. Por meio da natureza revivia-se a imagem do paraíso terrestre há tanto tempo perdido (Schwarcz 1996: 79, grifo meu).

O interesse de aventureiros, cronistas, missionários e cientistas pelo mundo recém-descoberto sofre uma maior motivação a partir do século XIX, possivelmente pela maior facilidade de deslocamento em função da navegabilidade. É nesse período que passam pela Amazônia o casal Agassiz, numa viagem que dura de 1865 a 1866, inventariando, coletando, descrevendo e classificando uma imensa quantidade de animais e flora. Uma observação arguta que traça muito bem uma representação sobre esse paraíso. Em *Viagem ao Brasil* o cientista fica perplexo diante do Rio Amazonas: “Este rio não parece um rio; a corrente geral, neste mar de água doce, é dificilmente perceptível à vista e mais se parece com as vagas dum oceano do que com o movimento dum curso d’água mediterrâneo” (Agassiz 1938:203).

A edenização do espaço natural e dos elementos sinestésicos que o compõem citado por Schwarcz, como por exemplo, os rios, a vegetação, parece bem patente na narrativa de *Viagem ao Brasil*:

De canôa, pela floresta – Quando, depois de nos despedirmos, embarcamos na canoa, pensávamos que iríamos simplesmente atravessar o curso d'água, mas o índio virou a proa da sua ligeira embarcação no sentido da corrente, e afundou-se na floresta. Jamais esquecerei este passeio, tanto mais encantador quanto menos previsto, sobre a estreita trilha líquida, na sombra quase negra, sob os arcos espessos dos cipós que o cobrem com suas abóbadas. E, entretanto, o dia não estava escuro: **fora, o sol poente tingia o céu de ouro e púrpura, e os seus derradeiros raios, vindo quebrarem-se por entre as espessas ramagens, acendiam quentes clarões no interior da floresta.** Não esquecerei também a amável acolhida do nosso amigo índio, nem a sua figura risonha quando nos escapava alguma exclamação de prazer diante da cena tão bela de que nos tinha proporcionado a surpresa. O pequeno canal, depois de uma última volta, desembocou no rio, e nós nos encontramos a algumas braças do embarcadouro em que estava fundeado o nosso navio (Agassiz 1938: 214, grifo meu).

As narrativas desses exploradores tornaram-se fonte de pesquisa para se pensar e compreender as sociedades colonizadas, caso do Brasil. Tal essa importância, que a editora do senado brasileiro organizou uma coleção intitulada “O Brasil visto por estrangeiros” que trazem, entre outros, os seguintes títulos: *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale depuis la côte de la mer du Sud jusqu'aux côtes du Brésil et de la Guyane, en descendant la rivière des Amazones, lue à l'assemblée publique de l'Académie des sciences, le 28 avril 1745 (1745)*; *Brasil: Amazonas–Xingu* – Príncipe Adalberto da Prússia (1811-1873); *Viagem ao Brasil nos Anos de 1815 a 1817* – Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied; *O Rio de Janeiro como é (1824–1826)*– C. Schlichthorst; *Reminiscências de Viagens e Permanência* – Daniel P. Kidder; *Viagem ao Brasil (1865-1866)* – Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz; *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* – Richard Burton; *Dez Anos no Brasil* – Carl Seidler.

A escrita desses cientistas e cronistas influenciou historiadores e escritores brasileiros que buscavam na segunda metade do século XIX e início do século XX entender a conformação da sociedade brasileira em seus diferentes aspectos, seja sua composição racial, linguística, social e política. É deste cenário-mundo que emergem as obras literárias de José Veríssimo, Alberto Rangel e Euclides da Cunha. Algumas questões precisam ser ponderadas sobre as obras literárias com as quais se faz este diálogo. Uma delas é o

momento histórico de produção. São trabalhos escritos entre 1886 (Cenas Amazônicas), 1908 (Inferno verde) e 1910 (À margem da história), esta última, obra de certo modo uma crítica aberta a como vinham se dando as questões sociais e políticas na colônia e em especial, na Amazônia.

Estamos falando assim de quase um século após a independência, em que o contexto amazônico esteve marcado pelo auge e decadência da exploração da borracha, o que influencia sobremaneira a percepção e a escrita dos três autores. Pode-se ressaltar que na perspectiva das sociabilidades que se dão neste momento e que são representadas nas obras, entre elas a pesca do pirarucu e as organizações em torno deste evento ao longo do rio em Veríssimo, a chegadas dos catolés (nordestinos) na Amazônia no período de extração da borracha que aparece em Rangel, por exemplos. Samuel Benchimol (2009) não economiza em qualificativos- em sua maioria depreciativos- dos povos e etnias que constituem a formação social da Amazônia neste período:

A indianidade, bravia e rebelde foi subjugada a ferro e fogo pelas tropas de resgate, pelos colonos e missionários a serviço da fé e do Império. Esse encontro de cama, mesa, raça e alcova resultaram na curuminzada dos caboclos e dos cholos. Essa indianidade e caboclitudo foi sendo, posteriormente, caldeada e convivida pela africanidade no litoral e nas minas cuiabanas, para depois ser cearencizada com a chegada dos valentes e “brabos” nordestinos cabeças-chata, que, a partir de 1850, durante o ciclo da borracha ocuparam os vales e afluentes meridionais da bacia (Benchimol 2009: 13-14)

Duas observações: O relato desse encontro na “cama, mesa, alcova” parece naturalizar um processo que se deu com bastante fricção e dor, de extrema violência, principalmente para os povos indígenas que aqui habitavam e para os africanos trazidos a força pelo regime escravista. E como esses encontros, conflitos e confrontos tornaram-se ficção? Para incursionar e entender um pouco desse espaço social, político e econômico trazemos para a cena três literatos. O paraense José Veríssimo Dias de Matos (1857- 1916)⁴³ nasceu na localidade de Óbidos. Alberto do Rego Rangel (1871-1945), nasceu em Recife,

⁴³ Paraense nascido em Óbidos no ano de 1857, escritor, educador, jornalista e estudioso da literatura brasileira, membro e principal idealizador da Academia Brasileira de Letras, onde tomou assento na cadeira de número 18. Dados biográficos dos autores retiradas das seguintes fontes: José Verissimo: <http://www.academia.org.br/academicos/jose-verissimo/biografia>; Euclides da Cunha: disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/euclides-da-cunha/biografia> e Alberto Rangel. Biografia disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/arangel.html>.

Pernambuco. Formou-se em Engenharia pela Escola Militar do Rio de Janeiro, em 1899. Faleceu já próximo da segunda guerra em 1945. Euclides Rodrigues da Cunha (1866-1909) nasceu em Cantagalo, Rio de Janeiro. Morreu bem jovem aos 43 anos, foi engenheiro e militar.

As escritas dos três autores tecem representações sobre a Amazônia e nos levam a pensar sobre o valor antropológico da literatura do século XIX como já comentado no capítulo anterior. Neste sentido há uma imbricação incontestável entre as duas escritas e isso fica evidente nas marcas textuais e na forma como os respectivos autores vão engendrando as suas escritas do espaço, as descrições densas, e o lugar dos seres humanos, bem como as representações dos habitantes desse espaço verde, onde entram em conflitos valores, interesses econômicos, perspectivas políticas. Para entender a imbricação entre a literatura e concepções científicas em voga nesta época, faremos um olhar sobre essas concepções.

2.1.1. Positivismo, evolucionismo e suas margens

A preocupação com a origem da humanidade e principalmente em explicar a sua diversidade levou os cientistas e estudiosos de diferentes áreas do conhecimento a desenvolverem hipóteses e pesquisas visando alumiar essas questões. É o momento de tentativa de afirmação de uma ciência, a antropologia frente à filosofia e à religião, numa disputa acerca das questões em torno da humanidade e seus dilemas. Nesse intuito é que se explica o desenvolvimento de ciências como a antropologia, a etnologia, a arqueologia, que buscavam cada uma com instrumental próprio explicar a presença dos homens e a sua trajetória sobre a terra.

De acordo com Boivin (2004) atualmente há duas formas de conceber o trabalho antropológico. A primeira diz respeito ao seu objeto e é definida como o estudo da alteridade cultural ou da diversidade cultural. A segunda definição tem a ver com os seus métodos e sustenta que a particularidade da antropologia está na forma como coletamos e analisamos os dados, ou seja, a observação participante. O autor argumenta, no entanto, que esses elementos tomados em separado não definem uma ciência e para entender o que faz um antropólogo é necessário primeiro, considerar o contexto histórico e social em que se desenvolve a antropologia. Segundo, considerar os diferentes momentos e espaços em que se desenvolve a antropologia, diferenciando suas técnicas e ênfases.

Neste sentido esse autor estabelece três momentos históricos: 1) final do século XIX, o evolucionismo com ênfase nas diferenças culturais e usando como método a comparação; 2) O entre-guerras, o funcionalismo/estruturalismo com ênfase na diversidade cultural com o uso do método indutivo e da observação participante, e finalmente, 3) O período pós–segunda guerra, o estruturalismo com o neomarxismo com ênfase na diversidade/desigualdade cultural e com base no método comparativismo/relativismo (dedução) (Boivin 2004: 7).

Assim, o evolucionismo foi a primeira grande teoria que dominou o discurso antropológico em fins do século XIX, e buscou explicar, cientificamente, a alteridade cultural, mas "construiu" o seu objeto a partir da "diferença cultural", o "outro" como diferente de "nós" (Boivin 2004). Portanto, é o momento de formalização da antropologia enquanto ciência, como bem aponta o autor:

A fines del siglo XIX, la Antropología se formalizó como ciencia. Fue un momento en el cual el conocimiento del mundo, de la existencia de modos de vida diferentes, se hizo más patente por los cambios ocurridos en Europa y por la expansión de Occidente. Por una parte, la revolución industrial –como producto de cambios tecnológicos importantes– generó nuevas diferencias: de clase, nacionales, étnicas y “problemas” que con el tiempo fueron denominándose sociales”. La cuestión fundamental de las ciencias sociales fue la de explicar esos cambios que se producían en el mundo europeo (Boivin 2004:8).

Concorreram para esse status, as mudanças em nível do capitalismo recente na Inglaterra. Com as inovações tecnológicas advindas da Revolução Industrial que se davam desde meados do século XIX, os países europeus puderam expandir-se em grandes viagens para terras distantes, onde novas etnias, novos povos foram contactados e conquistados, quando não exterminados. Assim, “O novo encontro dos europeus com outras culturas diferentes deu origem ao que seria a pergunta fundadora da Antropologia: por que esses homens são distintos?” (Boivin 2004:8). Tornou-se fundamental às ciências responderem a esta questão, num contexto onde questões sociais, existenciais, políticas foram surgindo, exigindo repensar o aporte teórico do evolucionismo, afinal existia uma diversidade cultural e étnica que precisava ser considerada.

Para Feldman- Bianco (1987) essa diversidade de interesses de pesquisa acarretou:

[...] inicialmente questionamentos sobre a própria especificidade da Antropologia. No século XIX, antropólogos se propuseram a explicar — a

partir de teorias difusionistas e evolucionistas — as origens e o desenvolvimento da humanidade. Mas a sua institucionalização, enquanto disciplina, ocorreu nas primeiras décadas deste século, com o estudo empírico do "homem primitivo" e da "cultura primitiva". Contestando e distanciando-se das grandes generalizações teóricas, antropólogos delimitaram o seu campo de estudos *vis-à-vis* aos de outras disciplinas, por sua prática de pesquisa etnográfica em sociedades consideradas exóticas e "marginais" aos padrões do mundo ocidental (1987:13)

Contraponto à concepção evolucionista, e sobre essa questão de relação direta entre raça e cultura, Boas (2011) argumenta em seu trabalho considerado referência na antropologia “A mente do ser humano primitivo” que “[...] Não existe uma relação estreita entre raça e cultura, ou seja, não se pode avaliar uma cultura apenas por funções fisiológicas, mentais e sociais, uma vez que são altamente variáveis devido sofrerem as condições externas” (Boas 2011:104). Portanto é inconcebível avaliar o grau de “desenvolvimento” cultural de um determinado povo por suas características biológicas. Mas este pensamento dominou um bom período da história humana, o que acabou gerando uma ideologia de que existe uma raça superior às outras. E mais a ideia de que o progresso social, econômico e político se justifica por questões biológicas, ligadas às raças.

Em *Desinventando as raças* (2009) Sérgio Pena critica a crença de que raças humanas e racismo sejam componentes da “natureza humana”, segundo o autor isto só serviu para justificar a discriminação, a exploração e atrocidades cometidas contra alguns povos e etnias. Baseado no estudo de George Fredrickson (2002), do livro *Racism: A Short History*⁴⁴, Pena argumenta que “uma das bases ideológicas do racismo explícito é o fato de ele ser produto do período moderno da civilização ocidental” (2009:127), ou seja, não é possível encontrar evidência inequívoca de racismo em civilizações orientais ou mesmo na Europa, antes da Idade Média. Portanto, a emergência do racismo e a consolidação do conceito de raças deve-se a dois movimentos: “o início do tráfico de escravizados da África para as Américas e o abandono da então tradicional interpretação religiosa da natureza em favor de interpretações científicas” (Pena 2009:128).

Esses dois movimentos são fortemente ligados às questões expansionistas e econômicas dos países europeus, mas entraram em conflito com as crenças religiosas das

⁴⁴George Fredrickson, estudioso do racismo nos Estados Unidos e no mundo, elaborou nesta obra uma história concisa do racismo, baseado em evidências dos campos da história, filosofia, antropologia e sociologia. O autor define duas variedades de racismo: racismo anti-semitismo e o racismo anti-preto e sua completa cristalização como ideologias racistas.

principais nações. Havia um problema de ordem moral e religiosa. A doutrina cristã de constituição una da humanidade era um obstáculo às ideologias racistas. Por outro lado era difícil aos escravocratas conciliarem sua consciência cristã com os crimes hediondos e desumanos a que submetiam os africanos escravizados. Diante desse impasse criou-se a ideologia de “desumanização do africano”, posicionando-os em um “status biologicamente inferior” (Idem:128).

Para esse autor o paradigma racial que evoluiu de princípios religiosos juntou-se aos avanços naturalistas do século XVIII, o que redundou em diversas classificações dos grupos humanos em raças, das quais Pena destaca a do sueco Carl von Linné (1767) que assim distribuiu os grupos humanos: *Homo sapiens europaeus (branco, sério, forte); homo sapiens asiaticus (amarelo, melancólico, avaro); homo sapiens afer (negro, impassível, preguiçoso) e homo sapiens americanus (vermelho, mal-humorado e violento)* (ib:131).

Antes de Linné, Boas atribui a Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840) a primazia de ser um dos primeiros homens de ciência a classificar a humanidade. Naturalista e antropólogo, fisiologista e anatomista comparativo germânico nascido em Gotha, fundador da *antropologia* como ciência, defendeu a região geográfica originária e a cor da pele como elementos demarcatórios para as classificações raciais, distinguia cinco raças: caucásica, mongoloide, etíope, a americana e a malaia (Boas 2011:104).

Uma primeira coisa questionável é a fixidez dessas adjetivações, explicadas pelas ideias que vicejavam no campo científico, e especialmente na nascente antropologia, como bem aponta Schwarcz (1996):

Paralelamente, tomava força a escola "evolucionista social", que marcava, nesse contexto, os primórdios e o nascimento de uma disciplina chamada Antropologia. Representada por teóricos como Morgan (1877), Frazer e Tylor essa escola concebia o desenvolvimento humano a partir de etapas fixas e pré-determinadas, e vinculava de maneira mecânica elementos culturais, tecnológicos e sociais. Dessa forma, tendo a tecnologia como índice fundamental de análise e comparação, para os evolucionistas a humanidade aparecia representada tal qual uma imensa pirâmide - dividida em estágios distintos, que iam da selvageria para a barbárie e desta para a civilização -, na qual a Europa aparecia destacada no topo e povos como os Botocudos na base, a representar a infância de nossa civilização (1996:83).

De certa forma isso motivou as finalidades e ênfases dos estudos. Enquanto historiadores se preocupavam com as sociedades “civilizadas” aos antropólogos destinava-se entender as chamadas sociedades primitivas, entender suas estruturas políticas e sociais

e explicar os porquês de suas formas peculiares de tratar com ritos, religiosidade, relações de parentesco.

2.1.2. A Representação Literária da Amazônia

A partir daqui nos interessa ver como a Amazônia e suas gentes foram representadas literariamente pelos três autores que já apresentei anteriormente. Retomo aqui que os três são contemporâneos, nasceram em décadas próximas; Veríssimo em 1857, Euclides da Cunha em 1866 e Alberto Rangel em 1871 e, ainda, de certo modo nenhum dos três tinha o ofício da escrita como principal ocupação, Rangel, por exemplo, era engenheiro e militar, Veríssimo, era jornalista e se tornou crítico da literatura e escritor e Cunha era também engenheiro e militar. Veríssimo juntamente com o maranhense Nina Rodrigues de quem falamos anteriormente compõem o que Mariza Correa (1982) e José Maia Bezerra Neto (1999) denominam de a geração de 1870 que: "...abriu perspectivas novas na vida intelectual de seu tempo ao se interessar pela questão da literatura, da política ou da religiosidade de membros da comunidade nacional que não eram considerados como parceiros no jogo político. Antes de ser pensada em termos de cultura, ou em termos econômicos, a nação foi pensada em termos de raça (Corrêa 1982:35 apud Geiger 2002:21)".

Veríssimo traz na sua escrita, e isso é importante de ser ressaltado, certa ansiedade de entender o seu contexto histórico e explicar o que acontecia naquele momento no espaço geográfico, social e racial na Amazônia; isso se evidencia nos diferentes trabalhos que disponibilizou à crítica desde suas incursões pela antropologia e arqueologia, buscando explicar achados de cultura material na Amazônia, caso dos chamados *Ídolos de Pedra Amazônicos*, sua tentativa de explicar a mestiçagem no trabalho "Raças Cruzadas do Pará" até seu pensamento educacional expostos na obra *Educação Nacional* de 1890. Desde suas primeiras obras *Primeiras Páginas* (1878), *Cenas da Vida Amazônica* (1886), *A Amazônia* (1892) e *Pesca na Amazônia* (1895), já observamos uma escrita etnográfica que reflete a valorização que essa área assumiu entre a elite intelectual do final do século XIX e início do XX. Em 1889 José Veríssimo participou em Paris do X Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, quando fez uma comunicação sobre o homem marajoara e a antiga história da civilização amazônica. É uma produção que merece atenção dos estudiosos na contemporaneidade. Para o historiador José Maia Bezerra Neto,

Na verdade, José Veríssimo procurava compreender a região do vale do Amazonas dentro do discurso da época, influenciado pelo naturalismo francês que, só muito parcialmente, abandonaria em sua fase de afirmação enquanto crítico literário, na cidade do Rio de Janeiro, quando se constituiu em adepto da leitura impressionista das obras literárias, redefinindo, inclusive, sua própria noção do que fosse a literatura, distanciando-se das posições defendidas por Sílvio Romero e outros escritores egressos da famosa "Geração de 70" (cf. Barbosa, 1974; Ventura, 1991; Sússekind e Ventura, 1984 *apud* Neto 1999: 9).

Alberto Rangel escreveu além de *Inferno Verde*, um livro de narrativas amazônicas: *Sombras n'água* que publicou em 1913. *Inferno Verde* foi publicado no início do século XX; assim como outros dois escritores que escreveram sobre a Amazônia, traz como subtítulo de seu livro "Scenas e Cenários do Amazonas". Inglês de Sousa e José Veríssimo também usam estas denominações: *Cenas da vida do Amazonas* (Inglês de Souza) ou *Cenas da vida Amazônica* (Veríssimo). Euclides da Cunha, por dois motivos. Primeiro traz uma obra que inicialmente iria ser chamada de "Paraíso perdido", como foi lançada postumamente, recebeu o título *À Margem da História* e traz no seu conteúdo uma parte inquietante que dá a Amazônia a insígnia de terra sem história. Segundo, pelo fato de estabelecer um diálogo crítico com os outros dois autores, inclusive prefacia *Inferno Verde*.

Euclides da Cunha (2006) na primeira parte do livro intitulada "Terra Sem História-Amazônia" faz uma extensa descrição da hidrografia dessa região e a seguinte referência aos cronistas que traçaram linhas sobre o cenário amazônico:

Compulsai os nossos velhos cronistas, com especialidade o imaginoso Padre João Daniel, **e avaliareis o travamento de motivos físicos e morais que há muito, ali, entibiam os caracteres**. E lede Tenreiro Aranha, José Veríssimo, dezenas de outros. Nestes livros se espalham, fracionadas, **todas as cenas de um dos maiores dramas da impiedade na História** (Cunha 2006: 27, grifo meu).

Neste pequeno excerto da obra já observamos as marcas de uma concepção sobre os povoadores da Amazônia. Para Euclides da Cunha, o caráter debilitado, combalido do homem amazônico era resultante de características físicas e morais, o que corrobora as primeiras classificações de grupos humanos realizadas por antropólogos. Do ponto de vista literário, a escrita dos três autores remete às concepções ligadas ao naturalismo, imbuídos de fortes ideias positivistas. Segundo o filósofo Tiago Adão Lara (1930-2019) essa doutrina que se estabeleceu entre a intelectualidade brasileira foi a versão política do positivismo. O lema comtiano do "amor como princípio, a ordem como base, o progresso como fim" e a

exaltação romântica da indústria são as ideias predominantes entre a elite brasileira da época (Lara 1988:157-158). Junto a essa doutrina as teorias raciais acabaram por compor as concepções e a escrita dos escritores brasileiros à época.

Na avidez de traçar um panorama o mais próximo da realidade em seus diferentes aspectos, esses autores transitam de uma apologia ao espaço edênico, inexplorado da floresta virginal a considerações profundamente estigmatizantes sobre sua gente e o porvir desses povos. Assim, a literatura produz uma apreensão do real, onde o palco e o cenário são as Amazônias, espaço geográfico com todas as suas peculiaridades, lugar onde povos encenavam encontros e confrontos, onde se debatiam e se conflitavam com seus 'outros', colonizados e colonizadores, tudo era anotado e minuciosamente descrito, indiciando uma escrita etnográfica, escrita que acabou por produzir um imaginário social bem pessimista acerca das possibilidades e das estruturas sociais vigentes no Brasil neste momento histórico, mas que tem um valor enquanto registro histórico e ideológico.

Euclides pinta a Amazônia com tintas de terra paradisíaca, onde um ser se move, sem destino e sem história. Assim se reporta ao Inferno Verde de Rangel: "Ora, entre as magias daqueles cenários vivos, ha um actor agonizante, o homem. O livro é todo ele, este contraste" (Preâmbulo: XI, grafia original). E completa fazendo uma previsão pessimista sobre os destinos desta terra: "No Amazonas acontece, de feito, hoje, esta cruel Antilogia: sobre a terra farta e a crescer na plenitude risonha da sua vida, agita-se miseravelmente, uma sociedade que está morrendo" (Idem: XII, grafia original).

A crítica de Euclides da Cunha corrobora a perspectiva determinista uma vez que atribui aos homens e à sociedade vigente todos os males, sem ponderar os problemas advindos com o processo colonizador, ou seja, o contato entre colono/colonizador, os conflitos, as fricções, comumente violentas originadas na forma como esse território foi incorporado ao império ultramar português, as experiências e os traumas de três séculos de transporte ultramarino de seres humanos sequestrados na África e, ainda, as relações de submissão e violência impostas aos nativos que aqui se encontravam quando chegaram as naus portuguesas. Assim mesmo, vemos em Veríssimo repartida essa responsabilidade quando menciona como Portugal mandou para a colônia seus degredados e como sua crítica ao colonizador é sagaz e ácida, veja-se:

Portugal foi sempre, ainda nos seus mais gloriosos tempos, uma nação, intelectualmente atrasada. Não lhe faltaram, é certo, grandes espíritos, mas da nação não é muito dizer, com o seu ilustre épico, que por via de regra viveu quase sempre, ‘No gôsto da cubiça e na rudeza, D’ua austera, apagada e vil tristeza (Camões, Lusiadas)’. A sua mesma posição geográfica, que, aliás, tanto concorreu para sua glória, atirando-o às famosas e longínquas navegações, afastara-o do movimento geral da civilização europeia e neste afastamento não só procurou, mas empregou todos os meios para retê-lo, a classe eclesiástica, que bem cedo fez desse malfadado país a melhor e mais segura de suas prêsas no mundo civilizado (Veríssimo 1970:19, grafia original).

Numa perspectiva mais macropolítica essas relações se dão num contexto de descolonização e o Brasil estava, possivelmente, num *entre-lugar*⁴⁵: não mais colônia de Portugal, mas também não tão independente a ponto de negar a metrópole e firmar uma identidade nacional própria. Deste processo, emergem novos sujeitos e novas significações para as relações travadas nesse território, e é do rastro dessa indefinição que emergem confrontos raciais, culturais e políticos. Assim, se naturaliza no oitocentos e depois, uma concepção determinista de que o problema da sociedade está no homem e na sua incapacidade de reagir frente aos desafios da natureza.

Inferno verde é um livro de pequenos contos, onze ao todo, composto por densas descrições sobre o ambiente que envolve os personagens, de fato quando chega a citá-los é quase para terminar as histórias, nesse caso os seres humanos seriam mais como “algo ilustrativo” em meio à exuberância da paisagem. No segundo conto do livro “Um conceito de catolé”, Rangel menciona que o personagem João embarcado em Fortaleza chegara ao Amazonas como “gado em refugio” e coloca na conta desse povo o não progresso da colônia:

⁴⁵ Expressão utilizada pelo teórico Hommi Bhabha que concebe as mudanças advindas da descolonização como um espaço, híbrido, que permitiu o aparecimento de outras posições, no caso, a constituição de novos sujeitos. Esse terceiro espaço desloca as histórias que o constituem e gera novas estruturas de autoridade, novas iniciativas políticas. Silvano Santiago por sua vez usa o termo de forma diferenciada referindo-se a ele como “ferramenta-de-análise (prefiro a expressão a conceito)” para datar o começo da literatura brasileira no século 18 entre duas trincheiras. A primeira e mais evidente é que o historiador optou pelas luzes da jovem nação e do Romantismo, negando direito de fala à escuridão do período colonial. Flashback. A segunda, e menos evidente, é que, no caso do Brasil pós-colonial, o importante é dar-se conta de que a literatura é apenas parte da cultura. Na análise das artes e, em particular, da Literatura, os princípios estéticos radicais têm de ser harmonizar com os valores culturais. Literatura é e não é. Os conceitos de texto, de metáfora, de expressão em língua portuguesa se impõem às categorias clássicas de gênero (romance, poema, conto, etc.). (Santiago 2019: 18-19)

A colônia não progredia; era ella mesma como uma planta exótica e arctica, que se fanasse ao calor da estufa. Seus ocupantes cuidavam pouco de lavoura. Dava-lhes mais interesse ir atraz pelo rasto de alguma cotia, paca ou capoeiro, alvejando-as pelas veredas centraes, para vender a caça no Flores ou o mercado da cidade (Rangel 1908: 43, grafia original).

E acrescenta que frente aos esforços da administração a resposta era “a **aphatia** dos localizados sempre queixosos e mal satisfeitos” (1908:43-44, grafia original). Cunha (2006) por sua vez, explica a esterilidade e apatia dos povos nos seguintes termos “A adaptação exercita-se pelo nomadismo. Daí, em grande parte, a paralisia completa das gentes que ali vagam, há três séculos, numa agitação tumultuária e estéril” (2006:28). O homem é um ser errante, que está sujeito às leis da natureza. Esta é estável, mas se o ser humano pretender submetê-la aos seus anseios e vontades, ela se revolta:

A volubilidade do rio contagia o homem. No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante que lhe percorre a bacia em busca de variados aspectos, sente, ao cabo de centenas de milhas, a impressão de circular num itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós estirando-se a perder de vista pelos horizontes vacios; - o observador imóvel que lhe estacione às margens, sobressalteia-se, intermitentemente, diante de transfigurações inopinadas. Os cenários, invariáveis no espaço, transmudam-se no tempo. **Diante do homem errante, a natureza é estável; e aos olhos do homem sedentário que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revôlta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vêzes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o.** (Cunha 2006:21, grafia original, grifo meu)

O ser humano submisso às forças naturais bem ao gosto da doutrina naturalista, isso refrega as vontades, amortece as revoltas e continua Cunha sua narrativa “ Em 1762 o bispo do Grão- Pará, aquele extraordinário fr. João de S. José — seráfico voltairiano que tinha no estilo os lampejos da pena de Antônio Vieira —, depois de resenhar os homens e as coisas, “assentando que a raiz dos vícios da terra é a preguiça”, resumiu os traços característicos dos habitantes, deste modo desalentador: —“lascívia, bebedice e furto.”

Essas fraquezas que só os “selvagens” apresentavam eram as causas do atraso social e econômico da região, bem ao gosto da doutrina positivista. Em Veríssimo há uma curiosidade. Segundo a introdução de Dimas (2011) Veríssimo resume em seus escritos, além de o conhecimento livresco no qual emparelha com Fernão Cardim, Gonçalves Dias, Charles Darwin, Henry Bates com agrupamentos indígenas como os Andirá, Mocajatuba, Maués, o que demonstra que o trabalho desse escritor era um minucioso exercício de

campo que bem lembra uma etnografia com base na investigação antropológica (Veríssimo 2011).

O livro de Veríssimo é composto por quatro contos e seis esboços⁴⁶. Em seus contos encontra-se comumente a representação do tapuio, geralmente associado a trabalhos de menor relevo social ou a observações de má conduta ou situações de subserviência. No conto de Veríssimo “O Boto” de *Cenas da vida Amazônica*, em certa ocasião, o narrador faz a seguinte observação sobre o personagem Porfírio, pai da personagem central do enredo, Rosinha:

Por fim, o pai mudou-se para a cidade, de onde seus amigos políticos o chamavam para as altas funções de procurador da Câmara Municipal. Com esse amor às posições oficiais, por mais reles que seja próprio às RACAS FRACAS, correu pressuroso não ao apêlo dos seus amigos, como dizia e nós repetimos, mas a abocanhar aquele magro ‘osso’, segundo a expressão pitoresca dos adversários pelo qual suspirava a tanto tempo, abandonando com IMPREVIDENCIA o seu sítio e esquecendo-se que na lista da qualificação do distrito tinha o qualificativo de LAVRADOR adiante do seu nome (Veríssimo 2011: 16, grafia como no original, grifo meu).

Os qualificativos “raça fraca” e “lavrador” e a conduta de vida ligada a “imprevidência” exteriorizam uma representação muito negativa dos habitantes da Amazônia neste período. Ao mesmo tempo, a obra literária traduz relações sociais emblemáticas da formação dos povoados na Amazônia. Ela é neste sentido, abertura para a compreensão dos preconceitos e estereótipos criados acerca dos habitantes desta Hiléia, e que possivelmente perduram até a contemporaneidade—comumente associados à preguiça, indisciplina, vagarosidade. A construção desses estereótipos tem seu gérmen, possivelmente no determinismo biológico e posteriormente ambiental.

Cunha dá bem a medida do pensamento geral entre os homens das letras e das ciências, que se espalhava nas longínquas paragens do final do século XIX acerca do homem brasileiro e de suas vicissitudes e vontades. As ideias de progresso, e o tom acusatório em relação ao “descuido com o futuro” de certo modo marcam a escrita desse autor, principalmente quando se refere à Amazônia—o que veremos adiante:

Ninguém lê; ninguém escreve; ninguém pensa. A mofina literária nacional traduz-se, naturalmente, numa vasta poliantéia, a 100 réis por linha. De

⁴⁶ Os esboços também denominados de “Quadros Paraenses” são esboços de histórias de pequena estatura. No livro são seis: “O serão”; “A lavadeira”; “O lundum”; “Indo para a seringa”; “Voltando da seringa” e “A mameluca”, os quais já haviam sido publicados no livro *Primeiras Páginas de 1878* (Dimas 2011).

todo absorvidos no presente, às voltas com seus interessículos, estes homens, tão descuidados do futuro, ainda menos curam o passado; e decerto não escutarão a grande voz do historiador. Entretanto, quero crer que ainda haverá meia dúzia de espíritos capazes do esforço heróico de um rompimento com tanta frivolidade. E entre estes me alinharei (Cunha 1924).

Segundo Schwarcz (1993) a mestiçagem no Brasil não era apenas descrita era adjetivada constituindo uma pista para justificar o atraso ou uma possível inviabilidade da nação (1993:13). De homens descuidados do futuro, indolentes. E a literatura corrobora e firma uma representação que perdura durante todo o século XIX, como exemplo, Cunha cita a viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira, intitulada “Viagem Filosófica”:

Já nos fins do século XVIII, Alexandre Rodrigues Ferreira, ao realizar a sua “viagem filosófica” pela calha principal do grande rio, andara entre ruínas. Na Vila de Barcelos, capital da circunscrição longínqua, antolhara-se-lhe, tangível, a imagem do progresso tipicamente amazônico, naquele presuntuoso Palácio das Demarcações — amplíssimo, monumental, imponente — e coberto de sapê! Era um símbolo. Tudo vacilante, efêmero, antinômico, na paragem estranha onde as próprias cidades são errantes, como os homens, perpetuamente a mudarem de sítio, deslocando-se à medida que o chão lhes foge roído das correntezas, ou tombando nas “terras caídas” das barreiras...Vai-se de um a outro século na inaturalável mesmice de renitentes tentativas abortadas. As impressões dos mais lúcidos observadores não se alteram, perpetuamente desinfluídas pelo espetáculo de um presente lastimável contraposto à ilusão de um passado grandioso (Cunha 2006: 26).

Tudo neste cenário é vacilante, efêmero, contraditório, dessa forma e com essas estigmatizantes representações se constituiu nossa sociedade, “na inalterável mesmice de renitentes tentativas abortadas”. As manifestações da natureza “as terras caídas do Amazonas” eram assemelhadas à inconstância e fraqueza de espírito de seus povos. Em outras palavras a natureza condicionava e determinava a forma como as populações lidavam com os seus afazeres econômicos e sociais. Essa perspectiva embota um olhar mais detido sobre as relações políticas e de poder presentes na relação colônia e império.

Muito foi dito sobre a terra das Amazonas. De paraíso edênico, onde corriam leite e mel, uma imagem bastante benfazeja passou a Amazônia a inferno verde, onde o ser humano se perde, perde sua alteridade, perde sua vontade, que é submetida à Hiléia e suas forças naturais. Fomos também para alguns escritores uma invenção e penso que sim. Muito do que se diz e se tornou representativo de nosso modo de ser foi criado e criado por um discurso, seja literário, seja científico que tinha claras intenções: fortalecer uma hegemonia,

enfraquecer o poder de um povo e incutir, de forma ideologizante um “jeito de ser” que era biológico, natural e, ainda, cordial e o qual não havia forma de modificar. É bem o que Machado de Assis diz acerca da obra de Veríssimo: “O contraste é grande. A floresta e a água envolvem e acabrunham a alma. A magnificência daquelas regiões chega a ser excessiva. Tudo é inumerável e imensurável”. E continua:

[...] ao pé do trágico, **o mesquinho, o comum, o quotidiano da existência e dos costumes**, que o autor pinta breve ou minuciosamente. Os pequenos quadros sucedem-se, como o da rua Bacuri, na cidade de Óbidos, à hora da sesta, ou no fim dela, quando “a natureza estira os braços num bocejo preguiçoso de quem deixa a rede”. A rede é o móvel principal das casas; ela serve ao sono, ao descanso, à palestra, à indolência. Se a casa é pobre, pouco mais há que ela; mas, pouco ou muito, podemos fiar-nos da veracidade do autor, que não perde o que seja um rasgo de costumes ou possa avivar a cor da realidade. Vimos o regatão; veremos a benzedeira, a pintadeira de cuias, a mameluca, sem exclusão do jurado, do promotor, do presidente de província (Assis 1938)

Há estigma na escrita. Mas também há marcas de cultura e sociabilidade na Amazônia oitocentista. Os costumes do sono na rede após o almoço, o banho de rio. Aí estão figuradas a benzedeira, a pintadeira de cuias, a mameluca, personagens de uma história que precisa ser contada a partir de outro olhar. Vicente Salles referencia Inglês de Sousa como etnógrafo da Amazônia, por isso é importante essa literatura, Sousa nos seus três romances e nos seus contos traz importantes marcas da presença negra na Amazônia do século XIX, vejamos esse pequeno trecho de *O Cacauleta* (2004:85)

Naquela noite fez-se uma grande fogueira e os **negros e negras** dançaram em torno dela até meia-noite; **as mulatas**, porém, chamadas de casa, não tomaram parte no folguedo; estavam de longe assistindo por trás da senhora; um **africano** velho e cego tocava uma gaita acompanhando-se com um pequeno tambor, e um **crioulo** dos mais saídos botava os versos que os outros repetiam em coro.

Tinham os bailados duas cantigas prediletas: o Tamburu-pará e o Cururu, cuja melodia era monótona e pouco distinta.

O crioulo cantava:

Esta vila já foi vila

Tamburú-pará

A que o coro respondia: Tamburú-pará.

Observamos na obra desses escritores a riqueza da descrição da cultura local, a presença marcante dos africanos, da oralidade, dos instrumentos percussivos, do repente- os versos eram repetidos em coro. São todas expressões de uma forte cultura que se formava às margens dos rios e que durante muito tempo foi ignorado pela crítica literária.

Infundáveis e líquidos são os caminhos por esta imensa Amazônia. Em uma configuração geopolítica na Amazônia tem-se a problemática em torno da ocupação e do povoamento de suas fronteiras o que segundo autores se fez sempre em surtos devassadores vinculados à exploração capitalista mundial. No contexto dessa grande região, entraremos propriamente no território de vida e circulação das escritoras de quem a tese se ocupará.

2.2. Pelas Ladeiras de São Luís: Buscando a Rota da Vida de algumas Escritoras

Século XIX. Os jornais anunciavam a chegada e saída dos transportes fluviais em São Luís. Eram canoas, vapores, igarités, levando e trazendo pessoas das vilas e municípios vizinhos. Havia uma circulação intensa de pessoas na ainda colônia de Portugal- província do Maranhão. Os lugares por onde essas mulheres circularam. São Luis, Guimarães, Itapecurú-Mirim. Caxias. Rosário. Guimarães⁴⁷ é a cidade onde viveu a maior parte da vida Maria Firmina. É uma região de baía e praia, possivelmente inspirou grande parte de sua obra e, em especial, seu livro “Cantos à beira-mar” do qual falaremos no capítulo sobre a autora. A praia de Cumã é uma de suas poesias. Veremos em seus poemas uma predileção pelas quadras ou quartetos com sílaba rimando no segundo e quarto versos: leito/peito; errante/amante; palmar/chorar.

Nas Praias do Cuman / Solidão⁴⁸

Aqui na solidão minh'alma dorme;
Que letargo profundo!... Se no leito,
A horas mortas me revolve em dores,
Nem ela acorda, nem me alenta o peito.

No matutino albor a nívea garça
Lá vai tão branca doudejando errante;
E o vento geme merencório - além
Como chorosa, abandonada amante.

⁴⁷ Guimarães é uma cidade de Estado do Maranhão. Os habitantes se chamam vimaranenses. O município se estende por 595,4 km² e contava com 12.030 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 20,2 habitantes por km² no território do município. Vizinho dos municípios de Porto Rico do Maranhão, Cedral e Central do Maranhão, Guimarães se situa a 37 km a Norte - Oeste de Alcântara a maior cidade nos arredores. Situado a 30 metros de altitude, de Guimarães tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 2° 7' 56" Sul, Longitude: 44° 36' 2" Oeste. Disponível em: [Guimarães - Informações sobre o município e a prefeitura \(cidade-brasil.com.br\)](#). Acesso em dezembro de 2021.

⁴⁸ CANTOS à BEIRA MAR, São Luís do Maranhão, 1871, pags. 177-178. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20190622072651/http://www.jornaldepoesia.jor.br/mfirmina10.htm>



Figura 3- Mapas onde aparecem as cidades referenciadas na tese
 Fonte: <https://mapasamerica.dices.net/brasil/portugues/mapa.php?id=88604>

Município próximo do município de Alcântara⁴⁹ – essa região guarda muitos aspectos- interesses políticos, econômicos, literários- O recorte no mapa é devido Guimarães não aparecer na maioria dos mapas que pesquisei. Assim busquei uma foto de satélite. Cada um desses municípios guarda uma relação com as autoras que serão aqui apresentadas. São Luís é local de nascimento de Maria Firmina dos Reis e de Laura Rosa. Itapecuru-mirim é local de nascimento de Marianna Luz, onde viveu toda a vida, apesar de deslocamentos para a capital quando, por exemplo, de sua entrada na AML e também para Caxias onde tinha uma irmã. Outra coisa importante a se dizer é que essa região é marcada por uma forte presença da cultura negra- expressa ainda em quilombos existentes nos vales dos rios Turiaçu e Itapecurú. Além de desde o século XIX ser uma região de muito interesse econômico.

De acordo com Marivania Furtado: “As principais regiões produtoras do Maranhão situavam-se às margens dos grandes rios Itapecurú, Mearim, Pindaré e Gurupi. Na região do Itaperucú, concentrava-se a maior quantidade de fazendas de algodão e arroz no século XIX, sobretudo nos municípios de Codó e Coroatá” (Furtado 2012: 83-84). Considera, ainda, que essas regiões dos vales do Itapecurú e Mearim são centrais na história do Estado, com uma rica paisagem “Por entre as terras banhadas pelas águas perenes desses dois grandes rios genuinamente maranhenses e que atravessam, praticamente, todo o território, regando o

⁴⁹ Em sua origem, foi uma populosa aldeia tupinambá denominada “Tapuitapera”, ponto de passagem de navegadores europeus, que foi elevada à categoria de vila religiosa de Santo Antônio de Alcântara em 1648, pelos portugueses e transformada em distrito e sede da aristocracia rural agroexportadora de algodão em 1754. Alcântara só foi elevada à condição de cidade em 1836, embora já desfrutasse de importância no estado e logo entrou em processo de decadência econômica e social no final do século XIX, com a mudança dos mercados de algodão e a abolição dos escravos (Grete Pflueger 2018:70).

solo do qual nascem paisagens de múltiplos desenhos como chapadas, matas, carrascos, campinas e manguezais, reuniram-se gentes vindas de várias partes do nordeste do país”. (Lopes 1956 *apud* Furtado 2012: 85).

Essa região concentra boa parte da memória da história da escravidão no Maranhão, isso pode ser evidenciado a partir dos registros históricos que mostram que às vésperas da independência, o estado:

(...) Era a província com maior percentual de escravizados (78 mil, ou 55% da população). Depois da crise de 1817, no entanto, o algodão maranhense encontrou dificuldades crescentes no mercado mundial. Por isso o tráfico transatlântico de escravos para a província se tornou inexpressivo bem antes de 1850. Crises econômicas e políticas- a guerra da independência (1822-23) e a Balaiada (1838-41), que se desenrolaram na principal região produtora de algodão-contribuíram para abalar o poder econômico dos senhores. A inserção da sociedade escravagista no meio amazônico- a maior parte do norte da província era coberta por densas matas-combinada com esse desenvolvimento tardio, curto e intensivo, pode explicar alguns dos traços particulares do cativo maranhense. Junto com o Pará, o Maranhão gozava de péssima reputação entre escravos e senhores alhures (Assunção 2010:69).

Segundo documentos históricos a capitania de Cumã ou Tapuitapera – hoje os municípios de Alcântara e Guimarães- foi grande produtora de algodão e cana –de- açúcar, possibilitada pela grande afluência de negros escravizados. O historiador Mathias Röhrig Assunção (2010) afirma que “com o subsequente desenvolvimento das fazendas de algodão e arroz, fomentado pela crescente demanda europeia por esses produtos, vieram mais de 100 mil africanos, sobretudo de Guiné, Dahomey e Angola” (2010: 69), o que constituiu um período de intensas mudanças na feição física das cidades quando foram construídos os grandes casarões dos Centros Históricos de São Luis e Alcântara.

Sobre isso o historiador comenta “que a consciência histórica da oligarquia sucessora dos antigos senhores não passa de uma visão turística do passado visando o lucro em curto prazo. Limita-se a alguns projetos de manutenção e restauração, situados em áreas privilegiadas do Estado (S. Luis e Alcântara) ” (2010:74). Em contrapartida, grande parte do patrimônio histórico que diz respeito “às fortalezas ao longo dos rios Itapecuru e Munim estão em iminente ameaça de desmoronamento, o que segundo o autor àquele momento já havia acontecido com todos os sobrados de Rosário e com a grande maioria das casas-grandes de Itapecuru, onde se encontram poços aterrados e paredões sepultados nas matas e capoeiras “ (2010:74). Com base na memória oral e em documentação o autor localiza a

existência de uma grande quantidade de feitorias, às margens do itapecuru, o que tornava esse rio o principal sustento da economia de exportação “ (Assunção 2010:74-75).

O autor conversou com “mais de 600 pessoas em 20 municípios que existem na região entre a BR São Luis – Teresina ao sul, o rio Itapecuru a oeste, Parnaíba a leste, e o Oceano Atlântico, ao norte”. Escolheu 91 trechos de depoimentos para problematizar neste artigo “o trabalho cotidiano, a violência sofrida pelos escravizados e as varias maneiras de resistir aos senhores e feitores “ (Assunção 2010:83). Algumas dessas narrativas de escravidão neste território reporto aqui, porque revelam alguns aspectos da região de nascimento e de vida das escritoras do Maranhão oitocentista,

Além desses trabalhos produtivos, havia que satisfazer as extravagâncias dos senhores, que, ociosos, tinham que procurar alguma distração ou, mais uma vez, exhibir o seu poder: “Na Ilha Velha tinha um casarão. Só atravessava o braço do rio, que ali é estreito, com a maré seca. Todos os escravos se deitavam para o Senhor passar por cima e chegar até o Rosário”. (Dedé Matos Rosário) (2010:85)

A punição podia surgir a partir das “faltas” no trabalho cotidiano, já que quase nada, nem ninguém, podia pôr limites ao escravocrata enfurecido dentro de sua propriedade: “A Gregória Marques, antiga escrava e madrinha da minha filha, me contava muitas histórias: os Rocha, família grande, eram donos da Prata (Rosário). Um dia, Juca Rocha foi para a roça e sentiu falta de uma escrava, chamou o feitor e perguntou por Joana: ‘Ela não veio, dormiu com dor de dente’. Aí ele voltou para a fazenda, lá tinha um casarão. Chamou a preta, pegou um alicate e arrancou todos os dentes da escrava para ela nunca mais faltar serviço por dor de dente”. Dedé Matos Rosário (p.89)

“Quando dava de safado matava retalhando vivo. Amarrava o negro em banco de aroeiro duro, talhava as costas com navalha, botava sal e pimenta do reino. Quando morriam, eles penduravam que nem gado pelo pescoço num pau. Aí apodrecia e caía aos pedacinhos. Urubu não comia porque tinha sal. Quando dava uma chuva aparecia o cheiro de pimenta do reino com alho, aí sabiam que tinham matado um negro. Eu vi muito poço de sumidor. Na Boa Esperança tinha um. Poço de boca larga e fundo estreitinho de pedra e cal com lâminas de gilete [sic] no fundo. Aí jogavam eles. ” Domingos Raposo Timbiras (p.92).

Era ainda tempo de reis- segundo império português no Brasil, quando nasceu a mais antiga das escritoras, Maria Firmina (1822). São Luís a sua cidade de nascimento havia sido fundada por franceses em 1612 (França equinocial) e ocupada por holandeses em 1641,

durante pouco mais de dois anos. Apesar disso, a capital do Maranhão foi e é , ainda hoje, uma das localidades do Brasil mais caracteristicamente portuguesa: “Seus vetustos sobradões de três andares, com portais, balcões de ferro fundido e azulejos, que são verdadeiras preciosidades artísticas [...]”⁵⁰. Por esses caminhos, ladeiras, entre um casario ainda muito preservado fui buscar um pouco da história de algumas mulheres que publicavam nas páginas dos periódicos do século XIX e início do XX.



Figuras 4 e 5- Praça Benedito Leite ontem e hoje
Fonte: Livro de Moraes Filho- Obras raras

Fiz uma viagem de duas semanas ao Maranhão. Ali tive acesso a alguns periódicos, escaneei alguns textos e organizei um acervo inicial do material levantado. O Maranhão respira muito da contribuição africana para a cultura brasileira. Um bom exemplo é o da manifestação do tambor de crioula, que passou a patrimônio e ganhou um lugar de visitação e de manifestação- *A Casa Tambor de Crioula (situada a Rua da Estrela),*

Em setembro de 2006, no âmbito das comemorações do aniversário da cidade de São Luís, a Prefeitura Municipal, através da Fundação Municipal de Cultura lançou o projeto Casa do Tambor de Crioula, espaço de referência, memória e difusão da cultura afro-descendente, com caráter museológico, histórico, antropológico, sociológico e educativo, localizado na Fábrica de Arte de São Luís à rua São Pantaleão, tendo sido inaugurada na ocasião uma capela em homenagem a São Benedito. No lançamento do projeto houve a apresentação de numerosos grupos de tambor de crioula (Ferreti 2006:95).

⁵⁰ Informações compiladas de uma publicação intitulada Álbum do Estado do Maranhão, de 1923, p.124-126, material digitalizado na Biblioteca Benedito Leite.

Lugar onde organizaram um pequeno museu com objetos de percussão, imagens de santos e miniaturas de dois grupos do tambor de crioula do Maranhão, além de ter um espaço para apresentações públicas do Tambor e uma biblioteca. O tambor de crioula: Repicam os tambores.



Figura 6- Casa do Tambor de Crioula (Centro de São Luís)

A alegria toma conta do terreiro. Em 2007 o Tambor de Crioula do Maranhão recebe sua certidão expedida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), considerado então como bem imaterial da cultura e inserido no *Livro das Formas de Expressão* do que se convencionou chamar samba e suas derivações originárias do batuque, caso do jongo, do samba de roda, do coco e variações do samba carioca. As pessoas se reúnem em torno dos tambores que são colocados próximos a uma fogueira para esquentar o couro e esticá-lo. A figura 6 registra esse momento quando estive com os brincantes do tambor em São Luis.



Figura 7- Os tambores em torno da fogueira

O ritmo sincopado é criado por uma parelha formada por três tambores de madeira de diferentes tamanhos, os principais movimentos coreográficos e a umbigada. *O Tambor de Crioula do Maranhão* é uma forma de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores.

Praticado livremente, seja como divertimento ou em devoção a São Benedito, o Tambor de Crioula não tem local definido ou época fixa de apresentação, embora se observe uma maior ocorrência durante o Carnaval e nas manifestações de bumba-meu-boi. Trata-se de um referencial de identidade e resistência cultural dos negros maranhenses, que compartilham um passado comum. Os elementos rituais do Tambor permanecem vivos e presentes, propiciando o exercício dos vínculos de pertencimento e a reiteração de valores culturais afro-brasileiros (IPHAN, Certidão de Batismo).



Figura 8- Os tambores percussivos

No interior do prédio que abriga a casa foi organizado um museu que remete à memória de alguns grupos de Tambor de Crioula, além de divulgar a história de criação do espaço e da manifestação. O tambor de Crioula tem mistério e esse mistério está inscrito no transe que as pessoas vivem quando escutam o repicar dos tambores.



Figura 9- Miniaturas de um dos grupos de dança de São Luís

Como outras manifestações o tambor de crioula, tem uma referencia cristã – centrada na devoção e respeito ao santo preto- são Benedito é cultuado por uma vasta região da Amazônia.

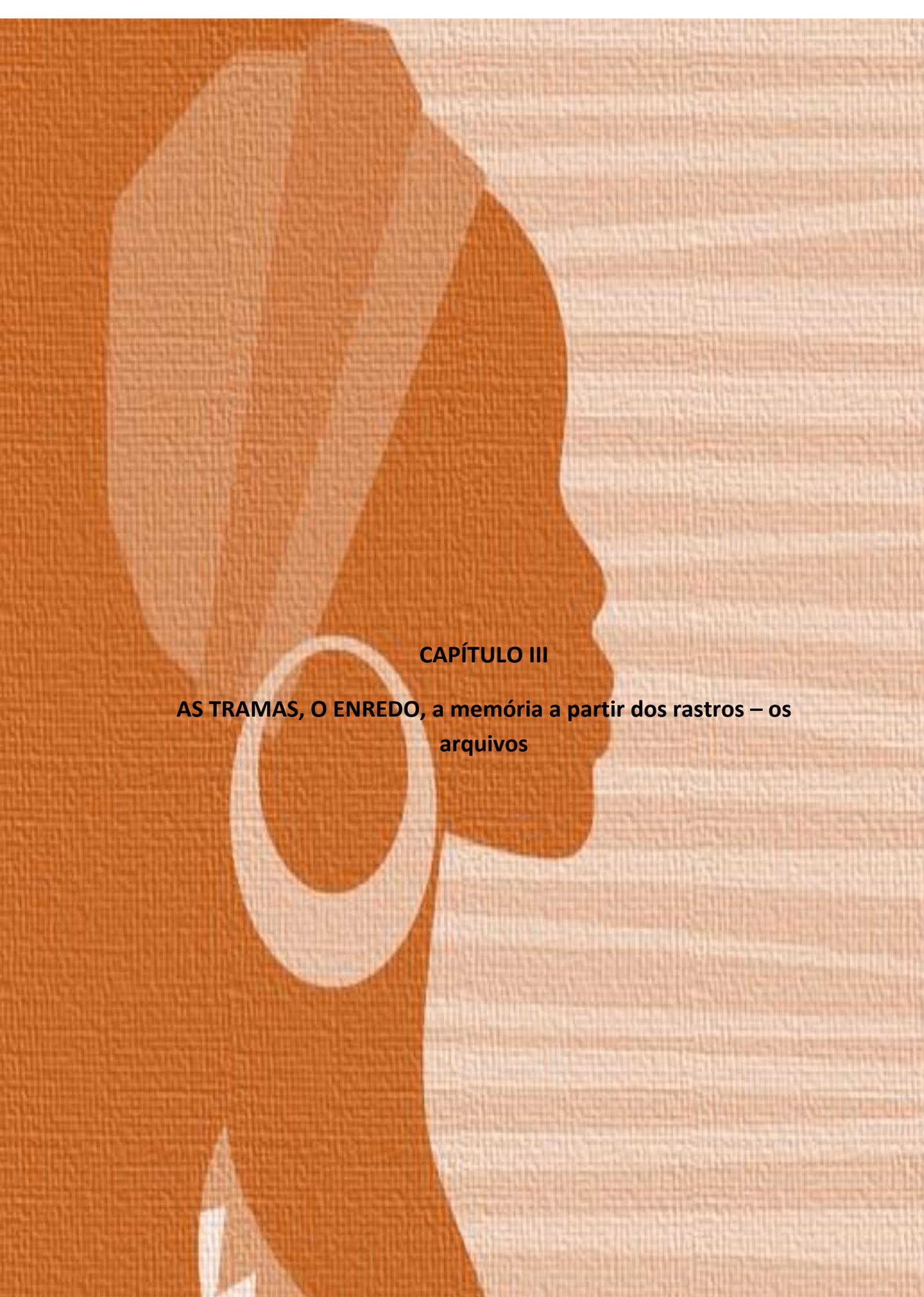


Figura 10- O Santo homenageado: São Benedito

Sérgio Ferreti faz um breve estudo sobre as informações coletadas por Mário de Andrade quando de sua viagem em missão de pesquisas folclóricas. O antropólogo discute no artigo as concepções em torno da manifestação, as caricaturas e expressões preconceituosas usadas- música de feitiçaria e análogas; faz um paralelo entre duas manifestações comumente confundidas- Tambor de crioula e Tambor de Mina e à afirmação de que o tambor de crioula é apenas divertimento contrapõe-se mostrando como tem uma relação com a religiosidade católica:

Embora seja uma dança eminentemente festiva, que se realiza ao longo do ano e inclusive no carnaval, o tambor de crioula possui diversas relações com a religiosidade popular, não sendo correto afirmar que é manifestação exclusivamente profana, como querem alguns, pois como dissemos, na cultura popular o sagrado e o profano encontram-se intimamente relacionados. O tambor de crioula se relaciona tanto com o catolicismo popular como com o tambor de mina. É realizado muitas vezes como forma de pagamento de promessa a São Benedito por uma graça alcançada. No Maranhão se diz que São Benedito, por ser santo preto, gosta de tambor de crioula. É comum as pessoas oferecerem esta dança em promessa por terem conseguido comprar uma casa ou porque um filho concluiu o ginásio. Quando feito em pagamento de promessa, o tambor de crioula costuma ser precedido por uma ladainha cantada em latim, junto com outros cânticos de igreja. Em algumas marchas se dança segurando a imagem do santo nas mãos ou na cabeça (Ferreti 2006: 106).

Em vistas da riqueza cultural desse Estado procurei encontrar nos escritos das autoras referências às manifestações e principalmente nas escrituras de Maria Firmina e de Marianna Luz aparecem menção ao santo preto. Maria Firmina escreveu ainda um auto de Bumba-meu-boi (Anexo 1): “Chegou!!! Ou já chegou ... O boi "Caramba". Com seus olhos matadô (res) Ou chegou!!! Nosso boi "Caramba" (Reis apud Morais Filho 1975:5).



CAPÍTULO III

AS TRAMAS, O ENREDO, a memória a partir dos rastros – os arquivos

3. LITERATURA E IMPRENSA NA AMAZÔNIA- rastreando presenças!

3.1. Os Movimentos Literários no Maranhão

Em uma rápida digressão sobre os movimentos literários no Maranhão, poderíamos dizer que são marcados por dois movimentos: 1. Pelo aparecimento de várias associações literárias, algumas ligadas aos periódicos, caso, por exemplo, da Oficina dos Novos que surgiu vinculado ao periódico “Os novos”; 2. Pela existência de uma imprensa forte que desde 1821 já trazia alguns jornais diários caso do jornal O Conciliador do Maranhão, em São Luís, que circulou entre abril de 1821 e julho de 1823. Em 1888 havia três jornais diários de grande circulação⁵¹- Diário do Maranhão, responsável por publicar os atos do governo, Pacotilha e O Paiz, além disso, uma gama de periódicos, inclusive em cidades como Caxias. Sobre as associações literárias, o registro mais antigo de aparecimento de academias no Brasil é de começo do século XVIII. Em 1724, sob o governo do vice-rei D. Vasco Fernandes Cesar de Mendonça, formou-se na Bahia uma sociedade literária, intitulada "Academia Brasileira dos Esquecidos", a que pertenceram, entre outros, Sebastião da Rocha Pitta, Brito Lima, Gonçalo Soares da Franca, João de Mello, Luiz Ganedo de Noronha, Manoel José Cherem, José Pires de Carvalho e Albuquerque, Frei Manoel Rodrigues Correia de Lacerda, e os irmãos Bartholomeu Lourenço e Alexandre de Gusmão. Ainda houve algumas outras academias, como a dos Felizes em 1736.

A Revista Maranhense- Artes, Ciências e Letras cujas páginas são normalmente recheadas de textos literários de variados gêneros e de homenagens a autoridades em março de 1917 (Ano 2, n.13) traz um tema motivador de debate, a revista se volta para temas pedagógicos, assim discorre sobre analfabetismo, instrução, vida literária. Uma longa coluna intitulada “Analfabetismo” traz dados estatísticos de alguns estados do Brasil, mostrando que, por exemplo, no caso do Maranhão de cada 100 crianças menos de 15 tinha acesso à escola. Um dado muito expressivo em vistas de que se forjava uma imprensa forte. Neste ano trazia uma coluna intitulada nova que pretendeu contar um pouco da vida literária do Maranhão entre os anos de 1905 e 1916- assim diz a coluna que neste período surgiram diversas sociedades literárias.

O articulista considera que o maranhão foi o lugar do Estado Brasileiro onde surgiu o maior número de sociedades literárias e jornais. Vários desses impressos tiveram vida

⁵¹ Informações da publicação Província do Maranhão e emigração de 1888. Digitalizado pela Biblioteca Benedito Leite.

curta, cita “O Brazil”, “O Progresso”, primeira folha diária da Província, criada a 2 de janeiro de 1847, em formato grande e bom papel, descrita como folha literária e muito noticiosa, existiu até 1862. “O Domingo-Semanário Crítico e Literário” (1872-1874), editado por A. Azevedo e “O mensageiro”.

Neste período surgiu também “uma revista de pequeno formato e bem elaborados escritos” intitulada “Os Novos”- órgão da Oficina dos Novos que congregou segundo o autor “grandes vultos da literatura maranhense” e também um jornal de formato razoável intitulado “A Mocidade”, órgão do chamado Clube Estudantil Nina Rodrigues e posteriormente Clube Literário Nina Rodrigues, do qual veremos que Marianna Luz fará parte, inclusive publicando na revista.

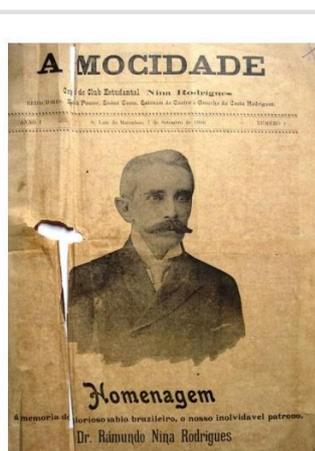


Figura 11- Frontispício da revista Mocidade
Fonte: Obras Raras da BPBL

Outra obra de relativa importância deste período foi o *Panorama da Literatura Maranhense* (São Luis, 1955) que agregou nomes como Sotero dos Reis /João Lisboa. A Academia Maranhense de Letras- AML foi fundada em 10/08/1908 em plena fase do chamado decadentismo da Literatura no Maranhão, período que se estende de 1894-1932. Esse ciclo marcou a chamada Atenas do Brasil ou denominada quinta fase da literatura maranhense, dos últimos anos do século XIX, para o primeiro quartel do século XX, ciclo chamado de decadentismo. Temos aí diversos elementos do contexto socioeconômico a informar essa fase, a primeira grande guerra; o período pós-abolição bastante tenso face às situações geradas às mudanças nas economias regionais.

A Antologia da AML- (1908-1958) - registra 40 nomes patronos da AML, entre eles, Odorico Mendes, Sotero dos Reis, José Candido, Frederico Correa, Candido Mendes, Gonçalves Dias, Henriques Leal, Joaquim Gomes de Sousa (1829-1863). Grande parte deles

contemporâneos de Maria Firmina, entre eles Trajano Galvão (1830-1864), esse poeta pertence ao grupo autointitulado “Poetas campesinos”.

Destacamos deste grupo os escritores que escreveram com marcas de uma literatura afrodescendente ou negra, Raul Astolfo Marques (1876- 1918) - Fundou a oficina dos novos; é um dos escritores contemporâneos das escritoras das quais falarei mais adiante, inclusive Laura Rosa ousa comentar-lhe uma obra, ou seja, a escritora apresentava uma verve crítica bem interessante. Sobre as origens dos movimentos literários a publicação associa a um grupo de alunos da primeira turma da FDM (Faculdade de Direito do Maranhão). O que não é de se estranhar uma vez que as primeiras faculdades foram as de direito, inclusive uma delas, a de Recife é referência na formação de advogados e críticos da literatura. A Oficina dos Novos nasce em 1901 por influência de – Costa e Sobrinho (1901).



Figura 12- A oficina dos Novos
Fonte: Print do livro de Dunshee de Abranches, 1908

Marques é um dos autores afrodescendentes cuja produção literária vem sendo revisitada. Humberto de Campos em suas Memórias e *Memórias inacabadas* (2009), na qual narra o período em que era balconista de uma vivenda nas imediações da Biblioteca Pública, assim se refere a Marques, escritor negro fundador da oficina dos novos: “Humilde e obscuro, mas infatigável no estudo e no trabalho, Astolfo Marques fez-se de tal modo indispensável aos homens brancos a quem servia, que, na organização da ‘Oficina dos Novos’, eles se viram forçados a dar-lhe um lugar a seu lado” (Campos 2009 apud Jesus 2013:3), uma descrição bem caricatural do literato, o recheio era o racismo.

Segundo o sociólogo Matheus Gato Jesus (2013:5) o literato utilizava alguns mecanismos de aproximação da cultura letrada e buscava estar afinado com as

“necessidades de legitimação simbólica da elite local”, assim apadrinhamento, favores e clientela compunham as formas de ser legitimado também. Marques biografava cavalheiros da elite maranhense e assim como ele, as mulheres escritoras também buscaram tecer suas odes aos poderosos mandatários, temos como exemplo um poema de Marianna Luz dedicado a Getúlio Vargas que está publicado na Revista Athenas de 1941, que organiza publicações de diversos jornais. Ela diz: “Salve Getúlio! O tu que modelando , Outro Brasil Feliz , vas escutando...”(Luz 1941).

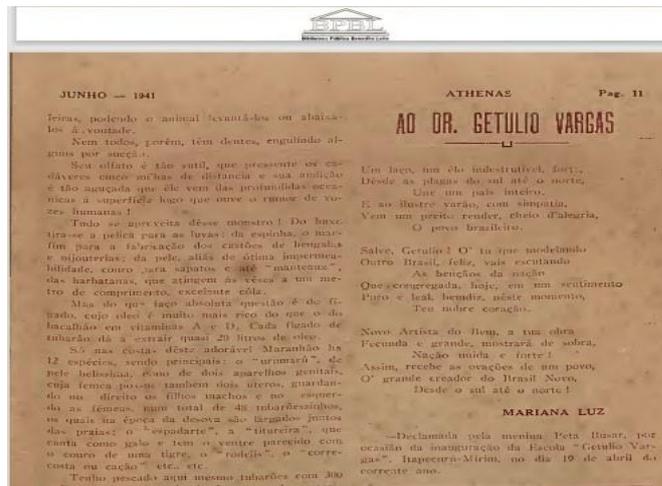


Figura 13- Mariana Luz- Poema a Vargas(Revista Athenas)
Fonte: Material digitalizado da BPBL

3.2 Rastros e encontros com as escritoras nos arquivos e fragmentos de jornais

Em busca de obter pistas sobre as mulheres que escreveram na Amazônia visitei o Arquivo Público de Belém- APB. Segundo a bibliotecária que me recebeu não existe material com conteúdo literário entre a documentação do arquivo. De qualquer forma resolvi examinar o que havia disponível. Pesquisei por obras publicadas. Li a pesquisa da professora Anaíza Virgolino e Arthur Napoleão Figueiredo. Virgolino⁵² examinou cerca de 48.816 documentos para traçar um amplo quadro da história da escravidão e da ampliação de fontes de referência sobre o negro. O trabalho tem a apresentação de Paes Loureiro à época Secretário da Cultura do Estado do Pará.

⁵²Virgolino-Henry, Anaíza e Figueiredo, Arthur Napoleão. A presença africana na Amazônia colonial: uma notícia histórica. Belém: Arquivo público do Pará, 1990. Período de 1730 a 1807.

Uma das preocupações da pesquisa era “por que a Amazônia foi tão pouco investigada? E os autores respondem: “porque durante muito tempo não se relativizou a razão histórica e econômica que sustentava a tese de que a presença do negro na região fora inexpressiva porque o ciclo das drogas do sertão havia repousado sobre a mão de obra indígena” (1990:27). Em seu histórico dos estudos em relação a antropologia- referência que houve uma fase de maior produção sobre as religiões afro-brasileiras, posteriormente, o interesse nas culturas e raça negras nas Américas e depois nos candomblés e xangôs da Bahia e Pernambuco e em seguida, as macumbas do Rio São Paulo, seguindo-se mais timidamente o estudo das culturas negras do Maranhão. (1990: 27-28).

Os autores esclarecem que é só a partir de 1960, com Roger Bastide e Edson Carneiro que a Amazônia se torna interesse dos africanistas. Segundo Bastide a Amazônia era uma região de tradição religiosa banto, acrescida da pajelança indígena. Os autores buscam desfazer o discurso considerado duplo – inclusão científica e exclusão ideológica que eles observam tanto em Bastide como em Carneiro. Os autores argumentam que no momento em que a Antropologia reforça o discurso sobre o “vazio”, e no caso da presença africana é um etnólogo maranhense – Nunes Pereira que produz dois ensaios: *A introdução do Negro na Amazônia* (1938) e *Negros escravos na Amazônia* (1952).

Considerarei importante trazer para a tese a ideia de que para os cronistas, intelectuais e viajantes, o homem da Amazônia não parecia ser uma questão, o que os mobilizava era conhecer e descrever a natureza. O homem, -índio ou caboclo – surge como elemento que compõe a paisagem do meio ambiente. Neste momento a Amazônia se apresenta enquanto objeto de investigação mais natural do que cultural. A leitura da obra me motivou a pensar outros condicionantes da pesquisa de campo, como por exemplo, disponibilidade de tempo e a mobilidade e acesso às informações, o que me levou a determinar o período da pesquisa baseada principalmente no fato de que a primeira obra de que se tem notícia era a da escritora Maria Firmina dos Reis, datada de 1859, portanto já na segunda metade do século XIX, desta feita defini como período de levantamento de dados e informações a metade do século XIX – 1850 até mais ou menos a metade do século XX, 1950, período que carrega características importantes dos pontos de vista das alterações sociais, políticas e culturais que vinham ocorrendo na ex-colônia portuguesa chamada Brasil.

Posteriormente passei a examinar os documentos da metade do século XIX – intitulados “Documentos diversos a governadores e vice-versa”. As dificuldades estão na leitura do português arcaico /material Pará- Maranhão. São mais de 700 códices. Os documentos examinados trazem várias menções à venda ou qualquer outro tipo de negócio com a peça “negro”. Assim é comum encontrarmos os anúncios: “ vende-se negra, negro, muleques, mulecas, mulequinhos escravos de refugio (doc. 71) ”. Alguns locais de origem são mais citados: Guiné; Cabinda, Benguella; Benin; Mulembo. São fontes primárias- códices- documentos do Brasil colônia; dos governadores com diversos (Macapá/Maranhão/Pará). A Pesquisa no acervo público- material não digitalizado, em janeiro de 2019, é um material de difícil manuseio, usei máscara e luvas e fiz com muito cuidado, porque as páginas facilmente se rasgavam.

Essa documentação está organizada em códices numa numeração sequencial por volta do códice 1191 começa o período que pretendia levantar. É o período em que Maranhão e Grão-Pará são províncias. Examinei: Códice 1211-Registro das leis e res. Provinciais – 1850-1852; Códice 1220- avisos do império 1851-1852; Códice 1222- ofícios da presidência da província a diversas autoridades (1851-1852); Códice 1224 A- Registro das leis e resoluções provinciais (1851-1854).Códice 1225 – correspondência de diversos a presidência da província (1851-1855); Códice 1233- ofício de diversos (1852-1856).Códice 1234- ofícios dirigidos pela presidência (1852-1870); Códice 1241- cartas e leis (1853-1854);Códice 1243- avisos do ministério do império- 1853-1854; Códice 1253- correspondência do presidente da província (1854);Códice 1259- avisos do ministério 1854-1855; Códice 1272- cartas de leis – 1855-1858; Códice 1275 – correspondência oficial da presidência da província. Alguns desses livros estão em estado muito precário, não encontrei informação ou rastros que pudessem me levar a nomes e textos literários.

Em seguida, iniciei pesquisa na Biblioteca Nacional Digital (BND) encontrei várias ocorrências na hemeroteca digital sobre Maria Firmina dos Reis,em especial nos periódicos *Publicador Maranhense (MA)*- neste periódico há 12 referências ao nome Maria Firmina, cada uma delas trata de questões referentes a situações trabalhistas (licença-saúde,aposentadoria e outras). A primeira ocorrência é de 2 de setembro de 1859, concedendo à professora dois meses de licença para cuidar de sua saúde. Em 1879 a professora entra com petição de um ano de licença com vencimentos integrais. Após uma

longa discussão em 1880 em sessão ordinária indeferem o pedido da professora. Em 1881 a ocorrência no periódico diz respeito a portaria de aposentadoria da professora.

No geral, as informações encontradas sobre Firmina estão divididas em três tipos de texto: nos jornais como “Publicador Maranhense”, questões trabalhistas. *Echo da Juventude: Publicação dedicada à Literatura (MA)*, textos literários, caso também de o “Semanário Maranhense” que publicou em 1868, “A Lua Brasileira”, há nele publicações de poemas; do romance considerado indigenista Gupeva – Romance Brasiliense, no Almanak Histórico de Lembranças Brasileiras. No Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial, são todos documentos referentes à designação de número de discípulos (alunos) aos professores. Semanário O Jardim das Maranhenses- o editor anuncia que começará a publicar Romance de autoria da professora Maria Firmina dos Reis. O quadro 1, a seguir, organiza parte dessas referências, algumas delas já discutidas num documento que encontrei posteriormente à pesquisa de campo intitulado *Memorial de Maria Firmina*, o qual abordarei com mais minúcia no quinto capítulo. Nota-se um período de maior afluência da autora que se estende desde suas primeiras publicações em 1859 até mais ou menos 1881, quando a então professora se aposenta.

Quadro 1- Ocorrências sobre a vida e escrita de Maria Firmina dos Reis, 1859/1975

Descrição	Período de Vigência	Ocorrências	Registros
Publicador Maranhense (MA)	1842-1885	12 1859, 1863, 1866, 1867, 1868, 1871, 1874, 1879, 1880, 1881	Neste periódico há 12 referências ao nome Maria Firmina, cada uma delas trata de questões referentes a licença saúde e outras. A primeira ocorrência é de 2 de setembro de 1859, concedendo à Professora Maria Firmina dois meses de licença para cuidar de sua saúde. Em 1879 entra com petição de um ano de licença com vencimentos integrais. Após uma longa discussão em 1880 em sessão ordinária indeferem o pedido da professora. Em 1881 diz respeito a portaria de aposentadoria da professora.

Echo da Juventude: Publicação dedicada à Literatura (MA)	1864-1865	5 1865;	Poemas: Hosana (p.48 da Edição 0006) Publicação de Gupeva – Romance Brasiliense, inicia na página 107 e vai até a página 111 da Edição 00014 de 1865;Continua nas páginas 118- Da edição 00015
Almanak Histórico de Lembranças Brasileiras. Edição 003	1862-1868	4 1863; 1868	Em 1863 há um poema à página 32. Em 1868, também um poema
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial	1858-1868	5 1859, 1860,1862,1864, 1866	São todos documentos referentes à designação de número de discípulos aos professores
O Echo- Periodico Semanário Literário, Moral, Crítico e Recreativo	1884-1886	2	
Semanário <i>O Jardim das Maranhenses</i>	1861-1862	2	No periódico Jardim das Maranhenses, o editor anuncia que no próximo número começará a publicar Romance de autoria da professora Maria Firmina dos Reis. Poema Maria, 1861
Almanak Administrativo da Província do Maranhão	1869-1875	1	
Semanário Maranhense	1868-1869	1	
O Jardim das Maranhenses	1861	1	
Jornal <i>Luta Democrática</i>	1975		Maria Firmina é homenageada

Fonte: Biblioteca nacional Digital. Disponível: <http://bndigital.bn.gov.br/>, organizado pela autora.

Os registros digitais informam o papel da Imprensa escrita como fator importante no contexto de vida das escritoras. Podemos afirmar que grande parte da produção literária nesse contexto dependia de uma forte imprensa. Neste caso o Maranhão tem uma importância neste período. Muito da produção literária pode ser encontrada inicialmente em páginas amareladas de periódicos. Notem no quadro 2, como no período de 1850 a

1859, o Amazonas contava com dois periódicos e o Maranhão já tinha em seus prelos 40 periódicos. Na década seguinte, o Maranhão aparece com 30 periódicos, o Amazonas com 6 e o Pará com 10. Diga-se de passagem, que muitos desses periódicos tinham vida bem curta e circulação restrita.

Quadro 2- Número de periódicos em cada um dos três estados/1850 - 1959

Período	Maranhão	Pará	Amazonas
1850-1859	40	10	02
1860-1869	30	10	06
1870-1879	25	27	16
1880-1889	29	42	35
1890-1899	31	51	39
1900-1909	14	18	30
1910-1919	08	06	56
1920-1929	10	05	10
1930-1939	08	03	07
1940-1949	06	01	03
1950-1959	06	03	02

Fonte: Biblioteca nacional Digital. Disponível: <http://bndigital.bn.gov.br/>, organizado pela autora

Sobre a província do Maranhão Pinheiro (2016) atesta que,

A província está entre as quatro primeiras a registrar a atividade da imprensa nas terras portuguesas do continente americano, sinal da presença da Coroa e dos interesses portugueses. A capital São Luís capitaneou o surgimento da imprensa no território maranhense, pois a localidade concentrava as principais atividades econômicas da região. A província teve um relativo progresso econômico na gestão pombalina, no final do século XVIII e início do século XIX. Esse surto econômico, impulsionado principalmente pela política das companhias de comércio, fez São Luís agregar importância financeira e intenções políticas (Pinheiro 2016:9).

Em trabalho recente Rafael Balseiro Zin considera que “as linhas editoriais dos periódicos iniciais, tomadas por um forte viés político, acabaram influenciando e sendo reproduzidas nos demais órgãos da imprensa literária maranhense principalmente no que diz respeito ao orgulho patriótico e ao objetivo de transmitir educação e cultura aos cidadãos” (2019:34). Muitos jornais à época tinham um conteúdo mais recreativo e,

Através desses periódicos e revistas, portanto, os maranhenses puderam conhecer uma profusão incontável de verzejadores, ficcionistas, articulistas e biógrafos de personalidades ligadas às letras e ao fazer científico. A maior parte desses intelectuais e literatos posteriormente, acabou sendo reunida na antologia *Parnaso Maranhense*, publicada em 1861 na cidade de São Luís, onde se pode ter uma idéia da quantidade considerável de cultuadores da arte poética surgida lá (Zin 2019:35).

A imprensa neste período era o que existia de possibilidade de publicação na província. Algumas dessas publicações eram organizadas posteriormente em coletâneas ou antologias, é o caso da publicação intitulada *Parnaso Maranhense*:

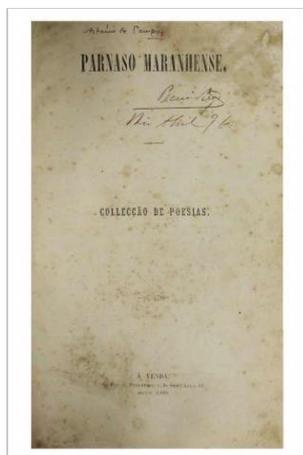


Figura 14- Folha de rosto da publicação Coleção de Poesias
Fonte: Obras raras da BPBL

Na obra que compõe o acervo de obras raras da Biblioteca Benedito Leite, junto a uma infindável lista de nomes masculinos aparece *Dona Maria Firmina*. Assim, nessa busca por rastros da vida e escrita de Maria Firmina encontrei mais alguns nomes: Laura Rosa, Marianna Luz, Leonete Oliveira e Márcia Queiroz. Penso que no contexto histórico de vida dessas escritoras não estava posta a discussão sobre autorrepresentação ou identidade afrodescendente ou afro-ameríndia, essa discussão que inclui a problematização sobre identidades e a busca por nomes de mulheres escritoras e negras do século XIX e XX se dá já na contemporaneidade. É assim que baseada em referências escritas em livros e periódicos sobre a origem dessas mulheres e iconográficas conclui por três nomes considerados como de escritoras afrodescendentes, e, assim, decidi enveredar por caminhos que me levassem a conhecê-las e a contar um pouco de suas trajetórias e histórias.

São três mulheres, três vidas, três histórias que se encontram de forma fragmentada no século XXI. Eu, como narradora do hoje traço a partir daqui os pontos de encontro e os dilemas, os contextos de vida e produção de Maria Firmina, Marianna Luz e Laura Rosa, com base no vasto material digitalizado e compilado da Biblioteca Benedito Leite e Biblioteca Nacional Digital e, ainda, a partir de uma vasta literatura que encontrei no percurso de escrita da tese. Elas têm em comum: são professoras que ousaram no seu tempo expor suas ideias; não contraíram matrimônio; não tiveram filhos biológicos; as

informações desarquivadas, os registros em jornais da época e a pesquisa recente sobre escritoras no contexto da literatura brasileira nos levam a pensar que tiveram uma participação ativa na sociedade do seu tempo em associações literárias, educacionais e religiosas.

No periódico *Almanak Administrativo* que circulou de 1869 a 1875 encontrei menção a Maria Firmina como “votante qualificada da freguesia de Guimarães” (Anexo 2) - diz respeito a sua conduta como cidadã apta a exercer o seu direito de voto. Para entender as questões em torno do significado de ser “votante qualificada” fiz uma rápida pesquisa sobre dissertações e teses que analisam a questão eleitoral no Brasil Império.

Na dissertação de mestrado de Vanessa Silva de Maria, defendida no ano de 2011, na Universidade Federal de Juiz de Fora, no curso de História, intitulada *O processo de qualificação de votantes no Brasil Império: perfil da população votante do distrito sede de Juiz de Fora, Minas gerais (1872-1876)*, encontrei a seguinte definição:

Qualificação, portanto, era a palavra-chave do processo de alistamento. Conforme os dicionários do período “qualificar a pessoa” significava “dar-lhe um ser” predicamento ou qualidade civil e autorizá-la. Qualificar era prerrogativa de “homens de bem” que já haviam passado por estas instâncias de afirmação e que poderiam então, por sua vez, atribuir qualidades àqueles que requeressem tais privilégios (Vargas *apud* Faria 2011:24).

Dito isto e sem entrar muito no mérito das prerrogativas eleitorais, nossa escritora Maria Firmina constava no período de 1872 a 1874 das listas eleitorais, era, portanto, alguém que se propunha a efetivamente estar no contexto social e participar dele. Era uma votante qualificada, exercia dentro das limitações impostas pelo contexto político um relativo papel de cidadã.

3.3. Rastros Históricos nas Publicações Literárias

Investiguei um vasto material compilado na biblioteca como obra rara. Observo uma intensa movimentação intelectual e social naquela região. O material traz várias pistas do olhar masculino sobre as mulheres da época, além disso, trazem dados históricos sobre a imprensa, o jornalismo e sobre a história da província que poderão compor a nossa percepção e entendimentos sobre essa construção política e social no Maranhão e na província como um todo.

O primeiro impresso traz o título: *Arquivo Maranhense* de 1846. Publicação que traz quatro capítulos. O primeiro trata da política maranhense no período regencial, escrito por Antonio Lobo; o segundo intitula-se sessenta anos do jornalismo *por Joaquim Serra (Ignotus)*; o terceiro trata do periódico “O Conciliador” *por Nogueira da Silva* e o quarto é um texto intitulado *O Compadre Lourenço- cartas em verso* por Euclides Faria. A publicação trata de temas centrais na vida dos intelectuais que produziam àquele período, afinal “ os jornais se constituíam como locais privilegiados de atuação, seja porque eram o suporte material para a defesa de posições políticas que interessavam a certos setores da oligarquia , no poder ou na oposição, mas também como forma de acumulação de capital social e simbólico” (Nascimento 2011:3).

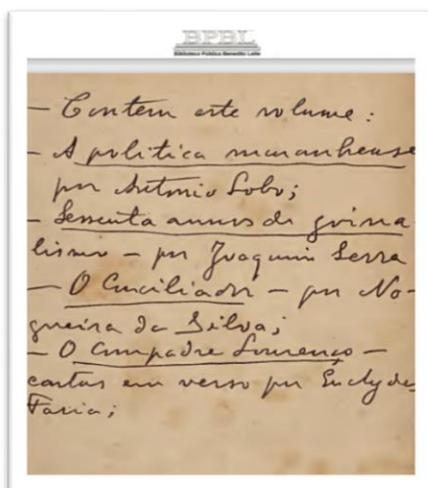


Figura 15- Folha de rosto da publicação *Arquivo Maranhense*
 Fonte: Documento digitalizado na BPBL

Por via desse documento é possível se ter um quadro do papel do Jornalismo e da Imprensa na vida da Província e como isso foi decisivo para que no Maranhão se construíssem referências literárias e políticas fortes. Portanto como bem apontado no quadro 2, o período que se estende até a primeira república caracteriza-se por uma intensa produção de ideias em torno também da organização de uma memória da ex-província, sobre sua produção jornalística e intelectual.

Nesses periódicos foram publicadas as primeiras poesias de Gonçalves Dias, celebrado poeta nascido um ano após Maria Firmina, em 1823. Em uma das páginas se lê: “É o Maranhão inquestionavelmente uma das províncias onde melhor se fala e escreve o português. Estuda-se a língua com seriedade ali, e é por isso que os literatos maranhenses

são, antes de tudo, escritores de castigada e correta linguagem” uma lista de nomes, inclusive do primo de Firmina, Sotero dos Reis.

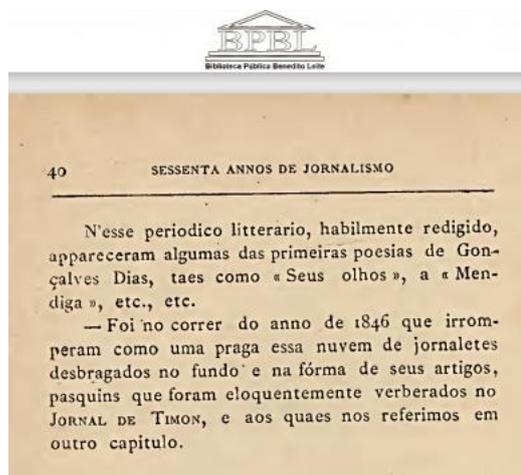


Figura 16- Referência aos “jornaletes da época” no *Arquivo Maranhense*
Fonte: Documento digitalizado na BPBL

Observamos que na apresentação do livro, o autor chama a atenção para o fato de que no correr do ano de 1846 “irrompeu uma nuvem de jornaletes desbragados no fundo e na forma de seus artigos” (Serra 1883:40). Formador da opinião pública o escrito reitera o “Maranhão inquestionavelmente como uma das províncias onde melhor se fala e escreve o português”.

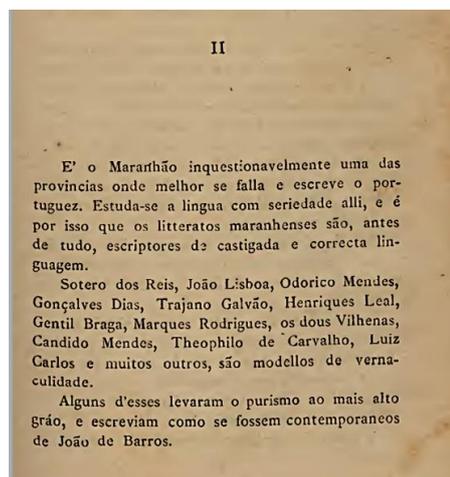


Figura 17- Publicação *Arquivo Maranhense*
Fonte: Documento digitalizado na BPBL

O trabalho de digitalização e compilação de obras raras na Biblioteca Benedito Leite me levou a conhecer o título *A Pequena História da Literatura Maranhense*, escrita por

Ronald de Carvalho⁵³. O autor, baseado em Silvio Romero, chama de Período autonômico da Literatura aquele, que inicia em 1830- com os poetas românticos, especialmente o poeta maranhense Gonçalves Dias, contemporâneo de Maria Firmina dos Reis e vai até mais ou menos 1870, ao poeta condoreiro baiano Castro Alves. Medeiros e Albuquerque assim se referem ao trabalho de Carvalho:

Ronald de Carvalho tem esta primeira originalidade, entre os nossos grandes historiadores da literatura nacional: é o primeiro que sabe escrever. O seu estilo é simples, claro, harmonioso. Diz bem o que quer dizer. Poeta, dos melhores do seu tempo, os poetas não correm com ele o perigo que corriam com José Veríssimo. Ao contrário dos seus predecessores, ele procura mais apresentar em conjunto os grandes movimentos sociais de que resultaram as correntes Literárias. E tudo isso é feito sem solenidade nem pedantismo. Em parte nenhuma o autor aparece como um mestre-escola a distribuir prêmios e castigos (Prefácio do livro 1929)

Esse período coincide com as lutas em torno da independência, as lutas abolicionistas e tem como importante elemento do contexto social e político o fortalecimento da imprensa local. O autor deste pequeno ensaio sobre a Literatura situa nomes como o de Odorico Mendes (1799-1868) célebre poeta e tradutor maranhense. Importa frisar aqui que neste momento histórico essas publicações são veículos e suporte de ideias e concepções que fortaleciam ideologias. No livro de Carvalho o seguinte texto traça uma representação dos brasileiros no início do século XX,

O brasileiro é naturalmente triste, porque tristes são as três raças que contribuíram para a sua formação. O português é nostálgico como a languida toada dos seus fados; o africano é um abatido, suas revoltas são gritos de dor contra as agruras do exílio em que o puzeram; o índio é um soffredor, tem na alma a resignada queixa dos rios e o murmúrio das selvas mysteriosas. Dahi esse aspecto de melancolia que ha em quasi todas as producções da poesia brasileira, cujas peças mais formosas e amadas, desde o episodio da Lyndoía, de Basílio da Gama, ás "Pombas", de Raymundo Correia, são imprecações de desespero contra o destino impassível (Carvalho 1939:56, grafia original).

Como já mencionado anteriormente em relação à literatura de Cunha, Rangel e Veríssimo, uma visão sem dúvida determinista do futuro – afinal o autor avalia o destino

⁵³Ronald de Carvalho nasceu em 1893 na cidade do Rio de Janeiro. Ensaísta, poeta e memorialista brasileiro. É considerado um importante representante do movimento modernista na Literatura Brasileira. Algumas das principais obras de Ronald de Carvalho: - *Jogos Pueris e Toda a América*; *O Espelho de Ariel*; *Estudos Brasileiros*; *Rabelais e o Riso do Renascimento*; *Pequena História da Literatura Brasileira*; *Poemas e Sonetos*; *Epigramas Irônicos e Sentimentais*; *Epigrama*.

como impassível, ou seja, ele traça uma feição social, um quadro de uma sociedade apática e vergada ao peso de sua composição racial, sem mais nada a fazer senão se curvar a sorte e desígnios da natureza. Carvalho avalia a produção literária como *mimeses* dessa realidade de melancolia e apatia diante da vida e seus desafios.

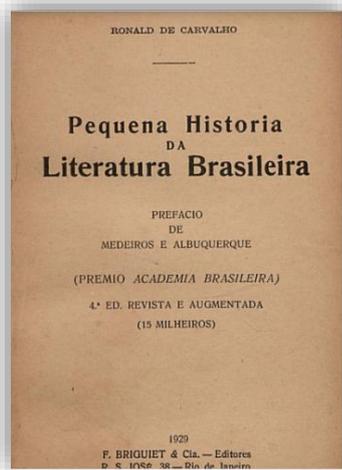


Figura 18- Capa da *Pequena História da Literatura Brasileira*
Fonte: Obras raras da Biblioteca Benedito Leite

Contemporâneas e conterrâneas do poeta Gonçalves Dias as mulheres das quais essa tese vai se ocupar com mais tintas e com um *pretuguês*⁵⁴ à la Lélia Gonzalez, trazendo um pouco das muitas conexões que essas mulheres fizeram com o seu tempo e, mais, como puderam ter um olhar mais à frente, posturas menos tímidas frente a uma sociedade patriarcal e exacerbadamente centrada no masculino. Portanto os literatos nas antologias tratam o que eles chamam de “belo sexo”, a mulher a partir de uma compreensão de ornamento, de mulher para enfeitar os salões de festas e não para pensar como os homens. Aponto que essa visão tem algumas exceções e um deles é a do literato Nascimento de Morais Filho que no prólogo de Úrsula escreve:

- A Glorificação da Mulher Maranhense na memória daquela que, no Passado, era apontada como modelo que as suas comprovincianas deveriam imitar, e, que. No Presente, evocamos como paradigma que devem suas conterrâneas tomar, não só no Cultivo da inteligência, mas

⁵⁴ Expressão cunhada por Lélia Gonzalez para significar uma africanização da linguagem. De acordo com Lélia, a mãe-preta, de forma consciente, ou inconsciente, acabou por passar os valores africanos e afro-brasileiros para as crianças brancas de que cuidou. Em especial, ela africanizou o português, e o ensinou, transformando-o em *pretuguês*. A língua de dominação foi subvertida e ressignificada para marcar a resistência que dela fizeram negros e indígenas (Gonzalez *apud* Barreto 2018:23).

também na prática do Feminismo que Maria Firmina encarnou: não aquele falso Feminismo- o destrutivo- que quer criar a mulher inimiga do homem. Mas o Verdadeiro Feminismo - o construtivo - que reivindica para a mulher, - Meeira Natural do Homem - as responsabilidades da Vida e na Vida - na construção de uma Nova Sociedade - de uma Nova Humanidade (Morais Filho 1975: 11).

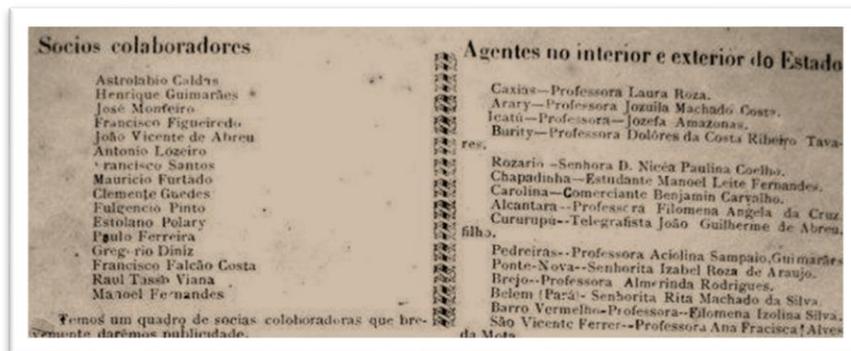
O reconhecimento dessa personalidade- Maria Firmina-, que não é apenas literária, mas é histórica, é educacional, é alguém que ali, na longínqua Guimarães, lugar de labutar e de viver, traçava com sua pena um olhar para o outro que se distinguia de tudo que era produzido àquele momento em literatura. E também Moraes Filho que atesta que:

Duas individualidades femininas deram outras dimensões à mulher maranhense: D. ANA JANSEN E MARIA FIRMINA Dos REIS. Segundo o crítico 'Com elas a mulher maranhense deixa de ser apenas a senhora prendada dos salões, que a escola educou, não para a Vida, e sim para o casamento, ou mais certo, para Governanta, de cujo enxoval a instrução não era peça obrigatória mesmo nas famílias mais grãfinas; D. Ana (Donana) Jansen e Maria Firmina dos Reis a Mulher Maranhense toma consciência de si - do que pode e do que é capaz - além do domínio doméstico: ESPOSA - MÃE - MESTRA' (Morais Filho 1975:12, grifo do autor).

3.3.1. A Revista Maranhense de 1916 a 1921

A "Revista Maranhense", importante veículo de informações foi criada em 12 de março de 1916, com a perspectiva de ter em suas páginas Arte, ciências e letras. Na sua apresentação diz "' A sua vida será como tem sido a de todos: efêmera. Será um relâmpago, mas, a usar uma frase condoreira, seja um relâmpago que ilumine uma geração!" A Revista nascia com a perspectiva de aglutinar em torno de si toda a intelectualidade maranhense, desta forma tinha colaboradores em várias localidades: Caxias, Guimarães, Arary, Buriti, Chapadinha e vários outros. Desde sua fundação vemos o nome da Professora Laura Rosa como colaboradora na cidade de Caxias.





Figuras 19 e 20- Laura Rosa, colaboradora na Revista Maranhense
Fonte: Documentos digitalizados na BPBL

A coluna de Literatura da Revista Maranhense, chamada de Florilégio Poético (sic) durante os anos de existência da mesma, não obstante a presença da professora Laura Rosa como agente no interior, não encontrei nenhum texto publicado da referida professora. O texto da figura abaixo é de José Nascimento Moraes. Porém faço a



Figura 21- Coluna Literária da Revista

O nome da autora figura entre seus colaboradores praticamente do ano de 1916 a 1918, e nas páginas amareladas do jornal há uma única menção a ela quando de sua partida para Caxias, onde exerce o magistério.

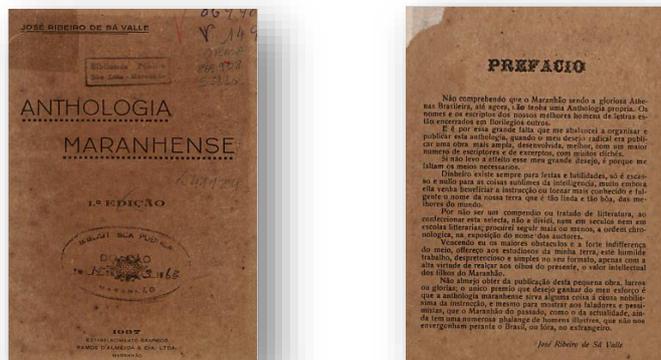
3.3.2. A presença das mulheres na Antologia Maranhense

A Antologia Maranhense – 1 edição, organizada por José Ribeiro de Sá Valle, no ano de 1937, traz no seu prefácio escrito pelo próprio autor a queixa de que não compreende o porquê de o Maranhão cognominado de a Atenas Brasileira, não tem um compêndio organizado de seus nomes, das suas inteligências. Assim, propõe-se a essa tarefa e explica:

Não almejo obter da publicação desta pequena obra, lucros ou glórias, o único prêmio que desejo ganhar do meu esforço é que a antologia maranhense sirva alguma coisa a causa nobilíssima da instrução, e mesmo

para mostrar aos faladores e pessimistas que o Maranhão do passado, assim como o da atualidade, ainda tem uma numerosa falange de homens ilustres, que não nos envergonham perante o Brasil, nem fora, no estrangeiro (Prefácio 1937).

No compêndio aparecem em meio a quase noventa nomes de poetas considerados “homens ilustres” – entre estes Gonçalves Dias, Aluísio de Azevedo, Catulo da Paixão Cearense, timidamente três escritoras: Laura Rosa (A Carnaubeira); Carlota Carvalho (Carolina) e Leonete Oliveira (Gottas de pranto). Note-se que Maria Firmina dos Reis, romancista e poeta e Mariana Luz, a tão cantada poeta de Itapecuru-Mirim não tem o privilégio de constar da coletânea organizada por Sá Valle.



Figuras 22 e 23- Capa e Folha do Prefácio da Antologia
Fonte: Digitalizado na BPBL

Examinando a primeira Antologia, à página 103, Laura Rosa é assim descrita: “LAURA ROSA, competente professora e poetisa de brilhante inspiração. É de sua lavra o livro de contos ‘As Promessas’”.

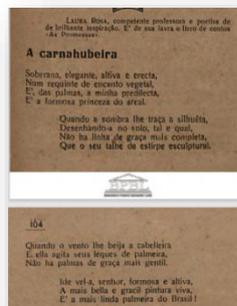
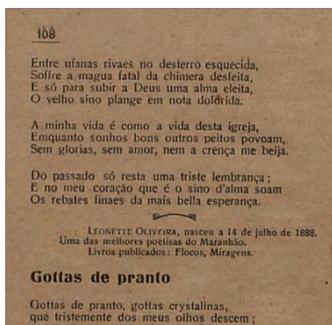


Figura 24- Poema de Laura Rosa na Antologia
Fonte: Digitalizado na BPBL

Texto da segunda poetisa citada à página 108- Leonette Oliveira nasceu a 14 de julho de 1888, segundo a crítica da época, uma das melhores poetisas do Maranhão. Livros publicados: Flocos, Miragens.



Antonio dos Reis Carvalho — <i>As duas estrelas</i>	82
Carlota Carvalho — <i>Carlota</i>	83
Theodoro Ribeiro Junior — <i>Christianismo</i>	84
Clodomir Cardoso — <i>A prosa de Ruy Barbosa</i>	86
Godofredo M. Vianna — <i>A memoria de Bequimão</i>	87
José Nascimento Moraes — <i>Velho terreiro!</i>	88
Armando Vieira da Silva — <i>Cario de Boi</i>	90
Antonio Lopes da Cunha — <i>Maranhão de outrora</i>	91
Alfredo de Assis — <i>Reynaldo</i>	94
Viriato Correia — <i>A princesa Tabajara</i>	96
José Luso Torres — <i>O poder de pensar</i>	98
João Matta de Oliveira Roma — <i>Modelo</i>	99
Raymundo Correia de Araujo — <i>O Diamante</i>	100
Domingos Q. Barbosa — <i>Recordando o Maranhão</i>	101
Laura Rosa — <i>A Carnaubeira</i>	103
Carlos Humberto dos Reis — <i>O Divorcio</i>	140
Ruben Almeida — <i>Japy Assil</i>	105
José Matta Roma — <i>A Igreja do Desterro</i>	107
Leonete Oliveira — <i>Gottas de pranto</i>	108
Cláudio Santoro — <i>Cartas</i>	108

Figuras 25 e 26 - Poema de Leonete Oliveira e índice
Fonte: Digitalizado na BPBL

Sobre a escrita de Laura Rosa é interessante comentar que na antologia, assim como em outros textos posteriores, ela demonstra ter uma verve crítica muito forte. No seu comentário ao autor da *Antologia*, Laura Rosa em 12/12/1937 enaltece o esforço de Sá Valle, mostrando, na sua escrita, como era preocupada com a instrução, marca de sua atuação na sociedade maranhense desde sua formatura como normalista em 1909, detalhes que trataremos em capítulo específico sobre a autora.

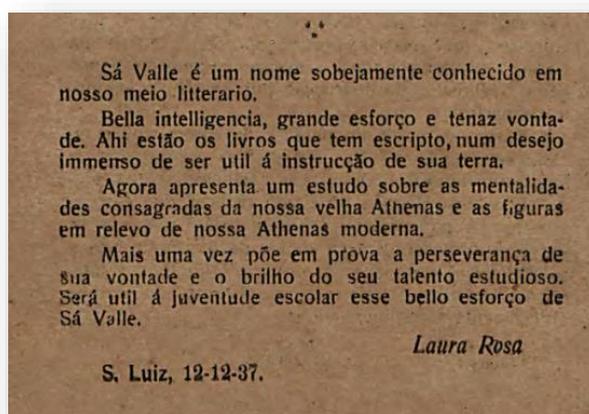


Figura 27- Comentário de Laura Rosa a antologia organizada por Sá Valle
Fonte: Biblioteca Benedito Leite (obras raras)

Em *Panorama da Literatura* de Mário Meireles (1949) são citadas algumas autoras, entre elas, Ana Oliveira Santos, nascida no Maranhão, poetisa, usava o pseudônimo de *Papillon Bleu*, essa escritora comunicava-se com Laura Rosa por meio de textos publicados

nos jornais, publicou Livros: Acordes- São Luís, 1899. Sofia Sá de Sousa, nascida no Maranhão. Escritora versada em literatura alemã. Livro: Os bandidos, tradução de Schiller, São Luís, 1900; Adelina Teixeira Mendes, poetisa; Ana da Silva Freire; Apolônia Pinto, poetisa e maior artista do teatro nacional do seu tempo. Carlota Carvalho, escritora, autora de *O Sertão*.

3.3.3. As Mulheres na Poesia Maranhense

Sonetos Maranhenses é uma publicação da confraria intitulada “Távola do Bom Humor”, publicada pela imprensa oficial do Maranhão no ano de 1922 e que constitui a 1ª. Edição. A obra é uma homenagem a Antonio Lobo, ilustre maranhense e traz o gênero soneto, portanto poemas em quatro estrofes, 14 versos. Segundo a apresentação do trabalho são “cento e sessenta sonetos de autores maranhenses a partir de Odorico Mendes, por ser o mais velho, nascido em 1799”. Assim é apresentada a publicação:

Torna-se-nos mister algo dizermos sobre que venha a ser a Távola do Bom Humor. É uma sociedade lítero-humorística, fundada em 1920, onde se congregam agermanados vários rapazes que se dão ao trato das letras pátrias, cultivando-as sem azumbalhar méritos que os não possuem. O seu ideal é trabalhar sem que pareçam vaidosos por semelhante feito. O "Diário de S. Luiz", de 27-1-1922, pela pena brilhante do jornalista prof. Nascimento Moraes, ajuizara sobre a Távola da seguinte maneira: "A Távola do Bom Humor é, de fato, um exemplo para a mocidade estudiosa de nossa terra. E' um exemplo pela sua emancipação moral e intelectual, é um exemplo pela administração e ainda é um exemplo pelos resultados que colhem os que a incorporam, com denodo, valentia e notável dedicação. Os da Távola fazem prodígios num meio como o que vivemos, sem estímulo, sem gosto literário, empolgado por uma criminosa apatia que aborrece".

Mais, porém, do que dissera o ilustre plumitivo, não precisarmos de alegar. E isto constitui já para nós uma vaidade o sermos julgados talqualmente o somos, cômnicos da nossa pouca valia. Dahi só em nós palpita o desejo de sermos úteis á nossa terra e á nossa gente, nalguma cousa de que nos possa resultar o encomio de uns e o espedrejamiento de outros, esses que, sem capacidade de trabalho, sem algo produzirem, investem não raro contra todos os que perseveram com fé e coragem, trabalhando, porque, na frase de Antônio Lobo, a coragem tudo vence e a fé tudo premia.

Eis o motivo deste trabalho como diminuta contribuição do nosso grande esforço às gloriosas festas da independência do Brazil.

Acham-se, portanto, reunidos aqui, cento e sessenta aedos maranhenses, alguns completamente desconhecidos, mas todos vibrando em coro a mesma harpa altíssima num só concerto imprevisto e maravilhoso.

Para consegui-lo, despendemos uma grande soma de energias. Que nos julguem, pois, por tamanho arrojo.

S. Luiz — agosto — 1922.

Na realidade são 178 sonetos, dos quais 9 (nove) deles são sonetos escritos por mulheres ou “poetizas” como se chamava à época. São elas; Maria Azedo Mattos, Anna O. Santos, **Mariana Luz**, **Laura Rosa**, Blandina Santos, Aura Matos, Leonete Oliveira, Luiza Nunes e Concita Ferraz. No texto de apresentação da coletânea os autores levantam a questão de que alguns maranhenses ilustres ficaram de fora da coletânea por não terem trabalhos literários escritos sob a forma de sonetos, entre eles, a escritora Dona Maria Firmina dos Reis.

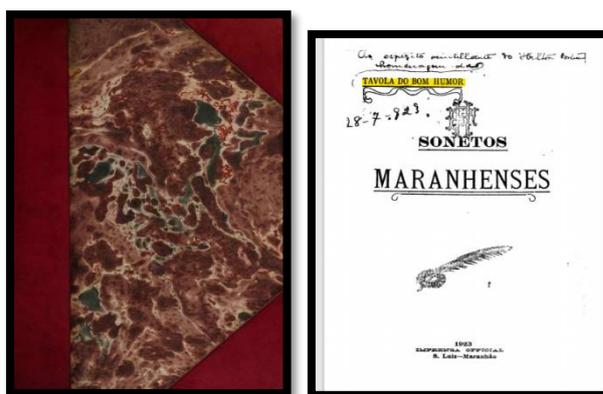
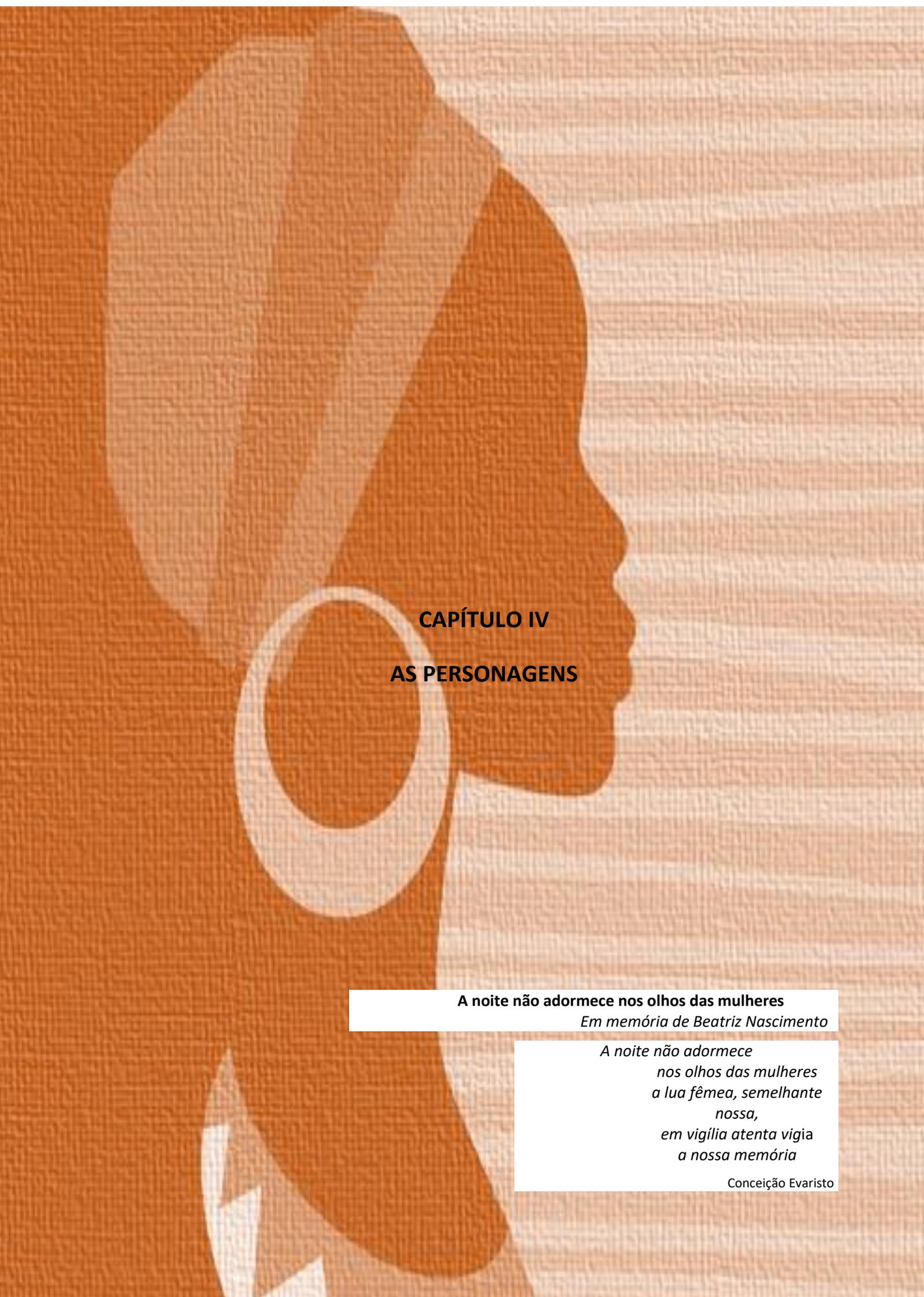


Figura 28- Capa da publicação “Sonetos Maranhenses”
Fonte: Biblioteca Benedito Leite, material digitalizado

No geral a produção feminina, inclusive as temáticas dos sonetos não deixam a desejar se comparados com os dos 169 homens presentes na coletânea. O soneto é uma forma literária bem característica da chamada fase romântica da literatura brasileira. E, especialmente Marianna Luz lançou mão desse importante gênero da poesia brasileira, veremos alguns no capítulo específico sobre essa autora que assim como Maria Firmina e Laura Rosa teve uma importante ação no seu tempo.



CAPÍTULO IV
AS PERSONAGENS

A noite não adormece nos olhos das mulheres

Em memória de Beatriz Nascimento

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante
nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória*

Conceição Evaristo

4. MULHERES, LUTAS E REPRESENTATIVIDADE

“Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido” (EVARISTO, 2004, p. 205).

4.1. “Me visto com a roupa com a qual me despes” - as histórias ocultadas

A metáfora do título que remete a letra de uma canção, aqui quer dizer que as mulheres que viveram em finais do século XIX e albores do século XX tiveram que enfrentar muitos desafios, por diferentes motivos, em diferentes contextos socioeconômicos. Possivelmente tiveram que se defender a todo o momento do assédio moral e cultural, representado pela crítica misógina, afinal elas escreviam e corriam os jornais para publicar. Sua história de sociabilidade, de interesses particulares, de participação no contexto de vida é extremamente fragmentada e recheada de preconceitos. Por esta época, o estatuto de ser humano pensante ainda era algo questionado pelos homens, literatos e cientistas do dezenove, o que levou as mulheres bem mais tarde aos bancos escolares. A historiadora Michele Perrot⁵⁵(2007) no livro *Minha História sobre as mulheres* conta que,

No século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais. Elas tiveram que esperar até o final do XIX para ver reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades. No século XX, descobriu-se que as mulheres têm uma história e, algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos, com seus movimentos e reivindicações. Também ficou claro, finalmente, que a história das mulheres podia ser escrita. Hoje já é uma área acadêmica consolidada (Perrot 2007:11)

Ser ontológico, pensante, com direitos e deveres, que produzem e vivem e contam uma história no mundo, esses foram os movimentos de se descobrir mulher como bem vai dizer Simone de Beauvoir. Virgínia Wolf no estudo “Um teto todo seu” de 1929 atribui a quase inexistência de obras escritas por mulheres nas bibliotecas à profunda misoginia, que

⁵⁵Por ela mesma: A história das mulheres e mesmo as próprias mulheres não eram meu interesse inicial. Adolescente, o que eu queria era ter acesso ao mundo dos homens, o mundo do saber, do trabalho e da profissão. Minha família não opunha obstáculos. Meus pais eram francamente igualitários, feministas sem teoria, e me incentivavam em meus estudos e em minhas ambições. Na universidade do pós-guerra, nos anos 1950, na Sorbonne, os professores eram todos homens. Mas as estudantes eram cada vez mais numerosas, embora muitas abandonassem o curso; eu, particularmente, não sofri nenhuma discriminação. Quando, em 1949, foi publicado *Le deuxième sexe*, de Simone de Beauvoir, foi um escândalo. Sempre tomei partido em favor dela. Mas a leitura parcial que fiz, na época, não me afetou muito. Só mais tarde pude perceber a riqueza daquele livro (Perrot 2007).

não cansava de afirmar a inferioridade mental, moral e física do gênero feminino, e justificar as desigualdades em relação ao acesso aos postos de trabalho entre mulheres e homens.

Tomadas as devidas proporções, podemos afirmar que a situação é muito mais delicada para as mulheres que habitavam o hemisfério sul, mulheres colonizadas e subalternizadas por relações arcaicas. Pensar a mulher europeia é bem distinto de se pensar a mulher ameríndia ou afro-ameríndia na Amazônia. E por quê? Porque aqui os mecanismos de poder e controle sobre os corpos e as vontades eram pautados na extrema violência, mulheres escravizadas, mulheres silenciadas pelo medo, pelas conveniências sociais. De qualquer forma as reflexões de Perrot nos dão um norte para discutir estas relações de dominação vigentes neste século e das quais as escritoras *sujeitas* dessa tese foram ativas participantes.

4. 2. Mulheres saem dos arquivos- quebrando o silêncio!

Perrot em *As Mulheres ou os silêncios da História* (1998) atribui o silenciamento em torno da produção feminina a duas razões: 1) argumenta que há “uma dissimetria sexual”, ou seja, enquanto os homens são enaltecidos e louvados, as mulheres ou não aparecem ou são citadas timidamente. Isso é muito patente nos discursos de posse das academias de letras, vou mostrar um exemplo das mulheres que pesquiso, quando Laura Rosa foi tomar posse fez um discurso enaltecendo seu antecessor, não apenas porque a ele devia reverência por ter vindo antes dela, mas principalmente porque era homem, e porque no século XIX eles dominavam a escrita e decidiam sobre o que se devia valorar ou não, legitimar ou não determinada escrita.

A segunda razão: o silêncio das fontes. “As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas” (2007:17). A autora argumenta que há um pudor feminino em manter algumas memórias, por isso “São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito”. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra (Id, Id). , mas, dependendo do contexto histórico e social há outros determinantes desta perda de vestígios da escrita.

Existe ainda segundo a autora um uso das imagens que não dizem de mulheres reais, são mais sobre os sonhos ou os medos dos artistas. As mulheres são imaginadas, representadas, ao invés de serem descritas ou contadas. Eis aí outra razão para o silêncio e a obscuridade: a dissimetria sexual das fontes, variável e desigual segundo as épocas. Isso nos leva a pensar, por exemplo, porque durante muito tempo a imagem de Maria Firmina foi associada à outra escritora, como bem aponta Dilercy Aragão Adler (2017): “Constato com pesar que, comumente, a imagem da escritora Maria Benedita Câmara Bormann, conhecida com o pseudônimo de Délia, é veiculada erroneamente em vários sites e na busca google como sendo de Maria Firmina dos Reis” (2017:83). Essa imagem presente no livro de Adler, é ainda hoje veiculada por diversos sites e inclusive no site de editoras:



Figura 29- Fotografia da escritora Maria Benedita Câmara Bormann
Fonte: Maria Firmina dos Reis: vida, contexto, obras - Mundo Educação (uol.com.br)

Trata-se de tentativa de embranquecimento da autora, para uma melhor aceitação junto aos leitores e editores? É possível no contexto de racismo brasileiro, e essa identificação poderia ser um excelente ponto de investigação. Afinal essa outra autora existiu mesmo e é também considerada grande escritora. A publicação Memorial de Maria Firmina traz um artigo intitulado “A pseudoimagem de Maria Firmina dos Reis” que problematiza em torno dessa imagem e reporta que “Nenhum retrato deixou Maria Firmina dos Reis. Nhazinha Goulart sua filha adotiva a descreve: “rosto arredondado, cabelo crespo grisalho, fino, curto amarrado na altura da nuca; olhos castanho-escuros, nariz curto e grosso, lábios finos, mãos e pés pequenos” (Furtado 2017:19), foi com base nessa descrição que o artista Flory Gama lapidou o busto de Maria Firmina dos Reis.

E, mesmo agora, quando se produz uma quantidade razoável de conhecimentos sobre a escritora Maria Firmina, ela ainda é representada, por exemplo, na página da

academia ludovicense, para a qual emprestou seu nome “Casa Maria Firmina dos Reis” por um busto. Observem a Revista dos Acadêmicos, onde a escritora é patrona da cadeira de número 8 da ALL- Academia Ludovicence de Letras, fundada já no século XXI, em 2013.

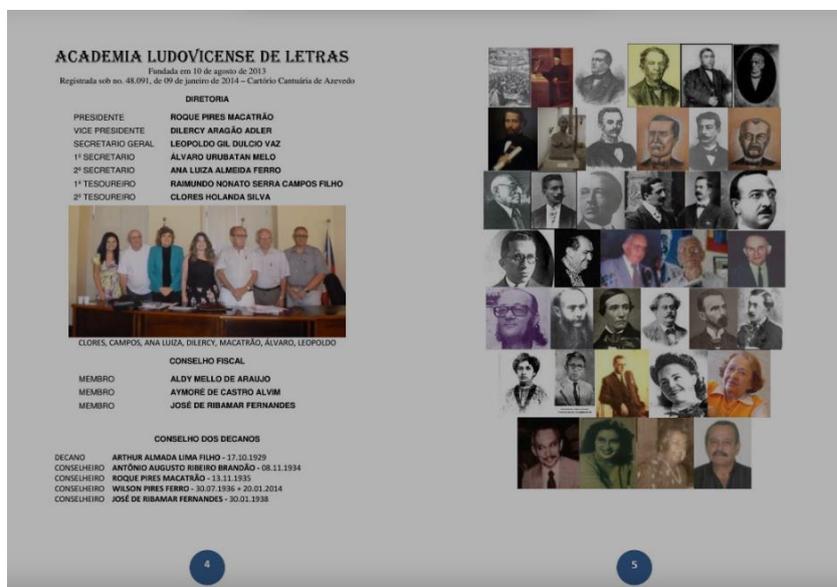


Figura 30- Imagem do site da Academia Ludovicense de Letras
Fonte: Site da Academia Ludovicense de Letras (ALL)

Perrot (2007) aponta que as mulheres se expressavam por algumas vias, entre elas as místicas e literárias, assim é passível que encontremos entre as produções dessas mulheres, orações, meditações, poesia e romance. Como realmente encontramos ao longo dos textos das escritoras do Século XIX, um forte conteúdo místico e religioso, o que é completamente compreensível frente ao contexto histórico de vida. A vida na província se estendia em longas horas de trabalho e outras de meditação, quando a pena da escritora encontra motivos para expressar suas dores, desejos e elevações espirituais. Um bom exemplo é o texto de Maria Firmina intitulado *Meditação*, escrito em homenagem a sua irmã Amália dos Reis. Mas existia ainda uma sociabilidade que nasce até do fato de Firmina ser professora e por isso acessar diferentes pessoas.

MEDITAÇÃO

(À minha querida irmã – Amália Augusta dos Reis)

[“Era a hora em que o homem estava recolhido nas mesquinhas moradas...” A. Herculano]

Vejamos, pois, esta deserta praia,
Que a meiga lua a pratear começa,
Com seu silêncio se harmoniza esta alma,
Que verga ao peso de uma sorte avessa.
Oh! meditemos na solidão da terra,

Nas vastas ribas deste imenso mar;
 Ao som do vento, que sussurra triste,
 Por entre os leques do gentil palmar.
 O sol nas trevas se envolveu, – mistérios
 Encerra a noite, – ela compreende a dor;
 Talvez o manto, que estendeu no bosque,
 Encubra um peito que gemeu de amor.
 E o mar na praia como liso ondeia,
 gemendo triste, sem furor – com mágoas...
 Também meditas, oh! salgado pego –
 Também partilhas desta vida as frágoas?...
 E a branca lua a divagar no céu,
 Como uma virgem nas solidões da terra; (Reis *apud* Moraes Filho 1975)

Deste modo, os caminhos da escrita dessas mulheres para sobreviver ao mundo proibido dos homens estão relacionados inicialmente à religião, depois a um fértil imaginário ligado à leitura de romances e finalmente uma escrita muito marcada também pelo cotidiano, em alguns casos bem idealizados nas escritoras do dezenove. Mas é bem marcante aqui, nessa escrita de Firmina, a divagação em torno de um sentimento associado aos elementos naturais, possivelmente uma aproximação bem forte com o parnaso, evocando a proximidade entre o ser - humano e as manifestações naturais, terra, bosque, mar, praia, lua são marcadores dessa escrita interativa, afinal “o vento sussurra triste”. Nessa aproximação vemos com Perrot quanto à literatura, oração, meditação, poesia e romance compõem a produção da escrita feminina:

Safo, a misteriosa poetisa grega que, ao final do século VII, anima, em Lesbos, um grupo coral onde cantam as jovens da boa sociedade; a religiosa Hildegarde de Bingen, autora, no século XII, do Hortusdeliciarum (Le jardin dès délices, coletânea de cantos gregorianos); Marguerite Porete (Le Miroirdes ames simples et anéanties), morta na fogueira como herética no século XIV; Catarina de Siena, letrada e conselheira do papa; a grande Christine de Pisan, cuja obra La Citédes domes marca uma ruptura no século XV. "Em minha loucura eu me desesperava por Deus me ter feito nascer num corpo feminino", dizia ela numa sede de igualdade que saía por todos os poros desse período pré-renascentista (Perrot 2007: 31-32).

Segundo a autora dois lugares foram propícios à escrita: “os conventos e os salões, o claustro e a conversação”. Por conta disso temos, por exemplo, as cartas de Mariana Alcônforado ao seu amado, escritas no convento em Portugal e tantos outros exemplos de uma escrita secreta, proibida. Assim, a escrita feminina na Idade Média era uma escrita controlada, vigiada, assim mesmo a clausura favorecia a leitura e mesmo a escrita dessas mulheres, “a tal ponto que, ao final do século XIII, as mulheres da nobreza pareciam

culturalmente superiores aos homens que se dedicavam a guerrear, como nas cruzadas ou em outras circunstâncias. Cultas e desejosas de amar de outra maneira” (Perrot 2007:32).

Com o correr dos séculos estes espaços vão se diversificando, as senhoras escritoras do século XIX na Província do Maranhão além de a igreja, tinham outros espaços de estar na sociedade, possivelmente os saraus de poesia, as posses dos ilustres literatos, as festas, os bailes, os passeios ao ar livre, as viagens, aliás, em vários fragmentos de jornais da época há informações de deslocamento de Maria Firmina para Guimarães, de Laura Rosa para Caxias, de Marianna Luz de Itapecuru-Mirim para São Luís. Tudo isso compunha a imaginação das nossas escritoras oitocentistas, mesmo que em muitos aspectos de forma controlada, vigiada, de qualquer forma a viagem pelos rios deve ter inspirado as autoras que ao mar se referem em várias publicações como veremos adiante. Seguindo o rumo da prosa de Perrot podemos chamar essas mulheres do Maranhão de pioneiras, elas abrem o caminho, elas possibilitaram a quebra do silenciamento e a possibilidade de hoje olharmos esse passado de forma crítica, buscando entender, criticar e produzir as histórias do seu apagamento na sociedade e de sua reabilitação enquanto escritoras reais do século pós-abolição. A reflexão de Michele Perrot (2007) sobre as mulheres nos séculos XIX e anteriores e em especial sobre a escrita feminina:

Porque elas aparecem menos no espaço público, objeto maior da observação e da narrativa, fala-se pouco delas e ainda menos, caso quem faça o relato seja um homem que se acomoda com uma costumeira ausência, serve-se de um masculino universal, de estereótipos globalizantes ou da suposta unicidade de um gênero: A MULHER. A falta de informações concretas e circunstanciadas contrasta com a abundância dos discursos e com a proliferação de imagens. As mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer a sua história é, antes, de tudo, inevitavelmente, chocar-se contra este bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar, sem saber como elas mesmas as viam e as viviam [...] (Perrot 2007:11).

Então pensando nas formas que essas mulheres tinham de se comunicar, de comunicar seus pensamentos, a autora faz uma extensa discussão sobre o papel dos diários íntimos, ou dos álbuns e até das correspondências, enquanto formas possíveis de escrita para as mulheres àquele século, nessas escritas foram descobertos significantes importantes da sociabilidade das mulheres, do seu olhar sobre os fatos e ainda sobre a memória que traziam em suas penas. Tratarei desse assunto a partir de obras compiladas das três autoras maranhenses e que remetem para esta visão de uma literatura baseada no cotidiano, nos

diários, nos álbuns de recordações, que revelam partidas, chegadas, amores, desencantos, alegrias.

Essa forma de registro chegou até gerações de mulheres do século XX, basta-nos dar uma visada na escrita de Carolina de Jesus, por exemplo, que com seus diversos diários, conta de sua vida, dos seus amores, da política e da sociabilidade e, claro da fome na favela do Canindé em São Paulo, temos no século XX muito dessa manifestação, especialmente nas décadas 1960/70. No Maranhão, no livro *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*, organizado por Nascimento Moraes Filho (1975) há o seguinte texto registrado como do dia 5 de janeiro de 1874:

CAETANA

Deixa gravar o teu nome neste álbum, como lembrança indelével da amizade que te consagrei!

Hoje que na ampulheta do tempo caiu para ti o último bago, - hoje que a mão da morte gelou teu peito, e cobriu com seu manto de lividez tua fronte bafejada apenas pela fragrância das vinte primaveras, hoje que sobre o ergástulo de tua alma cândida, verto uma lágrima de saudade, mas que tu não correspondeste com outra lágrima, ao menos lá do seio do Senhor acolhe a expressão sincera da minha saudade.

Fostes filha, esposa e mãe; mas cortada em flor a tua existência, és hoje presa dos vermes! (Reis *apud* Moraes Filho 1975).

Sobre essa forma de registro como o diário é muito usado pelas mulheres não apenas porque organizava a vida diária e quebrava a monotonia do cotidiano, mas porque consistia numa forma de não esquecer os fatos e pessoas importantes da vida, assim esse registro aparece em Maria Firmina com anotações de partidas e chegadas em São Luís e Guimarães, desde 1853, quando tinha 31 anos. Faremos uma incursão sobre esse gênero literário no próximo capítulo.

4.3. Negra@-Corpo, Negra@Voz- Representação e Ação no mundo

A produção do conhecimento sobre a literatura produzida por mulheres passa necessariamente pela insurgência dessas mulheres, assim trazê-las para a superfície da história significa não apenas valorizar a sua escrita literária, mas considerar a sua existência enquanto ser – vivente e escrevente numa sociedade em construção e, como bem reforça o historiador Losandron Tedeschi:

Durante muito tempo foram negadas às mulheres a autonomia e a subjetividade necessárias à criação, consequência da manipulação e do controle tanto da palavra quanto da escrita. Isso assegurou a instalação do

poder, da lei e do imaginário social na História (com H maiúsculo) e trouxe, como consequência, a legitimação de uma minoria social que assegurou, determinou e confinou as ferramentas do pensar, vedando às mulheres o livre exercício da autonomia do narrar e do escrever. O patriarcado teve, como uma de suas funções na história, a construção e a reprodução de uma memória implacável, imóvel, endurecida e controladora da episteme historiográfica (Tedeschi 2018:4).

O autor faz uma crítica às formas de controle do patriarcado. A autonomia e a liberdade para se posicionar e agir possivelmente não foram ações tranquilas no contexto do Maranhão entresséculos. As subjetividades dessas mulheres, além de negadas eram algumas vezes violentadas por um poder que era patriarcal e sexista. Deste modo, não se trata apenas de organizar compêndios e listas intermináveis de mulheres que sim estiveram em seu tempo profundamente motivadas pelas questões sociais, culturais e mesmo políticas. Mas reconhecer que existiram mulheres intelectuais de seu tempo, pensadoras e tradutoras de um cotidiano específico em escrituras diversas, estilos e formas diversas de manifestar a escrita.

Deste modo, trazer a escrita da vida – “*escrevivência*” das autoras da literatura na Amazônia para o tecido de uma tese, implicou em caminhos de construção de uma argumentação e de uma etnografia literária que me levou a conhecer mais de perto a professora Conceição Evaristo fonte de inspiração para toda uma geração, a escritora esteve na capital paraense no dia 14 de outubro de 2017. Foi um dia de encontro, de Poesia e Música⁵⁶. A poesia forte e resistente de Conceição Evaristo, ao melodioso som do bandolim de Hamilton de Holanda⁵⁷ e a música também forte de “Lágrimas do Sul” de Milton Nascimento. Os três, personagens da nossa história contemporânea, reverberam a voz de um povo que ainda “canta para seus orixás”, apesar de “tudo que sofreram” esperam chegar o dia da “humanidade”. Afinal nas vozes de nossa ancestralidade ecoam as dores de seres humanos, negros e indígenas, massacrados por uma colonização que ainda hoje tenta docilizar os corpos e as mentes. Por isso estamos aqui por eles e por nós. Para ser resistência!

Apontada como importante voz que compõem hoje o panorama de escritoras negras na literatura brasileira contemporânea, Conceição Evaristo, mineira nascida na

⁵⁶Programação intitulada “Terceira edição do Festival de Música e Poesia”, com a presença de Conceição Evaristo, Hamilton Holanda e Milton Nascimento.

⁵⁷ Bandolinista e compositor brasileiro, nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1976.

periferia da cidade de Belo Horizonte, favela “Pendura Saia” é escritora, romancista, contista e professora, mestra e doutora em Letras. “Olhos d’água” - livro de contos deu a ela o Prêmio Jabuti-2015. Fala de resistência, a escrita de Evaristo traduz, numa linguagem poética, as *vozes-mulheres*, não vozes predicativas, mas adjetivadas e substantivadas pela dor e sofrimento, marcas da memória do negro trazido de além-atlântico, mas também pela resistência e luta por melhores dias para nossa humanidade, na voz de Milton: “Hora de humanidade, de acordar continente e mais. A canção segue a pedir por nós. África, berço de meus pais. Ouço a voz de seu lamento”. Assim, Conceição nos conta: “A voz predominante na minha escrita é aquela voz profundamente marcada pela condição de mulher negra na sociedade brasileira e isso marca minha escrita de forma inconsciente e de forma consciente” (Evaristo Informação verbal 2017).

Alguém que veio da diáspora, movida por motivos outros que não guerras civis e massacres, mas uma migração interna que nas décadas de 1970 a 1990 atraía para os grandes centros urbanos, especialmente sul e sudeste, populações que pensavam encontrar melhores condições de vida. Conceição nos disse que chegou ao Rio de Janeiro bem no início da década de 1970, e neste momento travou conhecimento com o movimento negro. Em suas palavras: “É um momento de efervescência muito grande, com a fundação, por exemplo, do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras” (Evaristo Idem 2017).

Deste modo, a escritora pondera que sua relação com o movimento Negro se deu como uma pessoa formada pelo movimento negro. Ainda em Belo Horizonte, já se interessava pelas questões raciais no Brasil. A autora avalia que,

[...] as pessoas negras que acompanharam na década de 70, na década de 80, mesmo que elas não estejam inseridas diretamente dentro do movimento negro, mas elas estão contaminadas pelo movimento negro. Afinal era um momento que também o M.N estava voltado para as lutas de libertação das ex-colônias portuguesas na África. Momento da prisão de Mandela, momento de denúncia acirrada do apartheid da África do Sul, do Apartheid nos EUA, e, mais ainda, denúncia do apartheid brasileiro (Evaristo Informação verbal 2017)⁵⁸.

⁵⁸Entrevista concedida por Conceição Evaristo a Maria de Nazaré B. Trindade. Belém/Pará. Arquivo.mp3 (20 minutos). Audiovisual e transcrição realizada. Outubro/2017

É nesse momento que a escritora conhece o *Quilombhoje*⁵⁹ e participa de grupos literários que se apresentavam nos presídios, nas associações de moradores, escolas, bibliotecas públicas e em festas e reuniões do movimento negro. A escritora trava conhecimento do *Quilombhoje* em 1989 e em 1990 publica seu primeiro trabalho em Cadernos Negros III- segundo informação do site, os cadernos negros foram criados durante o processo de redemocratização do Brasil, em 1978, o primeiro volume da série saiu com oito poetas que dividiam os custos do livro⁶⁰. Conceição argumenta que para ela “é uma escolha ideológica escrever a partir do lugar de mulher negra, na sociedade brasileira, a escolha da matéria, do texto, do modo de linguagem” (Evaristo Informação verbal 2017).

Neste sentido, a sua construção enquanto escritora é de alguém que reflete sobre a literatura brasileira e mais que isso sobre a conformação da sociedade em suas multivocalidades está profundamente marcada pela concepção já exposta em entrevistas e em artigos anteriores de que “Para as Mulheres negras escrever e publicar é um ato duplamente político”. No posicionamento da escritora podem-se situar duas questões na literatura brasileira. A primeira está relacionada à produção ficcional propriamente dita, ou seja, a forma como são tecidos os personagens, os enredos, as temáticas, marcadas por “estereótipos” e eu acrescentaria de caricaturas que ensejam desviar o olhar do leitor das verdadeiras razões pelas quais são “representados” daquela forma os personagens- razões discriminatórias, racistas e preconceituosas, e, ainda que tem em última análise a ideia de manter o *status quo*. Bem como pondera Luiz Ruffato na obra *Questão de Pele*⁶¹(2009) quando trata da representação do negro na literatura brasileira:

A uma mulher, Maria Firmina dos Reis (1822-1917), ela mesma mestiça, deve-se uma das primeiras representações do negro na prosa de ficção brasileira, no romance *Úrsula*, aparecido em 1859. Mas a Mãe Suzana, de Maria Firmina, digna depositária da cultura africana e do desejo de liberdade, é uma exceção no quadro do nosso romantismo. Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), com *As vítimas-algozes*, de 1869, apenas

⁵⁹*Quilombhoje* é um coletivo cultural e uma editora de São Paulo, responsáveis pela publicação da série Cadernos Negros. Em seu site divulga “Dentre as várias propostas do *Quilombhoje* estão as de incentivar a leitura e dar visibilidade a textos e autores afrodescendentes”.

⁶⁰ Para mais informações acessar: <http://www.quilombhoje.com.br/cadernosnegros/historicocadernosnegros.htm>

⁶¹ Coordenada pelo ficcionista Luiz Ruffato, a coleção Língua Franca, da editora Língua Geral, oferece ao leitor uma reflexão sobre a história política e social do Brasil por meio de contos. Textos de: Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis, Manuel de Oliveira Paiva, Coelho Neto, J. Simões Lopes, Afonso Arinos, Lima Barreto, Nei Lopes, Conceição Evaristo, Murilo Carvalho, Cuti, Alberto Mussa, Cidinha da Silva, Ferréz, Mahommah G. Baquaqua.

reforça o estereótipo do escravo como um ser despido de humanidade, receptáculo da maldade, da crueldade e da maledicência. E Bernardo Guimarães (1825-1884), embora sincero em sua adesão à causa antiescravagista criou, em *A escrava Isaura*, de 1875, uma personagem que em tudo seguia o padrão de beleza das heroínas importadas da França (2009: 12).

Segundo, uma hierarquia no processo de publicação na cena literária brasileira e, mais algo que marca a trajetória de Evaristo e de muitas outras escritoras, “Enquanto o modernismo possibilitou alguma autoria de mulheres brancas, as mulheres negras vão entrar na cena literária muito depois”. Penso que essa discussão revela que,

[...] há um crescente debate sobre o espaço, na literatura brasileira e em outras, dos grupos marginalizados – entendidos em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério (Dalcastagnè, 2012:78).

Spivak discute que se o subalterno não pode falar alguém fala em nome dele, ou o representa. E necessário desse modo estabelecer um processo de autorização de outra voz, uma voz que, nas palavras de Evaristo constrói “uma outra ficção”, e até um outro modo de conceber uma ficção na literatura brasileira:

[...] quer dizer, quando você pensa, por exemplo, personagens negras que não estão inseridas em seus contextos culturais, você pensa, por exemplo, em Gabriela-Cravo e Canela, Rita baiana, Bertoleza, né, quer dizer, são todas personagens que são construídas a partir de uma perspectiva do homem branco construindo essa personagem, retirando essa personagem do seu espaço social, enquanto você pega essa autoria negra você vai ver essas mulheres sendo construídas a partir do espaço de pertencimento delas, quer dizer, é um outro texto, né (Evaristo Informação verbal 2017)

Esse processo de reconhecimento de “outras vozes” e de autorização, no sentido de trazer a autoria para a epiderme de uma sociedade atravessada por séculos de conflitos raciais vem aos poucos trazendo a lume escritoras africanas e afro-brasileiras que se posicionam político e socialmente, quebrando o incômodo silêncio. Sobre isso Conceição referencia a escritora de Moçambique Paulina Chiziane, com quem sempre se encontra em seminários e a qual trata como “nós somos irmãs do outro lado do Atlântico, né, eu aqui, Paulina lá” (Evaristo Informação verbal 2017).

Para a escritora, as experiências vivenciadas pelos povos afro-diaspóricos, histórias de dominação e de subalternização que tiveram seus embriões na escravização permitiu se

criar, em suas palavras, uma literatura transnacional, e ela justifica: “você pode ler, por exemplo, um texto de *Toni Morrison* ou texto de *Alice Walker* ou ler o texto de *Paulina Chiziane* e perceber essa semelhança” (Evaristo Informação verbal 2017).

Conceição diz que tanto sua voz quanto a de Carolina Maria de Jesus são vozes de mulheres que experimentam a subordinação,

(...) se elas não experimentam a vida inteira, que é o meu caso, ou se elas não experimentam na pele como outras escritoras negras, quer dizer, aqui no Brasil, estou falando que nem todas as escritoras negras brasileiras nasceram, por exemplo, de uma favela igual eu nasci, mas todas nós trazemos esse histórico, quer dizer, a nossa história é marcada a nossa história coletiva, não precisa você ter experimentado em níveis particulares, mas a história coletiva ela é marcada por um processo de subordinação que as mulheres que nos antecederam passaram (Evaristo Informação verbal 2017).”

Carolina de Jesus em seu contexto de vida- a favela de Canindé – era constantemente incomodada por outras mulheres que não entendiam porque ela preferia ficar escrevendo, enquanto elas dançavam, se divertiam. E ela fica pensando e observa as outras mulheres e homens da favela se divertindo e pensa que ela não dança, nem canta, mas escreve. Escrevia para sobreviver em meio a um cotidiano extremamente difícil, era catadora de lixo e registrava em papel amarrotado e amarelo a dureza e a alegria do seu cotidiano⁶².

Meio século depois, Conceição Evaristo reflete sobre estas questões: ao negro são associadas às representações da sensualidade, da dança, da musicalidade, resta agora mostrar ao mundo que há uma literatura rica em elementos ficcionais e temáticos escritas por peles negras, e que são vozes que saem aos poucos da sombra de cânones estabelecidos pelas vozes dominantes até então. Em Conceição encontramos uma memória do tempo familiar- mas ela traz para sua escrita também tempos de memória coletiva- daqueles que construíram nossa ancestralidade. Essa consciência de que somos partícipes em uma sociedade desigual e de que precisamos ser vozes de luta e resistência. Assim sua escrita traz a marca desse estar no mundo e no coletivo, por isso desde 1980 publica nos cadernos negros, segundo informações do site:

⁶²No artigo “Carolina, a mulher pelo avesso: uma poética do desassossego”, publicado nos anais do V CIELLA faço uma análise literária de *Quarto de Despejo*, evidenciando esse protagonismo na escrita de Carolina de Jesus.

A partir de 1978 a produção literária afro-brasileira dinamizou-se bastante por conta da criação da série *Cadernos Negros*, que, publicando contos e poemas, tem se tornado o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo. Além de proporcionar espaço para os criadores, a série, organizada pelo *Quilombhoje*, também vem se tornando um instrumento para o exercício da lei 10639/11645, pois se constitui numa fonte extremamente rica para veiculação da cultura, do pensamento e do modo de vida dos afro-brasileiros. De 1978 a 2017 foram lançados quarenta volumes, um por ano, alternando contos e poemas, proporcionando visibilidade para autores afrodescendentes e fomentando não só a literatura negra, mas também a produção literária das periferias.

4.4. Representação e ação no mundo- o corpo político

A extensão dessa discussão nos direciona para o que Dalcastagnè chama de “desconforto” na cena cultural e literária brasileira. Segundo ela “Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam em busca de espaço- e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala” (2012: 7). Assim “vozes não autorizadas” se presentificam e se dizem. Numa pesquisa inicial constatamos a incômoda ausência de vozes femininas na voz de grandes críticos e estudiosos da literatura como, por exemplo, Alfredo Bosi (1992, 2002, 2013), Antonio Candido (2006), José Veríssimo, Nelson Werneck Sodré, José Aderaldo Castelo (1999), entre outros.

Em *Literatura e sociedade*, Antonio Candido se remete ao feminino tão somente como público consumidor de uma literatura produzida: “Poucas literaturas terão sofrido, tanto quanto a nossa, em seus melhores níveis, esta influência caseira e dengosa, que leva o escritor a prefigurar um público feminino e a ele se ajustar” (2006:88). Não obstante esse papel de leitoras atribuído às mulheres, muitas delas foram além e se atreveram a esboçar e publicizar suas escritas.

Como contraponto, hoje, podemos dizer que existe um movimento, evidenciado por meio das redes sociais e mídias diversas e também nas universidades que visam trazer a escrita feminina através da voz das próprias mulheres para o centro do diálogo que implica as questões raciais, as questões de subalternidade e de poder frente à sociedade constituída. Falamos de um momento em que a mulher se torna então *sujeita* da enunciação. Ou seja, estabelece uma nova dinâmica em relação ao poder. Isso se iniciou com os movimentos feministas, com os direitos alcançados na década de 1930 – eleger e ser

elegível, e, ainda com os movimentos de reação aos poderes autoritários que se estabeleceram na América latina durante décadas, assim como a partir de movimentos por libertação das ex-colônias na América Latina e na África. Portanto não está a literatura além das relações de poder? Não, e essa relação se prefigura de forma muito mais contundente quando discutimos sobre a produção literária em regiões como a Amazônica, por exemplo.

Retomando Spivak (2010) quando afirma que “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”. A autora discorre sobre a rota da sua reflexão dizendo que “fará uma crítica aos esforços atuais do Ocidente em problematizar o sujeito em direção da questão de como o sujeito do Terceiro Mundo é representado no discurso ocidental” (2010:20).

Assim, argumenta que o termo subalterno descreve as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros no estrato social dominante. A problematização da autora coincide com as questões postas aqui, assim “a representação que sempre foi um conceito crucial dos estudos literários, agora é lida com maior consciência de suas ressonâncias políticas e sociais” (Dalcastagnè 2008:79).

4.5. Escritoras Negras na Amazônia: um defeito de gênero e de cor

Século XIX. Na geografia das províncias do Pará e Maranhão, por essa época transitavam nas ladeiras de São Luís, escravos, escravos forros, feitores, traficantes de negros, senhoras e senhores brancos, senhoras e senhores negros, indígenas, jornalistas, abolicionistas, escravagistas, vozes diversas, todos personagens de uma longa história de construção de uma nação e que ali se faziam presentes pelas suas atividades, trabalhos. Nossa narrativa é sobre mulheres que escreviam e que no espaço do Brasil ainda colônia buscavam os locais de divulgação e impressão-jornais, periódicos, são autoras da época que tiveram suas obras sublimadas ou ocultadas.

Assim, lançar um olhar sobre a produção literária escrita das mulheres neste período de 1850-1950 – período que constitui os primeiros registros de Maria Firmina dos Reis e vai até o período de constituição de dois movimentos literários- no Pará- a academia do peixe frito e no Maranhão- a Mina literária. Trata-se de um período historicamente

marcado pelas lutas antiescravistas ou abolicionistas e pelas lutas em torno da independência política do Brasil, perguntamo-nos então, quem eram as mulheres que viviam este tempo? Como se portavam e se diziam frente a esta sociedade? A leitura de alguns romances de escritoras negras, como *O olho mais azul*, *A cor púrpura* me levaram a pensar sobre temas que de certo modo caracterizam a escrita dessas mulheres, em especial as afro-ameríndias ou afrodescendentes- a solidão- a afetividade, os conflitos raciais, a não aceitação de seus corpos, as relações difíceis entre os casais e entre estes e seus filhos, muito marcado por questões raciais e de violência.

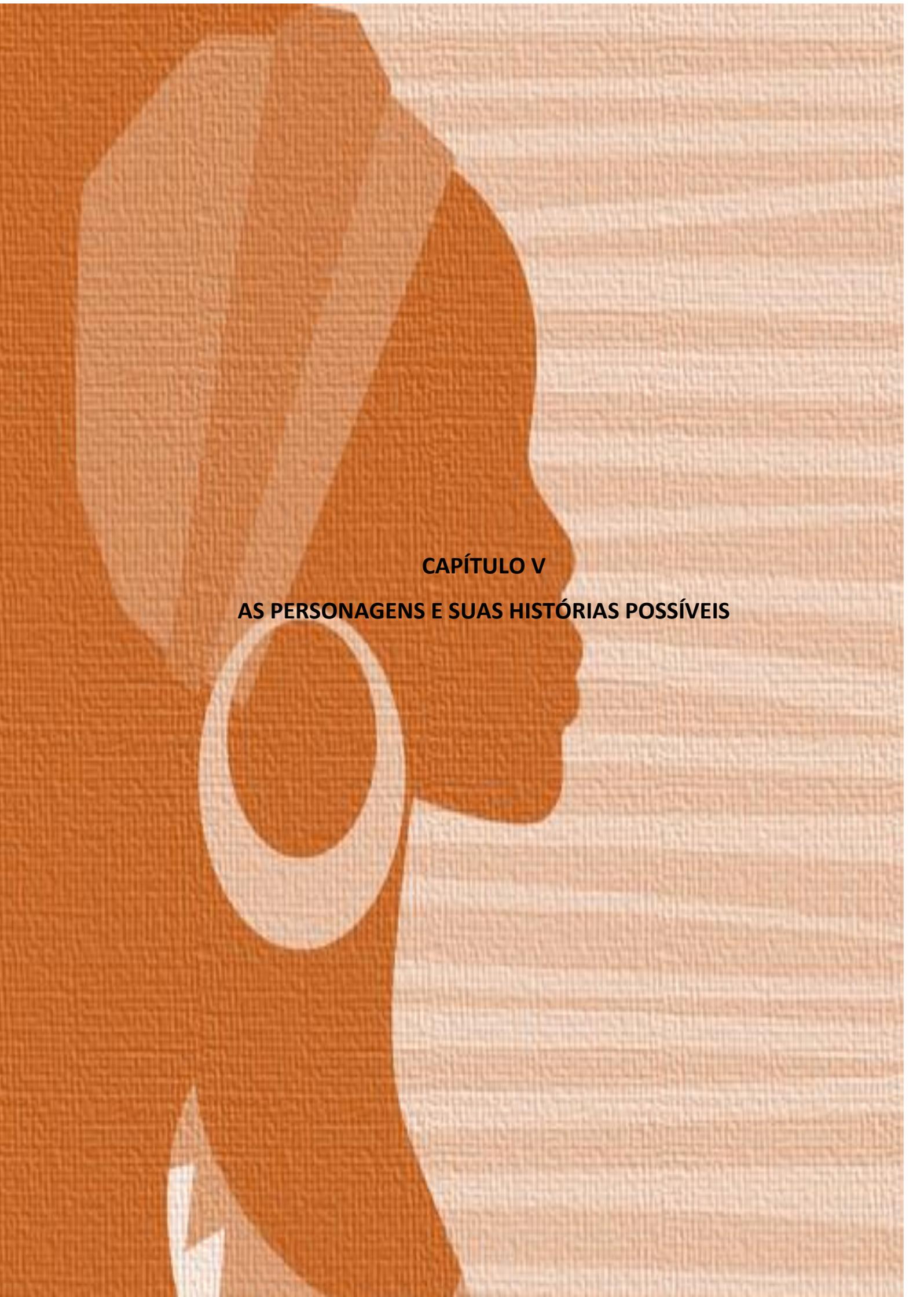
Já existe algum material escrito sobre essas autoras, mas interessa aqui pensar como elas se moviam nesse espaço micropolítico e de micropoder da província e posterior estado do Maranhão, ou seja, como impunham suas escritas, seus modos de ser e viver neste espaço social, territorial, histórico. Um aspecto a se considerar é que foi um período fértil para a imprensa o que possivelmente facilitou o acesso a alguns periódicos por parte dessas escritoras.

Deste modo interpreto que três elementos do contexto impactam sobre a produção e divulgação da produção das escritoras: 1. A educação- são professoras, portanto tem um vínculo com o conhecimento, com os diversos saberes, com a leitura, inclusive de clássicos, mesmo que cada uma a seu modo, com suas dificuldades, limitações, mas todas três acessaram uma gama de conhecimentos e saberes; 2. A Imprensa, especialmente o Maranhão no período em que Maria Firmina começa a publicar tem um grande movimento de periódicos com todas as finalidades e temas, políticos, sociais, literários, observe o quadro de periódicos e, 3. Acesso às academias, às associações e a sociedade em geral, portanto essas mulheres tinham certo poder de movimentação e ação nos espaços em que viviam e circulavam, o que nos leva a intuir uma socibilidade mais ampla que a frequência a salões e igrejas.

No século XX, em 1921 uma matéria no jornal *Estado do Pará* questionava o fato de a Academia Nacional de Letras- ANL ter em seu estatuto a proibição formal de eleição de senhoras. Essa verdadeira anomalia do sistema literário nacional que dá privilégios aos homens e homens brancos vai se estender até nossos dias eu diria, porque o que justificaria a não aceitação da escritora Conceição Evaristo para assento na Academia Brasileira de

Letras? O grau de representatividade de uma academia é questionável porque já excluía a priori as candidaturas femininas.

Nesta discussão sobre as mulheres, a partir de uma concepção de gênero e raça, dialogarei com o trabalho de Lélia Gonzalez, além de outras autoras, observando a política de publicação e o papel da mulher negra na sociedade amazônica e brasileira. Porque o feminismo negro- porque é ele que traz para o contexto da sociedade brasileira o foco das discussões para as mulheres negras, suas especificidades e demandas e agendas próprias frente às outras mulheres, portanto problematiza a mulher-escravizada e as formas modernas de tratamento dado a elas e mais, situa o lugar de fala e traz as mulheres do século XIX – possibilitando outro olhar sobre aquela produção literária, e mais possibilitando conhecer para criticar essa escrita, neste aspecto reside a importância do pensamento feminista negro.



CAPÍTULO V
AS PERSONAGENS E SUAS HISTÓRIAS POSSÍVEIS

5. AS MÃES- PRETAS- OUTRO OLHAR SOBRE A HISTÓRIA

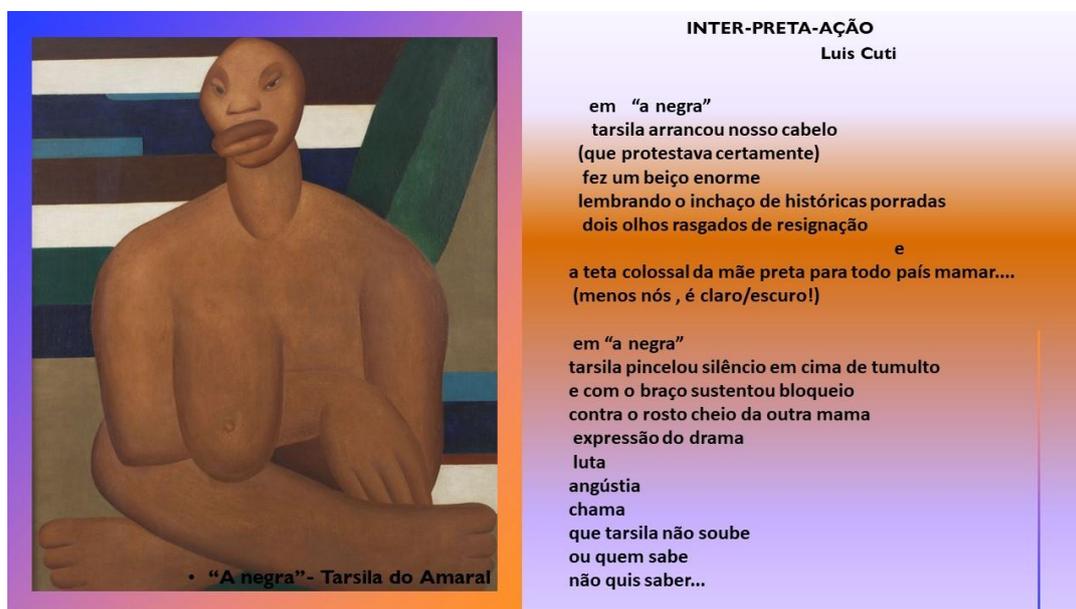


Figura 31- Composição "A Negra" / INTER-PRETA-AÇÃO
Fonte: arte gráfica da autora da tese⁶³

O Pretexo- é a pintura da artista plástica brasileira Tarsila do Amaral (1886-1973), modernista da fase antropofágica. A obra⁶⁴ foi exposta pela primeira vez em 1926 em Paris. A pintura possibilita problematizar uma forma de olhar, uma representação pictórica do outro que muito tem a ver com as memórias infantis da autora do tempo em que morava na fazenda de seu pai, e observava as amas de leite, as escravas. Representar "o outro" não é de modo algum uma ação neutra- livre das percepções e essas percepções vieram à baila.

⁶³ Fonte da imagem: [Tarsila do Amaral - desbravadora do modernismo | Templo Cultural Delfos \(elfikurten.com.br\)](http://Tarsila do Amaral - desbravadora do modernismo | Templo Cultural Delfos (elfikurten.com.br)); Fonte do poema: Digitado do livro Kizomba de Vento

⁶⁴ Considerada hoje como um dos maiores destaques da coleção de arte moderna brasileira do acervo do MAC- USP, a obra A Negra ingressou na coleção do antigo Museu de Arte Moderna de São Paulo via aquisição, em 1951, sendo posteriormente transferida, a partir de 1963, para o Museu de Arte Contemporânea. Até essa data de ingresso no MAM, segundo consta hoje no Catálogo Raisonné (2008) da artista e no amplo estudo realizado por Aracy Amaral (1975), a tela foi exposta em quatro exposições individuais de Tarsila do Amaral, sendo duas delas no Brasil, e em duas exposições coletivas. No que tange às individuais, em linha cronológica, participou da exposição inaugural, realizada em 1926, na Galeria Percier, em Paris, da exposição de 1931 em Moscou, no Museu de Arte Ocidental, da terceira exposição individual no Brasil, realizada em 1933, no Palace Hotel, e, por último, em 1950, na mostra retrospectiva "Tarsila 1918-1950", realizada no próprio MAM-SP, poucos anos após sua inauguração (Cardoso 2016: 91).

A pintura retrata uma negra nua sentada no chão, com as pernas cruzadas com uma das mãos e um dos seios à mostra, apresenta lábios grossos e cabeça desprovida de cabelos. Tarsila conta a história do quadro, bem interessante do ponto de vista das representações sobre as relações vivenciadas no Brasil pós-abolição.

Um dos meus quadros que fez muito sucesso, quando eu o expus na Europa se chama “A Negra”. Porque eu tenho reminiscências de ter conhecido uma daquelas antigas escravas, quando eu era menina de cinco ou seis anos, na nossa fazenda, e ela tinha os lábios caídos e os seios enormes. Contaram-me depois que naquele tempo as negras amarravam pedras nos seios para ficarem compridos, e elas jogarem para trás e amamentarem a criança presa nas costas. Num quadro que pintei para o IV Centenário de São Paulo, eu fiz uma procissão com uma negra em último plano e uma igreja barroca, era uma lembrança daquela negra da minha infância, eu acho. Eu invento tudo na minha pintura. E o que eu vi ou senti, como um belo pôr do sol ou essa negra, eu estilizo (Amaral Entrevista dada a Veja 1972).

A imagem a seguir faz um paralelo entre uma possível modelo para a representação pictórica de Tarsila, uma simpática senhora que fixa um ponto, mas que não me parece ter um olhar triste e para baixo da figura, podemos dizer que é possível retomar o que Kilomba diz no capítulo anterior “No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer? (Kilomba 2019:56). Onde estão os cabelos e o anima deste ser humano figurado a partir de medidas disformes? É isso que Cuti parece gritar em “INTER-PRETA- AÇÃO”.

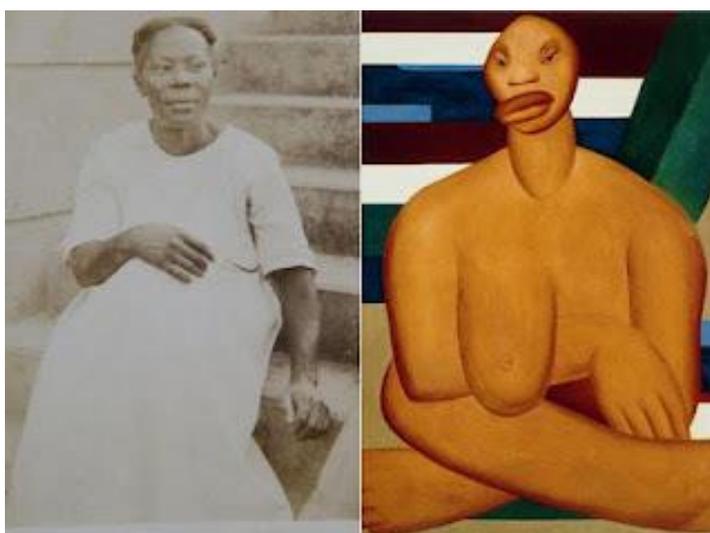


Figura 32- Retrato de uma antiga ama de leite e a A Negra

Fonte: Imagem disponível em: Tarsila do Amaral - a última entrevista | Templo Cultural Delfos

O Texto - é um poema, chamaria de poema-protesto, uma leitura da obra realizada por Luis Cuti, um pensador das relações étnico-raciais no Brasil e poeta, o poeta problematiza a forma e o conteúdo da representação do escravizado e, em especial das mães-pretas no pós-colonialismo. Ele questiona ainda a exclusão dos negros de direitos sociais básicos, bem marcada na passagem do poema: “a teta colossal da mãe-preta para todo país mamar, menos nós – é claro/escuro”.

Uma passagem muito elucidativa da discussão da contraposição de um país divulgado como uma democracia racial, mas que mantém intactos os mecanismos de exclusão e de subjugação da pele preta condenada a níveis inferiores de educação, a viver em condições proletárias nas periferias das grandes cidades, expostos a violência explícita do estado. Mas o poeta vai além, e nas marcas de sua escrita convida a ação-“preta-ação”, o convite à insurgência está posto. A representação pictórica nos leva a discutir o que foi o drama da maternidade em tempos de escravidão e esta dor está no conto de Maria Firmina, quando a escrava Joana enlouquece por ver seus filhos gêmeos serem traficados pelos homens brancos. Essa dor da maternidade, seja ela pelo abandono, seja pela violência, seja pelo suicídio está em muito da literatura produzida por escritoras negras no contexto dos estados unidos e das américas afroladinas.

Em uma segunda motivação deste capítulo sobre as personagens-*sujeitas* dessa tese faço uma breve digressão, remetendo-me a uma exposição que visitei em São Luís intitulada “Mãe Preta”. Era janeiro de 2019, uma brisa tranquila me acompanhava pelas ladeiras da rua do sol no centro histórico de São Luis. Ali, na rua do Giz, existe um espaço chamado CHÃO, bem próximo ao Arquivo público onde frequentava para levantar informações do acervo sobre Literatura negra. É um ponto de cultura, onde circulam livros, pessoas, música, informação, gastronomia.



Figura 33- Registro da entrada da exposição Mãe-preta

A Exposição organizada pelas artistas plásticas *Isabel Löfgren e Patricia Gouvêa*⁶⁵ estabelece outro olhar sobre as mães-pretas. O projeto nasceu em 2015, e em 2016 foi contemplado *com o prêmio Funarte para circulação*. Os materiais da exposição são fotografias, pinturas, referências históricas da escravidão, livros, encartes, objetos vários resultados da pesquisa e da intervenção das artistas. Ver, ouvir, tocar, observar, ler, escrever, cheirar, sim todas essas ações foram possíveis durante a exposição, que por isso mesmo mobilizava em quem estava presente uma memória – que remetia às formas como a nós foram apresentados e representadas a vida dos milhares de seres escravizados em território colonial em tempos d’antes. Um dos textos da exposição define ser mãe como:

Ser mãe é algo que rasga a pele e inscreve cicatrizes profundas. É habitar sua própria história e, ao mesmo tempo, viver fora de si mesma. Uma das mais dolorosas histórias da nossa humanidade é a história das mães pretas, **as amas de leite que a escravidão criou por necessidade do alimento primordial. Mulheres escravizadas foram tornadas em puro leite negro** (São Luiz, 2019).

O texto de apresentação da exposição “Das Dores Invisíveis” explica como as autoras vão agregando à exposição informações do contexto onde ela é montada, seja São Paulo, Rio de Janeiro, e agora Maranhão. Assim, em São Luis, o conhecimento das comunidades quilombolas, a luta pelo direito à terra, a encantaria maranhense são temas traduzidos em imagens e palavras, nas formas de fotografia, vídeos, pinturas, textos falados e escritos.

⁶⁵ Informações disponíveis: Site [Publicações | Mãe Preta \(maepreta.net\)](http://Publicações | Mãe Preta (maepreta.net)).



Figura 34 – Texto “Das dores invisíveis”

O projeto faz as seguintes questões: “Como podemos revisitar *as imagens destas mulheres na contemporaneidade e refletir sobre suas existências? Como podemos desabituar nosso olhar sobre os arquivos da escravidão e, através de um recorte sobre as amas de leite do século XIX, revelar novos aspectos da formação da sociedade brasileira?”* Trata-se de um trabalho muito sério e inquietante sobre aspectos não muito refletidos pela historiografia. E que vai ao encontro da ressignificação que Lélia Gonzalez faz sobre esta personagem da história.

De acordo com Gonzalez (2018), “a mãe-preta de forma consciente, ou inconsciente, acabou por passar os valores africanos e afro-brasileiros para as crianças brancas de quem cuidou. Em especial, ela africanizou o português, e o ensinou, transformando em *pretuguês*”. E, ainda, a língua de dominação foi subvertida e ressignificada para marcar a resistência que dela fizeram negros e indígenas (Gonzalez 2018).

Quando Gonzalez ressignifica a imagem folclorizada da mãe preta, ela identifica a luta e a resistência das mulheres nesse país afora, com a luta das mães-pretas que deixa de ser uma posição passiva, ao contrário teve um papel importante no contexto do sistema escravagista. E, ainda, a representação literária da mãe-preta e a sua interpretação- Lélia refuta a ideia da mãe-preta como exemplo de harmonia racial no Brasil, e sustenta que ela exerceu uma resistência passiva, porém eficaz do ponto de vista simbólico (Gonzalez 2018: 23-24)

Assim, o trabalho da mulher, o seu posicionamento na sociedade escravagista são marcadores importantes do estar no mundo e no processo de pesquisa sobre as escritoras maranhenses encontrei vários vestígios dessa participação, desse estar no mundo e nele ser partícipe nas questões de ordem social, política, apesar de àquele momento elas não se autorreconhecerem negras.

A exposição, motivadora dessas reflexões está dividida em séries que revelam as diversas formas como homens, mulheres e crianças foram apagados na história e como esses aspectos eram vistos pela sociedade escravocrata e como hoje temos a oportunidade de revelar outros dizeres, outros olhares, a lupa é um objeto que amplifica, mas depende do que se quer mostrar e dos interesses subjacentes a estas ideias. A exposição esta dividida nas seguintes séries, cuja descrição passo a fazer. 1) **Modos de Olhar**. As artistas fazem intervenções com objetos nas obras de autores como Rugendas⁶⁶, assim invisibilizam os brancos e evidenciam os negros. Implica em um novo olhar sobre a história, sobre a arte, sobre a filosofia. Evidenciando os nossos “outros” apagados no processo colonizador.



Figura 35- Mostrar o que deve ser visto-Intervenções das artistas

Em os *Modos de Revelar*, a lupa mostra o que deveria ser visto, e não foi possível devido a sociedade onde predominava uma concepção de superioridade racial do branco, os detalhes revelam a crueldade da sociedade escravocrata.

⁶⁶ Johann Moritz Rugendas (Augsburg, Alemanha, 1802 – Weilheim, Alemanha, 1858). Pintor, desenhista e gravador. Participa de expedições com o objetivo de documentar sobre o continente americano e tem um importante trabalho iconográfico de paisagens e costumes brasileiros do século XIX. Disponível: [Johann Moritz Rugendas | Enciclopédia Itaú Cultural \(itaucultural.org.br\)](http://JohannMoritzRugendas|EnciclopédiaItaúCultural(itaucultural.org.br))



Figura 36- A lupa revela o que deveria ser visto

Em *Modos de Habitar* as artistas trazem “A imagem de uma mulher grávida vista de costas, frente e de perfil, o que nos coloca em suspenso entre mundos ancestrais e mundos futuros- como o feto flutuando dentro da barriga – e em meio às imagens do mar”. Reporta à viagem transatlântica, a travessia que gerou vidas, órfãos, lágrima e muita dor. Principalmente vida, o nascimento em meio à dor e a resistência frente a um sistema da morte.



Figura 37 – Uma mulher grávida, lembra “Nascimento de Vênus”

Ressignificação da foto de uma mulher escravizada, possivelmente a primeira grávida, feita por August Stahl, por encomenda de Louis Agassi, um dos principais defensores do racismo científico no século XIX, com o objetivo de justificar o racismo e a eugenia. As artistas intervêm na imagem incluindo conchas, objeto muito significativo para a ancestralidade negra, utilizado em rituais, e fazendo uma alusão à obra Nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli (Texto de apresentação da exposição).

Na série *Modos de Apagar* as artistas mostram uma fotografia do monumento “Mãe Preta em São Paulo em contraposição à paisagem distópica da cidade”. E a tentativa de se fazer uma reflexão sobre o significado e os símbolos em meio ao dia a dia de uma grande capital.



Figura 38- Monumento Mãe-preta em São Paulo

Em Modos de Reportar as artistas trazem “O cotidiano da economia escravista se revelando nos anúncios de amas de leite, enquanto jornais abolicionistas denunciam os abusos desse sistema”. Esta série comporta – artigos, debate público; e mobilização em torno das referências e memória da escravização, com um conteúdo documental. Muito comum nos jornais de todas as províncias, homens e mulheres eram oferecidos como objeto que se compra, vende, troca, negocia. O jornal *O clarim da alvorada* que aparece neste registro foi uma das primeiras referências do jornalismo negro em São Paulo:

Em 06 de janeiro de 1924 circulava pela primeira vez o que viria a ser um dos mais importantes periódicos da imprensa negra paulistana: ***O Clarim d’Alvorada***.

Fundado pelos jovens militantes *Jayme de Aguiar* e *Jose Correia Leite* o jornal era editado na cidade de São Paulo e circulava várias cidades do Brasil. Ao longo de sua publicação ele foi apresentado em diversos

formatos, uma mudança drástica na linha editorial, transformou o jornal em um elemento fundamental na construção de uma consciência política e social na comunidade negra.

O jornal circulou com o nome de “*O clarim*” até a 4ª edição. A partir da 5ª lançada em 13 de maio de 1924, foi adicionado ao seu título em letras menores a palavra “*da Alvorada*”. Consolidando assim o nome: “*O Clarim da Alvorada*”.



Figura 39- A documentação da escravização de seres humanos

Em *Modos de Encantar* temos as referências em torno dos quilombos- enquanto territórios com uma ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco, em formas próprias de manutenção da vida, formas de obter o alimento, formas de tratar os mais novos e os mais velhos.



Figura 40- Modos de encantar

Os *Modos de fala e escrita* me trouxeram a pensadora Gonzalez que faz uma extensa discussão sobre as mulheres no contexto da escravidão para entender a sua forma de ação e movimento no espaço social restrito da casa grande e da senzala. Deste modo ela diz “foi em função de sua atuação como mucama que a mulher negra deu origem à figura da “Mãe- preta”, ou seja, aquela que efetivamente, ao menos em termos de primeira infância (fundamental na formação da estrutura psíquica de quem quer que seja), cuidou e educou os filhos de seus senhores, contando-lhes histórias sobre o quimbungo⁶⁷, a ‘mula-sem-cabeça’ e outras figuras do imaginário popular (o Zumbi, por exemplo)” (Gonzalez 2016:403-404).

Para Gonzalez a mãe-preta é um sujeito suposto saber, o que lembra Maria Firmina que, como professora considerada leiga teve uma atuação efetiva na sociedade vimarense criando a escola mista para crianças pobres em Maçaricó e se expressou desse modo sobre a escravidão: Oh a mente! Isso sim ninguém pode escravizar (Reis 1859). A professora exerceu o magistério de 1847 a 1881.



Figura 41- Espaço da exposição para leitura e escrita

E chegamos ao *Modo de Recordar* “A coleção de retratos de heroínas negras, inspirada na série de cordéis criada pela escritora Jarid Arraes⁶⁸, reforça o ato de inscrever na história desse país, as vidas de mulheres negras que simbolizam atos de resistência”. É assim que encontramos Carolina Maria de Jesus, escritora, Tia Ciata, Lélia Gonzalez, Dona

⁶⁷ Espécie de lobisomem comum buraco nas costas e que come crianças malcriadas ou desobedientes. Originário do folclore africano.

⁶⁸ Jarid Arraes, *Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, Livros, 2017.

Ivone Lara, Beatriz Nascimento, Mãe Andreza, Maria Firmina dos Reis, Luiza Helena de Bairros, Luiza Mahin, Dandara, Marielle Franco.



Figura 42- Retrato das Heroínas Negras

Em *Olhares negros: raça e representação bell hooks* critica os produtos da indústria cultural. Para a autora é necessária uma “Reescrita da cultura- tal reescrita não terá êxito se não implodir as formas de organização do olhar que esculpiram as pessoas negras e os símbolos da negritude como objetos que se prestam à espoliação e ao consumo” (2019:21). Neste trabalho que apresentei sumariamente nesta tese, as artistas plásticas de certo modo promovem essa implosão à medida que propõe e realizam intervenções com objetos, nas obras de autores como Rugendas- e invisibilizam os brancos e evidenciam os negros. A lupa mostra o que deveria ser visto. A importância da exposição está no que Lélia Gonzalez chama de afrocentrismo- desloca o olhar para outra subjetividade que não a branca, ou seja, é o esforço de interpretar a sociedade brasileira em sua formação sob outra ótica, outro olhar.

Interpretando os contextos de vida e trabalho das escritoras maranhenses podemos afirmar que era um contexto desfavorável às mulheres e, mais aquelas consideradas de cor, assim elas desenvolveram formas de resistência passiva, que é ativa quanto à eficácia simbólica, representados na atuação da mãe-preta (Gonzales 2018). Porque segundo as pesquisas feitas, nenhuma delas teve filho biológico, mas foram responsáveis pela educação e instrução de várias gerações no Maranhão. Delas, Maria Firmina e Marianna Luz tiveram

filhos de criação ou afilhados. Gonzalez discute a mulher negra no pós-abolição, ou seja, nos primeiros tempos de “cidadãos iguais perante a lei” e comenta:

(...) coube a mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade. Foi o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isto significou que seu trabalho físico foi duplicado, uma vez que era obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e as suas obrigações familiares. Antes de ir para o trabalho, havia que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimento para os familiares, lavar, passar e distribuir tarefas das filhas mais velhas nos cuidados dos mais novos (2018:71).

Na escrita dessa militante do movimento negro e pensadora intérprete do Brasil, vemos claramente a escrita de Carolina Maria de Jesus, sua literatura retrata exatamente a situação descrita por Gonzalez, e nesse rizoma de sentidos encontramos os fios que nos conectam com as trajetórias e especificidades das escritoras que viveram o escravagismo (Maria Firmina) e o pós-abolição (Marianna Luz e Laura Rosa), o apagamento de suas produções e praticamente do seu “ser” na sociedade é possível de serem pensados a partir das ferramentas teóricas que o feminismo negro construiu e pondera.

Os acontecimentos sociais e políticos que marcaram a segunda metade do dezenove e o início do século XX, produziu um cenário que procurou questionar os papéis estabelecidos, assim o “feminismo surge para iluminar e desenvolver uma enorme interrogação sobre a vida das mulheres. Tornar visível, acumular dados, instituir lugares de memória (arquivos de mulheres, dicionários) foram preocupações de uma história das mulheres em pleno desenvolvimento, por cerca de quinze anos” (Perrot 2006). A autora pondera que as mulheres mostram muitas reticências ao falar, o reconhecimento de sua insignificância diante dos ilustres homens é algo comum no comportamento delas, assim mesmo, existe um avanço tímido, mas constante que leva, por exemplo, algumas escritoras a tecerem críticas à escrita de seus conterrâneos e contemporâneos.

Trata-se de um exercício de alteridade, de reconhecimento do seu “eu” no mundo, e de sua construção frente ao “outro”, o que Perrot considera que “não é fácil para as mulheres a quem a educação inculcou a conveniência do esquecimento de si mesma, a tal ponto que para contar sua vida uma operária- Lise Vanderwielen- preferiu abrigar-se atrás da ficção de um pseudo-romance” (Perrot 2006:42).

5.1. Maria Firmina dos Reis: a Arqueologia Literária e as histórias desarquivadas

Este capítulo se deterá mais sobre as personagens das histórias ocultadas, suas escritas e um pouco do que chamei de arqueologia literária, para isso começo contando uma história. Em 2014 em São Luiz do Maranhão aconteceu uma exposição realizada pela Fundação da Memória Republicana Brasileira intitulada “Mulher em destaque” quando 13 maranhenses foram homenageadas. Filólogas, políticas, pintoras compuseram as homenageadas, e entre elas, ali estavam três escritoras Rosa Mochel, Laura Rosa e Maria Firmina dos Reis.

Essa mostra foi realizada no convento das Mercês. O Maranhão tem algumas primazias, entre elas, a de ter a primeira afrodescendente no comando da prefeitura de uma capital brasileira por duas vezes, a vereadora Lia Rocha Varela que assumiu o cargo em 1978, interinamente e também foi homenageada na programação. Além dela outro nome importante da história do Maranhão é o de Maria Aragão, a médica, militante do PCB, cuja história de luta e superação de adversidades são ensinamentos importantes para as gerações de mulheres que a sucederam. Sua história é contada por Márcia Araújo (2014) no livro *Maria Aragão: uma mulher e suas paixões em busca de uma sociedade igualitária*. Com essa informação fui atrás de saber mais sobre as escritoras citadas. E sobre as mulheres e sua atuação no Maranhão. Nessa busca por conhecer a escrita de mulheres, gostaria de pensar com *hooks* que “o campo da representação permanece um lugar de luta quando examinamos criticamente as representações contemporâneas da negritude e das pessoas negras” (2019:34).

Como crítica e observadora da escrita de mulheres que viveram o entresséculos e ressaltando que suas escritas por questões já pontadas na tese foram suprimidas da história oficial, - para trazer a voz, que já existe e que por motivos vários, entre eles, as relações de poder, fundamentalmente desiguais em nossa sociedade, foram ficando ali à sombra, são mulheres, homens, negros e negras, cuja voz, no percurso de construção da historiografia brasileira foram tratadas como menores ou nem sequer mencionadas. Um bom exemplo é a forma como Silvio Romero se refere a Luís Gama em sua História da Literatura Brasileira, estereótipo e discriminação marcam a fala do crítico.

A partir daqui passo a detalhar os documentos de arquivo, as imagens, as resenhas críticas da segunda metade do século XIX até a metade do século XX. São periódicos dos

séculos XIX e XX registros escritos ou iconográficos que nos dizem um pouco de quem foi Maria Firmina dos Reis, suas contradições, suas formas próprias de construir o texto escrito. Sua vida em Guimarães. Entre os jornais examinados encontrei o que a escritora denominou de “Artigo de Impressões de Viagem” no periódico “O Domingo”. Pude no exame deste artigo perceber como sua pena é forte, enérgica, perceptiva do sofrimento do outro. Por essa época Maria Firmina já contava com 47 anos, atuava como professora em Guimarães. Já havia publicado o romance “Úrsula”, em 1859, assim mesmo não teve indicação para compor o phanteon dos notáveis membros da Academia Maranhense de Letras. Paradoxalmente ela é a única mulher cujo busto em bronze, esculpido por Flory Gama figura entre 17 homens, membros da confraria chamada Atenas Brasileira.



Figura 43- Busto de Maria Firmina dos Reis
Fonte : Registro feito em São Luis. Acervo pessoal

Por essa época Maria Firmina colaborava com os periódicos da época. Assim que publica no *Semanário*⁶⁹ “O Domingo- *Semanário Critico e Literário*, publicado em São Luís no período de 1872 a 1874, páginas esquecidas da história. No número (30) do periódico “O Domingo” existe uma anotação que indica que faltam os números 25, 26, 27, 28 e 29 (exatamente onde Maria Firmina começa o que denomina de artigo). Nas páginas 99 a 118. Passo a transcrever o conteúdo dos números 30 e 31, mantendo a grafia como no original na

⁶⁹ Este longo texto denominado pela autora de “Artigo” após eu ter digitado conforme a grafia da época a partir da publicação no semanário, o encontrei registrado como “Poemas em prosa “ no livro *Almanaque das Lembranças Brasileiras* de Cesar Augusto Marques (1868)

maioria das vezes. Considero interessante que já naquela época Maria Firmina intitulasse sua composição de Artigo, o que nos leva a imaginar um grau de informação e formação considerável da escritora, não trata como crônica, artigo pressupõe uma reflexão mais apurada sobre a viagem. Transcrevi da publicação:



Figura 44- Recorte do Periódico “O Domingo”

Fonte: Print da BNDigital

UM ARTIGO DAS MINHAS IMPRESSÕES DE VIAGEM.

PÁGINA ÍNTIMA

(vide o número 29)

De longe, pela proa do navio, o penedo que se ergue entre dous mares, destendendo seus negros braços de pedra, acenava com meneios de quem quer attrahir; e o vapor fugia, deixando apoz si um sulco branco, e espumoso. (Grafia original, número 30).

Então eu lancei-lhe os olhos áridos de uma lágrima, e pareceu-me ver a flor das águas aniladas, que lhe beijavam as plantas, chusma risonha de nymphas salitrosas, erguendo, e mergulhando as fronteas cândidas, e formosas, e entregando as lufadas do vento, as roupas de alvura deslumbrante, sombreadas pelas tranças sedosas de seus dourados cabellos!

Itaculumin! As crenças populares, melhor que o muta, que desvia cauteloso a proa de seu navio de sobre teus perigosos escollios, as crenças populares eternisaram teu seio ondoso e palpitante.

O encanto de que te revestiram, as raças primitivas, as raças indígenas, que hoje se vão bem longe de nós, se prende a todas as lendas nacionaes, predomina ainda hoje poética, e mysteriosa como a superstição de todos os povos, e ia de passar com o mesmo prestigio as gerações porvindouras.

Ah! Quantas recordações se prendem a ti!

Itaculumin!...Recordações desses tempos que três séculos e meio, ainda não puderam esquecer;- recordações dessas raças bellicosas, de character altivo, de sentimentos nobres, e elevados...

Na destra o arco retesado pela flexa,- na cinta a aljava: o ardor no coração ,- nos lábios o canto rude do guerreiro, ei-los...sem temor da morte, em campo raso, vertendo sangue por povo, e investindo sempre com redobrado valor;-porque esse sangue derramado pela sua liberdade!

Livre como o pássaro, ou como o ar- esse sangue vae consolidar a sua independência, e o seu direito.

E, depois na paz náuticos destemidos, e ousados, ao doce suspirar da brisa, ou ao ronco medonho da procella, lá o veréis na ligeira piroga cortando mares agitados.

Então não era o canto do guerreiro que o índio modulava, - era uma canção sonora, como gemido de viração matutino. De seus lábios fugiam, e iam perder-se na vastidão dos mares notas agudas;- as vezes acentos de dulcíssimas harmonias.

Meu coração desperto pelas saudades de um – adeus- buscava estas recordações, - e depois recagia em penoso scismar.

De repente eu exalei um gemido: - minha alma voou aos olhos.

Essas praias...eu as via, e contemplava com a curiosidade de quem nunca as havia visto.

E o navio corria, corria sempre. Meu Deus! Meu coração confrangeo-se;- a dor tão cruscante pareceu-lhe quebrar as fibras. Ele não soltou um ai; mas no ímo gêmeo um gemido doloroso que só lhe escutaram as auras, que adejavam além, nesses bellissimos lugares onde um dia a vida me sorriu, e que ora só me pedem lagrimas, e suspiros.

Terra estéril, e poerenta! Embalde hei banhado teu seio com lagrimas de tantos annos...

Ah! O que então senti, não podem exprimir lábios humanos.

Ponta de um ferro agudo que me penetrasse o seio;-echo dorido partindo das solidões da terra;a me internar na alma: - phantasmático, hirto, e medonha a me acenar p'ra o tulumo*, não produzia em mim o que então senti.

Não, não despertaria em minh'alma tantas dores, como me despertou essa terra silenciosa, que lobriguei primeiro que outrem na extremidade dessas vastíssimas praias arenosas, onde a alcyone geme seu gemer saudoso, como o nauta longe da terra, onde ficaram seus poéticos amores;- onde a onda se arremessa ora marulhosa, e fremente, ora mansa beijando namorada a plantiea* da praia solitária.

Não, eu não sentiria tanto.

Sim, - na extremidade dellas, essa terra, a quem liguei meu coração...terra dos meus dourados sonhos de poesia,- terra, onde eu quizera,-misera de mim! Exalar meu ultimo suspiro.

Mas, eu a vi apenas,

Pallida, debruçada sobre a corrente impetuosa, parecia uma flor desbotada, que o arfar das vagas arremessa sobre a encosta solitária.

Contemplei-a com a alma:melhor que com os olhos.

Ah! Havia agonia intima, nessa intima contemplação.

Ella desdobrou-se inteira aos meus olhos ...era a virgem scismadora nas ribanceiras do mar,-era a recordação viva de meus poeticos devaneios...

Parece-me que me distendia os braços em transporte de angustioso pranto, e com voz languida, e dolorosa me dizia: - Vem.

Vem gemer sobre meu seio, esse gemer de rola moribunda na solidam das florestas...

Olhei-a....era ella...a mesma que outr'ora eu saudara com um sorriso jubiloso!⁷⁰

(Continua)

Minh'alma então voando ao seio arquejante que Ella me devassava, segredou-lhe um instante phrases mudas, mas eloquentes, que Deus quis que saiba, e as comprehenda todo aquelle que soffremuito.

Essa linguagem bem depressa a comprehendeu Ella;porque fez-se pollida,mais pollida que d'antes, e veio tremula, e agitada collocar-se mais junto de mim.

⁷⁰Aqui termina a segunda parte do que Firmina chamou de artigo, infelizmente a primeira parte não pude recuperar, pois foi publicada no número 29 que se perdeu conforme informação no cabeçalho do número 30. A seguir o restante publicado no número 31, às páginas 126 e 127.

Sua fronte altiva coroada pela tecta de antigos edifícios, curvada agora para o seio cumprido pela dor moral, que a abatia, dava-lhe a semelhança de estatua de amargura sobre um tumulto gelado.

Olhei-a, e de meu peito rebentaram lágrimas. Ella volveo um pouco a face em presença da dor, que a lacerava, e desdobrou a meus olhos um campo árido e vasto de um só monumento que nos prenda a vida.

Uma baixa muralha alvacenta, - uma gradaria de ferro, um portam na face, - no fundo uma cruz sobranceira, erma, e solitária como minh'alma ;eis o que ella no pungir de sua dor, comprehendeu que meu coração lhe supplicava.

Sim. Não se havia enganado.

Era isso mesmo que minh'alma lhe pedia na muda linguagem que lhe havia dirigido.

Foi por isso que Ella curvou a fronte abatida , e volveo* mellancholica o pallido semblante.

Eu exhalei um suspiro único, - mas esse suspiro quebrou, passando todas as fibras de meu coração magoado.

Esse suspiro foi a saudação pungente que minha alma atirou a aquellas solidões geladas pelo sopro da morte;- esquecidas, dormentes, abandonadas no meio de uma população, que se agita, que se meneia, que ri, e folga; e que dorme não lembrada de suas saudades um somnotranquillo; porque a memória do que ali jaz, não vem a noite, a hora do repouso collocar-se em torno do seu leito.

Esse suspiro prolongado, doido como a agonia do moribundo, foi um echo de minh'almafebreante, repercutido sobre as murallas d'aquelle âmbito de tristezas, ao qual eu sentia minh'almapresa, como a lousa na sepultura.

Esse suspiro, resumio um passado risonho; mais breve; -um passado feliz;mas ...umpresente de lágrimas e prolongadas amarguras...

Foi um suspiro intimo, doloroso; - um suspiro lento como soluço de agonizante.

Elle passou por meu peito despedaçando uma, a uma todas as cordas da harpa gemedora de minh'alma , e foi perder-se na amplidam do céu;porque a terra não o podia comprehender.

Deos sim, - Deos o comprehendeu;porque comprehende a grandesa de todas as dores humanas;porque as pesa na balança do soffrimento ; - porque compadecido de tão agro tormento, um dia nos diz:

-Basta !

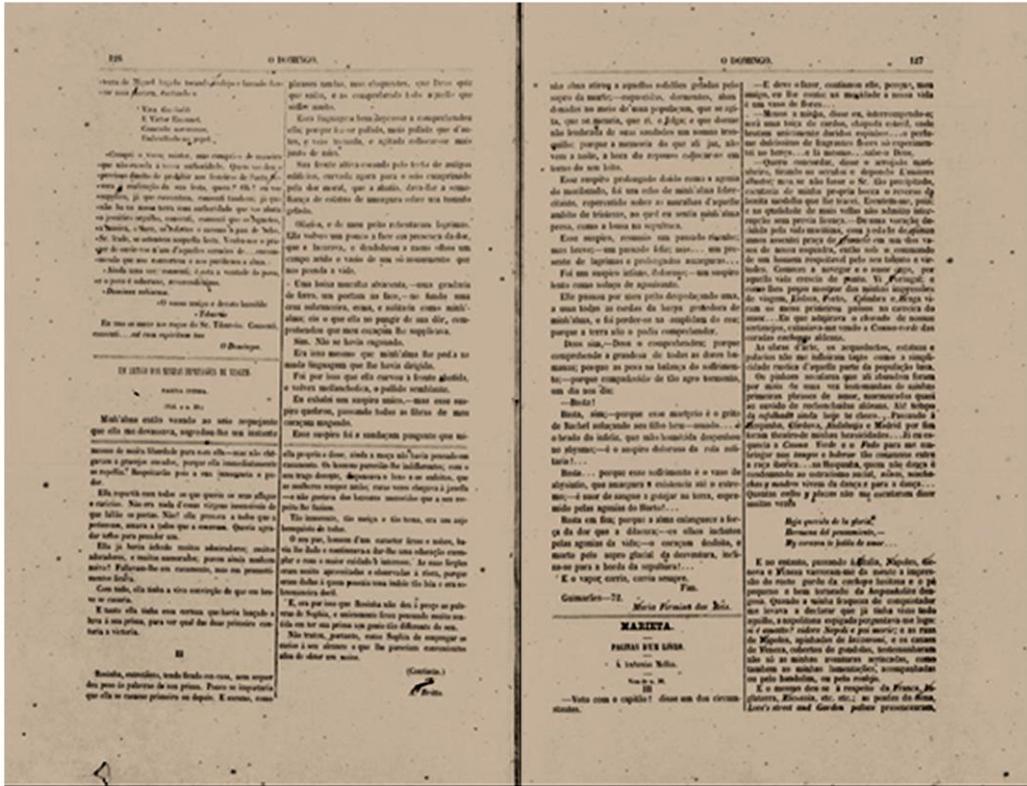
Basta , sim;- porque esse martyrio é o grito de Rachel soluçando seu filho bem-amadoé o brado do infeliz, que mão homecida despenhou no abysmo;- é o suspiro doloroso da rola solitária!...

Basta...porque esse soffrimento é o vaso de absintio, que amargura a existencia até o extremo;- é suor de sangue a gotejar na terra, espremido pelas agonias do Horto!...

Basta em fim; porque a alma enlanguede a força da dor que a dilacera ; - os olhos inchutos pelas agonias da vida ; - o coração desfeito , e morto pelo sopro glacial da desventura, inclina-se para a borda da sepultura!...

E o vapor, corria, corria sempre.

Fim.



Figuras 45 e 46- Páginas 126 e 127 do periódico “O Domingo”
 Fonte: Print da BNDigital

Observem que Maria Firmina neste excerto do artigo: “Itaculumini!...Recordações desses tempos que três séculos e meio, ainda não puderam esquecer;-recordações dessas raças belicosas, de caracter ativo, de sentimentos nobres, e elevados...”(trecho, sic). Trabalha uma memória de escrita mais referente a um coletivo, refere-se às raças belicosas, descritas mais adiante como “Na destra o arco retesado pela flexa, - na cinta a aljava: o ardor no coraçam ,- nos lábios o canto rude do guerreiro, ei-los...sem temor da morte, em campo raso, vertendo sangue por povo, e investindo sempre com redobrado valor;-porque esse sangue derramado pela sua liberdade!”. Trata-se de uma escrita refletida, que traz referência aos índios e a sua luta por liberdade, Afinal ela diz mais adiante “- Livre como o pássaro, ou como o ar- esse sangue vae consolidar a sua independência, e o seu direito” (Reis 1872). Temos aí uma escrita que expressa rebeldia- que prega a independência, o direito dos povos indígenas, é, portanto, situada em seu tempo, crítica, talvez por isso a autora chame de artigo.

O texto em prosa foi publicado em 1872, alguns anos depois de seu romance *Gupeva* (1865), considerado como romance indianista. A palavra Itacolomi que aparece em

dois momentos da narrativa: “Itacolumin! As crenças populares, melhor que o muta, que desvia cauteloso a proa de seu navio de sobre teus perigosos escollios, as crenças populares eternisaram teu seio ondoso e palpitante” (Reis grafia original), vem da língua tupi e significa "**pedra menina**" ou "**pedra filhote**". Itacolomi ⁷¹ou Itacolomy, no Brasil há vários pontos onde existe este tipo de pedra, inclusive na cidade de Guimarães onde nasceu Firmina.

Conforme artigo da antropóloga Mundicarmo Ferreti⁷²: “Depois da ilha de São Luís, no meio do mar: o tão temido Boqueirão, onde têm ocorrido muitos naufrágios e onde se acredita que muitos se encantaram, e **a pedra de Itacolomi**, que pertence a João da Mata, o Rei da Bandeira” (Ferreti 2008:3). Mas quem foi João da Mata? A narrativa conta que a pedra de itacolomi pertence ao encantado João da Mata onde também vive uma princesa Doralice transformada em lagartixa. É lugar onde as águas são mais perigosas e onde são frequentes os naufrágios. Por isso Firmina fala em cautela do navegador.

A pesquisa pelos significados me levou também a uma publicação digitalizada na Biblioteca Benedito Leite. Trata-se do documento *Apontamentos para o Dicionário Histórico, Geográfico, Topográfico e Estatístico da Província do Maranhão* de autoria de Cezar Augusto marques, publicado ainda em 1864, segundo a publicação a palavra significa menino de pedra.

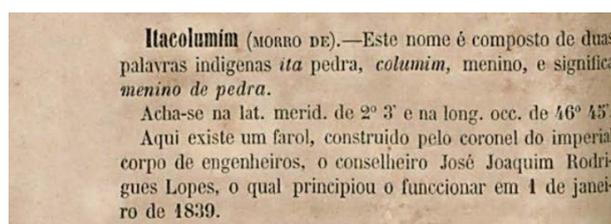


Figura 47- Verbetes Itacolumin à página 186
Fonte: Documento digitalizado da BPBL

⁷¹ O Itacolomi é uma **pedra fria**, da família do quartzito. São encontradas em varias regiões do Brasil, em especial em Minas Gerais e no Maranhão- há ocorrência em vários municípios, inclusive Guimarães onde nasceu e viveu Maria Firmina e em Alcântara. São pedras valorizadas para decoração por serem frias e pela beleza de suas cores que variam do branco, com variações em cinza, amarelo, azulado e vermelho.

⁷² Doutora em Antropologia pela USP; professora colaboradora dos Programas de Pós-Graduação em Políticas Públicas e em Ciências Sociais (UFMA); Membro da Comissão Maranhense de Folclore. Área de pesquisa: Antropologia das populações afro-brasileiras. Publicações: “Desceu na guma: o caboclo do tambor de mina em um terreiro de São Luís”; “Encantaria de ‘Barba Soeira’. Codó, capital da magia negra?” e outras.

O artigo da antropóloga Mundicarmo Ferreti diz respeito “aos encantados e encantarias mais conhecidos nos terreiros de São Luís e para a relação deles com o Bumba-meu-boi - a manifestação folclórica mais conhecida do Maranhão”. O interesse da pesquisadora pelos encantados é porque não são representados como santos, anjos, demônios e nem como espíritos de mortos, são associados a lugares, praias, rochedos, como ela exemplifica: 1) Dom Luís, que comanda a ilha de São Luís, tem sua corte encantada na Baía de São Marco e domina de Ponta d’Areia até a Ilha do Medo; 2) Rei Sebastião cuja encantaria fica na Praia dos Lençóis domina do Boqueirão ao Itaqui; 3) Dom José Floriano domina o Boqueirão e a “cerca” de Alcântara5 ; 4) Rei da Bandeira (João da Mata ou Rei da Boa Esperança), encantado na pedra de Itacolomi; 5) Dom João Soeira (Rei de Minas ou Rei do Juncal), domina a praia do Calhau; 6) Dom Pedro Angassu, comanda as matas do Codó. (Oliveira 1989 *apud* Ferreti 2008:3). A Revista Athenas (Fevereiro 1942) traz um pouco da lenda em torno do Rei S. Sebastião.

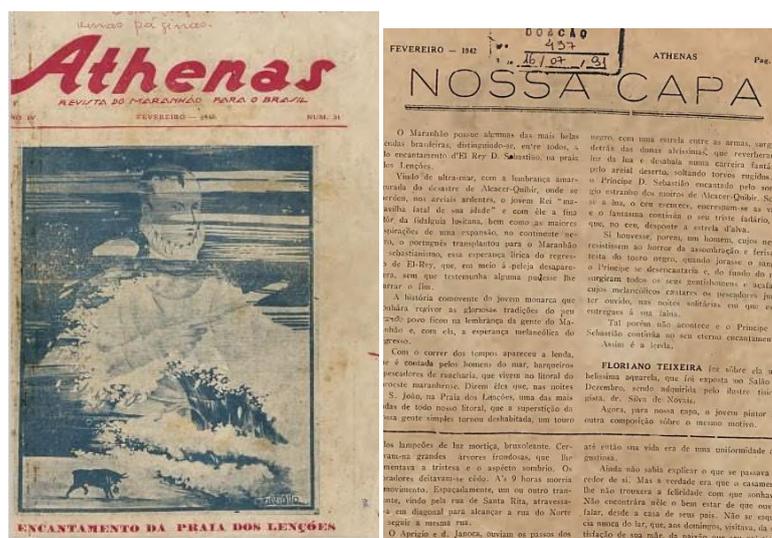


Figura 48 - Capa e a lenda contada sobre S. Sebastião

Fonte: Material Digitalizado na BPBL

Esses locais são considerados como lugares de grande força da natureza. Possivelmente é por isso que Firmina diz em sua narrativa “E, depois na paz náuticos destemidos, e ousados, ao doce suspirar da brisa, ou ao ronco medonho da procela, lá o veréis na ligeira piroga cortando mares agitados”. Marcadores textuais como procela-tempestade estão associados à força do encantado. Ferreti explicita que:

Os locais de encantaria são descritos pelos médiuns como lugares de muita energia, de muito poder, de uma força inexplicável ou como lugares de

muito mistério, de muita “mironga”, de muito segredo. Afirma-se que nos principais passam muitas correntes espirituais. Em vários deles existem encontros de águas (do mar com água doce), de rios e matas, e em muitos deles existem pedreiras. Os lugares mais isolados, intocados, virgens concentram mais força. É por isso que se afirma que o turismo e o afluxo de pessoas para aqueles locais pode ser prejudicial. Fala-se que em Alcântara há uma concentração muito grande de forças vindas da África, pois recebeu grande número de escravos, e de forças de lá mesmo (Ferreti 2008:4).

São também conhecidos como lugares de encantarias: a Praia dos Lençóis, de Rei Sebastião e as pontas de Mangunça e de Caçacueira, moradas de Mãe d’Água, segundo a antropóloga,

Se pegarmos um mapa do estado e direcionarmos o nosso olhar para a região litorânea que vai da ilha de São Luís em direção ao Pará encontramos várias das localidades referidas nas letras daquelas músicas como locais de encantarias. Na ilha de São Luís: as praias do Itaqui, de Olho d’Água, Ponta d’Areia, São José de Ribamar, apresentadas naquelas músicas como moradas da Princesa Ína, da Rã Preta, da Menina da Ponta d’Areia e de outros encantados (Id:3).

A busca por textos e informações me levou ao site da Biblioteca nacional onde encontrei uma revista “A Faceira” (1911-1918), cuja apresentação feita por Maria Ione Caser da Costa traz as seguintes informações:

Em abril de 1911, no Rio de Janeiro, circulou o primeiro exemplar de uma revista *A Faceira*, que recebeu a designação numérica de ano 1, número 1. Publicada em papel couchê, ela era “propriedade de uma associação” e trazia, no expediente de cada fascículo a relação de colaboradores: as “senhoritas” Leonor Posada, Cecília Pimentel Aguirre, Violeta Motta, Hermance de Aguiar, Julieta Accioli, Elda de Moraes Cardoso e Carmen das Dores; os “senhores” Angelo Tavares, Ataliba Reis, Alvarenga da Fonseca, Hermes Fontes, Silveira da Motta, Da Veiga Cabral, Ricardo de Albuquerque, Deoclydes de Carvalho, Lupercio Garcia.

A Revista com circulação no Rio de Janeiro anuncia que traz “artigos diversos, fotos de senhoras e senhoritas da sociedade em seus belos trajes da época, crônicas, peças teatrais, poemas. Traz também páginas musicais, com alguns fascículos de partituras. Segundo o texto vários poetas estão nas páginas d’A Faceira, entre eles, encontrei uma citação a Maria Firmina em 1914, nos seguintes termos: “O Maranhão que teve a glora (sic) de dar o maior poeta brasileiro, deu também boas poetizas como Anna da Silva [...] e Maria Firmina dos Reis que compoz (sic) ‘Cantos à beira-mar’”.



Figura 49- Capa e Recorte da Revista A Faceira
 Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Após um longo período, em 30 de novembro de 1975, um domingo, o Diário de Notícias do Rio de Janeiro trazia em sua coluna “A Mulher em dia”, uma chamada sobre o aniversário de 150 anos de nascimento da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, primeira romancista maranhense. Na matéria nota-se certo tom de deboche que permeia a crítica jornalística quando se trata de fazer menção às mulheres: “Em 1880 essa mulher cujos escritos revelam uma grande amargura, fundou uma escola mista, a primeira do Maranhão. Imagina-se o que não deve ter sofrido, ela que era pobre, bastarda, mestiça e solteira, para chegar a escrever: “Eu amo o sepulcro, pensei até em me suicidar um dia”.

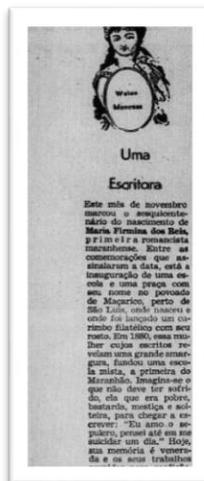


Figura 50 - Recorte do Jornal Diário de Notícias
 Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Três anos depois, em 1978, um artigo na revista Manchete do Rio de Janeiro, escrito por Heloneida Studart anuncia a I semana de Literatura Brasileira promovida pela

Universidade Federal do Maranhão com a finalidade de “Incentivar o renascimento literário da terra de Gonçalves Dias, Coelho Netto e Graça Aranha”. Na oportunidade um dos temas discutidos foi “A mulher na Literatura Brasileira” e foi revelado ao público que Maria Firmina dos Reis tem o pioneirismo de ter escrito o primeiro romance no país.

Em busca de desarquivar essas histórias segui informações e cheguei a um site desenvolvido por Luciana Diogo⁷³, pesquisadora da obra de Maria Firmina, a pesquisa de Luciana me encaminhou a outras duas publicações, uma delas é o título Memorial de Maria Firmina dos Reis – Prosa Completa e Poesia, publicado em 2017 em comemoração ao centenário de falecimento da autora (1917). A publicação traz a prosa completa e a poesia de Reis.



Figura 51- Print da página que organiza o memorial de Maria Firmina
Fonte: Site “Memorial de Maria Firmina dos Reis”

O site por sua vez me forneceu a informação de um centro de documentação sobre a vida e obra de Maria Firmina:

O Centro Maranhense de Documentação e de Pesquisa traz o nome da escritora Maria Firmina dos Reis, que foi pioneira no trabalho literário, jornalístico e intelectual na luta pela libertação dos escravos e por igualdade de raça e de gênero, destacando-se como a primeira e principal voz feminina na imprensa maranhense e na literatura brasileira do século XIX.

O CEMDOP é um espaço digital de memória e está relacionado a atividades de preservação dos bens culturais, expressos no patrimônio literário, histórico e científico, encontrados em seu acervo. É um centro multidisciplinar de pesquisas e de documentação sobre a literatura, a história e a cultura do Brasil, em especial, a do Maranhão.

⁷³Luciana é Socióloga e pesquisadora. Doutoranda em Literatura Brasileira (FFLCH/USP). Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (FFLCH/USP), com mestrado em Estudos Brasileiros (IEB/USP) sobre a obra de Maria Firmina dos Reis. A autora do site anexa texto encontrado pelo professor Sérgio Barcellos Ximenes (2017)- O menino sem ossos.

Os documentos que compõem o seu acervo são incipientes e, no momento, ele reúne documentos acerca da memória literária e histórica (periódicos, iconografias) do Maranhão e de outras localidades do país, preservando os bens culturais, de âmbito local, regional e nacional.

O Centro é vinculado a UFMA- Universidade Federal do Maranhão, ainda está em processo de construção de suas plataformas de informação. As professoras Profa. Dra. Cristiane Navarrete Tolomei (Diretora) e Profa. Dra. Liliane Faria Corrêa Pinto (Vice-Diretora). As linhas do acervo em construção são: Memória, Literatura, Linguagem e Cultura Regional; Memória Nacional; e, por fim, Literatura Internacional na Imprensa Regional e Nacional.

Imagem de apresentação do Site:

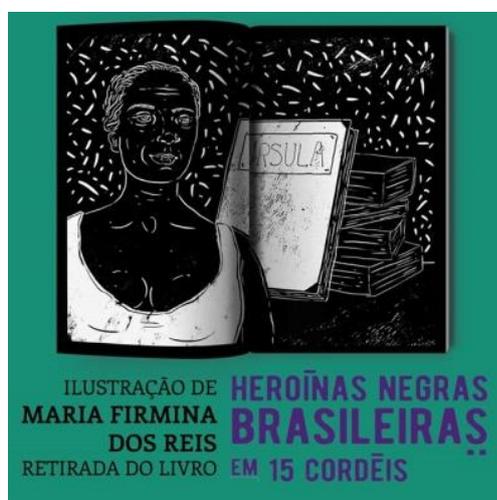


Figura 52- Ilustração do Site

O encontro com tantas histórias vividas e contadas por mulheres que no seu tempo histórico teceram considerações sobre diferentes temas e eventos, sábias e generosas, ativas na sociedade da época e, tiveram seus escritos postos no silêncio da história oficial, não fosse alguns curiosos, pesquisadores e pesquisadoras para lhes fazer as honras de vir à luz. Em *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*⁷⁴ encontrei algumas motivações que justificam essa tese; uma delas é pensar outra lógica- outro projeto político, econômico e cultural que traga os ausentes da história, aqueles que foram postos à margem.

Neste sentido encontra-se em um primeiro plano a luta política das mulheres negras, dos quilombolas, dos diversos movimentos negros, do povo de santo, dos jovens das periferias, da estética e arte negra (2018:10). Neste contexto o racismo- entra na discussão

⁷⁴ *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*/ Organizadores: Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2018.

como um princípio constitutivo que organiza todas as relações, pensando com *bell hooks* sobre o corpo-político do conhecimento. O corpo negro é um corpo político - A afirmação geopolítica – a corpo-política do conhecimento pode ser encontrado na tradição do pensamento negro “ (2018:13).

Em 2014, o texto de apresentação dos anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro assim questionava:

Você já ouviu falar em Emilia Moncorvo Bandeira de melo ou Carmem Dolores? E em Cecília Moncorvo Bandeira de Melo ou Chrysanthéme? Adalgysa Nery, Rosalina Coelho Lisboa, Adelina Amélia Lopes Vieira, Elisa Lispector e Henriqueta Lisboa? Maria Firmina dos Reis, Prisciliana Duarte de Almeida e Auta de Sousa? Você sabe quem são Albertina Bertha e Narcisa Amália? O que esses nomes desconhecidos têm em comum? Alguma pista? (ABN 2014: 433)

Às indagações do articulista, ele mesmo responde são todas escritoras que viveram e produziram nos séculos XIX e XX e cujos nomes não constam dos grandes compêndios de Literatura e História. Nessa busca encontrei uma tese em *e-book* que dialoga perfeitamente com o meu processo de escrita e de produção. Trata-se do trabalho de Ana Rita Santiago (2012) intitulada *Vozes Literárias de Escritoras Negras* publicada no ano de 2012, a jovem pesquisadora buscou ouvir e trazer para a tese as vozes de oito escritoras baianas que “elaboram seus textos literários em diálogo com aspectos das culturas e tradições afro-brasileiras”. Protagonismo na autoria e compromisso com uma memória da ancestralidade afro-brasileira compõem as perspectivas da escrita dessas mulheres que Santiago traz para sua tese, e que é explicitado pela problematização exposta no prefácio que reproduzo aqui:

As escritoras negras, em particular, têm sido sub-representadas nas histórias e críticas literárias. Os seus textos, na maioria das vezes são ignorados ou tidos como literatura de “inferior qualidade”. Foram vários e eficientes os recursos utilizados pelos “donos” do campo literário para, através do silenciamento, tornar inaudíveis as vozes de mulheres negras que tentavam reescrever suas histórias e inseri-las na produção textual brasileira. As mulheres negras, na tradição escolar brasileira, obtiveram espaço restritíssimo, e a não escolarização das mulheres livres e libertas tem sido apontada, por alguns, como motivo para o fato de não encontrarmos registros de mulheres negras atuando na vida literária brasileira. Segundo Maria Lúcia Mott, em um levantamento publicado no texto intitulado *Escritoras negras: resgatando nossa história*, Maria Firmina dos Reis pode ser considerada a primeira mulher negra escritora no Brasil. Escreveu o romance *Úrsula*, textos para jornais do Maranhão e vale destacar que no ano de 1847, ela foi aprovada para a cadeira de instrução primária na Vila de Guimarães. Uma prova de que algumas mulheres negras conseguiram estudar e obter espaço no restrito universo dos empregos

públicos. Em 1880, então com 55 anos, funda uma escola gratuita e mista – que revela o seu grau de comprometimento com a vida cultural de seu estado. A história de Maria Firmina provavelmente seja uma entre outras histórias de mulheres negras que, em vários estados, atuando como professoras em escolas públicas, principalmente do interior, escreveram sobre temas patrióticos e religiosos para eventos da cidade ou publicaram em pequenos jornais, mas que tiveram seus nomes “esquecidos” pela memória literária no Brasil (Souza apud Santiago 2012:9)

Santiago (2012) privilegiou vozes negras que “desvelam-se portadoras de falas intensamente comprometidas com memórias individuais e de grupo e interessadas em participar tanto do universo da produção literária brasileira quanto da invenção de uma escrita na qual as mulheres negras, como sujeitos autorais, falem de si e de suas expectativas, de suas realizações, amores, medos e projetos” (Santiago 2012: 12).

Em junho de 2018 fiz uma extensa pesquisa em sites e descobri que o acervo de escritores negros na Biblioteca Nacional de Brasília ganhou uma autenticação especial, o selo Maria Firmina dos Reis, criado pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal com o objetivo de valorizar a produção literária afro. Amplo painel das produções acadêmicas; Criação de diversos sites ligados ao movimento negro. O feminismo e a sua crítica a invisibilização de mulheres na literatura brasileira.



Figura 53- Selo comemorativo em homenagem a Maria Firmina
Fonte: Site Memorial de Maria Firmina

A organização de blogs e sites que atualmente trazem informações sobre as escritoras. Na atualidade várias iniciativas vêm trazendo para conhecimento a produção de

negros e negras que viveram neste país nos séculos da escravidão e pós-escravidão. Um exemplo é o do projeto “A Cor da cultura”, que assim se define:

A Cor da Cultura é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, fruto de uma parceria entre o Canal Futura, a Petrobras, o Cidan - Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, o MEC, a Fundação Palmares, a TV Globo e a Seppir -Secretaria de políticas de promoção da igualdade racial. O projeto teve seu início em 2004 e, desde então, tem realizado produtos audiovisuais, ações culturais e coletivas que visam práticas positivas, valorizando a história deste segmento sob um ponto de vista afirmativo.

Em 2018 foi criado o Memorial de Maria Firmina dos Reis. O endereço virtual reúne materiais disponíveis sobre Maria Firmina dos Reis, dispersos em vários locais, de forma que estudantes, pesquisadores e interessados em geral possam explorar a riqueza da obra dessa escritora negra brasileira.

Aqui, você encontrará links para as publicações originais de Firmina nos jornais e livros da época, além das edições e reedições posteriores; você seguirá a trajetória da escritora e de sua carreira como professora de primeiras letras, acompanhando a circulação de seu nome pela imprensa maranhense oitocentista, e encontrará também disponível um banco de dados dos estudos críticos desenvolvidos, de forma a promover uma visão tanto do conjunto quanto dos detalhes da obra firminiana.

Por fim, você poderá acompanhar as publicações atuais sobre a escritora nas diferentes mídias, ao mesmo tempo em que terá, ainda, acesso a documentos e livros raros da literatura brasileira do século XIX, em uma abordagem que pretende inserir Firmina num contexto histórico amplo, projetando-a na produção literária de autoria negra feminina dos séculos XX e XXI.

Outro importante local de pesquisa da obra de Maria Firmina é o Blog Arte Literária⁷⁵. O ano da primeira divulgação do romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis. No endereço estão disponíveis informações sobre a produção literária da escritora. Inclusive as resenhas sobre a obra publicada. Luiza Lobo a pesquisadora que trouxe Firmina para a academia afirma que provavelmente, o primeiro diário íntimo escrito por uma mulher brasileira e publicado em livro foi o de Firmina (afirmação de Luiza Lobo em “Autorretrato de

⁷⁵Disponível em: <https://aarteliteraria.wordpress.com/2017>

uma pioneira abolicionista”, na página 225 do capítulo 18 do livro “Crítica sem Juízo”, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1993).

5.1.1. Maria Firmina, professora das primeiras letras

No Livro *Mulheres, raça e classe* Ângela Davis (2016) relata que “a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere a aquisição de educação” (2016:109). Em 1787, a população negra do estado de Massachussets apresentou petição pelo direito de frequentar as escolas livres de Boston, direito negado. Posteriormente “Em 1793, uma ex-escrava que havia comprado a sua liberdade, abriu uma escola na cidade de Nova York, Escola Katy Ferguson para pobres” (id). A busca por conhecimento pelos escravos e ex-escravos sempre foi incessante. Segundo a análise da autora dois momentos importantes marcam a luta das mulheres e mulheres negras nos séculos XIX e início do XX, o abolicionismo e a busca pelo conhecimento, pelo acesso à educação.

No Brasil a história não é muito diferente. Havia lei que proibia o acesso de negros à escola. Portanto o que hoje chamamos de epistemicídio em todas as áreas, na literatura, na academia, nas ciências, tem sua origem na negação do acesso ao conhecimento que desde o pós-abolição já se encaminhava neste país. A primeira constituição do Império, outorgada em 1824, trouxe como providência a instituição de cursos de instrução primária no Brasil. A sanção deste dispositivo só ocorreu três anos depois em 1827, tornando a medida válida somente para as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império.

Nota-se pela Primeira Constituição do País de 1824 que no seu artigo 6º classificou como brasileiros os que no Brasil tivessem nascido, fossem ingênuos ou libertos, ainda que o pai fosse estrangeiro, visto não residir por serviço de sua nação; os filhos de pai brasileiro e os ilegítimos de mãe brasileira, nascidos em país estrangeiro a que viessem estabelecer domicílio no império; os filhos de pai brasileiro em serviço no exterior, embora não viessem a estabelecer domicílio no Brasil; os portugueses residentes no Brasil por ocasião da proclamação da independência e que aqui permaneceram; e os estrangeiros naturalizados.

Os negros não levaram vantagens durante a primeira constituição, não vieram a aparecer, até mesmo por que estavam associados ao trabalho manual e não deveriam dele ser apartados a fim de não prejudicar a produção e não degradarem o trabalho intelectual. Em seu artigo 94, inciso II, impediu, formalmente, que todo o segmento populacional negro tivesse acesso a direitos básicos como, por exemplo, o de votar e de ser votado, formalizando a exclusão, limitando o ensino somente aos cidadãos brasileiros sem que o negro participasse da vida ativa, econômica, social,

política e do sistema oficial de ensino, visto que, a grande maioria dos escravos era de origem africana. (Santos 2013: 5)

Tratando-se das vilas em foco nesta pesquisa, em 1827 foi criada a primeira escola de instrução primária para meninos e no ano seguinte em 29 de outubro de 1828 para as meninas no Maranhão. A vila de Guimarães teve a sua cadeira de primeiras letras em 1835, e implantação efetivada apenas em 1837. A situação de escolas primárias na província do Maranhão em 1843 era a seguinte: havia 36 escolas para meninos e 11 para as meninas. No entanto, só em 1846 a Vila de Guimarães tem uma professora para as primeiras letras (Francisca Theodora de Mello), que pede demissão no ano seguinte, quando assume em 11 de agosto de 1847, aos 25 anos de idade, a professora Maria Firmina dos Reis.

Maria Firmina participou de uma espécie de concurso público, concorrendo com outras duas senhoritas Úrsula da Graça Araújo e Antônia Bárbara Nunes Barreto a vaga aberta pela demissão de Francisca Theodora, e foi aprovada no exame realizado no Palácio do Governo, em São Luís. Sua nomeação ocorre em outubro de 1847, para a cadeira de primeiras letras para meninas. Maria Firmina tirou sucessivas licenças de saúde nos anos de 1853, 1854, 1856, 1859, 1863, 1866, 1868, 1870, 1871. Em 1877, Maria Firmina recebe parecer favorável à solicitação do recebimento da quarta parte do ordenado, por ter cumprido mais de 25 anos de exercício efetivo no magistério.

Em 1878 é concedido a ela adicional da quarta parte do salário pelo presidente da província do Maranhão. Em 1878 e 1879 sai novamente de licença, porém uma nova petição em 1880 é indeferida pelos parlamentares. Em 1880 a professora funda uma escola mista no distrito de Maçarico, escolhida por fazendeiros e começa a dar aulas para meninos e meninas, conjuntamente, em um barracão de propriedade de Domingos Mondego, tornando-se a primeira professora do Maranhão a comandar uma escola mista. A nova atividade professoral estendeu-se, provavelmente, até meados de 1890, havendo registro de aulas em 1891. Não havia obrigatoriedade de pagamento para os pais de alunos desprovidos de condição financeira. Foram alunos: Nhazinha Goulart, Leude Guimarães (ambos, filhos de criação de Maria Firmina) e Eurídice Barbosa de Carvalho (Figura x); Anica e Amália (filhas de Domingos Lourenço da Silva Mondego); e Dona, Loló e Santa, filhas de outro fazendeiro, João Damas de Azevedo. (Morais Filho 1975).



Figura 54- Ex-aluna de Maria Firmina na escola mista
Fonte: Livro fragmentos de uma vida de Morais Filho (1975)

A Pacotilha, periódico maranhense, ao final de sua segunda coluna anuncia “A exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora pública de Guimarães é uma das raras senhoras que entre nós tem tido *a inapreciável coragem de escrever para o público*, acha-se aqui na capital, para o fim de tratar de sua aposentadoria, visto contar mais de 25 anos de efectivo serviço. A Pacotilha apresenta-lhe os seus respeitos” (Pacotilha 22/04/1881).

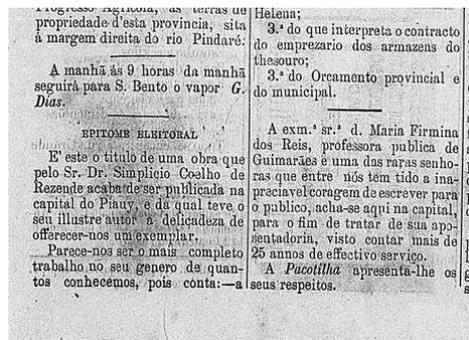


Figura 55- Recorte de Pacotilha de 1881
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

O interessante do informe do jornal é “inapreciável coragem de escrever ao público” para retomar que a conquista de poder dizer por uma mulher naquele contexto não era sobremaneira apreciada pela masculinidade. Afinal a pena é fálica. Como bem pondera Evaristo “assenhoreando-se da ‘pena’, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação” (2004: s/p). As intermináveis listas de homens que escreveram e publicaram estão presentes na História da Literatura Brasileira (1903) de Silvio Romero, por

exemplo, e ela distinta poetisa, encontra-se em uma nota de rodapé. Maria Firmina dos Reis, impossível para o crítico deixar de citá-la (Romero 1903:390) afinal ela contribuiu segundo ele para o “Parnaso Maranhense”, hoje com as pesquisas e interpretações de sua obra por diferentes áreas do conhecimento podemos afirmar que a sua obra é muito mais do que o crítico apontava à época. Trata-se hoje de uma das escritoras mais estudadas.

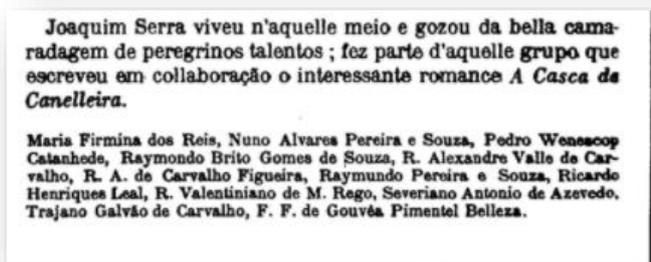


Figura 56- Recorte do livro HLB
Fonte: Digitalizado da BPBL

5.1.2. Maria Firmina e sua Úrsula: desarquivando a obra

Era o ano de 1859. A jovem senhora Maria Firmina dos Reis, então com 37 anos de idade recorreu ao jornal para publicar seus escritos. O Brasil estava agora independente de Portugal, uma independência arranjada entre a coroa portuguesa e os mandatários da terra e ocorrida no ano de nascimento de Firmina, 1822. A situação socioeconômica na agora ex-colônia não era das melhores. Em especial na terra de nascimento de Maria Firmina, Maranhão. A então província passava por sérios problemas econômicos.

Reconhecida por parte da crítica brasileira na atualidade, em especial por aquela ligada aos movimentos feministas negros como primeira romancista brasileira, Maria Firmina dos Reis, Diliquinha, um de seus carinhosos apelidos, teria parte de sua obra tirada do apagamento apenas na segunda metade do século XX. Dados da biografia de Maria Firmina foram corrigidos após pesquisa de arquivos como a data de seu nascimento, que até hoje na academia de São Luiz (Ludovicense) ainda consta como 1825. Por volta de 1967, o escritor paraibano Horácio de Almeida (1896 – 1983)⁷⁶ comprou um conjunto de livros de um sebo no Rio de Janeiro. Em meio a sua aquisição, uma brochura lhe chamou a atenção,

⁷⁶ Horácio de Almeida, escritor nascido na Paraíba.

tratava-se de Úrsula, cuja folha de rosto dizia “Úrsula/Romance Original Brasileiro⁷⁷/Por Uma Maranhense/SanLuis/Na Typographia do Progresso/Rua Sant'Anna, 49 01859 (Prólogo,ed.fac-símile)”. Edição do romance de Maria Firmina dos Reis. Primeira campanha de subscrição do romance cujo início foi em 17 de outubro de 1857 (fracassada). A segunda campanha de subscrição do romance iniciada em 18 de fevereiro de 1860 foi bem sucedida. Primeira edição: agosto de 1860.

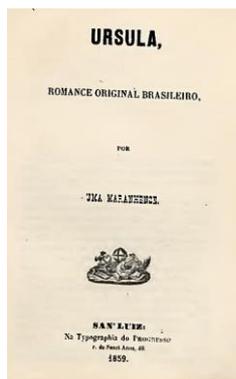


Figura 57 - Fac- símile da capa da 1ª.ed. / 1859.
Fonte: Documentos Digitalizados da Biblioteca Benedito Leite

O livro não trazia assinatura e o pesquisador encetou uma busca em alguns dicionários literários pelo pseudônimo “a maranhense”, sem sucesso; foi quando resolveu consultar o Dicionário de autores Maranhenses de Otávio Torres⁷⁸ e encontrou Sacramento Blake (Figura 57), apresentando Maria Firmina como autora do romance Úrsula. Horácio de Almeida comenta no prólogo:

Pouco se sabe da autora. Seu nome, Maria Firmina dos Reis, permaneceu mais de um século sepultado no esquecimento. De espantar é que isso tenha acontecido no Maranhão, terra que foi no passado viveiro de homens ilustres, muitos dos quais com repercussão além das fronteiras do Brasil. Eram tantos os que se acotovelavam na literatura maranhense, entre Jornalistas, poetas, escritores, ensaísta, historiadores, que São Luis, a gloriosa capital do Maranhão, granjeou fama de Atenas Brasileira. Nenhum, entretanto, tomou conhecimento da autora, certamente porque era mulher, numa época em que o homem fazia alarde da proclamada superioridade do sexo. Os poucos que lhe declinaram o nome limitaram-se a dar-lhe [...] (Prólogo 1975:s/p).

O índice mencionado por Horácio de Almeida é este:

⁷⁷“Romance original brasileiro” ou “Romance brasileiro” era uma fórmula utilizada desde a década de 40 do século XIX para distinguir as criações nacionais das inúmeras traduções ou adaptações de romances estrangeiros, que constituíam a maioria das obras de ficção oferecidas em nosso país, naquela época.

⁷⁸ Otávio Torres – autor do dicionário bibliográfico brasileiro que faz levantamento de autores por Estado.

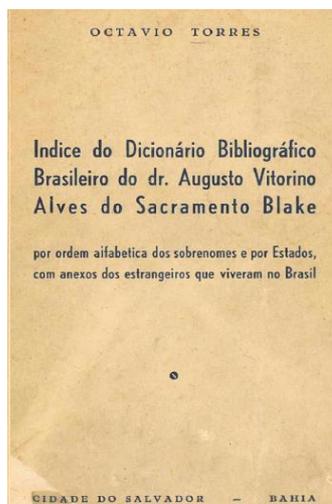


Figura 58- Dicionário Bibliográfico
 Fonte: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/227315>

Os pseudônimos eram muito usados neste período, inclusive por homens, mas especialmente as mulheres tinham certo pudor por terem tido a ousadia de se expressar. Assim quando assina “Uma Maranhense” Maria Firmina o faz na tentativa de se resguardar da crítica, tratava-se de uma mulher pobre, moradora de uma vila- de Guimarães, distante do centro artístico e cultural que representava São Luis à época. Em sua busca de saber quem era a autora por traz daquele pseudônimo, Horácio chegou então ao nome de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, organizador de o “Dicionário Bibliográfico Brasileiro de 1900, aonde vem grafado o nome de D. Maria Firmina dos Reis:

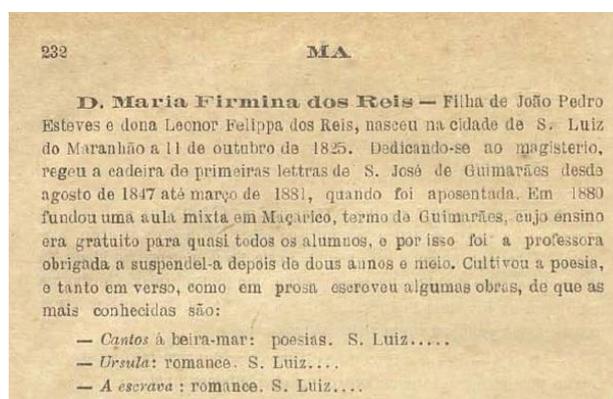


Figura 59- D. Maria Firmina dos Reis, p.232
 Fonte: [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](http://portal.da.camara.dos.deputados.camara.leg.br)

Posteriormente faz menção ao trabalho do acadêmico Nascimento Morais Filho, que pretendia reunir a obra de Maria Firmina dos Reis em edição atualizada e ressaltava que doaria ao Maranhão, na pessoa do Governador Nunes Freire, o precioso e único exemplar do romance *Úrsula* em seu poder. E assim o fez.

5.1.3. A narrativa da escravização na pena da romancista

Alguns aspectos favoráveis a publicação e divulgação de textos no contexto de vida de Firmina foram as medidas tomadas por D. João VI no Brasil em 1821 que proporcionaram certa expansão cultural e intelectual naquele momento, entre elas, o contato com os estrangeiros, o fim de um ação estranguladora da censura, a importação de livros e a comercialização, além de o estabelecimento de tipografias- dando início a atividade editorial e implantação da imprensa periódica –jornais e revistas, muito forte no Maranhão como já vimos. Além disso, a formação de bibliotecas públicas e particulares e a criação das primeiras escolas superiores. Em contrapartida era um contexto histórico com fortes marcas das relações oriundas do forte patriarcado e do processo de escravização dos povos africanos no Brasil.

Portanto uma mulher e considerada “mulata”, moradora de uma vila distante da capital, se mover neste contexto requer uma boa dose de coragem e de consciência de afirmação de uma postura no mundo, não necessariamente um autorreconhecimento de sua negritude, dado o momento histórico, mas a sua escrita mostra uma reflexão original, própria acerca do processo da escravidão de negros africanos no Brasil e, mais, um profundo conhecimento das narrativas de chegada desses povos. Maria Firmina, em *Úrsula* é a contadora de histórias de África, tal a descrição que aparece especialmente em dois momentos do romance. Na nona parte do romance, intitulado ‘A preta Suzana’. Nesse trecho a voz da escrava é amplificada em sua narrativa sobre como se deu o cativeiro :

Vou contar-te o meu cativeiro.

Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o mendubim eram em abundância nas nossas roças. Era um desses dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares, era uma manha risonha, e bela como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui-me à roça colher milho. Ah! Nunca mais devia eu vê-la... (Reis 2017: 102)

A longa narrativa iniciada nas praias paradisíacas de uma região na África onde a alegria de uma jovem se misturava ao frescor da leve brisa daqueles lugares termina com o seu sequestro das terras de África. Temos na ficção de Maria Firmina a afirmação de um ego ontológico, afinal o escravo é um ser - humano, em *Úrsula*, os personagens escravos têm voz- mais que isso- expressam uma profunda reflexão sobre suas origens, inclusive desfazendo estereótipos já formulados pela teoria eugenista de uma África inóspita e feroz-selvagem.

Para além dos aspectos literários que marcam a escrita de Maria Firmina, friso que no momento em que a professora trouxe a público seu romance, o Brasil ainda respirava as dores e as lutas em torno da escravidão. As marcas de sua literatura encontram-se na forma como apresenta as “personas” escravizadas e no grau de participação desses personagens na trama. O enredo envolve o poder do dono de terras- que pensa poder dispor não apenas das riquezas- mas dos corpos. Ele quer a sobrinha e para isso usa de extrema violência. Assim, o que é fundamental é que Firmina de certa forma interroga as relações sociais e de poder vigentes naquele momento, e ela o faz sutilmente na maneira como trata “o desenlace” de cada personagem no enredo do romance.

Portanto a história é bem mais que o amor entre dois jovens brancos Tancredo e Úrsula, encena o confronto entre o patriarcado, representado pelo tio da protagonista que queria dispor “do corpo de Úrsula”, desconsiderando completamente os desejos da jovem, apaixonada por outro homem. São, portanto, duas mulheres que questionam o poder de Fernando B...a própria Úrsula quando não cede ao assédio do tio e a escrava Suzana que procura da melhor forma possível proteger a jovem branca.

A escritora é bem realista no desfecho do enredo, não obstante outras chaves de leitura de sua literatura, como a que encontrei a pouco- sobre o gótico em sua obra. No entanto me interessa aqui mostrar como a autora traduziu um tanto das relações patriarcais da época. A ira do homem branco, poderoso, rico, se transforma num ódio incontrolável contra o jovem casal de noivos e ele mata seu oponente. Relações patriarcais bem violentas são retratadas, além disso, Firmina antecipa em alguns aspectos a geração condoreira, porque dá voz, iniciativa e protagonismo aos personagens negros que por suas atitudes questionam as injustiças da sociedade patriarcal e escravocrata do século XIX. A escrava

Suzana personagem cuja saga vai ter papel importante na trama é descrita na IX parte do romance, quando conversa com Túlio, negro alforriado e conta-lhe detalhes do seu cativeiro:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. **Para caber a mercadoria humana no porão**, fomos amarrados em pé e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa (Reis 2017:103).

Neste sentido, a escrita de Firmina já aponta para questões em torno da experiência de escravidão vivida por africanos em terras brasileiras, e mais aponta uma compreensão das relações entre colonizado e colonizador além quando na fala de Suzana os negros aparecem como “mercadoria humana” - trata-se de uma elaboração intelectual da escrita bem acima do que se via na época. A fortuna literária de Reis conta dois romances, um abolicionista e um indianista- *Gupeva*.

Maria Firmina, assim como o baiano Castro Alves já tem em sua escrita um teor de liberdade, de abolicionismo, desse modo, sua escrita se aproxima das marcas e tendências do romantismo condoreiro, apesar de não ser contundente, ela expressa o repúdio às formas de ação do sistema escravagista, um bom exemplo dessa reação é a recusa de ser carregada por escravizados no palanquim por ocasião da sua posse como professora.

A crítica à escravidão esteve presente em outras obras da autora, como no conto “A escrava”, de 1887. Em 1871 lançou o *Cantos à beira-mar*, livro de poemas marcados pelo subjetivismo, assim a angústia e a melancolia são marcas textuais dessa subjetividade. Entre as obras de Firmina encontramos também algumas letras de música e hinos. Caso do “Hino a liberdade dos escravos”, escrito por ocasião do 13 de maio.

HINO À LIBERDADE DOS ESCRAVOS

Salve Pátria do Progresso!
Salve! Salve Deus a Igualdade!
Salve! Salve o sol que nasceu hoje,
Difundindo a Liberdade!

Quebrou-se enfim a cadeia
Da nefanda escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmão!

(Fragmento: composto por ocasião do 13 de Maio)

HINO À LIBERDADE DOS ESCRAVOS
de Maria Firmina dos Reis

Quebrou-se enfim a cadeia
Da nefanda escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmão!

(Fragmento: composto por ocasião do 13 de maio)

Figura 60-Hino à Liberdade dos Escravos
Fonte: Livro fragmentos de uma vida

No processo de entender um pouco mais das letras de Maria Firmina vamos exercer a alteridade em relação aos seus “outros”- assim faremos uma breve incursão no pensamento e escrita de dois de seus contemporâneos – Gonçalves Dias (1823- 1864) e Castro Alves (1847-1871), considerados românticos⁷⁹ pela crítica literária, um da chamada geração indianista⁸⁰ e o outro da geração condoreira⁸¹, os dois faleceram bem jovens e deixaram uma literatura considerável. Para Bosi (1992) Dias ainda nasceu próximo ao que chama de “nativismo exaltado latino-americano”, possivelmente isso tenha marcado certa aura violenta de seus primeiros versos (1992: 185), caso, por exemplo, de O Canto do Piaga,

O Canto do Piaga

(...)

Oh! quem foi das entranhas das águas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja...
Esse monstro... – o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?

⁷⁹ O romantismo para Bosi é indefinível, segundo o autor dada a impotência para uma síntese, é necessário recorrer a riqueza de motivos e de temas, assim, o amor, a pátria, a natureza, a religião, o povo e o passado são conteúdos brutos que afloram na poesia romântica, mas que são conteúdos espalhados por toda a história da literatura. Bosi fala de vários romantismos, situa como um dos melhores escritores Gonçalves Dias (2013:96).

⁸⁰ O indianismo considerava o índio como símbolo da nacionalidade, deste modo a natureza era um elemento recorrente na produção literária desse período. A Independência do Brasil foi um elemento do contexto que influenciou a poesia que buscou identificar o país com suas raízes históricas, linguísticas e culturais. E o indígena era exaltado como herói, pois representava esse povo brasileiro.

⁸¹ Castro Alves compõe o que se chamava da geração cujas ideias abolicionistas e republicanas eram mote para a escrita. A chamada geração condoreira que inspirada em Victor Hugo, se voltava às questões sociais e políticas. O ideal de liberdade embala esses escritores.

Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade —
Dons cruéis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar Manitôs, Maracás.

Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribo Tupi vai gemer;
Hão de os velhos servirem de escravos,
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!

(...)
Vossos Deuses, ó Piaga, conjura,
Susta as iras do fero Anhangá.
Manitôs já fugiram da Taba,
O' desgraça! ó ruína! ó Tupá!⁸²

Imbuído de certo nativismo romântico, Gonçalves Dias fará uma literatura no geral centrada na figura mítica do indígena, com um conteúdo de rebeldia e denúncia bem patentes. Os versos do poema traduzem o grito contra o terror da invasão – “esses monstros vem trazer-vos algemas pesadas, matar vossos bravos guerreiros, tomar vossas mulheres e filhas”. Bosi vai dizer que Dias escreve assim porque “tem familiaridade com a luta entre brasileiros e *marinheiros* que marcou nas províncias do Norte os anos da Independência” (1992:185). Bosi (1992) resume da seguinte forma as primeiras escritas de Gonçalves Dias:

Nos Primeiros Cantos do maranhense lateja a consciência do destino atroz que aguardava as tribos tupis quando se pôs em marcha a conquista européia. O conflito das civilizações é trabalhado pelo poeta na sua dimensão de tragédia. Poemas fortes como o canto do piaga e deprecação são agouros do massacre que dizimaria o selvagem mal descessem os brancos de suas caravelas. Pelo seu tom entre espantado e solene lembram esses cantos os presságios que os vates astecas anunciaram ao seu povo alguns anos antes da invasão espanhola (1992:184).

Sobre os Primeiros Cantos Veríssimo (1915) comenta: “Alguns dos poemas dos Primeiros Cantos, porventura os melhores, repunham na nossa poesia o índio nela primeiro introduzido por Basílio da Gama e Durão. Era essa a sua grande e formosa novidade. Nos poemas daqueles poetas não entrava o índio senão como elemento da ação ou de episódios. Nos cantos de Gonçalves Dias, ao contrário, é ele de fato a personagem principal, o herói, a

⁸² Publicado no livro *Primeiros Cantos* (1846). Poema integrante da série *Poesias Americanas*.

ele vão claramente as simpatias do poeta, por ele é a sua predileção manifesta” (Veríssimo 1915:112).

Bosi discute o nacionalismo na poesia de Gonçalves e chega a conclusão que sobre as formas de representar e tratar o destino dos povos conquistados, aos poucos “sua poética supera o ideológico, mas não o suprime”, e em relação a contundente revolta que marcou seus primeiros versos, o crítico argumenta que o modelo de desastre que Gonçalves Dias descreve em seus poemas se encontra no apocalipse de João- está no livro que fecha o Novo Testamento.

Bosi não chega a analisar os textos em prosa de G. Dias nem aponta outras possíveis temáticas na obra do maranhense, mas, ainda nesse período, o poeta natural de Caxias, escreveu um texto intitulado Meditação⁸³ que foi publicado na Revista Guanabara em 1850, segundo Marques (2013) constitui uma obra singular do autor que juntamente com “os últimos poemas que entrariam nos Primeiros cantos e foi produzida entre os anos de 1845 e 1846” (2013: 472).⁸⁴ Mas o que seria singular neste texto de Dias? O texto parece uma alegoria, no sentido mesmo de fábula e inicia assim:

Então o velho estendendo a mão descarnada e macilenta tocou as minhas pálpebras, que cintilaram como sentindo o contacto de um corpo electrizado.

E diante dos meus olhos se estendeu uma corrente de luz suave e colorida como a luz de uma aurora boreal.

E o ancião me disse : « Olha do norte ao sul, do oceano ao nascer; do sol, té onde alcançar a luz dos teus olhos, e dize-me o que vês. (Dias 1850: 102 grafia como original)

Certa ambiência mágica –iluminada -dará lugar posteriormente a uma cena indigna e cruel. Na sequência o jovem olha ao longe e faz ao ancião uma longa descrição que aparentemente remete às paisagens africanas, descreve o espaço natural onde as árvores são “frondosas e robustas”, “o céu é estrelado e sereno” e chega aos homens – estes estão dispostos em círculos concêntricos- assim apresentados: “E os que formam os círculos externos têm maneiras submissas e respeitadas, e são de cor preta; — os outros, que são como um punhado de homens, formando centro de todos os círculos, têm maneiras senhoris e arrogantes, e são de cor branca” (Dias 1850:103).

⁸³ Originalmente publicado na Revista Mensal Guanabara – Artística, científica e Literária Rio de Janeiro: tipografia guanabarensis de L.A.F de Menezes, redigida por Associação de Literatos, 1850.

⁸⁴ DIAS, Antônio Gonçalves. 1909. Meditação. Obras póstumas de Gonçalves Dias. Antônio Henriques Leal (Org.). 2. Ed., Rio de Janeiro; Paris: H. Garnier, v. 3.

E na sequência seguinte observa que “os homens de cor preta têm as mãos presas por longas correntes de ferro, cujos anéis vão de uns aos outros, eternos, como a maldição que passa de pais a filhos” (Id: 103). Porque maldição? O que justificaria as correntes de ferro em seres humanos? A que maldição estaria se referindo o poeta? Poderíamos pensar num primeiro momento numa postura liberal do poeta e até de defesa daqueles que sofrem na pele e na carne os efeitos de um sistema social perverso, é o que Bosi vai analisar como liberalismo moderado.

Na terceira parte da história há a agressão de um jovem branco a um velho escravo, a situação tensiona e fica a cargo dos anciãos resolverem. Nessa parte, o olhar do jovem narrador é redirecionado: “E o ancião me disse: Affasta os olhos dos homens que soffrem e dos que fazem soffrer, como de um objecto impuro e volve-os em redor de ti. E eu affastei os olhos desse espectaculo luctuoso e volvi-os em redor de mim”(Dias 1850:103, grafia original). O mundo ao qual o narrador tem acesso agora é o de vilas e cidades, observa construções, habitações e palácios e,

E nessas cidades, vilas e aldeias; nos seus cães, praças e chafarizes — vi somente escravos

E à porta ou no interior dessas casas mal construídas, e nesses palácios sem elegância — escravos

Por isto o estrangeiro que chega a algum porto do vasto império, consulta de novo a sua derrota, e observa atentamente os astros, porque julga que um vento inimigo o levou às costas d'Africa. (Dias 1850:104)

Ele vê o Brasil, e atribui aos negros todos os defeitos nas construções, na organização das vilas e ruas, a eles cabe responder por um país construído sobre o seu trabalho, sobre o seu sangue e suor, e imensamente sobre a sua dor. Nesta parte da narrativa, o ancião passa a ser o narrador e diz ao jovem sua interpretação: “E o escravo não pôde ser arquiteto, porque a escravidão é mesquinha, e porque a arquitetura é filha do pensamento, e o pensamento é livre como o vento que varre a terra” (1850:105), basta este trecho para entendermos como a literatura corrobora uma ideologia de raça e constrói um significado que acompanhará toda a história do povo preto no Brasil. A construção de uma ideologia da inferioridade, mesmo que justificada no discurso do ancião- pela falta de liberdade- vai compor o tecido social da época até a contemporaneidade.

Com isso chegamos em 1852, quando Gonçalves Dias⁸⁵, a serviço do Imperador D. Pedro II, elaborou um relatório acerca da Instrução Pública em Diversas Províncias do Norte. Com base em suas conclusões são feitas as seguintes orientações ao Império brasileiro:

Concluirei fazendo observar que duas grandes classes da nossa população não recebem ensino, nem educação alguma, – **os índios e os escravos**. No antigo regime era costume criarem-se cadeiras primárias nas localidades, em que se estabeleciam índios novamente convertidos. Se nos não convém ir procurar novos índios às florestas para os converter e civilizar, nem mesmo olharmos de perto para a instrução dos aldeados, é de necessidade atendermos ao menos essa outra classe, que entremeada com a população livre, tem sobre ela uma ação desmoralizadora, que não procuramos remediar. **Quero crer perigosó dar-lhe instrução; mas por que não se dá uma educação moral e religiosa?** Não será necessário prepará-los com muita antecedência para um novo estado a ver se evitamos perturbações sociais, que semelhantes atos têm produzido em outras partes, ou quando reivindicam por meios violentos – ou quando o governo imprudentemente generoso os surpreende com um dom intempestivo? Centenas de escravos existem por esses sertões, aos quais faltam as noções as mais símplices da religião e do dever, e que não sabem ou não compreendem os mandamentos de Deus. Educá-los, além de ser um dever religioso, é um dever social, por que a devassidão de costumes, que neles presenciamos, será um invencível obstáculo da educação da mocidade (Dias *apud* Marques 2013: 478-479, grifo meu)

Para quem era pensada a instrução pública? Uma educação de qualidade? Para os brancos, para manter o *status quo*, para legitimar o estado escravocrata e formar a classe que dirigiria os rumos da nascente república. Assim o poeta exclui índios e escravos da instrução. Dar-lhes uma educação moral e religiosa. E para que? Para evitar que no contexto de libertação haja violência, afinal “a eles falta as noções mais simples de religião e dever”. A concepção de raça amaldiçoada parece emergir das entrelinhas das orientações do poeta, a eles era destinado o exílio, a dor e a condição de submissão.

Em 1868 o poeta baiano Castro Alves escreveu *Navio Negreiro* e *Vozes d’África*. Dois poemas escritos em tom épico. Diz Alfredo Bosi: “Em 1868, ano do *Navio Negreiro* e das *Vozes da África*, a mazela mais deprimente, o nervo exposto, era a escravidão” (1992:248). Segundo o crítico os dois poemas foram compreendidos como falas de rebeldia, a sua eloquência nasce do tom imprecatório que emana de suas estrofes. É o grito inaudível de

⁸⁵ O poeta caxiense foi incumbido, em meados de 1850, pelo Governo Imperial de D. Pedro II de vistoriar a situação da educação pública das províncias do norte do país, a saber, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Bahia, com o objetivo de fazer um relatório discriminando os problemas encontrados e apontando soluções.

um continente contra um deus que deixa acontecer “tanto horror sob os céus”. Vejamos a 14ª. Estrofe do poema:

Foi depois do dilúvio...Um viandante,
Negro, sombrio, pálido, arquejante,
 Descia do Arará
 E eu disse ao peregrino fulminado:
 “Cam...serás meu esposo bem-amado...
 Serei tua Eloá...” (Bosi 1992:253, grifo meu)

Mas essa associação de um destino africano ao mito cristão da tribo de Cam- descrita no Livro de Gênesis. “O povo africano será negro e será escravo. Eis tudo” (Bosi 1992:256). Ideologicamente aponta para o determinismo da escravidão. O povo negro era um povo já marcado – com a insigne de servir ao outro- ao branco desde tempos imemoriais, essa alegoria acabava contribuindo para uma visão de imutabilidade, conservadora.

Antes de o poeta publicar esse poema, em 1859, a mulher professora negra trazia em suas linhas a seguinte fala, e nela vemos uma grande diferença entre as escritas- Maria Firmina, portanto, quase dez anos antes de Alves, traz a voz dos escravizados para a superfície do papel- a escrava Suzana no romance relembra quando foi tornada cativa nas terras de África e conta:

Era uma prisioneira-era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, **tudo me ficava- pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade!** Meu Deus! O que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudestes avaliar!... (Reis 2017:103, grifo meu)

Gostaria de fazer algumas incursões sobre as obras literárias, aqui descritas e sumariamente analisadas, mas o interesse da pesquisa é mostrar como as primeiras- de Dias e Castro Alves são enaltecidas e lidas não apenas pela crítica literária, mas por leitores comuns, os poemas de Gonçalves Dias e os de Castro Alves compuseram a leitura de toda uma geração de estudantes no Brasil, já o texto literário de Maria Firmina começou a ser estudado nos anos de 1980 com o primeiro trabalho acadêmico sobre sua literatura – atribuído a pesquisadora Luiza Lobo. Sem ter a pretensão de enquadrar a escrita de Maria Firmina, poderia, no entanto, dizer que sua narrativa que apresenta em termos de

vocabulário e ideias uma proximidade com o realismo- com a objetividade do que foi o processo de escravização de seres humanos- destituídos de tudo e no entanto exercem uma solidariedade com as senhoras.

A principal originalidade da obra de Firmina é trazer para o tecido textual, uma narrativa do ser – humano, humanizado pelos sentimentos- pela fala, pelo dizer-se, por seu ser-no-mundo, ser a quem é devolvida a humanidade, mesmo que no papel, essa humanidade retirada pela violência das relações escravagistas e pelas formas de representação criadas a partir do racismo. Túlio e Suzana são protagonistas pela solidariedade demonstrada às senhoras, Numa passagem do romance já no décimo quinto capítulo o personagem Túlio relata a Tancredo- o jovem branco – como foi que as senhoras, Luiza B... e Úrsula foram destituídas de toda a riqueza e como a fazenda foi deixada ao abandono e sua mãe- escrava entregue a ira de Fernando P. tio de Úrsula. Ele conta:

Deveis saber que esse homem amaldiçoado comprou as numerosas dívidas que, meu senhor, legou à órfã e a sua viúva, com o intuito tão somente de reduzi-la ao ultimo extremo da miséria, como a reduziu; porque seus diversos credores ter-se-iam comovido, e talvez lhe facultassem os meios de os ir pagando sem grande detrimento de sua fortuna, aliás arruinada. Tancredo responde indignado: - Que vingança tão mesquinha!...

-Pois bem- prosseguiu Túlio, com voz lagrimosa-minha desgraçada mãe fez parte *daquilo* que ele comprou aos credores, e talvez fosse ela mesma uma das *coisas* que mais o interessava. Quando ela se viu obrigada a deixar-me, recomendou-me entre soluços aos cuidados da velha Susana, aquela pobre africana, que vistes em casa de minha senhora, e que é a única escrava que lhe resta hoje! (Reis 2017: 137, grifo)

Passagem reveladora de uma compreensão da escravidão bem diferente da de seus contemporâneos. A sua literatura traz marcas, expressas em vocábulos como “daquilo”, “coisas” que nos leva a intuir que Maria Firmina já tinha uma compreensão sobre a objetificação do negro naquele contexto, e expressa, são relações não subliminares em sua prosa. Do ponto de vista das relações de poder o romance escancara o compromisso da igreja com o discurso dominador e com a violência do patriarcado retratado no tio da protagonista.

5.1.4. O Álbum como gênero literário

Foi já no século XX, em 1993 que “Philippe Lejeune, eminente especialista da autobiografia e das “escritas da vida cotidiana” organizou cerca de dois mil documentos em uma cidade francesa” (Perrot 2007:28). O resultado deste inventário atestou que quase a metade era produto das mulheres. Assim, se chegou à conclusão de que a produção escrita das mulheres abarca os três grandes tipos de literatura pessoal: *autobiografia, diário íntimo e correspondência*. Perrot pondera que

(...) de maneira geral, a presença das mulheres nesses arquivos se dá em função do uso que fazem da escrita: é uma escrita privada, e mesmo íntima ligada à família, praticada à noite, no silêncio do quarto, para responder às cartas recebidas, manter um diário e, mais excepcionalmente, contar sua vida. Correspondência, diário íntimo, autobiografia não são gêneros especificamente femininos, mas se tornam mais adequados às mulheres justamente por seu caráter privado. (Perrot 2007:28)

Poderíamos identificar então o que Firmina escreveu e chamou de “Álbum” como *diário íntimo*, o que se constituiu no século XX uma prática adolescente, e especialmente feminina. Perrot aponta que é uma escrita recomendada e bastante tolerada pela igreja, uma vez que o considerava como “um instrumento de direção de consciência e de controle pessoal, apesar do alto grau de introspecção”, mas assim como a oração possibilitava um olhar sobre si mesma. (2007:29). O que são os diários/álbuns de mulher?

Perrot afirma em sua *História das Mulheres* que no século XIX as mulheres comumente pensavam “Minha vida não é nada”. Para que falar dela? A não ser para evocar os homens, mais ou menos importantes, que conheceram, acompanharam ou com quem conviveram. Aquelas que tentaram, o fizeram sob a forma de “Memórias” de seu tempo. (2007:28). E assim registravam o dia- a- dia, os acontecimentos do cotidiano. Era uma forma de se expressar no mundo. E Maria Firmina parece ter dado às letras a primeira obra considerada como diário íntimo, intitulada “Álbum”. No início do diário há um texto intitulado *Resumo da minha vida*. Ela o divide em três partes. Na primeira parte ela se descreve como alguém de “compleição débil e acanhada”, criatura “frágil e tímida”, fala de sua avó e de sua irmã. Na parte dois do texto, ela lamenta a passagem da infância; diz que já experimentou uma doce ilusão, talvez um grande amor e lamenta já ter-lhe passado a adolescência: Ah! Porque fugistes idade única da vida? E na terceira parte lamenta “que a sucessão dos anos tenham-lhe apagado o fogo do coração”. Ao final desta parte ela diz: “Eu

não aborreço os homens, nem o mundo, mas há horas, e dias inteiros, que aborreço a mim própria” (Reis *apud* Moraes Filho 1975).

Existe uma necessidade de se expressar em meio à solidão. Ana Cláudia Lemos Pacheco discute em seu trabalho como as relações de afetividade e como enfrentamento da solidão atinge as mulheres negras. Segundo a autora “Falar de afetividade, de escolhas, de solidão é desmontar os sistemas de preferências que prescindem a idéia de brasilidade, posto que as mulheres negras aparecem como corpos sexuados e racializados, não afetivos, na construção da Nação” (Pacheco 2013:28). Esse sentimento parece acompanhar a autora e produz nela uma profunda reflexão sobre o estar no mundo, sobre a vida – sobre as ausências, afinal o que falta a ela? Tem a paisagem a admirar, as flores a deleitar, os amigos,

Que será pois o que sinto? Amo a noite, o silêncio, a harmonia do mar, amo a hora do meio-dia, o crepúsculo o mágico da tarde. A brisa aromatizada da manhã: amo as flores, seu perfume me deleita: amo a doce melodia dos bosques, o terno afeto de uma mãe querida, as amigas de minha infância e de minha juventude,- e sobre todas instâncias amo a Deus; e ainda assim não sou feliz porque o insondável me segue, me acompanha esse querer indefinível que só poderá encontrar satisfação na sepultura.

Esse sentimento de evasão foi experimentado por muitos dos escritores nesse período. Em determinado momento ela define “O Álbum”: Bem compreendeis o que é um álbum - são as páginas d'alma escritas ora com sangue, outra hora com lágrimas; nunca animadas por benéfico sorriso. Amor ou desesperança - saudade ou dor, eis o que significa. (s/p). Um pouco mais adiante ela novamente define: O álbum é o livro da alma; é nele que estampamos os nossos mais íntimos sentimentos, os nossos mais extremos afetos; assim como as mais pungentes dores de nossos corações. E também o nome daquelas pessoas que nos são gratas, que nos inspiram simpatia que nos colocam sincera amizade deve escrever-se aqui. A pesquisadora Luiza Lobo assim se remete ao trabalho de Firmina: “O Álbum como diário é uma obra autobiográfica da primeira fase romântica” (Lobo 2011:114). Trata-se de um material que deve ser cotejado porque diz muito desse momento.

Os anos de 1860 /1861/1862 que se estendem até 1879 foram de muitas dores para a escritora que registra isso nas páginas do álbum com marcadores como *dores, trevas, lágrimas* veja-se: “Raiou, enfim um novo ano; mas a luz do sol do seu primeiro dia não esclareceu as trevas, nem abrandou as dores do meu coração” (Reis s/d); e, ainda neste excerto datado logo depois: “O descanso de uma vida consumida se encontra na sepultura.

O esquecimento das dores humanas só ela oferece” (Reis 26/02/1861). Melancolia, tristeza, tormento marcam a sua escrita com um tom poético bem peculiar como no excerto:

Há já dois anos que te abandonei, meu pobre álbum.. Porquê?
 Não to direi hoje: mais dar-te-ei! o motivo.
 Se eu tivesse uma lira nela ia cantar as belezas desta tarde,
 Não tenho...
 Mas eu te saúdo oh! Tarde doce e melancólica como um **sorriso deslizando por entre lágrimas**, tarde que recordas no coração tudo quanto ele amou. Tudo aquilo que gozou: e trazes corno saudades de um prazer futuro que a alma vagamente almeja. E almeja sempre...
 Oh' tarde de janeiro - quanto encanto, quanta poesia! Quem fora feliz para poder-te cantar.
 Mas, eu. Eu não sou! Sou uma desditosa escrava da sorte, uma mísera poetisa.
 Cuja lira estalou ao choque da desventura... Não te posso cantar, guardo, porém, a tua lembrança. (Reis 1/02/1872, grafia original)

Neste excerto o eu-lírico evoca a melancolia da tarde, uma tarde de recordar tudo o que se viveu, é uma tarde de janeiro, como ela revela no texto. As marcas textuais extremamente poéticas de “um sorriso que desliza entre lágrimas” e ainda algo como marcas eróticas como “tudo aquilo que gozou”; “prazer futuro” que a alma ainda almeja, nos trazem à memória o fato de que se trata de uma jovem senhorora de 50 anos, e que parece viver a solidão e a melancolia como experiências de vida.

No álbum há informações triviais do cotidiano como: “no dia 10 de junho fiquei com uma garrafa de leite”. Em outro excerto dedica uma página do seu álbum: “Vou dedicar esta página à memória de Vicente Cabral”. Quando atravessamos o século e chegamos aos diários de Carolina Maria de Jesus, compreendemos essa forma de narrativa como expressão de um cotidiano duro, difícil, solitário. Afinal a representação no livro de Gonzalez: E, sentada na porta do barraco, continuou mergulhada naqueles pensamentos, perguntando pelo porque tantas coisas. Quem a visse de longe talvez se perguntasse sobre o que aquela figura trágica lembraria. E a resposta não era difícil de ser encontrada: a mulher-sentada-na-porta-do-barraco era a própria Solidão (Gonzalez 2018:33).

Depois de *Úrsula* Reis publicou *Gupeva- um romance brasiliense (1865)*, dessa vez de temática indianista, o que confirma a consciência crítica da autora acerca das vozes subalternizadas e inferiorizadas pelas relações de poder vigentes na época. Gupeva foi publicado inicialmente no jornal. Posteriormente, em 1887, publicou na *Revista Maranhense* o conto *A Escrava*, narrativa que descreve uma participante ativa da causa abolicionista. A

escritora Maria Firmina dos Reis encantou-se em 11 de novembro de 1917, **pobre e cega**, na cidade de Guimarães, Maranhão, onde morou desde criança e lugar onde atuou como professora das primeiras letras, inclusive recebeu o título de mestra régia⁸⁶ e escritora.

5.1.5. Maria Firmina, a romancista, os leitores e as críticas

No contexto do século XIX publicar em periódicos não era tarefa fácil, menos ainda para mulheres e mulheres sem recursos. Assim a publicação do texto dependia de um sistema de subscrição⁸⁷. Pelas datas mencionadas nos excertos de jornais houveram dificuldades para conseguir a publicação do seu romance *Úrsula*. A primeira data é a de 1857, quando houve a primeira campanha. Sabe-se, entretanto, que em 17 de outubro de 1857 o jornal maranhense “A Imprensa” (ano I, número 40, página 3, segunda coluna) publicou a primeira resenha do romance, com o título “Prospecto”. Ao final da resenha vinha a informação sobre a abertura do período de subscrição para o livro.

Diferentes qualificativos para o romance *Úrsula* (1859) – “obra digna de ser lida por corações sensíveis e por aqueles que souberem proteger as letras pátrias”; interessante romance; escrito com singeleza e elegância. Esses predicativos animaram nos anos de 1860 a 1862 algumas colunas dos principais periódicos de São Luis, entre eles *A Imprensa*, *O Publicador Maranhense*, *Coalição*.



Figura 61- Resenha no jornal “A Imprensa” de 1860

Fonte: Hemeroteca da BNDigital

⁸⁶ Trata-se de professora aprovada em concurso público em oposição a professora leiga.

⁸⁷ O sistema de subscrição era um procedimento comum naquela época, desde os primeiros periódicos literários publicados na década de 30 do mesmo século XIX. Os subscritores iam a uma tipografia e assinavam em uma lista de nomes, assumindo o compromisso de comprar o livro ou o jornal, antes mesmo de sua impressão. Quando estes fossem lançados, os subscritores voltavam à tipografia para pagar o valor do exemplar do livro ou da assinatura do jornal, e recebiam então o seu exemplar. Como não havia editoras, as tipografias eram as empresas procuradas por jornalistas independentes e escritores, desejosos de imprimir suas obras, e elas também faziam a captação dos recursos necessários para essa fase de produção.



Figura 62- Recorte do Jornal A Coalizão em 1862
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Sobre a história dessa publicação⁸⁸ encontramos inicialmente o jornal *A Imprensa* que traz na sua página 3 o primeiro anúncio da publicação em 17 de outubro de 1857. É um texto bastante interessante e crítico, inclusive até pelo título: Prospecto, indicando não apenas a propaganda e divulgação de um produto, mas um olhar que pelo menos aguça a curiosidade do leitor, uma vez que vislumbra uma perspectiva. O redator diz inicialmente “- O Romance brasileiro que se vai dar ao prelo, sob a denominação – de Úrsula- é todo filho *da imaginação da autora*, jovem Maranhense que soltando as azas (sic) a sua imaginação estréia a sua carreira literária , oferecendo ao ilustrado público da sua nação as páginas , talvez por demais vazias de um estilo apurado. Título: Publicações perdidas,

PROSPECTO

- O Romance brasileiro, que se vai dar ao prelo, sob a denominação de – Úrsula- é todo filho da imaginação da autora, jovem maranhense, que soltando as asas da sua imaginação, estréia a sua carreira literária, oferecendo ao ilustrado público de sua nação as páginas, talvez por demais vazias de um estilo apurado, como o é o do século mais simples, e os pensamentos, não profundos, **mas entranhados de patriotismo. Todo ele recente-se de amor nacional, e de uma dedicação extrema à liberdade.**

Os personagens da sua obra, **não os foi buscar num fato original**; a existência desses entes criou-a ela no correr da mente.

A autora simpatiza com o que há de belo nas solidões dos campos, na voz dos bosques e no gemer das selvas; e por isso preferiu tecer os fios do seu romance, melhor do que nos salões dourados da corte nos amenos campos e nas gratas matas de seu país.

Recolhida no seu gabinete a sós consigo mesma, a autora brasileira tem procurado estudar os homens e as coisas, e o fruto desses esforços e de sua vontade é:

ÚRSULA- a donzela- que vai aparecer-vos sob esse nome vivendo isolada nas solitárias regiões do Norte, não é um desses tipos de esmerada civilização, mas longe de serem selvagens os seus costumes Úrsula tinha o cunho de um caráter ingênuo e impuro com o só defeito de ser talvez por demais ardente e apaixonada a sua alma; constante nos seus afetos, essa donzela senão assemelha a tantas outras mulheres volúveis e inconsequentes, que aprendendo desde o berço a iludir,

⁸⁸Informações organizadas a partir do site Memorial de Maria Firmina e pesquisa na Biblioteca Digital.

deslustram o seu sexo, mal compreendendo a missão de paz e de amor de que as incumbiu Deus.

Talvez um amor estremecido e uma prevenção desde o berço alimentada contra o seu tio comendador P. lhe de por um momento uns traços de leviandade; mas se atentarmos que Úrsula no verdor dos anos, arrastada por essas duas paixões imperiosas, que tão fatais lhe foram , conservou a pureza de uma alma angélica , confessaremos que a predileta da autora tinha um caráter firme , como soi ser o das almas grandes e virtuosas.

Úrsula tinha a imaginação ardente das filhas do Norte, e como elas guardava n'alma sentimentos nobres, e um afeto, e uma dedicação, que só o tumulto saberá extinguir.

Menos ardente não era o coração do jovem Tancredo- essas duas almas perfeitamente harmonizavam. O comendador, invejou tão extrema ventura, e lançou absinto no vaso de suas doces esperanças; podia ter sido generoso, mas seu amor era terrível, ele não pode perdoar. (?)

Túlio, e Susana, representam essa porção do gênero humano tão recomendável pelas suas desditas! - O Escravo! - A autora tem meditado sobre a sorte desses desgraçados entes, tem-lhes escutado as lacrimosas nênias , e o gemer saudoso; a recordação de uma vida , que já lá passou, mas que era bela nas regiões da África!...

É um brado a favor da humanidade- desculpai-a...

Subscreve-se para esta obra na Typografia do Progresso, do Observador, do Diário e do Publicador- preço por cada exemplar broxado- 28000 reis.

(Fim da transcrição)

Trata-se de uma longa resenha, que em sua parte final mostra explicitamente a verve racista do articulista, afinal ele pede para desculpar a escritora pelo “seu brado à humanidade”, escuro está que se refere à construção dos dois personagens aos quais se refere no parágrafo anterior como “desgraçados”. Em 1860, a obra tem espaço também no “Jornal do Comércio” (4/08/1860), depois no jornal “A Moderação” (11/08/1860); e na “A Verdadeira Marmota”(13/05/1861). A Tipografia do Progresso, situada em São Luís, imprimiu, divulgou e vendeu os exemplares do romance. No total, foram 50 anúncios, a maioria deles em destaque e sem menção a outro livro, divulgaram a obra de Maria Firmina durante dois anos e meio (de 18/2/1860 a 17/9/1862) nos jornais maranhenses. Não encontrei nenhuma menção a “Úrsula”, nesta época, em qualquer publicação de outro estado brasileiro.

Depois dos dois anos de divulgação e anúncio do romance é apenas em 1867 que se voltará a falar na obra. Possivelmente é quando a autora volta a publicar em jornais. Nesse Caso ela é elogiada pelo editor de “Semanário Maranhense” enquanto “senhora que cultiva as belas letras com assiduidade e muito bom gosto”.

—Em outro lugar d'este jornal estão publicados alguns versos de uma senhora maranhense, que cultiva as bellas letras com assiduidade e muito bom gosto. Não são estes os primeiros versos da autora da *Ursula* e o *Semanário* sente especial prazer archivando os trabalhos de tão talentosa collaboradora.

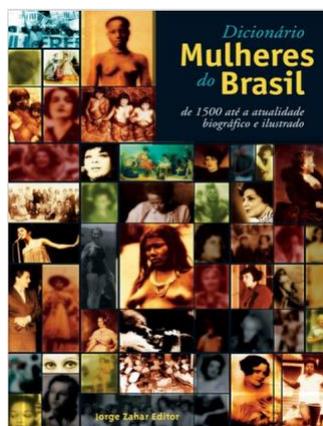
Figura 63- recorte do *Semanário Maranhense* de 3/11/1867

Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Maria Firmina é citada na publicação realizada em 2000, em comemoração aos 500 anos do Brasil, organizado por Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil. A pesquisa foi capitaneada pela Redeh (Rede de Desenvolvimento Humano) e Arte Sem Fronteiras Produções. É muito interessante a descrição da publicação:

O Dicionário Mulheres do Brasil representou para nós, que participamos deste trabalho, uma curiosa e provocativa viagem. Um percurso singular, iniciado há três anos, com nossa atenção voltada para a carta do dia 26 de abril de 1500, na qual Pero Vaz de Caminha mencionava: “quatro ou cinco mulheres moças que não pareciam mal”. Nessa espécie de certidão de nascimento do Brasil, ao lado de sua incontestável beleza, já nos fora possível constatar a ótica com que eram vistas as mulheres que aqui estavam – aquelas cujo destino foi alterado por um suposto acaso histórico, um desvio inesperado que, por uma extraordinária combinação de ondas e ventos, fez dos portugueses os “achadores” destas terras. A partir daí, imergimos nas muitas águas que rolaram do passado, de olhos sempre bem abertos para as tantas outras moças que por aqui chegaram, ficaram ou nasceram.

Alimentamo-nos de reflexões inundáveis sobre quem foram e como viveram as mulheres nestes 500 anos de história brasileira. Onde estavam elas no longo período de colonização, no breve império e na vida republicana? Que palavras não foram escritas? Que vozes não foram ouvidas? Quem são as mulheres cuja vida pode nos mostrar o que existe atrás dos panos? (Apresentação s/p)



Maria Firmina dos Reis (1825-1917)
Escritora e abolicionista.

Maria Firmina nasceu em São Luís (MA), em outubro de 1825. Negra e bastarda, filha de Leonor Felipe dos Reis, foi registrada por João Pedro Esteves. Quando tinha 5 anos foi morar em Guimarães (MA), onde prestou concurso para o ensino primário oficial e foi nomeada em 1847, disputando a vaga com mais duas candidatas.

Autora do primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher no Brasil, em 1859-60 publicou, sob o pseudônimo Uma Maranhense, o romance *Ursula*, em que abordou a questão da escravatura no Brasil e que é considerado pelos críticos um marco na literatura feminina abolicionista. Ainda sobre esse tema escreveu *15 de maio* e o conto *A escrava*, publicado na *Revista Maranhense*, também de denúncias. Publicava poesias e artigos nos jornais locais e compunha músicas para folguedos populares.

Aos 55 anos, Maria Firmina, numa atitude pioneira e ousada para sua época, fundou na sua cidade natal uma escola mista e gratuita para crianças pobres. Lecionou até aposentar-se em 1881 e nunca se casou; contudo, apesar dos poucos recursos, adotou várias crianças e cuidava de numerosos afilhados.

Faleceu no dia 11 de novembro de 1917, na casa de uma amiga que fora escrava. Estava cega e tinha 92 anos.

Especialistas em literatura brasileira consideram Maria Firmina a primeira romancista brasileira, pois as duas outras que poderiam ostentar esse mérito seriam Nísia Floresta*, que até 1859 somente teria feito traduções, e Teresa Margarida Orta** que, apesar de ter publicado o ensaio político romancado *Aventuras de Dófolome* em 1752, partiu

Figura 64- Capa da publicação *Dicionário Mulheres do Brasil*

Fonte: Hemeroteca da BNDigital

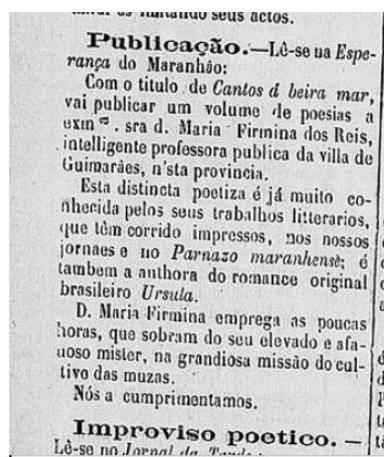


Figura 65-Recorte do jornal
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

O jornal “O Espírito-Santense” (4/11/1871) menciona a leitura contida no jornal *Esperança* do Maranhão anunciando um volume de poesias com o título *Cantos á beira-mar*, cujos exemplares não estão disponíveis para consulta online. Na biografia da autora, José Nascimento de Moraes Filho conta que Maria Firmina doou nesse dia um exemplar de seu romance ao Ateneu Maranhense, sociedade literária do seu Estado, conforme nota do jornal “Publicador Maranhense” (16/12/1875).

Na obra *Maria Firmina – Fragmentos de uma Vida*, José Nascimento de Moraes Filho conta a sua narrativa de “descoberta” da escritora:

Descobrimo-la, casualmente, em 1973, ao procurar nos bolorentos jornais do século XIX, na Biblioteca “Benedito Leite”, textos natalinos de autores maranhenses para nossa obra “Esperando a Missa do Galo”.

Embora participasse ativamente da vida intelectual maranhense publicando livros ou colaborando quer em jornais e revistas literárias quer em antologia – “Parnaso Maranhense” – cujos nomes foram relacionados em nota, sem exceção, por Sílvia Romero, na sua “História da Literatura Brasileira”, registrada no “cartório intelectual” de Sacramento Blake – o “Dicionário Bibliográfico Brasileiro” – com surpreendentes informações, quase todas ratificadas por nossa pesquisa, Maria Firmina dos Reis, lida e aplaudida no seu tempo, foi como que por amnésia coletiva totalmente esquecida, o nome a obra!...(Morais Filho 1975:3).

Morais Filho organizou boa parte das informações encontradas sobre Maria Firmina em jornais, revistas e ainda pôde entrevistar alguns alunos da escola de Maçaricó e filhos adotivos da escritora. Tive acesso à obra digitalizada na Biblioteca Benedito Leite que não

esta numerada, assim a compilação foi feita em seis partes, das quais boa parte das poesias eu já havia coligido na fonte original, ou seja, nos jornais e periódicos. A pesquisa é muito interessante e passível de críticas e análises literárias.

Sobre o comentário de Horácio Almeida presente no prólogo da edição fac-similar de Úrsula, ele aponta para as soluções literárias que valorizam ou (des)valorizam a escrita considerada incipiente, “árida” da autora maranhense, afinal para o crítico Maria Firmina “Era mulher e mulher do interior de uma província. Mesmo assim, dava a lume o fruto de sua imaginação, como a mãe matuta que enfeita o filho para com ele aparecer em público”. Na sua perspectiva aparecem as falhas de estilo, o uso de vocábulos anacrônicos, e ainda,

Os horizontes em que exerce a ação do livro são demasiado limitados. Uma prosa árida, jungidas a preocupações escorreitas, como era moda, ressoa através de duzentas páginas. Aqui e ali, como uma pedra de tropeço, topa o leitor com uma palavra fora de uso, exumada dos clássicos. No mais, carece o romance de outros requisitos, como o colorido das descrições, a fixação dos costumes, a espontaneidade do estilo coloquial. Com relação ao coloquial, predomina o tratamento de vós entre todos os personagens, até mesmo os mais humildes, os escravos, que não claudicam nas formas verbais. Porventura, não são também artificiosas as obras literárias dos tempos românticos? (Prólogo).

Preso a questões de estilo pondera a ausência de -densas descrições- o que era próprio do naturalismo, o uso de pronomes que indicam uma indiferenciação de pessoas, ou seja, o autor sugere certa artificialidade no uso indiscriminado do pronome entre brancos e escravizados, o que já poderia a meu ver ser um aspecto de ousadia na escrita da autora do século XIX, comprometida com o que Assis (2017) denomina de “dignificação dos personagens”.

Para terminar essa breve resenha sobre a obra e a vida dessa instigante personagem Maria Firmina dos Reis, trago uma última reflexão sobre a questão do nome, o que vai aparecer também em Laura Rosa. Homens são “grandes homens” e tem nome e sobrenome, mulheres no curso da história eram respeitadas porque traziam o sobrenome do marido, isso ao longo do tempo, com as ideias feministas e com o protagonismo das mulheres na sociedade foi se modificando, assim *nome próprio e não suposto* como vai dizer Laura Rosa, é a reivindicação de uma identidade no mundo e isso desemboca no século XX com o seguinte fato. Em 1973, Clóvis Ramos publicou o livro *Nosso Céu Tem mais Estrelas – 140 Anos de Literatura Maranhense*, no qual citou erroneamente a autora maranhense

como “Maria Emília dos Reis”. Em sua antologia seguinte, *Nossas Várzeas Têm Mais Flores: Poetas Modernos do Maranhão* (1975), o autor corrigiu devidamente:

2-Maria Firmina dos Reis. Seu nome foi mudado por um lapso de datilografia, para Maria Emília dos Reis. Também consta no Parnaso, romântica de valor, de estro espontâneo, cheio de tristeza como convinha à escola a que se filiou. Nascimento Morais Filho, em trabalho impressionante de pesquisa, vai reviver, em livro, a romancista de *Úrsula*, que morreu nonagenária em Guimarães, Maranhão. Suas novelas-disse-me o folclorista (...) já explora em sua ficção, o tema do incesto. (Ramos 1975:153)



Figura 66- as obras de Clóvis Ramos

5.2 Marianna Luz- vida inteira em retalhos

O olhar pela lupa- as letras foram aumentadas para que pudéssemos ler os fragmentos de uma história e recompor a inteireza de uma personalidade, de uma subjetividade no mundo. É uma tentativa de compreender a escrita das mulheres sujeitas dessa tese, poderiam ser tantas outras, que em meio a uma sociedade que lhes nega de certa forma o reconhecimento, descobri um paradoxo, pois, não obstante Marianna Gonçalves Luz ser considerada uma notável e inspirada poetisa de Itapecuru- Mirim, ter seu nome em deferência no local de nascimento, vive o ocaso da vida na mais profunda pobreza e abandono. O artigo de sua amiga, cronista Enoé Simão Nogueira da Cruz que assina a coluna como Márcia Queiroz, no Diário de São Luiz do dia 13 de junho de 1948. Mariana Luz, admirada e cantada pelos conterrâneos, vive uma situação precária, “Velha, sozinha e

pobre”. A “Musa Esquecida” é bem a marca de todas as escritoras que nos séculos XIX e início do XX intentaram se posicionar numa sociedade onde grassa o patriarcado e suas diversas manifestações. Mas as traças do patriarcado não corroeram tudo, há rastros!



Figura 67- Musa Esquecida/ Diário de São Luiz
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Possivelmente muitas histórias ficaram perdidas no labirinto da memória e as gerações que vieram depois nunca ouviram falar que “Já velha, sozinha e pobre, na pobre e velha cidade de Itapecurú-mirim, vive numa casinha humilde, a mais antiga e, quiçá, a mais inspirada das poetizas maranhenses”. Eram anos difíceis no Brasil, de muitas mudanças no país – sejam econômicas, políticas e sociais. Em 1946 terminava a ditadura de Vargas. Uma nova constituição é promulgada - como isso foi reverberado nos estados, principalmente do Norte é uma questão-

Mariana Luz, professora leiga de algumas gerações, dotada de uma inteligência superior doirando-lhe o espírito essa cultura antiga que o ensino dos tempos passados conferia solidamente. Canta em versos a vida – tal como a tem sentido, desde a sua mocidade. E ainda hoje no crepúsculo melancólico de sua existência, soluça as endeixas que lhe inspira a amargura dos seus últimos dias.

Esquecida de todos, ignorada pela crítica fidalga Mariana vê na penumbra de sua vida de pobre extingui-se cada vez mais o lampejo que lhe devia aureolar o nome que nunca figurou por força de sua modéstia nas páginas aristocráticas das revistas de luxo do país. Os seus recursos pecuniários que nunca passaram de uma mesquinha subvenção municipal aos seus serviços de educadora, não lhe permitiram publicar o seu livro de versos, que é o sonho que faz viver ainda talvez, a velha poetisa combalida pelos infortúnios que a vida lhe deu.

Os seus versos comoventes deixam transparecer o que tem sido essa vida edificante de donzela pobre, entregue às asperezas do destino, fundindo

num só sentir a sua e a dor alheia, que ela enfeita de ambrosíacos perfumes, nos doces lamentos de sua lira.

“Não há vida feliz. A dor impera.
 Quer floresçam os rosais da
 Primavera.
 Ou da invernica o gelo que
 Tortura.
 Por mais risonha que se mostre
 A esperança
 Sempre uma nuvem tolda
 Essa bonança
 Sempre há um mas em meio
 Da ventura”.

A articulista, também poeta, considera que os versos de Marianna são de notável inspiração, mas são desconhecidos, seu reconhecimento implicaria dar a escritora um lugar de destaque entre as celebridades do parnaso feminino. Lamenta que aqueles que estão no alto da crítica tenham “esquecido essa alma sublime de sonhadora humilde que talvez conformada com o abandono dos fatos, aguarde tranquila , depois de sua morte, na elegia dos anjos, os aplausos que os homens lhe negaram. (Queiroz Diário de São Luiz 13/06/1948).

É apenas em 1947 que devido aos clamores de literatos e da imprensa local, é destinado à professora formadora de muitas gerações uma pensão em nome da “Cultura”. Não bastasse a forma como um ex-aluno seu e colega de pena a trata, “mulata e pedante”, é dessa forma que o poeta Raimundo Cardoso se refere a sua conterrânea e é criticado por outro colega:

Quem leu o “Imparcial” de 13 deste, e viu o artigo sob o título acima (Mariana Luz) deve ter experimentado grande surpresa em virtude da crítica impiedosa, ou melhor, insultuosa, assacada, bruscamente contra Mariana Luz, a festejada poetisa maranhense, digna por todos os títulos de respeito e acatamento , não só pelas qualidades morais que lhe exortam a alma , como pelos méritos adquiridos no trabalho honesto e dignificante de professora (Nahuz).

O articulista da época continua “O ilustre literato, com estranheza geral, arredando caminho da senda gloriosa que vem de palmilhar, desceu muito, trazendo consigo um amontoado de liberdades insolentes, mal cheirosas porque ligadas pela ação”. O que ele chama de liberdades insolentes era o racismo e o machismo já produzindo suas – representações. Nahuz termina o artigo conclamando o colega a tratar com respeito a senhora de Itapecuru que foi responsável pela formação de muitas gerações e invoca: “Sê

bom e justo meu prezado amigo Cardoso. Lembra-te sempre de que Mariana luz com sua inteligência fulgurante, cantou em seus versos as rimas cheias de saudades, trazendo a nós seus lídimos conterrâneos a felicidade de sempre admirarmos aquela que também nasceu Itapecuru. “ (Nahuz O Combate 15/04/1947).

Havia um diálogo entre os escritores da época, via pequenos artigos produzidos e publicados nos periódicos locais; e todos pareciam atentos ao mínimo deslize que uns e outros cometiam. Assim é que Raimundo Nahuz atento a que outro Raimundo escrevia – considera de extrema ofensa a forma como Cardoso se remete a escritora e professora de gerações na pequena itapecuru- “mulata e pedante” não é apenas deselegante, é expressão do crescente racismo resultante de uma colonização que considerava negros e indígenas seres inferiores e, portanto, trata-se de uma representação social (*O Combate* 15/04/1947).

Marianna Luz, considerada pela professora e historiadora Jucey Santana⁸⁹ “como uma das figuras mais expressivas na literatura maranhense, do final do século XIX, e no primeiro decênio do século XX, com uma produção literária de primeira grandeza:

Marianna Luz, diferente de outros expoentes de sua terra, viveu a maior parte de sua vida em Itapecuru-Mirim, semeando sabedoria, auxiliando na educação de várias gerações de conterrâneos, tendo produzido toda sua obra literária na sua cidade natal, muitas vezes falando do cotidiano das pessoas amigas, vizinhos, alunos, autoridades, figuras ilustres, de exponenciais da cultura “ (Santana 2014:28).

D. Sianica (Sinhá Nica) como era carinhosamente chamada pelos seus comprovincianos, foi antes de mais nada uma educadora, como diz um amigo seu abriu “caminho para gerações”. A poeta, trovadora, professora e membro fundadora da Academia Maranhense de letras, Mariana Luz nasceu em 10 de dezembro de 1871⁹⁰ no Município de Itapecuru-Mirim. Filha de João Francisco da Luz, português e Fortunata da Luz, afrodescendente. Por uma nota do jornal “O Combate” de 17 de outubro de 1929, ficamos sabendo do falecimento de uma irmã de Mariana- D. Adelina Francisca da Luz, professora

⁸⁹ Jucey Santos de Santana, assim como Marianna Luz nasceu em Itapecurú. É graduada em Direito com pós-graduação em Direito do Trabalho e Metodologia da Língua Portuguesa. Tem uma publicação intitulada *Marianna Luz- vida e obra e coisas de Itapecuru- Mirim*, 2014.

⁹⁰ O livro de Muzart (2004) traz a data de 1879 como de nascimento de Luz. Cito: Nasceu no Maranhão, no município de Itapecuru- Mirim, em 10 de dezembro de 1879, onde estudou e recebeu diploma de professora primária. Dedicou toda sua vida a ensinar as primeiras letras às crianças “ (Duarte 2004:871). Como o livro de Jucey Santana (2014) é posterior, usarei a data de nascimento da autora por ela vinculada em seu livro, ou seja, 1871.

pública em disponibilidade, a notícia informa também mais dois nomes do Major Lyzimaco Saraiva da Luz e D. Ramira Luz e Silva. Portanto a poeta tinha três irmãos.

Marianna exerceu o magistério por mais de cinquenta anos. De acordo com Santana (2014) a escritora foi professora de gramática, francês e latim. Ensinou diversas gerações de itapecurenses, até o ano de 1956, quando já contava 85 primaveras. Neste ano, jornal local anuncia novo livro da poetiza que mesmo longe, segundo o articulista ainda conservava “a consagrada discípula de Safo”, os mesmos arrebatamentos de sua mocidade longínqua. Ela, “ainda escreve seus versos na cidade de Itapecuru-Mirim onde, durante mais de meio século, ensinou gratuitamente as crianças pobres de sua terra (Pacotilha 28/02/1956).

Depois que iniciei a pesquisa na hemeroteca digital, encontrei seu nome no extenso trabalho de Muzart sobre escritoras brasileiras do século XIX. A autora compõe um grupo de 53 escritoras, cuja biografia e texto foram coletados pelo grupo de pesquisa, ao longo de praticamente duas décadas e que são resultantes da pesquisa do grupo de trabalho intitulado “A Mulher na Literatura” desde meados dos anos de 1980.

Constância Lima Duarte pesquisadora e colaboradora no livro organizado por Zahidé Muzart, *Escritoras Brasileiras do Século XIX* tece um breve perfil da autora, da qual é fundamental trazer o seguinte excerto sobre a única obra de Marianna Luz publicada numa pequena tiragem, intitulada *Murmúrios*:

Os poemas de Murmúrios revelam uma autora sensível que ultrapassa o modelo romântico e que, com propriedade e talento, explora um veio parnasiano, seja através da escolha do soneto, que maneja com maestria, do apego à rima e da preferência pelo decassílabo e alexandrino. Além destes aspectos, pode-se observar o caráter racional que imprime a determinados temas, a escolha de um vocabulário próprio ao estilo, e as litúrgicas inversões da ordem direta. Provavelmente, era uma leitora de Bilac e de outros mestres do Parnasianismo (Duarte 2004:872).

Na busca por nomes representativos da literatura, mesmo antes de ter adquirido o livro de Muzart, já tinha visto o nome de Marianna no site da Academia Maranhense de Letras- AML, e comecei a fazer busca de mais informações sobre a cantada poetisa de itapecuru. As notícias são esparsas nos periódicos. Assim, no Diário de São Luís de 9 de setembro de 1922 lê-se que em Itapecuru haverá uma extensa programação do centenário da independência do Brasil, e entre os oradores, a presença da “inspirada poetisa Mariana Luz. Senhora do seu tempo, Marianna tem uma participação ativa na sociedade, seja nas

letras, na educação, na vida social como um todo e em questões políticas. Essa diversidade explica a sua escrita em diferentes gêneros textuais- dramaturgia, cantos litúrgicos e orações, crônicas, poemas.

E algum tempo antes que eu começasse a seguir esses rastros, uma professora, membro da academia Itapecurense de Letras, já havia escrito sobre ela. O Livro de Jucey Santana constitui não propriamente uma biografia da autora como ela mesma o apresenta “Este livro ‘Marianna Luz, vida e obra’, não tem pretensão literárias dos grandes autores, deixo a função aos críticos literários. O objetivo é oferecer uma contribuição para o estudo de Marianna Luz e da Literatura Maranhense (2014:16)”. Na apresentação do livro Santana (2014) dá uma medida de quem foi essa mulher:

Ela não temia quebrar as regras de uma sociedade preconceituosa para impor o seu trabalho e talento. A exemplo de dedicar-se ao magistério por quase 80 anos, como a um sacerdócio; ajudar na educação de gerações e gerações de maranhenses; ser pioneira em trabalhos artísticos e artesanais; fundar escolas; fundar teatro; participar de grêmios literários... (Santana 2014:15).

Santana (2014) organiza seu livro em três partes. A primeira traz várias informações sobre a vida de Marianna Luz, suas interações, família, lutas, vida profissional, inserção no teatro e produções literárias. Na segunda parte do livro aborda alguns aspectos da obra da autora, a qual dividiu em cinco livros conforme a ênfase do tema compilou como “Livro I, os discursos e crônicas de sua autoria ou sobre ela e uma peça teatral. No Livro II, **Folhas Soltas**, encontram-se poesias inéditas de várias épocas e estilos, no Livro III, **Murmúrios**, acrescido de alguns sonetos, o Livro IV é de **orações**, aqui observamos o fervor religioso e a devoção a alguns santos católicos, mostrando um amplo conhecimento sobre os dogmas, os rituais da Igreja e expressa isso na composição de orações e cantos (Santana 2014). Nesse livro aparecem textos variados, desde credos, pedidos de graça, terços, orações, atos de contrição, novenas, rosários, demonstrando uma cultura religiosa bastante ampla e profunda, bem concatenada com os dogmas e rituais da Igreja Católica. A escritora escreveu “As forças de São Benedito”, um texto muito bonito do qual reproduzo um trecho : “Ó meu Glorioso São Benedito! Ó guardião do convento de São Francisco, pelas horas que levastes comida aos pobres e o superior perguntou: ‘Benedito que levas ai?’E dissestes: ‘São flores’e as flores tornaram-se comida, alcançai-me o que vos peço (...)”(Santana 2014:318). O último livro- o Livro V são **Cantos Litúrgicos**”. (Santana 2014:16, grifo da autora). A terceira parte

do livro de Santana traz algumas curiosidades históricas sobre a cidade de nascimento de Marianna.

Muito importante a iniciativa da pesquisadora, com essa publicação agrega uma importante contribuição para o conhecimento sobre as escritoras desse período. E, mais, contribui para pensarmos sobre a ação dessas mulheres – suas dinâmicas de vida, possibilidades de intervenção no seu contexto histórico – o que se fazia propriamente por meio da divulgação de ideias literárias e pela atuação no campo educacional, como mestra de gerações, inclusive Santana revela que a escritora foi professora de seu pai. Deste modo os vestígios até aqui organizados nos revelam uma mulher forte, alguém no mundo para agir, participar socialmente e culturalmente do seu tempo. Diga-se tempo de muitas restrições e interdições às mulheres. Portanto, é com muita coragem que Luz enfrenta essas interdições e escreve. Santana a descreve como,

Educadora, Poeta, Teatróloga, Oradora e Escritora. Teve uma infância muito simples, sem recursos financeiros para subsidiar os estudos, porém trazia o gosto pelo saber intrínseco no seu cerne. Ao longo da sua vida buscava com avidez o conhecimento, com curiosidade, em tudo que estivesse ao seu alcance. Autodidata, abraçou o magistério muito cedo, ‘desde onze anos já ensinava’ gostava de lembrar a professora (2014)

Retomando um aspecto da representação que Santana traça sobre a personalidade de Marianna enquanto “uma mulher de fibra, versátil, que não temia quebrar as regras de uma sociedade preconceituosa”, veremos mais adiante que a escritora tentará uma vaga na legislatura.

5.2.1. Um pouco de sua história nos fragmentos de jornais da época

No material compilado não encontrei nenhuma pista de que Marianna tivesse formado enquanto normalista. Parece-me em todo que era autodidata e no início da vida teve o apoio dos pais para estudar. Ainda na adolescência dedicou-se a trabalhos artesanais de pintura.

O jornal O Combate de 3 de agosto de 1933 traz uma manchete falando da inauguração do Teatrinho Santo Antonio sob a direção das professoras Zilma Fonseca e poetiza Marianna Luz. Logo no ano seguinte em 2 de outubro de 1934 na coluna “pelos Municípios” do periódico maranhense Pacotilha vem o título Theatro. Luis Sevilha assina a

coluna que menciona Marianna Luz como nome de projeção no cenário intelectual do Maranhão:

Instultriz, culta, de espírito voltado para as coisas belas, ama as artes. Teatro que educa. Que faz rir com palhaçada, que agrada honestamente. “Miss Semana” é o título da comédia em dois atos. “São dizeres sintéticos, rápidos onde a frase enrodilha o ridículo destas moçoilas futilíssimas de colorido espiritual aquém do colorido das unhas e que so ambicionam na vida, o trivialíssimo título de “miss” disto e “miss” daquilo. E em dois atos sinceros Marianna faz a autópsia psicológica destas gentíssimas mediocridades, apreciáveis, sob o ponto de vista anatômico e dignas de piedade sob o ponto de vista moral. Marianna Luz deve alistar-se nas hostes dos que batalham pelo teatro brasileiro. Seria muito útil ao mesmo.

É um valor, “viva La gracias distinta Irma de ideaes” (Luiz de Sevilha O Combate 2/10/1934).

Pela descrição, a comédia faz uma crítica às senhoras da época expressa no título “Miss Semana” cuja preocupação maior eram com futilidades, com a aparência física, portanto uma temática que de certo modo questiona os padrões e costumes da época. Por isso a importância de percorrer parte da obra da escritora que passou por diversos gêneros, poesia, crônica, dramaturgia. Santana (2014:55) relata que “a peça Miss Semana foi apresentada no teatro Artur Azevedo, pela ‘Companhia Hugo Alberto & Luis de Sevilha. Depois em outras cidades do interior do Estado”. Sobre a participação de Marianna Luz no teatro, Santana assim discorre:

Ela participava de todas as etapas da encenação: produzia, dirigia, atuava, cantava e dançava. Uma de suas produções mais famosas, ‘Eu também sou Eleitora’, era uma peça cômica, que satirizava a condição da mulher na sociedade, uma vez que só a partir de 1932, adquiriu direito de votar e ser votada. A peça chegou a ser encenada algumas vezes no Teatro Artur Azevedo, em São Luis. Suas peças teatrais eram bastante procuradas como entretenimento local (2014:54).

Satirizar a condição da mulher na sociedade significa neste contexto de vida da autora uma forma de por meio da arte e das palavras questionar padrões impostos e principalmente se posicionar frente a direitos negados às mulheres, porque ainda eram consideradas inferiores aos homens e incapazes de tomar decisões e opinar frente a questões políticas e sociais. Assim como Firmina ainda no século XIX, Mariana Luz demonstra uma firmeza de caráter e independência de pensamento.

Possivelmente por isso sofre alguns revezes dos seus posicionamentos. Santana relata que entre as décadas de 1920 e 1930, a escritora esteve envolvida em questões

políticas “defendendo as classes menos favorecidas, principalmente a dos professores, questionando os baixos salários e atrasos nos pagamentos que muitas vezes chegavam a mais de dois anos” (2014:48). O seu envolvimento lhe trouxe algumas consequências difíceis, entre elas o fechamento de sua escola em função do corte de uma subvenção paga pelo estado para manutenção e ainda sofreu outros tipos de perseguições.

Em 1934, um senhor assina um artigo intitulado *Carta Aberta destinada ao Sr. Mourão*, sob o nome de Jeremias- no texto faz críticas ao fato de o padre ter fundado um partido – a Lec- Liga Eleitoral Católica e expõe a situação de perseguição sofrida pela escritora que teve a subvenção cortada. Por essa época Antonio Marins de Almeida era o interventor nomeado por Getúlio Vargas. Portanto foi responsável pelo corte na subvenção da professora que a levou a deixar Itapecuru em direção a São Luís, visando melhores condições de vida. O texto dizia:

Entendo que a igreja embora mesmo não ficando separada do Estado, como era na República Velha, todavia não devia tomar parte ativa em cousas políticas como acontece no momento.

Explico melhor o meu pensamento: o padre pode votar, ser eleito para qualquer cargo eletivo nunca porem fundar partidos como soe acontecer com a Liga Eleitoral Católica, em cuja bandeira esconde tanta hipocrisia como **bem disse a poetisa Mariana Luz a uma senhora** que lhe foi levar a chapa da LEC dias antes da eleição, E por falar em Mariana luz senhor aproveitou o ensejo para dizer que essa patricia por força, ou melhor, levada pela coação do atual interventor que cortou uma subvenção que o município lhe dava para uma escola que a mesma mantinha aqui, foi forçada, repito, a procurar em São Luis um meio de vida que lhe proporcionasse dias melhores.

E é sempre assim a sorte daqueles que como Mariana não são rabujos e não se submetem aos caprichos dos M. de Almeida e queijandos...(O Combate 21/12/1934, grifo meu)

Temos então uma senhora do seu tempo, ativa nas hostes de levar o saber às gerações, critica das estruturas políticas e por isso sofre perseguições. Ainda nesse ano de 1934, Santana (2014) reitera que Mariana “colaborando no pleito municipal, foi citada por um opositor em entrevista ao jornal Pacotilha, como ‘é uma pretinha que se diz delegada do pé-rapado...’”. Segundo a pesquisadora, em 1947 Marianna concorreu a uma vaga na Câmara Municipal pelo Partido Trabalhista Brasileiro- PTB, mas não foi eleita. Temos diretamente proporcional à capacidade de participação das mulheres na sociedade- um

processo violento de descaracterização ou o aprofundamento de perspectivas não apenas racistas, mas misóginas, afinal era uma mulher negra, educadora e cultora das letras, uma intelectual que enfrentava o poder estabelecido.

Ainda nessa temática, entre alguns desses fragmentos encontrei uma reportagem intitulada *Meia volta, camarada!* Artigo publicado no Semanário da União dos Moços católicos em 1946. A reportagem diz respeito à possível aproximação da médica Maria Aragão de Marianna Luz. Maria Aragão é tratada com muito preconceito pelo articulista-padre Soeiro, que a assemelha a um símio. Alguns trechos do artigo:

Inquieta, ou melhor, irriquieta, a ilustre contratada de Moscou, em nosso meio para a pérfida e impatriótica missão de aguilhoar o Brasil e entregá-lo ao inimigo, mais parece, no desempenho de sua embaixada, um símio, a saltar, aqui e ali, faminto de algum fruto sazonado, para saboreá-lo.

Mas de uma acrobacia mal ensaiada a Sra. Aragão tem dado sem êxito os seus infelizes saltos, colhendo neles decepções, ou talvez, o fruto apodrecido de ramagens decepadas.

Caxias, Codó, Coroa, cidades tradicionalmente cristas repeliram unânimes a pretensão de quem pensou ser fácil implantar o anarquismo moscovita entre os seus habitantes.

Os filhos das trevas, entretanto, não dormindo julgam ingenuamente que só eles estão acordados. Deve ser isso efeito das contínuas vigílias. - Viram que comício não esta mais dando positivo. (Semanário 1946).

Quem já conheceu um pouco da história dessa comunista pode pesar o quanto de perseguição por parte de uma elite católica atrasada e comprometida com o poder estabelecido essa mulher sofreu. Em conclusão ao artigo o padre diz que Maria Aragão “malhou em ferro quente”, uma vez que Marianna não cedeu aos seus apelos. Uma breve pesquisa sobre a médica negra e comunista, e encontrei a pesquisa de Márcia Araújo (2014)⁹¹ coincidentemente do ano de publicação do livro sobre Marianna Luz, o que me leva a pensar que existe um intenso e persistente movimento de trazer à luz esse protagonismo feminino na escrita, na política e na história desse país.

Continuando a coligir os fragmentos encontrei no jornal *O Combate* a manchete **Marianna Luz**, a coluna é assinada pelo jornalista Raimundo Nonato Coelho Nahuz, filho

⁹¹ O livro *Maria Aragão- uma mulher e suas paixões em busca de uma sociedade igualitária*, publicado em 2014 pela EDUFMA em São Luis é um documento importante sobre essa mulher que em início do século XX ousou exercer a Medicina – e cuidar de pessoas numa perspectiva mais humanitária. Era uma medica e professora negra e comunista.

também de Itapecuru. Nahuz foi alfabetizado nas primeiras letras pela professora. Em sua escrita há um tom quase de súplica para que a Academia Maranhense de Letras publicasse o livro da escritora, ele diz “Mariana Luz, a inspirada poetiza itapecurense, que todo o Maranhão admira, ainda está à espera de melhores dias para publicar o seu magnífico livro de versos ‘Murmúrios’”. Acrescenta em tom de lamento:

É pena que assim aconteça. Quem produz como a poetiza de Itapecurú, estrofes de tanta suavidade e delicadeza, bem merecia ajuda de todos quanto se interessam pelas artes e pelas letras em nossa terra. [...]. Hoje é um apelo que fazemos no sentido de que lhe seja dado o conforto espiritual- a publicação dos seus poemas frutos de sua requintada sensibilidade (O Combate 31/12/1945).

5.2.2. O Longo percurso da Escritora até sua entrada na AML

Um percurso bem pedregoso que a escritora fez até ter seu nome inscrito entre os eleitos da chamada Athenas brasileira. Uma coluna da Academia Maranhense de Letras no periódico “O Imparcial” de Quinta-feira, 28 de fevereiro de 1946, faz referência às solicitações de Mariana Luz e Ribamar Pereira a assento na AML. A elegibilidade para ocupar uma vaga de membro efetivo era composta por duas prerrogativas previstas no estatuto da academia⁹²: I- exercer notória atividade literária ou de relevante valor cultural; II - ser maranhense ou, não o sendo, ter, no mínimo, dez anos de residência no Maranhão. Parágrafo único. Para membro correspondente exigir-se-á apenas a qualificação do inciso I. Em 1 de julho de 1948- na coluna “Academia maranhense de Letras” lê-se: “Ainda não foram apresentados os pareceres referentes às auto-propostas da poetiza Marianna Luz e do poeta Ribamar Pereira.

É só com uma nota bem pequena no meio da edição do Diário de São Luiz de um sábado, 24 de julho de 1948 que os acadêmicos são convocados para uma sessão semanal que presidira a eleição de dois candidatos a cadeira da AML, o poeta Ribamar Pereira e a poetisa Mariana Luz. Finalmente, em 12 de maio de 1949 (Diário de São Luiz), se dá a solenidade de posse de Marianna Luz na Academia Maranhense de Letras. Com o título “Brilhante solenidade de posse de Mariana Luz na AML anuncia a tão esperada entrada da poetisa Marianna Luz no cenáculo das letras”.

⁹² Ver: <http://www.academiamaranhense.org.br>

A professora “impossibilitada de ler” passou seu discurso ao acadêmico Mata Roma. A matéria mostra como a neófita acadêmica foi recepcionada por seus pares, a essa época Marianna já contava com mais de setenta primaveras, muita história e muita dor em sua trajetória. O discurso de posse implicava em três momentos uma saudação inicial aos da casa, uma apresentação da acadêmica falando um pouco de sua trajetória até ali e uma parte mais extensa, quando a/o neófita/o faz deferência ao seu antecessor/a. no caso Marianna remeteu-se ao literato Vespasino Ramos a quem saúda com um longo discurso, enaltecendo sua contribuição às letras maranhenses e mesclando no discurso diferentes textos, em prosa e verso.

Ela fala dela própria dizendo: “Meus bons amigos, eu vos agradeço a manifestação carinhosa e honrosa que acabais de fazer-me neste dia em que tenho a ventura de estar entre vós, fazendo parte da Academia Maranhense de Letras” (Santana 2014:117). Quando as mulheres falavam de si era para dizer que “nenhum mérito possuíam”. Construir uma autorrepresentação positiva sobre o seu “ser no mundo” em meio às representações masculinas quase sempre depreciativas foi um longo caminho percorrido.

5.2.3. Publicações e participação em Associações Literárias

Mariana Luz escreveu seu nome em diversas associações literárias do início do século XX no Maranhão. Em 1904, o jornal da Tarde anuncia a sua participação como correspondente de Itapecuru-Mirim, na oficina dos Novos (23/11/1904). A oficina é considerada precursora da Academia Maranhense de Letras. Nos anos de 1906 e 1907 Mariana colabora com o jornal *A Mocidade*- publicando poemas.

A poetisa era alguém bem entrosada ao seu tempo, vide sua participação na sociedade literária “O Congresso das Letras” em 1910, o que foi noticiado pelo jornal Correio da Tarde: “aceita como correspondentes o sacerdote Frei Marcelino e a distinta poetisa Mariana Luz”. Essa sociedade congregava importantes nomes das letras maranhenses, que se reuniam mensalmente conforme identifiquei em outro excerto de jornal. No Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros (MA) encontrei menção à doação de 19 volumes de livros feita por Mariana à Biblioteca no ano de 1903 (10/01/1903), no documento não é possível saber quais tipos de publicações.

Participa neste período da Associação de Imprensa, o que sugere certa facilidade nos caminhos para publicação. Em relação a sua atuação como professora há menção de sua participação nos trabalhos do Congresso Maranhense de letras (Jornal da Tarde 28/06/1910) Pacotilha. Participa em ações visando à colocação do busto de Odorico Mendes.

5.2.4. Tramas da vida - obra

Apesar do reconhecimento da professora como alguém que educou gerações em seu torrão natal, a mesma vive uma situação de extrema precariedade e é claro que em vista de negociações políticas é só em 1947, após uma visita do interventor a sua casa que num “ato humanitário” o governador concede uma pensão à “venerada educadora e ilustre poetiza conterrânea”. Isso foi motivo para posteriormente indisposições na assembléia constituinte em vistas de se aprovar moção de louvor ao ato do governador Santana (2014).



Figura 68- Imagem de Marianna Luz (desenho)
Fonte: Imagem disponível no site de Antonio Miranda⁹³

Contexto de muitas mudanças no Maranhão. Difícil para alguém que vive uma situação tão precária fazer versos e o que parece é que conforme a situação social e econômica da poetisa, ia se modificando sua escrita também, assim é que um crítico em 1910 sugere que a “poetiza” “precisa espancar a tristeza”. Trata-se de uma crônica publicada em 31 de agosto de 1910 – intitulada Fluxo e Refluxo, assinada por Valério Santiago, faz uma crítica aos versos de Marianna,

⁹³ Imagem disponível em http://antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/maranhao/img/mariana-luz.jpg

Recebemos, por meio de um amigo, dois sonetos que nos mandou a distinta poetiza maranhense D. Marianna Luz, residente no Itapecuru-Mirim, sonetos que fazem o assunto da nossa crônica de hoje.

Há muito que não líamos as suas produções poéticas, delicadas e sinceras, nas quais a verdade nada cede ao trabalho artístico, de modo que nos foi festejada surpresa a oferta que ontem nos fizeram dos seus bonitos versos.

Somente nos entristeceu os temas dos sonetos. D, Marianna Luz já não se encanta com as flores, com os pássaros, com as matas, com o rio sussurrante do seu torrão natalício. A natureza por ventura já lhe negara um canto? A força, a vida dos seus versos estava nessa natureza pulquíssima que a inebriava com os seus formosos e sempre novos aspectos.

Dai tirava ela as cores para os seus sonhos, os encantos para suas rimas, e o véu que transparentemente envolvia as suas esperanças de moça, esses nadas engraçados e incompreensíveis sofrimentos da juventude, os desgostos dos primeiros anos de aspiração.

Com poucos anos, porém, a alma da poetisa se vai a mais e mais transformando. Vão caindo os castelos dourados, as esperanças fugindo, os ideais morrendo. A exuberante vida que a cerca basta mesmo para lhe levar ao espírito a convicção de que sua existência tem sido uma modulação...o meio acanhado em que o seu estro vibra, tem hoje para ela impressões mais fortes que outr'ora. (Correio da Tarde, 31/08/1910)

A terra de Marianna Luz; Gleba Marianna Luz. São diversas as formas como os periódicos da época se referem a Itapecuru- mirim, cidade maranhense onde nasceu a escritora. A festejada poeta que viveu a maior parte de sua vida em extrema pobreza, apesar de ter fundado a cadeira de número 32 da AML. Além de compor poesia também fez letras para o teatro e em 30 de julho de 1933 inaugurou o Teatrinho Santo Antonio com um programa que traz duas peças suas- "Samba no Cocal" e "Os rapazes de hoje" (O Combate 3/08/1933). Ela assume a direção do teatro juntamente com outra professora.

Em 1924, o articulista do jornal Diário de São Luís, subscreve uma longa coluna intitulada *Facetas* onde comemora que "Dentre os nomes femininos dos raríssimos mesmo que formam ao lado de nossos intelectuais e enobrecem as letras maranhenses há um que se avulta à minha admiração: o de Marianna Luz". Desculpa-se que por não ter preparação para uma análise mais rigorosa do métier da poetisa e diz que fará uma "sumaríssima apreciação sobre o seu poetar" e tece os seguintes comentários:

Sem favores ao cabotinismo, que estadela focos por este mundo de meu deus, numa transformação hiperbólica do inatingível, ao palpável e real sensível, há de um dia o brilho de suas rimas desfazer as névoas do

indiferentismo. Se é certo que a poetiza se impoz ao conhecimento e trato de alguns, pela delicadeza e emotividade de seus versos, assalta-me forte convicção de que a turba-multa literária de agora lhe não sabe sequer o nome. Os versos de Marianna Luz são vasados, quase todos eles, num estilo simples, sem o concebido intencional de sedução e aparatosa indumentária e num bamboleio de cordel. É justamente isto o que lhe constitui o factes, por assim dizer, com essa sobriedade de tintas e de cores, firmando-lhe dest'arte, inconfundível o prestígio da personalidade. E as jóias que lhe saem do estro⁹⁴ trazem sempre essa nota característica que é a divisa com que ela contrasta o ouro de suas rimas.

Os seus versos, urdidos e talhados as mais das vezes com descuido, porque o digna, dos preceitos da poética, primam, principalmente, pelo sentimento, que revela sempre um subjetivismo de elevado cunho moral. Pecados e pecadilhos, pois, há-os em algumas de suas produções, mas isto não me deteria um segundo talvez para preferi-la a um futurista ou penumbriista qualquer e da melhor espécie [...] (Diário de São Luiz 22/05/1924)

E assevera sobre a escrita de Marianna que a

... poetiza, é verdade, não dispõe de uma técnica perfeita e não esta mesmo segura no manejo do alexandrino, faltas estas que, contudo, não conseguem diminuir-lhe o valor ao critério dos mais entendidos. Os versos, do que se derrama, esfuziante, suave perfume de um puro lirismo, tem a sonância cristalina e cantante do seu nome. Empolgam tanto mais, quanto é sabido que a autora ilustrou mais seu espírito, relanceando, ávida, as sublimes páginas desse livro transbordante de encantos, que é a natureza de sua terra. (Diário de São Luiz, 22/05/1924).

Pelas informações coletadas em jornais da época podemos dizer que houve um período de intensa produção da escritora, em que a crítica se fazia presente seja admirando seus poemas, seja trazendo ressalvas a forma como compunha – os versos, de qualquer forma sua escrita tinha um reconhecimento local dos seus pares- o que depois sofreu realmente apagamento- não fosse o trabalho de Muzart para trazer a voz dessas mulheres para o século XXI e ainda o trabalho de pesquisadores do estado do Maranhão e de outros estados da federação, principalmente via universidades públicas.

⁹⁴1.Substantivo masculino [Biologia] Conjunto de fenômenos e comportamentos que precedem e acompanham a ovulação nos mamíferos de sexo feminino; cio; 2- Inspiração; fantasia; engenho poético.3- Desejo sexual; cio

5.2.5. Uma escrita do mundo- para o mundo

*Por mais risonha que se mostre
A esperança
Sempre uma nuvem tolda
Essa bonança
Sempre há um mas em meio
Da ventura". (Luz 1948)*

No final deste capítulo quero situar um pouco a escrita dessa mulher – que viveu o final do século XIX e viu o nascer de um século XX. Marianna tinha uma preferência pelos sonetos, mas enveredou por vários outros gêneros literários. Poderia dizer que há três momentos marcantes em sua escrita. Primeiro, uma escrita da juventude, dos primeiros sonhos dourados, da busca da ação no mundo e isso ela teve bastante. Estariam nesse primeiro momento alguns poemas dos quais eu cito um bastante lírico (Desditosa); penso que seria o período de 1890 a mais ou menos 1910.

Um segundo momento- mais melancólico, possivelmente com um cotidiano bem mais difícil, apesar de participar de varias associações em sua terra. Mas é uma escrita muito voltada para a religiosidade, marcada por orações e cantos de louvores (se estende ate mais ou menos 1940), momento também de grandes dificuldades e entraves econômicos. E, terceiro, uma escrita do ocaso- onde os temas da morte, da solidão, da ausência de amor são marcantes, mas há sempre um momento de fôlego, de respirar e de esperança.

Era 1895, ainda século XIX. Escrever e publicar eram tarefas bem difíceis para as mulheres, afinal o proclamado “belo sexo” deveria se preparar para ser boa mãe e esposa. Marianna com “dois ns” como grafavam os jornais à época contava com apenas 24 primaveras e já se impunha no contexto da imprensa local como inspirada poetisa. Vejamos o artigo publicado em um jornal local cujo nome do articulista é omitido. Ele diz:

Uma poetisa

Embora de longe em longe, o nosso jornalismo tem mimoseado o público n’estes últimos anos, com alguns trabalhos literários, d’uma jovem e inspirada poetisa maranhense, residente no interior.

A naturalidade dos seus versos que denunciam uma inspiração fácil e espontânea chamou desde logo a atenção para a inteligente cultora das musas que aparecia, entre nós, quando as letras mais e mais iam caindo em abandono e rareavam os poetas.

O seu aparecimento no mundo literário, a essa ocasião, e a suavidade das poesias que ela dava a lume, tornaram-na, entre nós, imediatamente conhecida e apreciada.

Pois bem. D’essa poetisa, a exma. Sra. D. Mariana Luz, temos em mãos quatro mimosas poesias, que um amigo conseguiu adquirir e franqueou-nos para irmos oferecendo aos nossos leitores, que estimarão certamente ter

ocasião de apreciar essas revelações do belo talento poetiso (sic) da nossa conterrânea.

Vivesse a poetisa n'um outro meio, em que a sua inspiração encontrasse esfera mais ampla para alargar-se e o estímulo de que necessitam os que cultivam as musas e não nos iludimos afirmando que ela dar-nos –ia trabalhos de sabido valor literário.

O estro que se reconhece nos seus versos é uma garantia desta asserção.

E como prova damos hoje aos leitores o soneto que se segue e que a poetisa denominou (Pacotilha 5/06/1895, grafia original)

DESDITOSA

Porque choras? Qual é o sofrimento
Que a face tua traz tão macerada?
Em plena primavera já murchada
Tens a esperança n'um sofrer cruento?

Porque trocastes o cristalino riso
Que nos teus lábios borbuhava outr'ora
Por este ardente pranto que descora
O rosto teu onde o pesar diviso?

És infeliz? Não creio. N'essa idade
Só sabe o lábio rir e a felicidade
Matiza-nos a vida de esperança...

Enxuga, pois, o pranto que em teu rosto
Imprime a fundos traços o desgosto:
É cedo ainda para chorar criança.

Este soneto trazia o pseudônimo de Hector Moret, de que usava às vezes a poetisa. Gostaria de destacar desse momento uma riqueza na escolha vocabular da escritora, parece um momento de muita inspiração e possivelmente de mais leveza na vida e seu cotidiano. Afinal “Só sabe o lábio rir e a felicidade... Matiza-nos a vida de esperança...” Outro poema de sua lavra, com um tom mais melancólico (Pacotilha 28/08/1895).

Assim,

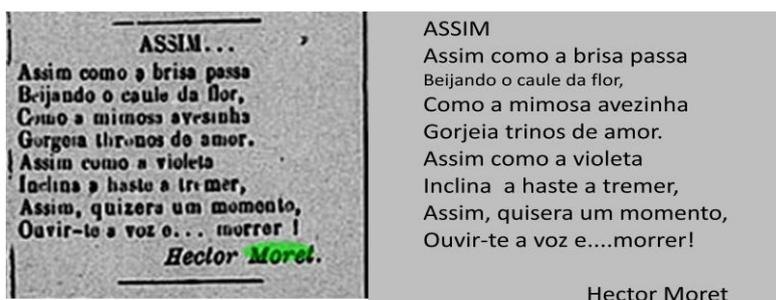


Figura 69- Poema “Assim” de Marianna Luz
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Ainda desse primeiro momento da escrita situo os sonetos publicados. Os temas dos seus sonetos e as ideias de suas crônicas foram modificando com o passar dos anos assim encontramos o “A Mocidade” publicado em 1906, que traz uma mensagem se reportando às amenidades da juventude, afinal “a mocidade é a primavera d’alma” (Luz Mocidade 20/12/1906).



Figura 70- A Mocidade, poema publicado.
Fonte: Digitalizado da BPBL

A escrita de Marianna é marcadamente uma escrita do seu mundo- das suas experiências cotidianas, da sua aproximação com a espiritualidade, muito presente em vários de seus poemas, mas também fala da abolição, como já vimos viveu na pele o preconceito. Assim na crônica “Salve 13 de Maio”, Luz enaltece inicialmente “a mão frágil de uma mulher que quebrou para sempre as algemas que prendiam o escravo”, em seguida celebra o fato desses libertos poderem retornar aos seus entes amados; “-pais, irmãos , esposas, filhos-desgraçados- crianças as quais muitas vezes faltava o doce aconchego do seio materno, porque o branco no requinte de sua monstruosa crueldade, não concedia à pobre escrava o prazer de acarinhar o fruto de suas entranhas” (Santana 2014:143). Por fim Luz evoca a memória desses desterrados que em terras brasileiras não tiveram ao menos “uma única cruz para lhes marcar o asilo na terra regada com o seu suor” (Idem). Tem um conteúdo social interessante, pois evoca as relações escravizado/colonizador. É uma crônica pequena, mas que passa uma mensagem forte e termina com a menção à liberdade enquanto valor que “eleva o coração”.

Comum entre as escritoras desse tempo, dedicar poemas a amigos e amigas e outros literatos, ou seja, são poemas de relação com o mundo e seu tempo histórico. Assim,

na coluna *Notas Mundanas* Marianna faz um soneto de homenagem ao acadêmico Coelho Neto, também literato (Diário de São Luiz 1924).

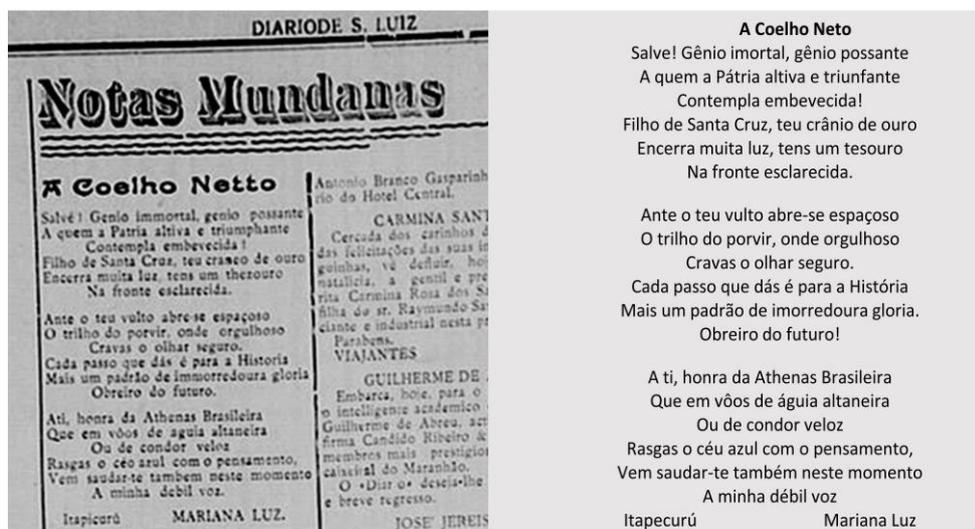


Figura 71- Poema de Marianna dedicado a Coelho Neto
 Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Observe o tom da escrita da poetiza, solene, respeitoso, ela diz: “Salve gênio imortal, gênio possante. A quem a Pátria altiva e triunfante. Contempla embevecida!”. A deferência a escritores que as/os antecederam é comum entre os acadêmicos e literatos dessa época. Muitas vezes em relação às senhoras escritoras seus pares não eram tão condescendentes e elogiosos. E, finalmente, o que chamei de Poemas do ocaso- dizem respeito ao momento de certa descrença na vida e possivelmente um sentimento de abandono dadas as adversidades como já relatamos anteriormente, assim os poemas dessa fase trazem ao mesmo tempo esse sentimento, mas como a escritora era muito religiosa há também cânticos de louvores e orações. O tema do amor não correspondido, ou aparentemente é uma tônica nos textos literários dessas escritoras que viveram a solidão e com a ausência vem a vontade da morte, o que em Maria Firmina a levou a pensar em suicídio e que em Marianna deve ser amenizado pelo fato de ela ser muito religiosa, o poema,

Morrer... Dormir... Morrer... Dormir... Não mais!

Termina a vida, E com ela termina nossas dores: Um punhado de terra, algumas flores, E às vezes uma lágrima fingida. Sim! Minha morte não virá sentida! Não deixo amigos, e nem tive amores! Ou, se os tive, mostraram-se traidores. Algozes vis de uma alma consumida. Tudo é podre no mundo. Que me importa que ele amanhã se esboroe e que desabe, Se a natureza para mim é morta!

De uma veia religiosa muito forte compôs orações e hinos de louvores. Encontrei, entre eles o poema Credo, um soneto todo rimado em sílabas alternadas,

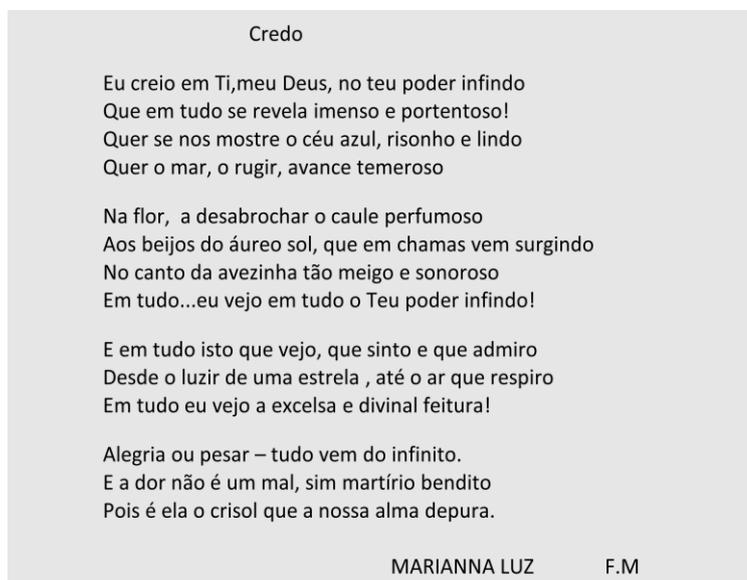


Figura 72- Poema Credo de Marianna Luz
 Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Marianna Luz, assim como Laura Rosa, vivia momentos no contexto maranhense em que doenças e epidemias se alastravam, assim escreve um soneto publicado no periódico “O Combate” (14/09/1946), na coluna Vida Social. Uma temática muito recorrente nesse período, as doenças, a morte e a dor maiúscula causada por ela, em especial a lepra que excluía as pessoas do convívio social.



Figura 73- Poema “Leprosos”
 Fonte: Hemeroteca da BNDigital

5.3. A escrita da vida e a vida da escrita de Laura Rosa, a *violeta do campo*



Figura 74- Desenho de Laura Rosa
Fonte: Site da AML

Por que começar com uma imagem? Um retrato? Possivelmente a única encontrada entre os documentos digitalizados? Porque é preciso dizer que as mulheres nos séculos anteriores à metade do XIX não foram apenas silenciadas, elas foram apagadas em vários momentos da história desse país. Das três escritoras *sujeitas* dessa tese, apenas Laura Rosa foi professora normalista. O contexto de sua vida deu o norte desta possibilidade. De acordo com Villela(2005) *apud* Tourinho (2011), o processo de institucionalização da profissão docente teve como marco a criação das escolas normais a partir das décadas de 30/40 do século XIX, quando surgiram as primeiras Escolas Normais Provinciais.

No Maranhão essa realidade integra o contexto apenas no final do século, quando após a proclamação da república, a comissão responsável pela instrução pública constatou o “péssimo estado da instrução primária” (Tourinho 2011:205). É desta maneira que passa a ser interesse da nascente república uma formação mais ampla do feminino, porém a partir de uma ideologia de que “Só assim seria possível uma *evolução sem revolução*, como era próprio a esse pensamento. À mulher cabia o dever de se instruir para ensinar os filhos” (Tourinho 2011:206, grifo meu). Trata-se das ideias positivistas que viam nesse crescimento educacional das mulheres a possibilidade de progresso com um menor custo e dentro de uma ordem pré-estabelecida e acordada. Com isso segundo a autora

A trajetória da Escola Normal, bem como das normalistas, no início do século XX no Maranhão, inseriu-se nos procedimentos peculiares a um

contexto em que tentava se equilibrar valores tradicionais, mudanças e projetos de desenvolvimento, elaborados pelo ideário republicano. Logo, os discursos e ações dirigidos às mulheres, principalmente no referente à sua instrução, assumiram grande visibilidade, uma vez que sobre elas pesava a responsabilidade de formar, desde a tenra idade, o futuro cidadão republicano (Tourinho 2011: 207).

Laura Rosa é partícipe desta geração, o ano era 1909, ela ainda cursava a Escola Normal em São Luís, o tema “crianças” parecia inquietá-la e levá-la pelos caminhos da instrução pública e nesse dia ela diz:

O que me traz aqui traria a toda a gente que tem como eu o fraco ou a mania de expandir os seus pensamentos, as suas impressões e as suas opiniões, *ora falando, ora escrevendo*.

Dir-se-ia que uma força irresistível, impeliu-me para cá; não para falar de cadeira como quem sabe, como quem pode...não, isso é que não! Longe de mim tal idéia pretensiosa. Há nesta terra abençoada, pessoas tão distintas, tão lidas, tão aquilatadas, que tem ocupado este lugar! (Rosa 1909, grifo meu)

Quem profere essas palavras é uma jovem de 25 anos, estudante normalista fala a uma platéia mista, na Biblioteca Pública de São Luís, estamos nos albores do século XX, as mulheres saíam timidamente de seus casulos para, como Laura, *ousar falar, ousar escrever*. É claro que antes de a jovem entrar em sua produção escrita própria pede a benção de seus mestres presentes, evoca a musa, evoca Antonio Lobo, o poeta luso-brasileiro Fran Paxeco, Domingos Barbosa e reitera:

Aqui onde tem falado com proficiência e maestria moços tão inteligentes, eruditos, estudiosos, e distintos como: Godofredo Vianna, Araújo Costa, Raul Pereira, Antonio Lopes, Luzo Torres, Oscar Barros, Fabiano Vieira e Leonete Oliveira, a meiga e sentimental poetiza que com tanto brilho e simpatia se tem feito querida e admirada entre nós todos, a cantora mimosa de tão lindos versos (Rosa 1909: p.4).

Não poderia ser diferente, antes de proferir suas palavras, precisava ter a condescendência e os ouvidos atentos daqueles que na assistência deveriam estar se perguntando: Porque essa moça não está preocupada com os bordados do seu enxoval de casamento? Porque se ocupa de temas tão melindrosos e importantes? Ela fala mais de uma hora. *Ousa*. E sua escrita é tenaz e provocativa, depois que reverencia e referencia seus mestres e poetas antecessores ela anuncia: “Já se vê, pois, que venho aqui falar como quem quer e como quem...ousa! ”. A pausa antes do ousa e a exclamação são indicadores de uma fala em suspense, uma fala em reflexão, mas uma fala decidida, afinal ela ali estava porque

queria. Sinal de inquietude que ela arremata: “Fui bastante ousada..., mas, se eu assim não fizesse, que seria deste velho adágio muito conhecido: ‘quem nunca aventurou nunca perdeu nem...ganhou! PARA DIANTE É QUE SE ANDA! (Rosa 1909, grafia original) ”.

Violeta do campo-poeticamente- era assim chamada a professora Laura Rosa, acadêmica fundadora em 1943 da cadeira de número 26, a professora foi a primeira mulher a ter assento na Academia Maranhense de Letras- AML da qual torna-se sócia coletiva com sua obra “Promessa”. E, apesar desse pioneirismo, até hoje, ano 2021 ainda não consta sua biografia no site da instituição, assim como não consta também a de Marianna Luz, enfim, aparece em desenvolvimento. A escritora nasceu no dia 1 de outubro de 1884 na cidade de São Luis, filha de Cecília da Conceição e de pai não declarado. Em 12 de janeiro de 1910 recebeu o diploma de normalista e no dia 18 do mesmo mês foi nomeada para assumir como professora no município de Caxias. Na escavação literária sobre o nome dessa autora encontrei um blog de um conterrâneo poeta chamado Wybson Carvalho que assim tece uma minibiografia de Laura:

Laura Rosa, nascida em São Luis do Maranhão, no dia 1º de outubro de 1884. Por amor à língua portuguesa e às letras, formou-se em Normalista do Magistério, e, como professora, veio para o sertão, ainda, na segunda década do século passado com a finalidade de lecionar na antiga Escola Normal de Caxias. Em sua terra natal, durante sua escolaridade, escreveu inúmeros poemas e participava, ativamente, da vida literária estudantil ludovicense, vindo a ser cognominada de “violeta do Campo”; pseudônimo com o qual assinava seus poemas. Na princesa do Sertão Maranhense, a poetisa, Laura Rosa, foi hóspede durante muitas décadas da valorosa professora caxiense, Filomena Machado Teixeira, e, com a qual, foi das primeiras incentivadoras da criação da Academia Caxiense de Letras, e, na qual, é patrona da Cadeira que pertenceu a Adailton Medeiros e que deverá ser ocupada, brevemente, pela professora e escritora Joseane Maia, membro da Casa de Coelho Neto. Antes de sua partida para uma dimensão de além-vida, a poetisa realizava em procedimento espontâneo, quase que diariamente ao receber visitas, verdadeiros saraus poéticos na companhia de escritores e poetas caxienses, dentre os quais: Cid Teixeira de Abreu, Déo Silva, João Vicente Leitão, Abreu Sobrinho, Vitor Gonçalves Neto, Jota Cardoso e, ainda, os estudantes ginasiais àquela época: Edmilson Sanches e Wybson Carvalho, bem como outros jovens poetas da cidade, quando em adolescência, se intrometiam entre ela e eles para aprender a ouvir e passar a gostar de poesias. Laura Rosa se encantou, em Caxias, na data de 14 de novembro de 1976, aos 82 anos de vida dedicados ao magistério e às letras. Laura Rosa foi a primeira mulher maranhense a ter acento a uma Cadeira na Academia Maranhense de Letras.⁹⁵

⁹⁵ Fonte: Texto de autoria do poeta Wybson Carvalho, membro da Academia Caxiense de Letras. Disponível em: <https://textosencantadores.blogspot.com/2014/10/laura-rosa-violeta-do-campo.html>

Considero importante trazer o que existe –o pouco que encontrei até agora sobre essa senhora encantada de Caxias, afinal é importante reconstruir as referências históricas dessas personagens apagadas das antologias. Assim narro aqui sua trajetória de vida e escrita por meio de diversos fragmentos de jornais do Século XIX e início do XX e de revistas e outros materiais digitalizados aos quais tive acesso e que dão pistas de uma mulher com uma ampla participação na sociedade da época, interessada com as temáticas vigentes, principalmente os temas pedagógicos ligados à educação das crianças. Participou de cursos de aperfeiçoamento no Rio de Janeiro e exerceu diversos cargos na área educacional. Entra na literatura em 1920, no entanto desde bem antes de se tornar normalista já tinha várias publicações em periódicos da época. Assim como as outras duas escritoras morreu longeva aos 82 anos.

No dia 13 de janeiro de 1910 (*Pacotilha-Jornal da Tarde* 15/02/1910) recebeu o diploma de professora normalista, neste mesmo ano foi designada para assumir turmas em Caxias, para onde se mudou. A então normalista tinha uma participação ativa na sociedade local, tanto é assim que no ano anterior, portanto, em dezembro de 1909 tinha realizado a conferência com o tema “As crianças”, material que foi posteriormente publicado e distribuído aos periódicos e instituições interessadas.

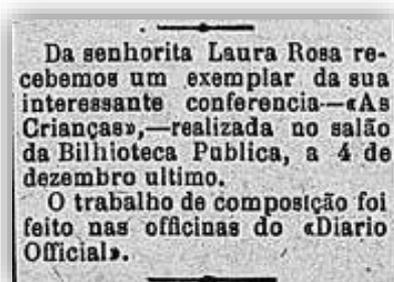


Figura 75- Laura Rosa fez uma conferência, intitulada “As crianças”.
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

No dia 6 de abril de 1916, *Pacotilha* anuncia “A distinta professora Laura Rosa, presentemente nesta capital, realizará domingo próximo, dia 9 do mês corrente, às 10 horas da manhã, no prédio em que funciona a escola pública Almeida Oliveira, gentilmente cedido pelo dr. Bento Moreira Lima, digno secretário do interior, uma conferência dedicada aos seus colegas de magistério, versando sobre pedagogia. A entrada será franca”. A edição

posterior de *A Pacotilha* elogia a professora, afirmando que deixou bem impressionados seus ouvintes e anuncia a publicação do trabalho.

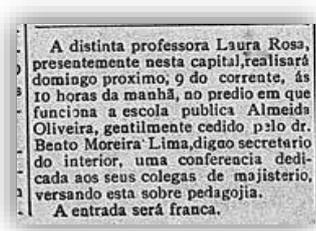


Figura 76- Anúncio de sua conferência sobre Pedagogia
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

A edição posterior de *A Pacotilha* elogia a professora, afirmando que deixou bem impressionados seus ouvintes e anuncia a publicação do trabalho, como realmente o foi em 1909 pela Imprensa Oficial do Maranhão, a conferência tem quarenta páginas. Um conteúdo com várias referências de autores, onde faz distinção entre instrução e educação, já demonstrando uma capacidade de argumentação bem peculiar dado o fato de ser recém- formada. Conta histórias no correr da conferência, e ao final dela cita um poema de Victor Hugo-*Lorsque L'enfant parait*. E comenta:

Esta poesia foi por mim vertida do francês para o português em uma ocasião em que o Dr. Almir Nina, meu querido lente, disse-me em aula:

Traga-me essa poesia traduzida em verso! Era uma ordem...Que havia eu de fazer ?

Fiz das fraquezas forças, como lá se diz evoquei a minha pobre musa preguiçosa e desleixada e arranjei, a martelo, a tradução livre e rimada da mencionada poesia, para a qual peço a indulgência dos entendidos, mesmo porque venho felizmente apadrinhada com a aprovação do dr. Almir, como lente de francês e com a do Sr. Alfredo Assis, como inspiradíssimo poeta que o é , meu distinto e estimado professor de português na escola Normal.

Com esses dois padrinhos, ousei publicar essa tradução no Diário do Maranhão de 4 de julho de 1908. Aqui vai (...) (Rosa 1909:36).

No início do século XX, as discussões sobre as questões educacionais eram ainda bem incipientes, inclusive o documento é eivado de preconceitos nas histórias contadas pela normalista, no entanto constitui documento, constitui memória, o que me leva a pensar na importância dessa busca documental. Além disso, me pareceu que escritora se impusera naquele meio muito em função de uma personalidade marcada pela pergunta e pelo ato de ousar – vocábulo que compõem muito de sua história, e, ainda, faz da palavra ato de fala –

falavra. Não apenas escreve, mas se pronuncia publicamente, o que denota uma forte personalidade.

A escritora é citada como intelectual na Pacotilha do dia 13 de abril de 1911 e anuncia sua participação na revista “A Renascença” – “Circulará, definitivamente, no dia 26 do corrente, a edição especial de ‘A Renascença’ em homenagem à memória de João Francisco Lisboa. Nesse número colaborarão, além de outros intelectuais, Domingos Barbosa, Viriato Correa, Alfredo de Assiz, dr. Freitas Bastos, Georgiano Gonçalves, João Henrique, Raul Jansen, Raimundo Mendes, Alberto de Jesus, Carlos Rubens, Affonso Costa, *Laura Rosa*, Sinhá Ether, poetisa alagoana e outros”.



Figura 77- Laura Rosa é colaboradora da Revista

No processo de busca pelo nome, vários fragmentos de jornais anunciam concessões de licença, nomeação. Em um deles a professora é afastada do seu trabalho na escola mista de Caxias durante três meses para tratar da saúde (Pacotilha, 12/02/1916). Em 1937 a professora é nomeada para o cargo de professora de francês, o ato oficial é publicado no mesmo jornal(Pacotilha, 24/06/1937).

5.3.1. Participação em associações da sua época

Era ainda 1909 e a normalista Laura Rosa já participava de encontros literários. É assim que a vemos citada no programa de homenagem ao escritor Artur Azevedo,

Grêmio Literário Artur Azevedo

Essa presente corporação de Letras comemora amanhã com um festival literário a passagem do aniversário natalício do seu patrono, o grande comediógrafo brasileiro Arthur Azevedo.

O Festival que se realizará na sede do Grêmio a Rua Afonso Pena constará de duas partes: a primeira será ocupada pelos srs. João Lima e Antonio Vieira e a exma. Sra. D. Zila Paes, que discursarão sobre a individualidade de Arthur Azevedo; a segunda parte será preenchida com recitativos de versos de Artur Azevedo pela poetisa Laura Rosa e os srs. Benjamin Castelo Branco (...) (Diário do Maranhão, 6/07/1909)

O Jornal de 1917 (4/04/1917) traz os nomes de Laura Rosa e Marianna Luz como participantes da Associação de Imprensa, da qual fazem parte também nomes literários com certo reconhecimento à época, caso de Nascimento Moraes, à época secretário da diretoria da associação, Domingos Barbosa, José Barroso Costa Rodrigues, esses nomes encabeçam outras listas. O Fragmento diz: “Pelo dr. Nogueira Coelho, dona *Marianna Luz* e dr. João Machado”; em outro trecho “Pelo Sr. Arlindo Mathias, *Laura Rosa* e José Silvestre Fernandes” (Pacotilha 1917, grifo meu). Observa-se claramente certo apadrinhamento conforme as propostas vão sendo postas.

Sobre seu trabalho mais pedagógico encontrei um impresso intitulado *Trabalhos do Congresso Pedagógico (1920)*, que diz que em 1919 reuniram-se professores da Faculdade de Direito do Maranhão e de seu curso anexo, com o objetivo de organizar um congresso pedagógico. O objetivo do congresso seria discutir as diferentes modalidades de formação dos alunos, assim a circular especificava Educação Física; Educação Intelectual; Educação Técnica; Educação Moral e Educação Estética. Desta feita, ocorreu de 22 a 29 de fevereiro de 1920, após três sessões preparatórias a Faculdade de Direito divulga uma circular motivando e convidando professores, entidades e associações a comparecerem por meio de um boletim de inscrição. Responderam ao chamado 115 pessoas, entre elas a prof. Laura Rosa, então Diretora de grupo escolar em Caxias. (Caderno de Trabalhos Pedagógicos 1920:6):

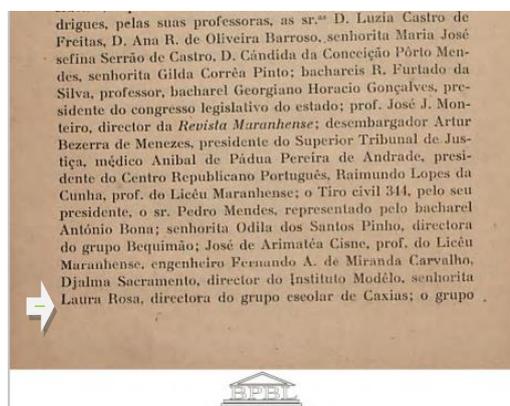


Figura 78- Laura Rosa no Congresso Pedagógico
Fonte: Arquivo digital da BPBL

Sobre essas associações no Maranhão, o sociólogo Robson Santos Câmara Silva em sua tese de doutoramento analisa o sindicalismo docente da Educação Básica no Maranhão, percurso de pesquisa cujos objetivos são bastante amplos e implicam em principalmente analisar como as associações com singularidades próprias avançaram para uma feição sindical. Dos objetivos explicitados recortei dois que interessam pelo fato de Laura Rosa participar dessas associações de docentes. São eles:

...reconstruir os processos pelos quais se organizou o magistério maranhense, inicialmente, sob a forma associativa e, posteriormente, na forma sindical, até alcançar o grau de consolidação que a organização exhibe nos dias atuais; identificar as organizações de trabalhadores docentes que se formaram ao longo da história da educação maranhense, sua natureza e as razões que conduziram a uma pluralidade de entidades (Silva 2013:7)

O autor organiza na tese um quadro que leva em conta as entidades de caráter beneficente/auxílio; de socorro mútuo; corporativo/associativo e formativo/científicos. São consideradas as associações organizadas pelo magistério da educação básica do Brasil presentes nas três primeiras décadas do século XX, sua localidade e data de surgimento. Destas ele localiza duas no Maranhão: A Associação Pedagógica Almir Nina (APAN) fundada em 1912; e a Associação de Professores Normalistas do Maranhão (APNM) fundada em 1931. Laura Rosa é também professora atuante nessa Associação (Pacotilha 1935).

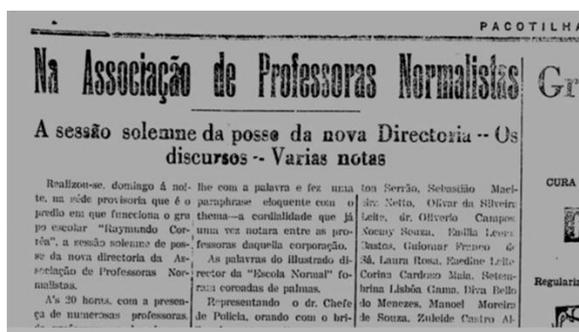


Figura 79- Na Associação de Professores Normalistas, 1935
Fonte: Hemeroteca da BNDigital.

Em 1934 Laura Rosa compunha a Sociedade de Educação “Almir Nina”, conforme informação apurada pelo jornal Notícia:

Realiza-se hoje as 7,5 da noite, na Escola Normal a reunião semanal da sociedade de Educação “Almir Nina”.

Nesta sessão serão aprovados os estatutos da sociedade e ventilados assuntos de interesse, motivo por que devem comparecer todos os sócios.

Distribuição de testes, profa. Zuleide Bogéa; Nova metodologia do ensino primário, profa. Laura Rosa, Escola Regional prof. Maria Helena Rocha , Levantamento de gráficos escolares , prof. Elza Guterres; o cenário nacional, prof. Luiz Rego (Noticias 8/08/1934, grafia original).

Laura é membro do Clube pedagógico da Escola Normal (“O Combate” 21/08/1934). O clube mantinha uma prática de apresentar ficha de leitura semanal de cada sócio e discutia temas relacionados a questões da atividade de ensino como organização de diário de classe, processo de recepção das alunas e professoras à Escola Normal, entre outros assuntos de interesse pedagógico.



Figura 80- Coluna com título “Clube Pedagógico”
Fonte: Hemeroteca da BNDIGITAL

Em 1934, a professora secretariava as reuniões do Clube Pedagógico que aconteciam duas vezes por mês com pautas variadas, e proposições como a da professora nesse dia:

–aproveitando-se da mensagem das crianças do povoado Areal (Turi-Assú) às crianças do Curso de Aplicação mandando a estas 3g3 (sic) de ouro por elas tirado do solo e onze pedras com ouro cravado e solicitando auxílio de material para sua escola e um pavilhão nacional, a prof. Laura Rosa apelou às professorandas para que fizessem oferta do pavilhão solicitado e que ela faria seus alunos prepararem na aula de trabalhos manuais objetos para também serem oferecidos. (O Combate 12/06/1934).

A Pacotilha de 30 de março de 1935, tem uma coluna anunciando escola Normal-**Clube Pedagógico**, onde a professora é ativa participante. Nota-se em ambas as notícias que a professora é citada, e em 1935 em uma das reuniões do Clube Pedagógico pondera sobre reunirem um local que facilitasse uma participação maior das pessoas. Pelas informações

organizadas até aqui observamos o efetivo interesse da professora pela sua formação, dada sua intensa participação nas entidades educacionais.

José Nascimento de Moraes escreve na coluna do jornal “O imparcial” de 20 de março de 1938, com o título “Uma Expressão pedagógica” e relata os bons trabalhos de uma comissão pedagógica da qual era presidente e que era responsável pela elaboração do novo programa das escolas primárias do estado do Maranhão. Faz uma longa defesa da importância da formação do primário para as crianças e cita Laura Rosa como membro efetivo desta comissão, juntamente com outros professores responsáveis de fazer observações técnico-pedagógicas ao programa. Neste momento existia uma preocupação concreta em restabelecer a intelectualidade do Maranhão.

A escritora foi membro de várias associações e participou de algumas ações que chamavam “Em prol da pobreza”. Em 1931, o jornal “O Imparcial” traz a notícia de sua participação numa comissão artística que tinha o objetivo de angariar recursos para os doentes. A Associação *Prol-lazaro*, o mal-de-lázaro era como se chamava às pessoas que adquiriam a hanseníase, doença que segundo alguns documentos históricos foi muito comum nas primeiras décadas do século XX no Maranhão, principalmente no período que se estende de 1930 a 1937, artigo do historiador José Augusto Leandro problematiza que:

Fato a destacar é que nesse período no Maranhão, assim como em várias partes do Brasil, inexistiam políticas públicas sistemáticas para o controle da hanseníase. Além de ser doença sem cura, a existência de poucas instituições apropriadas para doentes no início da República, assim como no período colonial e no Império, aliás, fazia com que os portadores do mal-de-lázaro pertencentes às camadas mais pobres da população se tornassem, muitas vezes, andarilhos de beira de estrada e, nas cidades, sujeitos a rejeições e preconceitos (Miranda, 2004, p.423 *apud* Leandro 2009:434).

Neste contexto como o poder público não conseguia dar conta das questões sanitárias os professores, escritores, e outras pessoas se organizavam em torno de medidas filantrópicas visando atenuar os efeitos do agravamento da doença entre as pessoas e Laura Rosa compõe uma comissão artística. Foi também sócia fundadora da Sociedade Cultural Maranhense. Na coluna Laura Rosa e outras personalidades são convidadas a uma reunião visando eleição da diretoria segundo informação do Jornal “O Imparcial” (25/07/1936).

Nota-se que neste período de interventoria do governo federal (1936-1942), por Getúlio Vargas, a composição desta associação cultural, retrata as orientações, haja vista a

participação de capitães e coronéis na mesma, eu diria que se trata de um momento bem delicado para a categoria de professores, escritores e militares se encontravam no contexto das associações⁹⁶. Neste momento presidia a associação Luso Torres – coronel, professor e escritor no Maranhão do primeiro quartel do século XX.



Figura 81- A Sociedade Cultural Maranhense
 Fonte: Hemeroteca da BNDigital

A escritora foi também de uma Associação de damas do Instituto de Assistência à infância. A preocupação com as questões sociais, mesmo que ainda numa vertente mais filantrópica, mas já mostra o quanto a escritora buscava estar em conexão com as problemáticas de seu tempo (O Imparcial 21/11/1931).

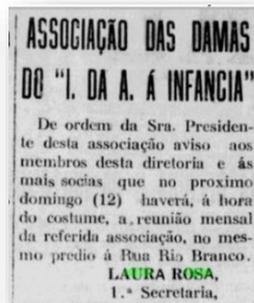


Figura 82- Participação de Laura Rosa na Associação das Damas
 Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Sua carreira no magistério público iniciou ainda no ano em que se formou normalista, quando foi nomeada para a “cadeira do sexo feminino do 2º. distrito da cidade de Caxias. Posteriormente em julho de 1919 é nomeada para o cargo de professora diretora do grupo escolar João Lisboa (Pacotilha, 1919).

⁹⁶ Sobre o assunto ver Fundação Getúlio Vargas- CPDOC centro de pesquisa

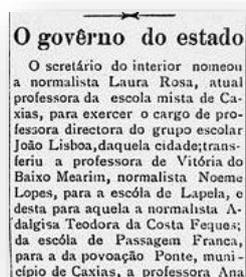


Figura 83- Nomeação da professora
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Conforme o Regulamento da escola normal a época era previsto que “... os pensionistas, que recebendo do estado uma anuidade de um conto e duzentos mil réis (1:200\$000), ficam sujeitos a obrigação de dela o indenizarem pelo desconto de 25% sobre os seus vencimentos, mensalmente, do segundo ano do seu exercício no magistério por diante.” (Regulamento da Escola normal 1905:4). Por uma pequena notícia descobri que a jovem Laura Rosa era domiciliada em Guimarães, a cidade onde viveu Maria Firmina. Deste modo quando foi aprovada para o curso normal fez uma petição para ser pensionista interna nos anos de estudo para normalista, em São Luís. Posteriormente, e felizmente, uma lei estadual a dispensou dessa dívida.

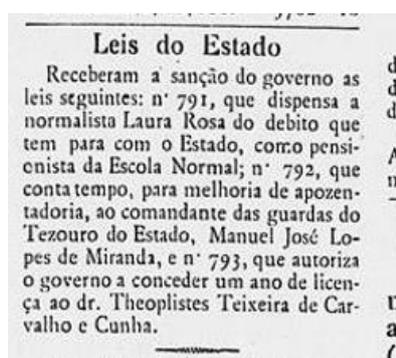


Figura 84- Recorte do O Jornal de 19/04/1918
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

A professora teve uma longa carreira no magistério. No período da intervenção no Maranhão exerceu cargos de professora do Curso de Aplicação. Em 1940 houve nova nomeação para o cargo de Inspectora Regional do ensino. À época a professora já respondia

pela Diretoria geral de instrução pública. O ato foi baixado pelo poder executivo à época interventor federal no Maranhão (O Imparcial 14/09/1940). O cargo de inspetoria era um cargo comissionado. Em 1942 o Gabinete do interventor federal anuncia participação de Laura Rosa em audiência nos seguintes termos: “Conferenciam hoje com o sr. Interventor as seguintes pessoas: dr. Jaime Oliveira, diretor da Escola Politécnica de Recife ; Tarcisio Gorges, fiscal federal de Ensino, José dos Santos Carvalho, diretor da Biblioteca Pública e professora Laura Rosa, inspetora escolar. (O Imparcial 22/05/1942).

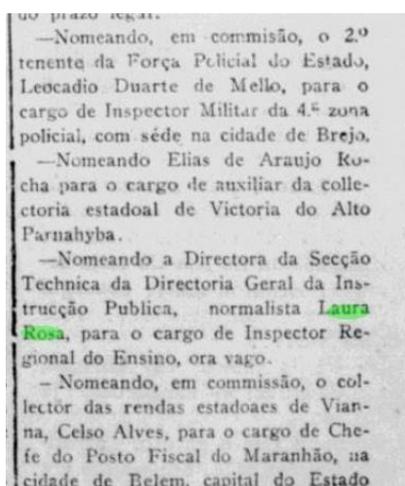


Figura 85- Nomeação da Professora
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

5.3.2. A obra e a crítica à produção literária de Laura Rosa

Estamos falando de fins do século XIX e primeiras décadas do XX, e mais, estamos falando de mulheres que nasceram em contexto provincial, nas quais as relações de dominação sobre os corpos e as ideias eram bem mais acentuadas e difíceis de enfrentar. No entanto, mesmo que pedindo desculpas a todo o momento e se colocando muitas vezes em um patamar inferior em relação aos homens, escritores com quem tratavam relação, elas se posicionaram, e, assim como em vários momentos de suas trajetórias foram esquecidas, em outros elas aparecem defendendo suas composições.

Laura Rosa escreveu poemas, contos, crônicas, conferências, publicou um livro que deu a ela passe na academia de letras: “Promessas”. E se aventurou também pela crítica a alguns de seus conterrâneos, o que para época era singular. Pude observar que há uma extensa produção intelectual e literária da escritora que se estende por um longo período, desde inclusive os anos em que estava em formação para o magistério. Nos anos de 1899

(primeiro registro encontrado) até 1903 ela é assídua colaboradora do jornal Diário do Maranhão. Assina a coluna Variedade e nessa primeira publicação ela aventura-se pelo conto, *Annita* traz uma temática mística, com grande suspense e mistério. Ela dedica a história a outra escritora, Papillon Bleu é o pseudônimo de Ana de Oliveira Santos. Eis um pequeno trecho do conto:

Annita

A distinta poetisa

Papillon Bleu

Não sei que de místico e funesto lia eu sempre através do semblante meigo e sereno de Annita, quando, embevecida fitava-a às vezes.

Era tão cândida e ingênua aquela rapariga, tão compassiva e boa, nunca o mau humor lhe maculara a fronte contrastada e pálida, como era amada por seus pais, estimada pelos montanhese e admirada pelas companheiras!

Tinha nela uma terna amiga que se me afeiçoara desde a minha chegada àquelas musgosas montanhas, engrinaldadas de violetas e diversas outras mimosas flores campesinas que todas as tardes colhia em companhia dela. Uma inexplicável atração por Annita, uma afeição sincera unia-me a aquela criatura, porque tenho especial predileção pelas pessoas meigas e tímidas como ela, mas, não sei... dizem que são olhos-espelhos d'alma e relia sempre n'aquele olhar sereno um que de resoluto e inabalável.

Que imaginação poética e sonhadora se desprendia daquela débil montanhesa filha de pais tão ndes (sic), amava apaixonadamente o descambar do dia, as tardinhas loiras como chamava, dizia-me sempre que gostava mais do crepúsculo que d'aurora como contemplava embevecida e muda as calmas noites do belo luar! O mar então, como gostava ela do mar! Era à beira das praias arenosas e vastas que, juntas assistíamos o desmaiar do sol no ocaso, não cessava de mostrar-me a água revolta e crespa e o poente doirado!

Inclinava-me a acreditar que os olhos rasgados e úmidos de Annita eram verdeados pelo hábito contínuo de fitarem – perdidamente no oceano, que seus cabelos luzidios e sedosos eram doirados pelos raios últimos da tarde, pressentindo a aproximação da noite, enfim que era terna e plácida como àquelas horas plangentes e languidas.

Porque não passava uma só tarde longe das praias? Perguntei-lhe um dia, recusando-se assim aos olhares amorosos dos campesinos! Porque chorava sempre que ouvia o sabiá queixoso ou a sururina tristonha? Explicou-me brandamente (Diário do Maranhão 18/11/1899, grafia original).

Algumas palavras foram difíceis de entender nesse caso usei o sic (assim).
Gostaria de chamar a atenção que é uma jovem que na época morava em Guimarães

quem escreve essas primeiras “garatujas” como ela o diz. Pra lembrar então que é uma região de praia, onde se encontra a baía de cumã, possivelmente inspirou sua escrita nesse momento. Um breve comentário sobre esse conto que traz uma força imagética bem inquietante, quando a autora tece o espaço de interação- as praias, o mar, o oceano, intuindo que “os olhos rasgados e úmidos de Annita eram verdeados pelo hábito contínuo de fitar o oceano” ao qual se uniria um dia como acontece ao final do conto. Acompanhando as publicações nessa coluna, em 1903 a autora publica um conto bem mais longo intitulado *Junto à janela*, construído em 19 partes, iniciando em 1 de junho a 1ª. e 2ª partes, o conto é publicado durante todo mês de junho (Anexo 3), eis um trecho:

XII

Ficamos, porém detidos por muitos gritos que vinham de baixo, no sitio e no campo distante.

Nhô Jacinto!...nhô Adriano!...Olha a “Pintada”! a sua vaquinha!...vem com o tujuco até no fio do lombo...coitadinha, estava atolada na mãe do rio!

Foi o Januário da ponte que a botou pro mangal!

Não foi! A bichinha mesmo se atolou!...vê-se bem, está até mancando d’um quarto...olhe, está vendo!...

E assim, nessa teima, faziam uma gritaria desesperada uma tal algazarra que assustou-nos a princípio. (Diário do Maranhão 11/06/1903)

Por essa época Nascimento Morais era colunista do jornal *A campanha*, onde assinava a coluna **Letras e Typos** que elaborava breves resenhas críticas de publicações de literatos da época, em especial aquelas da coluna *Variedades* do jornal Diário do Maranhão. Nota-se que ele acompanha de perto a escrita de Laura Rosa. Assim ele comenta outro conto intitulado *Após o nefando crime*, um conto de teor religioso que descreve os momentos posteriores a morte do Cristo cristão. Sobre o conto ele diz:

D. Laura Rosa publicou no “Diário do Maranhão” um conto que se denomina: - *Após o nefando crime!*

Refere-se a *conteuse* a principio do drama do calvário. Apresenta Maria Santíssima, mãe de deus, a vagar a noite pela cidade e Judas também a vagar perseguido pelo remorso, e depois enforcado num pedaço de corda que servira para açoitar Jesus.

O conto, como se vê, é histórico, e como tal não obedece às normas estabelecidas para narrativas dessa ordem.

(...) Quanto aos quadros, notamos indecisão no traçar das linhas gerais. A hábil *conteuse* que principiou tão bem a pintar o céu e a terra tornou-se

nebulosa quando quis dizer alguma coisa dos homens e das coisas. É natural e não lhe queremos mal por isso.

O terror de Judas, posto que a poetisa lhe carregasse muito a mão, não está para se desprezar, atendendo mesmo a um fato psicológico de uma grande sugestão de terror, que havia de impressionar bastante a delicada escritora.

Nascimento Moraes

Observa-se pela longa resenha como Moraes tem certo cuidado na apreciação dos textos, nessa resenha ele comenta mais três textos publicados no jornal, e fornece elementos para uma crítica do texto em relação à forma e também ao conteúdo. Assim em 1909 a então normalista publicou uma crônica que mereceu a seguinte apreciação do escritor:

Laura Rosa publicou no Diário uma variedade-Phases!..

A variedade é pequena. Contudo divide-se em tres partes. A forma apresenta ainda alguns senões que esperamos serem pouco a pouco corrigidos. Laura Rosa preocupada pela fantasia, esquece-se de abranger as cenas que descreve. Desde o conto – Após o nefando crime. – que notamos isso. Dai falharem em parte as conclusões que ella pretende tirar de suas narrativas para a vida social. Sabemos de onde vem o defeito.- é da sofreguidão da nossa conteuse para fazer adjetivações ,gesto esse que tem todos que se entusiasmam pelos belos contos de Coelho Neto.

Não seria mal que a inteligente *conteuse* lesse de Valentim Magalhães o autor de *Rimário* uma carta a uma senhora que vem reunidas no livro *Bric a brac*.

É só por hoje.

Nascimento Moraes

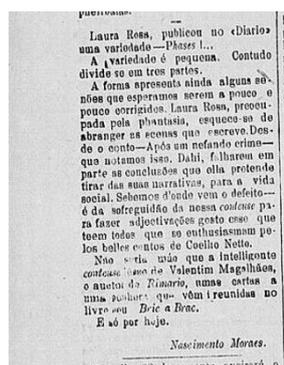


Figura 86- Crítica de Moraes
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Moraes dá a Laura Rosa o cognome de *conteuse* cuja tradução do francês é narradora, e numa tradução livre poderíamos dizer que é contista; em sua breve apreciação nos revela que Laura é uma leitora de Coelho Neto, e sugere a ela em artigo outra leitura. Refere-se a Valentim Magalhães. Observa a forma de composição de contos de Laura Rosa e

atribui esse defeito “a sofreguidão da nossa *conteuse* para fazer adjetivações, gesto esse que tem todos os que se entusiasmam pelos belos contos de Coelho Neto ⁹⁷(A Campanha 18/05/1903).

Ainda no mesmo ano, em uma publicação intitulada Carta Aberta, a Carlos Rubens e assinada por L. do Valle, o comentador esta escrevendo esta carta a esse amigo “embalado pelas brisas frescas da manhã” para primeiro dar-lhe notícia de falecimento de Olímpio de Castro na capital federal, mas principalmente para dizer ao amigo que está muito preocupado com o sentimento de amor que o move, mas que o está aniquilando, sabe que ele está sofrendo imensa mágoa por amor não correspondido, oferece-lhe um poema e logo em seguida entra numa discussão filosófica sobre *o que é amor* e ele chama as escritoras para favorecer ou não seus argumentos, visando retirar o amigo do estado de letargia. Cito:

Zila Paes, um dos belos espíritos da moderna geração literária do Maranhão, diz que *o amor não passa de uma fatalidade!*

Laura Rosa, outra intelectual de minha terra, a artista impecável da frase ritmada, a cronista de verve que constantemente aparece com um sal místico e alvissareiro nas colunas de honra do Diário pensa e diz o contrário de sua novel contemporânea.

- O amor, é um sentimento sacrossanto, é um perfume raro, que embriaga a flor do coração

Laura Rosa fala com convicção, porque se ele não existisse, o que seria de nós?(...) (Diário do Maranhão 24/02/1909)

Em 1911, o articulista do jornal Correio da tarde (20/06/1911) anuncia o recebimento do livro publicado da escritora. A figura mostra o anúncio de recebimento onde ele se refere a Laura Rosa como “inteligente cultora das letras”.

⁹⁷ Coelho Neto (Henrique Maximiano Coelho Neto), romancista, crítico e teatrólogo, nasceu em Caxias, MA, em 21 de fevereiro de 1864, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de novembro de 1934. Foram seus pais Antônio da Fonseca Coelho, português, e Ana Silvestre Coelho, índia. Em 1883 matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Seu espírito revoltado encontrou ali ambiente para expansões, e ele se viu envolvido num movimento dos estudantes contra um professor. Regressando a São Paulo, entregou-se às ideias abolicionistas e republicanas, numa atitude que o incompatibilizou com certos mestres conservadores. Fez parte do grupo de Olavo Bilac, Luís Murat, Guimarães Passos e Paula Ney e a história dessa geração apareceria no seu romance *A conquista* (1899). Foi deputado federal pelo Maranhão. Exerceu vários cargos e na literatura cultivou praticamente todos os gêneros literários, deixou uma obra imensa e foi, por muitos anos, o escritor mais lido do Brasil (Academia Brasileira de Letras).

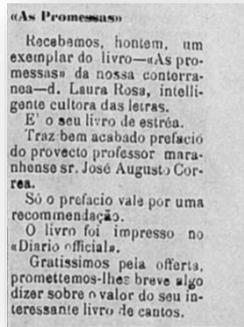


Figura 87- Anúncio de publicação do livro “Promessas”
 Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Em 10 de outubro de 1911 o correio da tarde estampa em sua primeira coluna o nome “Laura Rosa” e informa “a propósito do livro ‘A promessa’ da inteligente escritora Laura Rosa, encontramos as seguintes apreciações – a primeira no Jornal do Comércio de Caxias e a segunda na Cidade de Theresina” (Correio da Tarde, 1911). A escritora é citada como “delicada poetiza maranhense e inteligente colaboradora do jornal”.



Figura 88- Colaboradora do Diário do Maranhão.
 Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Correio da Tarde de 26 de outubro de 1911 republica nota crítica da “Gazeta” sobre o livro de contos de Laura Rosa:

Laura Rosa, talentosa escritora maranhense, que, em Caxias serve brilhantemente à causa da instrução popular, teve a fidalga gentileza de ofertar-nos um exemplar dos seus belos contos, enfeitados sob o título “As Promessas”.

Embora sejam o ensaio da vida intelectual da inteligente senhorita, ainda assim “As promessas” revela um intelecto de mulher do qual muito se tem a esperar.

O livro de Laura Rosa é uma estréia que somente aplausos merece, *máximo sendo feita por uma representante do sexo que, entre nós, tão proverbialmente se mostra avesso às manifestações em prol das coisas das letras* (Folha da Tarde, 1911).

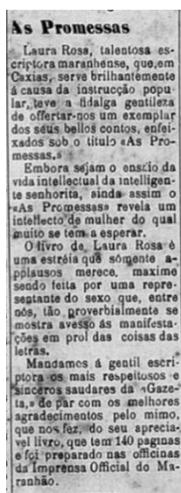


Figura 89- Resenha sobre “As Promessas”
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

A crítica ou resenha literária mesmo que neste momento, incipiente e realizada por quem tinha acesso aos textos, nesse caso a imprensa local, ainda tímida e bem iniciante, assim mesmo traz alguns elementos importantes para a discussão aqui posta. Estamos falando afinal do início do século XX, de uma escritora do norte do país, que sendo um “sexo tão proverbialmente avesso às coisas das letras”, de certo modo pelo único fato de expor-se, de procurar os prelos de jornais para publicar, significava algo à frente do seu tempo. Afinal “ao belo sexo” citado o tempo todos pelos literatos da época cabiam as tarefas não do intelecto, mas da lida diária com o cotidiano de mães e esposas. No entanto mesmo neste contexto não favorável às mulheres e seus dizeres, havia por parte de certos articulistas o

cuidado em acolher e motivar a escrita, claro também está que no caso de Nascimento de Moraes vamos observar que como contemporâneo de Laura Rosa, eles estarão lado a lado nas associações de professores – vide associação de imprensa. Neste sentido ressaltamos como o fato de serem professoras de certo modo criou facilidades para o acesso as publicações.

5.3.3. A produção intelectual de Laura Rosa

Em 1905, Laura Rosa contesta pela segunda vez que é seu nome e não pseudônimo, ela diz “meu nome que é simples, e condiz com a pessoa, mas é próprio, e não *suposto*”. Interessante apontarmos aqui a afirmação de sua identidade no mundo, o reconhecimento pelos seus pares, afinal ela se reporta diretamente ao escritor Astolfo de quem recebeu um exemplar de “Vida maranhense” agradecendo e pedindo ao redator que corrigisse a falha sobre sua identidade, o que ele faz com pedidos de desculpas,

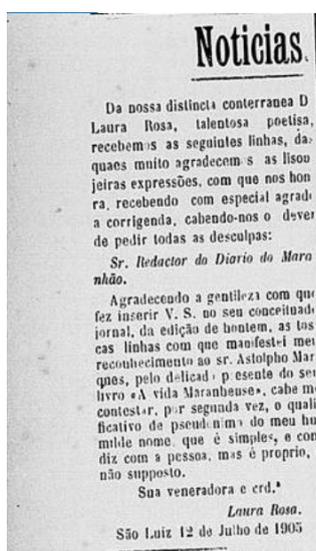


Figura 90-Laura Rosa e seu nome
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Posteriormente em 1908 a jovem que ainda estava em processo de formação, mas já demonstrava uma personalidade marcante no trato com a realidade posta, problematiza a vida e pondera como a leitura de um bom livro possibilita conhecer, deleitar-se, sair um pouco do cotidiano “aborrecido e sensorias” mostra ainda uma entrada mesmo que tímida na crítica da literatura produzida por seus pares no contexto do Maranhão do século XX. Assim ela escreve:

Meu caro amigo Sr. Domingos Barbosa

Triste de nós se não tivéssemos amenas horas deleitantes para nos compensarmos das aborrecidas horas de tédio e de sensaborias que nos aparecem às vezes!

Quem me dera a mim todas as vezes que me dominasse essa espécie de desalento, de desanimo de tudo, de apego à realidade cruel das coisas da nossa vida, nessas horas longas, que nos trazem até preguiça de viver, quem me dera me aparecesse sempre um gentil companheiro como ontem chegou-me o vosso precioso livro!

Um companheiro sim, porque um bom livro é um bom companheiro e quanto mais deleitante, tanto mais gentil, tanto mais querido, tanto mais amável.

Pois foi um desses momentos fastidiosos que me veio surpreender o “Mosaico”, livro primoroso cuja imaginação fértil e jovial, amena e cultivada que lhe enche as páginas, far-me-ia logo adivinhar o autor, caso o livro não lhe trouxesse o nome.

(E quem não conhecer a palavra articulada de Domingos Barbosa, leia-lhe a palavra escrita e a terá ouvido tal é a naturalidade que imprime á sua pena d’ouro).

Cada conto de seu precioso livro meu caro amigo é uma delicada pérola engastada em finas garras de ouro puro.

Fico indecisa quanto a escolha daquele que mais me agradou. Daquele que mais me calou no espírito. Gosto mais de todos!

(Querem ver que estão supondo alguns que me estão lendo, que venho pra cá engrossar ...Deus me livre! Digo mesmo como o bento Pereira deo “Um tipo”).

Estão todos muitíssimo enganados que não vou colocar nas alturas quem já lá está!

Julgam também que venho criticar, dar a minha opinião de cadeira? Não senhores, não sou tão pretensiosa, não chego a tanto.

Venho agradecer-vos, bondoso amigo, uncamente agradecer-vos a gentileza da vossa oferta.

Eis uma delicada jóia que hei de guardar com carinho, um amigo útil que me acompanhará sempre nas horas vagas nas horas solitárias e longas, como me acompanha o sublime “Evangelho de moço” do inspiradíssimo Corrêa de Araújo, “O Morto” de Coelho Netto e outros mais deliciosos livros e queridos mestres.

Lendo-os e relendo-os conversarei detidamente com seus autores, e banharei de luz benéfica o meu espírito, iluminar-se-á a minha pobre idéia obscura e acanhada.

A vós, portanto, meu distinto conterrâneo minhas humildes felicitações, minha admiração, meus agradecimentos e avante!

Laura Rosa (Diário do Maranhão 11/11/1908)

A ávida leitora aponta o que espera de um bom livro- *amenas horas de deleite*, fuga do tedioso cotidiano, aprendizado também porque ilumina o espírito, as ideias obscuras e tímidas. Posteriormente o Correio da Tarde (10/10/1911) anuncia em sua coluna “Vida Maranhense” a crítica feita pela poetiza Laura Rosa a seu conterrâneo Astolfo Marques,

escritor e contista que presenteou Laura Rosa com um livro seu publicado “*A vida Maranhense, uma coletânea*”. Escritor e contista também esquecido pela crítica literária, possivelmente menos que sua contemporânea. Marques tem uma produção considerável e assim como Laura Rosa publicava em diversos jornais. Sua vida, cedo marcada pela luta contra a doença do século, assim é descrita por Matheus Gato de Jesus (2013):

Raul Astolfo Marques teve uma vida curta, laboriosa e produtiva. Entretanto, tal como diversos personagens negros da história brasileira, é difícil acompanhar em detalhes sua biografia, especialmente no que tange às suas origens. O escritor nasceu em 14 de abril de 1876, apenas cinco anos após a Lei do Ventre Livre, em São Luís do Maranhão. Faleceu na mesma cidade aos 42 anos, em 28 de maio de 1918, morto por uma tuberculose contra a qual lutava, pelo menos, desde 1915. A produção intelectual conhecida do autor envolve estudos bibliográficos, traduções, contos, crônicas, estudos folclóricos, um romance, afora sua extensa colaboração para os principais jornais e revistas de São Luís como O Diário do Maranhão, A Pacotilha, Diário Oficial, O Jornal, Boletim dos Novos, A Revista do Norte e Revista da Associação Comercial. O escritor também consta entre os fundadores das mais importantes agremiações literárias de seu tempo como a Oficina dos Novos (1900) e a Academia Maranhense de Letras (1908). Seus principais trabalhos publicados são: a tradução do francês para o português do romance *Por amor*, de Paul Bernay (1901); a coletânea de contos intitulada *A vida maranhense* (1905); o relato de viagem *De S. Luiz a Therezina* (1906); a peça teatral *O Maranhão por dentro* (1907); a coletânea de contos *Natal* (1908); a biografia *O Dr. Luiz Domingues* (1910); o romance *A nova aurora* (1913) (Jesus 2013:339-340)

Trata-se, portanto de um escritor com uma obra escrita considerável e que como contemporâneo de Laura Rosa também como ela sofreu um processo de apagamento da historiografia literária. Só agora vem sendo estudado e conhecido nas universidades do Maranhão.

DADOS BIOGRÁFICOS



Raul Astolfo Marques nasceu em São Luís-MA no dia 11 de Abril de 1876 e faleceu na mesma cidade, aos 20 de maio de 1918. Contista, folhetinista, ensaísta, jornalista e tradutor, iniciou sua vida profissional como contínuo da Biblioteca Pública do Maranhão. Autodidata, fundou, juntamente com Antônio Lobo, a Oficina dos Novos, cujo patrono e inspirador fora Gonçalves Dias e que acabaria por fornecer, em seguida, muitos membros à Academia Maranhense de Letras. Entre eles, figurou Astolfo Marques, instituindo a cadeira de nº 10 e ocupando o cargo de secretário geral. Esteve à frente da Secretaria da Instrução Pública e do Liceu Maranhense, além de ter trabalhado como redator do Diário Oficial e Diretor da Imprensa Oficial. Colaborou, ainda, através de contos e artigos, com outros periódicos, tais como Pacotilha, A Imprensa, O Jornal, A Avenida, Os novos (boletim oficial da Academia dos Novos), e Diário do Maranhão, além das revistas Ateneida (fundada em conjunto com Domingos Barbosa e Antônio Lobo) e Revista do Norte.

PUBLICAÇÕES

A vida Maranhense. São Luís: Tipografia Frias, 1905. (contos).

De São Luís a Teresina. São Luís: Edição do autor, 1906. (narrativa de viagem).

Natal (quadros). São Luís: Tipografia Teixeira, 1908. 2.ed. São Luís: AML / EDUEMA, 2008. (contos).

O Dr. Luiz Domingues. São Luís: Edição do autor, 1910. (biografia).

Figura 91- Imagem e parte da biografia de Astolfo Marques
Fonte: Site *LiterÁfricas* – Disponível: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro>

No Diário do Maranhão de 1911. Na coluna intitulada “A Vida Maranhense”, o editor novamente diz ser pseudônimo o nome da escritora, o que por duas vezes ela vai rebater, vamos ao texto:

São da distinta poetiza, nossa conterrânea conhecida pelo **pseudônimo Laura Rosa**, as seguintes linhas:

‘não pensem os amáveis leitores que venho às colunas do jornal com o fim de fazer também a crítica do livro do Sr. Astolfo Marques; longe de mim tal idéia! Isso seria um não medir o alcance, ou uma ousadia da minha pena.

Esse livro está na altura de ser, unicamente, criticado ou analisado por penas mais vigorosas, manejadas por punhos mais firmes, guiadas por ideias mais criteriosas dos grandes mestres no mundo das letras ou dos abalizados amadores.

Além disso, falta-me o tempo preciso, atualmente, para examinar cuidadosa e minuciosamente (que é o primeiro dever de quem critica) a interessante coleção do Sr. Astolfo, afim de poder opinar lealmente de acordo com a minha consciência.

O meu fim é agradecer a este talentoso moço o exemplar que teve a gentileza de oferecer-me, distinguindo-me assim com o seu cavalheirismo peculiar. Tive, portanto, o grato prazer de rever agora reunidas n’A vida maranhense, essas produções literárias que a tempos de esparsas em diferentes jornais as quais o autor tem sabido usar o chiste e a naturalidade e libertar do empolado, atualmente em moda, ou epidemia que graça na roda literária juvenil. Não se vão zangar comigo os empolados poetas e escritores modernos; lembrem-se que o campo das letras se assemelha ao campo de batalha; nada de pegar em armas por qualquer detonação longínqua e mal distinta; calma!

Tendo, porém manifestado ao Sr. Astolfo a minha gratidão e admiração, aliás, sinceras, não me devo furtar absolutamente de manifestar essa sinceridade usando de franqueza. Continuo a sustentar o que já tive ocasião de dizer-lha verbalmente: o título do seu livro é o seu único senão; no mais é um primoroso trabalho, em estilo simples e desprezioso; quanto a minudências sobre o título deixo aos mestres que as façam.

Estou certa que os meus amáveis leitores serão conscienciosos e hão de convir que não há em minhas toscas linhas nada de engrossamento -A Cesar o que é de Cesar- e o Sr. Astolfo que tão elevados tem os sentimentos como a inteligência há de concordar no que me tocou a minha franqueza; conheço-o de perto e sei que está isento de quanta tolice e pretensão tola há por aqui .E não retrocede na luta! Fiquem sabendo.

Ao laborioso e dedicado cultivador das letras mil gracias!

Laura Rosa.

Sobre esse texto é importante aqui enfatizar que fazer a crítica a produção de um colega homem provavelmente requeria certo grau de ousadia – personalidade própria, a autora comemora o fato de o escritor ter reunido em uma publicação- suas produções literárias, esparsas em jornais diversos, demonstra ser uma leitora atenta e pede que tendo a ousadia de fazer a crítica “Não se vão zangar comigo os empolados poetas e escritores

modernos; lembrem-se que o campo das letras se assemelha ao campo de batalha; nada de pegar em armas por qualquer detonação longínqua e mal distinta; calma!”.

A escritora sugere que o título do livro não condiz com o conteúdo e pondera que seu amigo saberá entendê-la. Uma personalidade muito interessante demonstra Laura Rosa em sua escrita. Existiam nessa época muitas representações sobre as mulheres, o “belo sexo” como eles chamavam, mas não era comum uma mulher tecer comentários sobre um homem e mais ainda julgar sobre a sua escrita, sugerir, talvez por isso pareça que ela pede desculpas no decurso de sua crítica, mas ela também é ousada quando chama a atenção dos “empolados poetas”. Mantém um tom muito afetuoso com Marques e acredita que o poeta é alguém que “não retrocede na luta”.

O Diário do Maranhão traz na sua coluna “Variedade”, um texto de Laura Rosa que apesar do tom poético do início que eu reproduzo no excerto, trata-se de uma pequena crônica do encontro de várias estrelas cada uma delas representando a lágrima de um ser sofredor sobre a terra, crianças, virgens, apaixonados, mães, são algumas dessas representações.



Figura 92- Gotas de Pranto
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Gotas de Pranto

“Julgam, acaso, que as estrelas são astros que tem luz própria como dizem os astrônomos e como julgamos também? Pois ide escutá-las nas noites prateadas quando a lua tiver já erguido muito alto o rosto pálido, e a noite caminhar em meio silenciosa e imponente, ide escutá-las, verão- quanta doçura! Quanto mistério!

Assim foi que soube da verdade, em uma dessas (...) noites tão formosas que seduzem os sonhadores e encantam os namorados, adormecem o

espírito e despertam o coração” (Trecho do texto publicado no Diário de Maranhão).

No periódico *O Imparcial* de 1944 (21/10) há uma crônica de violeta do campo intitulada *Nossa Cidade*, parecendo certa atualização nas temáticas de sua escrita. O texto é bem interessante porque inicia com o relato de uma conversa com um barqueiro ao longo do rio. Estamos em 1944 tempos de muitas mudanças, mas Violeta reivindica retorno e manutenção de alguns costumes antigos,

Nossa Cidade. Crônica.

Ela escreve: Ilustre senhor Antonio Lopes.

Palestrando certa vez com um remador, que me conduziria pelo Mearim rio acima em sua leve canoa quase da forma de um charuto, indaguei-lhe a causas de construírem eles suas palhoças tão rentes às águas, sabendo que as enchentes dos grandes invernos as levariam de roldão, na certa. O caboclo espalhou as vistas pela ribanceira, remou com força e respondeu em sua linguagem simples:

- Siá Dona, num sei o motivo, mas isso é parece tossir e abrir de boca é só um começa e a gente vai logo acompanhando.

-Ora, meu distinto amigo, não sei porque tenho pensado agora naquele velho remador e no *O Imparcial*, é ate um paradoxo, mas posso afirmar que todos os dias, espero ansiosa este jornal e em o abrindo, vou logo diretinha a seção “nossa cidade”, e não é só: quando vos li sobre os nossos desaparecidos costumes e antigos esplendores luxuosos de nossas festas tradicionais, não me pude ter.

Assaltou-me um desejo enorme de vos dizer também aqui, alguma cousa-de ir também acompanhando na frase daquele homem simples do Mearim.

-é que na igreja toda branca de torre ladeada pelos 4 evangelistas sacros, nossa linda igreja, aqui do meu bairro estiveram nestes dias bimbando os sinos para o novenário da festa de Nossa senhora dos Remédios, a festa que já foi uma grande festa. Muita gente, sim, muita gente, mas que desanimo, que tristeza! Pobres sinos!

(...)- que a festa externa, para o povo, tenha perdido seu luxuoso esplendor de outros tempos e a feição encantadora, que lhe dava, os teatros infantis de sombrinhas, os roletes de cana amarradinhos com fitas, as chupas de laranjas, os botequins de gelados, a Casa de sorte dos Quati, os fogos de

- Mas se quiserem, por ventura, substituir por outro templo, o da Senhora da Conceição, penso com a época do zepelim, dos apogeus do petróleo, da insulina e da diasona; sim, arquitetura moderna, porque já não era mais o velho templo, onde batizaram-se, ainda enfaixadas suspensas nos braços carinhosos **da humilde e amorável mãe-preta**, quase todas as nossas grandes figuras de outras épocas –Faço agora uma respeitável reverência aos frades carmelitas.



Figura 94- As eleições em Caxias
 Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Laura Rosa parecia ter um círculo de amizade bem amplo, foi possível encontrar nos jornais diálogos variados com apreciadores, amigas, há varias menções a sua escrita. Leonete Oliveira ou *Ângela Grassi* como assinava no início de sua carreira é alguém que sempre esteve em contato com Laura Rosa e a quem lhe dedicou esse belo soneto, parece ser uma amizade de longas datas, possivelmente favorecida pelo fato de que as duas são professoras e escrevem, assim há essa troca de impressões e afeto via poemas,



Figura 95- Poema dedicado a Laura Rosa
 Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Olhos Negros

A Violeta do campo

Vois sois dois olhos negros e brilhantes,
 Um lindo par de estrelas luminosas
 Olhos que eu vejo em todos os instantes,
 Como faróis nas ondas procelosas

Olhos formosos, olhos cintilantes
 Vos ficais como estrelas nebulosas
 Quando choraes as lágrimas saudosas
 Das vossas ilusões agonizantes

Olhos formosos, olhos que eu adoro,
Quando choraes de dor, eu também choro
Quando sorris, minha aflição se acalma

Quero encontrar-vos sempre em meu caminho,
Para que em flores se transforme o espinho
Que nos outros olhos me deixaram n'alma.

Ângela Grassi

Marianna Luz dedica a ela um poema “A uma amiga”- À maviosa poetisa Laura Rosa. Escrito em quatro quartetos, sem preocupação com rima , reproduzo dois para comentar depois:

As ternuras de uma mãe!
Ah! Esses castos amores
São tudo pra mim na vida
São mel, são luz, são dulçores...

Ah! Perdão não foi discreta
Que já não podes provar
Esses encantos divinos,
Que só as mães sabem dar... (Luz apud Santana 2014:)

O tema do poema segundo os marcadores textuais “mãe”, “vida”, é a maternidade e no segundo verso da segunda estrofe a poeta revela que a amiga “não pode provar”, em se tratando de um texto dedicado a amiga, ela comete uma indiscrição ao revelar isso , nas duas estrofes seguintes pede que a amiga “não se entristeça” e termina o poema evocando o “olhar tão belo” que lhe pode servir de consolo.

O texto a seguir é de um apreciador da escritora: A propósito do aniversário da poetisa escreveu-nos um seu admirador (Nome não revelado):

1º. De outubro Laura Rosa

Nome simpático, que se vai tornando cohecido na república das letras, pertence a uma maranhense distinta, se bem que modesta que por sua reconhecida inteligência, decidida vocação e esforços unicamente já é apreciada pelos seus variados escritos, tanto em prosa, como em versos.

Pode não dispor ainda de *instrução profunda*, mas tem preparatórios suficientes para manejar a pena com a necessária correção e elegância que tornam agradáveis aos apreciadores as suas fantasias e contos.

Não há muito que começou os seus ensaios na *Revista Elegante* cuja visita mensal era com agrado esperada, jornal interessante e ilustrado por muitos anos pelos Irmãos Teixeira, denodados campeões do progresso entre nós.

Dai passam a aparecer seus escritos em algumas folhas diárias desta capital, recebendo-o também a folha ilustrada do Norte do Brasil a nossa apreciada *Revista do Norte* mantida ainda pelos incansáveis Irmãos Teixeira.

Que os seus modestos escritos são tidos em boa conta, não resta dúvida pois os temos vistos transcritos em alguns jornais de Pernambuco, do Pará e até de Lisboa,

Os dotos de D. Laura Rosa são mui salientes, dispõe de inteligência robusta, memória felicíssima, a par do trato ameno e natural distinção.

Em reuniões familiares a que já tivemos ocasião de assistir, entretém a sociedade com muita graça desenvolvendo a sua gentileza com acerto e correção nos recitativos dos nossos melhores poetas e prosadores, em peças longas como Y-juca pirama, A Judia, Salmos de amor, As Perolas, oo pergaminho, sempre desejadas.

Neste dia pois do seu aniversário natalício como um de seus admiradores, não podíamos deixar de lhe testemunhar as nossas sinceras felicitações, desejando-lhe longo porvir, para que continue a deleitar-nos com os seus apreciáveis escritos. (Diário do Maranhão, 1/10/1903, grifo meu).

O interessante nesses textos é que eles informam sobre a mobilidade social da escritora, como ela se portava no meio social em que vivia- nota-se que além de escrever participava de recitais e segundo o ‘admirador secreto’ “entretém a sociedade com muita graça”. O texto revela uma mulher de personalidade forte, com uma inteligência robusta e que se impõe com “acerto” e correção –o admirador enfatiza- na expressão oral.

E ainda informam também sobre a beleza, sobre isso no dia 2 de setembro de 1908, Albertode Jesus escreve um soneto dedicado *A Violeta do campo*, intitulado *A Partida*. Um poema em que o eu-lirico sente muito a ausência do outro, notem como o tema dos olhos retorna assim como no poema de *Ângela Grassi* acima, possivelmente era algo marcante na escritora: o olhar: “Desde que fostes, ando sem vida, choro todos os dias, num pesar constante, Com saudade dos olhos que eu adoro! (Primeiro terceto do poema) ”.

Ela também dedica a esse amigo um soneto que denota que havia uma grande afeição entre os dois, seria caso de buscar mais pistas, de toda forma nota-se não apenas pela sua atuação depois como professora e nos diversos cargos que assumiu, antes disso ela já tinha uma entrada nos ambientes da sociedade da época, entre escritoras e escritores, tanto é que Nascimento Moraes vai acompanhar de perto suas publicações.

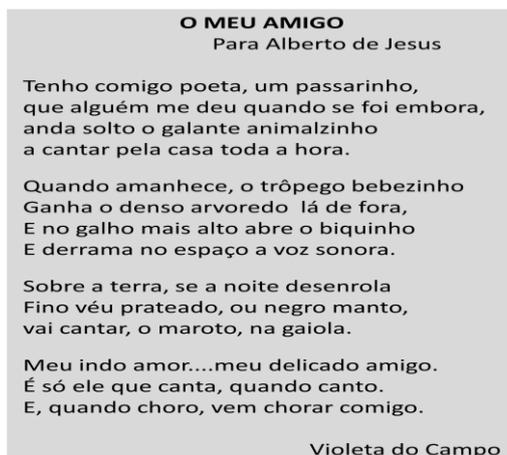


Figura 96- Poema “O Meu amigo”
Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Na foto⁹⁸, publicada em 25 de abril de 2017, aparece no plano central a professora Laura Rosa conversando com o jornalista Vitor Gonçalves Neto (direta) e com prefeito de Caxias Marcelo Thadeu Assunção (esquerda). A foto é bastante representativa da importância da escritora que atravessou o século XIX e encantou-se no dia 14 de novembro de 1976.



Figura 97- Foto da poetisa Laura Rosa- (1970)
Fonte: Site deArquitetura e urbanismo (Caxias)

⁹⁸ No blog de Eziqiuo Barros Neto, escritor e político jovem nascido em Caxias, autor de Cartografias Invisíveis: Saberes e Sentires de Caxias (Academia Caxiense de Letras, 2015). Registro no dia 25 de abril de 2017. Disponível em: [Nossa Caxias \(nossacaxiasma.blogspot.com\)](http://nossacaxiasma.blogspot.com)

Na minha escavação antropoliterária não encontrei monografias sobre a autora, apesar de ser citada por alguns blogs e sites de pesquisa, e como já disse anteriormente mesmo na Academia Maranhense de Letras a sua biografia permanece em desenvolvimento, mas sobre a sua inserção na sociedade maranhense e propriamente sobre a sua escrita literária não encontrei informações. O mais interessante é que de certo modo ela teve uma escrita legitimada pelos seus pares – as suas entradas na crítica literária e elogiada, por exemplo, por Nascimento de Moraes.

5.4. O Encontro de Maria Firmina, Marianna Luz e Laura Rosa: *poetisas ou poetas?*



Poetisas ou poetas? Poetisas. No percurso das minhas leituras das obras raras sobre literatura neste período do século XIX é assim que a elas se referem os organizadores de antologias, independente do gênero ou do tipo de texto publicado. O dicionário aponta os dois como corretos. A visão de que o termo “poetisa” é pejorativo, dado simplesmente como feminino do termo “poeta” inserindo aí uma questão de desvalorização da produção poética das mulheres, são elementos para um longo debate, porque sim, em algumas crônicas compiladas desse período estudado, observo subliminarmente a postura de situar a escrita feminina como pertencente a uma literatura menor.

No entanto, com as novas discussões e afirmação de uma autoria feminina e negra na literatura brasileira, usar poeta ou poetisa é sinal de autonomia, de personalidade própria. Deste modo, legitimando suas escritas, observo que cada uma delas tem uma forma própria de composição poética, assemelham-se em algum momento nos temas, uma vez que vida/morte/amor/solidão/dor/saudade são temas recorrentes nas produções literárias desse período dado o histórico que vivem e, ainda, pelas leituras que faziam, encontramos em Maria Firmina, Marianna e Laura Rosa marcas de um diálogo com a leitura de clássicos, por exemplo, no poema “Tributo de Amizade” Reis usa uma epígrafe byroniana (*Je t’aime! Je*

t'aime. Oh ma vie -Byron), ou seja, dialoga com o poeta Byron, com Gonçalves Dias e com o poeta português Herculano. Marianna Luz por sua vez em suas composições dialoga também com sua contemporânea Laura Rosa. Ela é a mais mística das três, com poemas que apresentam, além desse fervor religioso uma preocupação com a sociedade vigente, vejamos um poema intitulado *Quadros I* (Santana 2014:210), onde a poeta opõe a um ambiente musical, “onde a riqueza reúne da elegância a fina flor” outro onde “Triste mendiga nos degraus sentada, beija o filhinho nu adormecido. E estende a mão pedinte e descarnada” (Luz Diário do Maranhão 2/4/1905).

Em geral a poesia de Maria Firmina é mais longa, geralmente em quartetos de versos. A imagem⁹⁹ que abre esta seção da tese sobre poesia traz o trecho de um poema escrito pela autora e compõem junto ao desenho uma alegoria publicada em um trabalho disponível na internet. O poema “O proscrito” diz: “Vou deixar meus pátrios lares, alheio clima habitar. Ver outros céus, outros mares. Noutros campos divagar; Outras brisas, outros ares, Longe do meu respirar... publicado no livro *Cantos à beira-mar*, de 1871, conforme informa jornal:

CANTOS À BEIRA-MAR - É este o formoso título debaixo do qual vão ser impressas as poesias da talentosa maranhense D. Maria Firmina dos Reis, digna professora pública do ensino primário da freguesia de Guimarães. São bem conhecidos muitos dos seus mimosos versos: e por eles, sem dúvida, o público acolherá muito agradavelmente a coleção que se lhe promete. Se são dignos de admiração os frutos da inteligência e da aplicação, quando é um homem que com eles vêm enriquecer as letras pátrias, mas o é sem dúvida, se partem do talento de urna senhora. Nem só mais raros são os triunfos que neste gênero conquista em nosso país o belo sexo. Como também importam eles mais vigor de talento e sentimento, e maior esforço para vencer os obstáculos que ainda dificultam entre nós ao sexo feminino uma instrução mais sólida e desenvolvida. (Publicador Maranhense 2/01/1871).

O primeiro poema publicado por Firmina tem o título “Poesia” e ela assina M.F.R ainda. Trata-se de um longo poema publicado no Jornal “A Imprensa” no dia 19 de dezembro de 1860, em 11 estrofes, com a seguinte forma cinco quartetos, cinco sextilhas e um quarteto final. A autora marca a mudança de uma forma para a outra. Apesar do título, o tema da poesia é a morte de uma criança, como o denotam algumas expressões: *Mão da morte*;

⁹⁹ Nota sobre a imagem: Disponível em: [087- 090_maria-firmina_298.pdf \(fapesp.br\)](#).

vida breve; florzinha que murchou; junto a teu berço; um anjinho. Os cinco primeiros quartetos descrevem a ambiência em tom melancólico, de despedida, cito:

A mão da morte desfolhou na campã
 As néveas rosas dos teus ledos dias
 O doce aroma de uma vida breve
 Duma harpa santa, divinais poesias. (M.F.R Primeiro quarteto)

Perrot (2007) na introdução de seu livro chama a atenção para o silêncio das mulheres dos séculos passados, o silêncio era disciplinar, conveniente, comportamental. Era regra política, social e familiar. Assim é que essas mesmas mulheres buscaram formas de se comunicar, de se dizer, neste sentido a poesia torna-se esse mecanismo de comunicação, e isso é tão forte que as três escritoras trocam versos entre si (Marianna Luz e Laura Rosa) e com outras pessoas de sua intimidade, para falar de um fato cotidiano, enfim para ter voz.

Poema Maria (Anexo 4) de Maria Firmina dos Reis- divulgado em *O Jardim das Maranhenses* nos dias 6, 15 de agosto e conclusão no dia 20 de setembro de 1861. É um poema longo, dividido em três partes – Na primeira parte se lê uma dedicatória a nova Sapho. Maria Firmina evoca Safo, “a misteriosa poetisa grega que, ao final do século VII, anima, em Lesbos, um grupo coral onde cantam as jovens da boa sociedade “ (Perrot 2007:31). Em seguida introduz a escrita com um pequeno trecho de um poema de François Fénelon, poeta francês que viveu no século XVIII. O texto: “*Souvent elle demeurait immobile sur le rivage de La mer, qu’elle arrosait de sés larmes*’ (Tradução livre: ela permaneceu imóvel na costa do mar, que ela regava com as lágrimas...).

Está escrito ainda: “Tradição de Munim” como se a autora estivesse se remetendo a algum fato do imaginário popular da região. O poema começa a ser publicado em 6 de agosto – os versos são livres, escritos em uma forma pouco usual na época, o poema sai como uma torrente, mesmo como o movimento de uma correnteza, com o movimento das rimas percebemos que ela tece quartetos, com versos aqui e lá . No início descreve a paisagem –uma pedra elevada – que se vê na ribanceira ...do Munim, a fresca sombra. Em um lugar onde o rio passa rápido, espumoso, marulhando...E ali neste ambiente “Vinha de tarde sentar-se...moça estrangeira, mimosa, tão interessante e bela, como triste e desditosa”. E assim ela revela a história da jovem no “Mas si do lado da barra...algum barco divisava...sempre julgando que aquele...lhe trazia quem anelava (aspirar, ansiar, desejar) ”. E

apresenta o motivo daquela dor...E perguntava ansiosa...a passageiros e arraes...por Mauricio (ingrato amante, Que não devia ver mais). O desenlace do poema a jovem fica sabendo que seu pretendido que a havia tirado de seus pais, havia casado e num ímpeto joga-se da pedra ao mar..."Isto disse...e de um rápido salto, Na corrente a infeliz se arrojou, Felisberto na ponta da pedra...De horror cheio assombrado, gritou!.

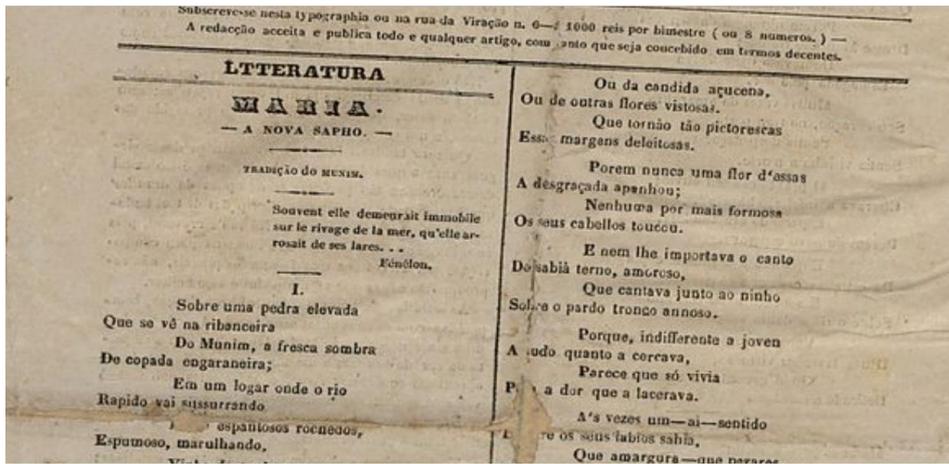


Figura 98- Poema Maria, de Maria Firmina dos Reis

Trata-se de uma história de amor que termina com a ansiedade e morte do eu-lírico, uma jovem abandonada que chega ao extremo de tirar sua vida, nos faz lembrar o conto *Annita* de Laura Rosa, vemos o quanto esse tema do abandono, da solidão, do amor não correspondido é recorrente na escrita feminina mais lírica dos séculos XIX e XX. Um ambiente recorrente na poética de Firmina é a baía de Cumã:

Nas Praias do Cuman / Solidão

Aqui na solidão minh'alma dorme;
Que letargo profundo!... Se no leito,
A horas mortas me revolvo em dores,
Nem ela acorda, nem me alenta o peito.

No matutino albor a névea garça
Lá vai tão branca doudejando errante;
E o vento geme merencório - além
Como chorosa, abandonada amante.

E lá se arqueia em ondulação fagueira
O brando leque do gentil palmar;
E lá nas ribas pedregosas, ermas,
De noite - a onda vem de dor chorar.

Mas, eu não choro, lhe escutando o choro;
Nem sinto a brisa, que na praia corre:
Neste marasmo, neste lento sono,
Não tenho pena; - mas, meu peito morre.

Que displicência! não desperta um'hora!
 Já não tem sonhos, nem já sofre dor...
 Quem poderia despertá-lo agora?
 Somente um ai que revelasse – amor

A imagem a seguir é a de um poema publicado por Maria Firmina intitulado “A Vida” Maria Firmina viveu o período de auge do romantismo esse poema publicado no periódico “O Jardim das Maranhenses” traz o tom melancólico das poesias românticas da época, o tema da vida/morte, a efemeridade da vida; “Depois um dia, e mais outro, A bella já não existe !” Fala da efemeridade da vida.

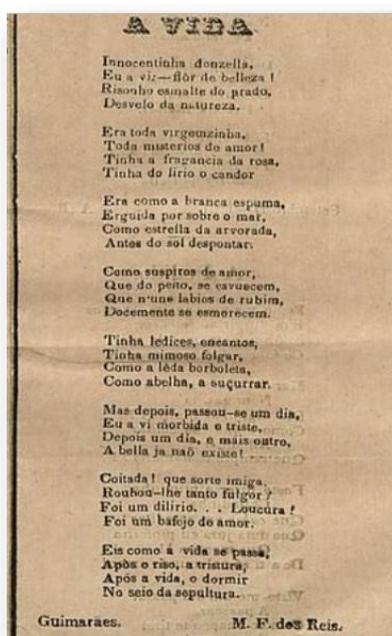


Figura 99- Poema Vida

Fonte: Hemeroteca da BNDigital

Fato é que há uma relativa produção das penas das três autoras com grande inspiração poética, especificidades que comento para terminar. Firmina tem predileção por textos longos, com estrofes geralmente em quartetos ou mais longas, essa predileção é patente quando escreve o romance Elvira – todo em versos. Marianna Luz escreve assim como Firmina em vários outros tipos e gêneros textuais, não encontrei entre os rastros de sua escrita romance, mas é sonetista e apresenta uma poesia muito lírica, com uma produção de imagens bem peculiar. Como no poema publicado em 10 de dezembro de 1946 no jornal Diário de São Luis (Anexo 5). Uma reflexão sobre a vida, cujo valor é medido por quem “palmilhou estradas doloridas”, a medida é o sofrimento, devemos lembrar que Marianna viveu em extrema pobreza, não obstante conseguiu produzir uma obra digna de

ser acessada e estudada por toda uma geração na Amazônia. Trancrevi o poema para sentir um pouco mais o sabor de suas imagens que lembram o verso “quem já passou por essa vida e não viveu....”do contemporâneo Vinicius de Moraes. Para a escritora a vida só é feliz em sonhos; as marcas textuais traduzem uma vida de muita luta e sofrimento, como foi de fato a vida de Marianna Luz, assim mesmo podemos ver em sua obra marcas de alguém que buscou reagir e se posicionar na sociedade.

Quem viveu sempre em nuvens côm de arminho,
Tendo existência alegre e descuidosa,
Sem pisar nunca a via dolorosa
Nem se ferir nas pedras do caminho,

Flores colheu sem encontrar na rosa
De perfume ideal um só espinho
Viveu entre doçuras e carinho
Sempre feliz, em paz deliciosa

Não viveu, vegetou: pois só em sonhos
É que se gosam dias tão risonhos,
Sem sentir uma dor...um mal pungente...

Viveu, e sabe dar valor à vida
Quem palmilhou a estrada dolorida,
Quem sofreu...quem chorou amargamente.

Marianna Luz (grafia original).

Laura Rosa também escreveu poemas, mas me pareceu até aqui que sua predileção é a escrita de contos e crônicas, dos quais consegui coligar quatro. Não encontrei nos fragmentos recuperados de jornais e periódicos maiores referências a escravidão ou a questões relacionadas, mas não significa que não possa existir, as pesquisas sobre essas escritoras são ainda iniciais, com exceção de Maria Firmina como já aponte anteriormente, de qualquer forma trata-se de uma literatura que vai ao longo do tempo se adequando ao contexto. No poema Maio Laura Rosa evoca esse mês- como mês de águas grandes, como mês de graças e de rebentação de flores. O poema foi publicado em jornal de São Luis:

EPÍLOGO: FALAVRA- ATO - ATO DE LAVRAR A PALAVRA, ATO DE OUSAR

Dar o ponto final a narrativas tão instigantes não é tarefa fácil, foram muitas horas de buscas, de dúvidas de como melhor falar o *pretuguês* – quais tintas seriam mais adequadas à pintura desse breve panorama do que foram as experiências com a escrita de mulheres afroscendentes na Amazônia brasileira dos séculos XIX e XX. Deste modo considero importante pensar essas experiências sob diversos aspectos, trazer um pouco das três senhoras implicou entender como se deu a instrução pública no Maranhão, a formação das normalistas, a relação com o saber que cada uma delas teve. As narrativas apontam que só Laura Rosa conseguiu formar-se normalista, Maria Firmina foi professora leiga que obteve o título de mestra régia, assim como Marianna Luz foi responsável pela educação de gerações na Vila de Itapecuru- mirim, muitos dos literatos da época foram seus alunos; além do aspecto da educação, o acesso a outros saberes, como por exemplo, línguas estrangeiras, Marianna ensinou francês e latim, Laura Rosa traduzia poemas do francês para o português.

O cotejamento das informações de jornais e periódicos revela um pouco de como elas se portavam frente à sociedade, e encontramos várias pistas de que foram no seu tempo, mesmo com várias adversidades, mulheres que tinham certo protagonismo, basta lembrar a escola mista fundada por Firmina e as ações de Luz e Laura Rosa nas várias associações de cunho pedagógico, literário, filantrópico e também político. São diversos aspectos construídos pela narrativa da tese, inclusive buscando as marcas dessas identidades, dessas *sujeitas* no contexto do rigor da sociedade patriarcal.

Assim, os eixos da memória, da cultura e da identidade possibilitaram pensar essa literatura produzida por essas mulheres sob perspectivas que incluem a interrogação sobre os mecanismos de poder, de controle dos corpos, de legitimação da palavra, e isso está presente nas diversas representações que os senhores à época teciam sobre elas e suas escritas em suas resenhas literárias. Neste âmbito, a antropoliteratura ou antropologia da literatura pensa essa escrita sob o foco das relações de alteridade, que constituem a interrogação sobre as representações que eram realizadas sobre essas professoras e suas atuações no contexto social vivido.

Parece-me que organizar essa documentação de suas trajetórias, escavar arquivos literários, observar alguns pontos centrais de suas *escrevivências* e produzir a crítica sobre

suas escritas é a contribuição central desta tese. O que está de acordo com a necessária reelaboração da experiência dos afrodescendentes no contexto das Américas, em especial da América Latina e do Brasil (Gonzalez), onde se dá o aprofundamento de uma nova episteme que traz a voz ocultada durante séculos para ouvidos e bocas do século XXI.

Trata-se de fortalecer uma visão histórica e política desse conhecimento muitas vezes fragmentado, pois não seria possível recompor a inteireza dessas subjetividades, o que se tem são “vestígios documentais” que nos levaram a inferir sobre a trajetória das escritoras. Das três, apenas de Laura Rosa ainda não encontrei nenhuma publicação, apenas informações em um blog de um poeta de Caxias. Já existe sobre a literatura de Maria Firmina dos Reis uma vasta bibliografia, incluindo livros publicados, teses, monografias e por último encontrei um romance intitulado *Firmina*. Sobre a senhora de Itapecuru encontrei um livro de sua conterrânea Jucey Santana e alguns artigos.

A ação de uma antropologia pautada nessa busca dinâmica de rastros possibilitaria atitudes mais pontuais e uma reação mais politizada dos agentes sociais atuais às diferentes formas como o racismo e sexismo se apresenta na sociedade brasileira, em especial o racismo epistêmico que criou e continua criando na contemporaneidade dificuldades para que vozes “não autorizadas” ou não “legitimadas” sejam conhecidas. As pesquisas e o devido retorno dessas ideias à sociedade produzem mecanismos ideológicos de enfrentamento do real e fomentam a reação política dos setores subalternizados da sociedade.

O racismo epistêmico invalida qualquer outro conhecimento que não seja ocidental e branco. Assim, problematizar as relações de gênero, as relações raciais, uma vez que a perspectiva desse racismo impõe um homem branco e ocidental como sinônimo de uma pretensa humanidade (Gonzalez 2018) é escrever outra narrativa que incorpore a crítica à produção escrita de Maria Firmina, Marianna Luz e Laura Rosa, que registraram e vocalizaram vastas experiências do seu tempo. Quero reafirmar a proposição de Glissant (2005) de que o pensamento poético está no princípio da relação com o mundo e mais, se isso é verdade, então esse ato poético compõe o conhecimento do real, neste sentido as senhoras, *sujeitas* dessa tese, partícipes de um momento histórico puderam manter-se naquele mundo masculinizado e opressivo, relacionar-se com ele, entrar em confronto com os seus “outros”, puderam escutar e falar, esboçar seus pensamentos

mesmo que por meio de pequenas negociações, mas estiveram em seu tempo. Faz-se necessário e urgente a crítica ao canone literário e a construção de uma memória social por meio da organização de informações dispersas sobre a autoria de mulheres no contexto da sociedade amazônica.

As ferramentas teóricas da antropologia – como a etnografia – possibilitou dialogar com poéticas variadas, textos, imagens, resenhas, para expressar a voz inaudível dessas mulheres que ousaram escrever, vivendo ainda sob o mais forte julgo da sociedade patriarcal brasileira. Neste sentido, penso que o texto etnográfico e a escrita literária são expressões que mantêm encontros no sentido de que as duas formas são reescritas da realidade e, portanto, da cultura e de todas as suas formas. É tarefa fundamental nesse momento histórico qualificar/legitimar essas formas literárias.

Pensar antropologicamente a literatura significa, portanto, estabelecer um novo olhar sobre os agentes sociais, os produtores de cultura, que por meio da literatura expressam componentes dessa cultura, marcas de relações estabelecidas em determinado tempo e momento histórico e isso está bem presente na escrita das autoras evidenciadas ao longo da tese. Suas formas de registro, seja em diários, poesias, artigos, pequenas crônicas, são conexões que elas mantinham com o tempo e a realidade vivida-suas- *escrevivências* -e que no curso de suas existências foram se modificando.

E, ainda, procurei trazer textos que mostram o enfrentamento das autoras ao discurso nem sempre velado de seus pares, a exemplo do poeta Raimundo Cardoso- que publicamente agride a escritora e professora Marianna Luz- mulata e pedante- são marcas textuais de um crescente racismo que se aprofundará nos séculos seguintes. O sistema literário é então esse campo do poder simbólico (Bourdieu), ou seja, lugar de tensão e fricção e de muitas questões em torno de quem escreve, quem publica, onde e para quem publica, textos e subtextos, ideias subliminares.

Reiteramos também que as relações de poder estão na base dessa ausência de escritoras nos grandes compêndios literários; a negação continua ocorrendo. Porque Conceição Evaristo não entrou na ABL? Ao longo dos últimos cinquenta anos essa relação de poder vem sendo questionadas e o movimento negro organizado está na vanguarda da problematização de uma escrita feminina e negra. A invisibilização e ausência de outras vozes - que não as hétero-brancas legitimadas pela história oficial- estão sendo

questionadas. O movimento está ocorrendo. Os estudos mostram como as autoras foram apagadas em determinados momentos históricos e de fato falamos aqui de autoras de quem ainda é possível recolher fragmentos em arquivos, organizar alguma análise, construir algum *corpus* sobre suas composições variadas, mas possivelmente houveram aquelas mulheres que guardaram suas “garatujas” nas gavetas esquecidas e nem ao menos tiveram a coragem ou a oportunidade de mostrar a um interlocutor no contexto de suas sociabilidades.

Na tese discuti três condições que no contexto brasileiro deste século XXI nos proporcionaram vir a conhecer essa produção. Reitero esses componentes: a pesquisa acadêmica especialmente nas universidades públicas, que vêm produzindo um material interessante, bastante denso sobre a escrita afro-brasileira, caso, por exemplo, das duas antologias de escritoras do Século XIX organizadas por Muzart (2004), que deram origem a discussão sobre “A Mulher na Literatura”. Uma segunda condição, não menos importante do acesso a essa literatura foi a organização do Movimento Negro com maiúsculas reivindicações de reconhecimento social, político e cultural e o protagonismo das mulheres negras, enquanto segmento intelectual que, a partir da década de 1970, em especial se fez mais presente no eixo sul-sudeste do país, incorporando questões relevantes do feminismo negro e das lutas em torno de conquistas sociais e econômicas para esse segmento majoritário da população brasileira e que a partir dos encontros em nível nacional e local vem tomando corpo e compondo uma agenda de lutas aqui na Amazônia, incluindo segmentos dos povos indígenas em torno de questões comuns, caso da violência e da discriminação contra a mulher.

E por último, um conjunto de questões legais em torno do acesso à educação superior pelo sistema de cotas, de setores antes alijados, a incorporação de discussões étnico-raciais no contexto da Educação Básica através de legislação específica (Leis 11.645 e 10.639), além de orientações via Ministério da Educação e criação de Secretarias especiais em níveis Nacional, Estadual e Municipal, vide Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPPIR, criada em 2003, e Conselhos Estaduais e municipais.

Com isso as tramas dessa história e a escrita de um novo enredo vêm aos poucos ao longo deste século XXI sendo tecidos e tem sido extremamente produtivos é suficiente olharmos o que há de escrita feminina negra literária nos últimos dez anos, é uma avalanche de obras em diferentes gêneros textuais, uma riqueza temática e principalmente um

enfrentamento às concepções etnocêntricas- são mulheres negras quilombolas e indígenas que vêm trazendo a público suas escritas- a escrita de suas culturas- de suas experiências de vida, ficcionalizadas ou não. É uma escrita feminina autorizada e legitimada pela voz de muitas mulheres, que neste país de norte a sul se organizam se conhecem se leem.

Existe de fato hoje no Brasil uma literatura afrodescendente, afro-brasileira e negra que vai se impondo na cena literária e que tem suas raízes nas lutas travadas pelo feminismo negro, o questionamento dos estereótipos em torno de povos e etnias, a representação literária das mulheres por meio de fortes personagens femininas leva-nos a concluir por uma literatura de autoria negra como vertente da literatura brasileira e, principalmente como um contraponto necessário para a reflexão acerca da formação social do país, pois quando falamos dessa literatura é imprescindível que temas transversais como escravidão, racismo, relações de poder, educação, ciência, e todos os tipos de fobismo venham à tona.

Esse panorama inicial de autoria feminina afrodescendente traçado na tese agrega um conhecimento mais amplo sobre os atores históricos que emergem de obras literárias, representados em personagens e narradores, a representação literária em torno das relações de poder que se davam no tempo histórico dessas personagens-sujeitas constituem caminhos para que aqui na Amazônia, haja a necessária “recuperação da memória literária feminina”. Existem temas que podem e devem ser refletidos, entre eles, a presença africana e indígena na literatura e cultura brasileiras como um todo e as questões em torno de gênero e raça e classe, sobretudo no momento presente, que demanda a inclusão desses estudos nos currículos escolares de todo o país.

Tinhamos o objetivo de organizar um amplo panorama da literatura de autoria feminina afrodescendente na Amazônia legal, dificuldades de ordem diversa nos levaram a localizar a pesquisa numa faixa do Maranhão ao longo do Rio Itapecuru- Mirim, que inclui as cidades de Caxias, Itapecuru e Guimarães e a própria capital São Luís. Assim trouxemos para este trabalho de tese três autoras, mas cotejamos informações sobre mais duas que inclusive são citadas no decorrer do trabalho Leonete Oliveira e Márcia Queiroz. Ao longo dos anos de estudo e pesquisa conseguimos coligir e organizar um amplo material, mas não foi possível buscar os nomes dos outros estados da Amazônia. De posse do material e com base na leitura recomendada fomos tecendo os fios dessa narrativa, que traz algumas pistas

da trajetória de vida, trabalho, literatura das senhoras encantadas cujas produções foram colocadas no sono das prateleiras, às traças dos arquivos.

Quero pensar com Evaristo que a resistência é construída a partir da reconstrução de uma memória social, que reconecte as formas culturais que tem uma raiz africana ,seja nos instrumentos, na dança, na religiosidade, na música, na literatura-Congadas, carimbó, samba, grios- contadores de história, a capoeira, o candomblé- musicalidade, são elementos de uma memória que não foram apagados...pela crueldade do cativo e que na contemporaneidade identificam *Formas e Performances* que estão esteticamente marcadas por uma cultura negra e que constitui a resistência a uma morte simbólica.

No início desta história havia uma narradora – eu- Maria- pesquisadora, estudiosa em busca de nomes que compusessem uma cartografia da escrita de mulheres negras na Amazônia Legal. Seguindo rastros, buscando referências, conversando com pessoas fui construindo uma tese que aponta horizontes de continuidade- de construção de novas pesquisas, novas narrativas, afinal, antes de mim muitas outras mulheres buscaram essas referências. Saio desta tese diferente, e não porque tenha feito o melhor, fiz o possível entre condições extremamente desfavoráveis, no país, no mundo e na vida pessoal. A discussão sobre a presença-ausente de escritoras negras no corpus literário brasileiro abre diversos horizontes de análise. Os caminhos já foram abertos. Há muitas histórias a serem contadas.

REFERÊNCIAS

- Abélés, M. La antropologia política: nuevos objetivos, nuevos objetos. Biblioteca Omegalfa. Disponível em: www.unesco.org
- Adalberto, Príncipe da Prússia (1811-1873), 2002. *Brasil: Amazônia-Xingu / Príncipe Adalberto da Prússia*; tradução de Eduardo de Lima e Castro. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 382 p.: il. – (Coleção O Brasil visto por estrangeiros)
- Adler, D. A., 2017. *Maria Firmina dos Reis: uma missão de amor*. São Luis: Academia Ludovicense de Letras
- Agassiz, J.L.R. (1807-1873). 2000. *Viagem ao Brasil 1865-1866 / Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz*; tradução e notas de Edgar Sússekind de Mendonça. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial. 516 p. – (Coleção O Brasil visto por estrangeiros)
- Almeida, E. de (org.). 2010. *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições.
- Almeida, S. 2018. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento
- Almeida, A. W. B. de 2011. *Quilombolas e novas etnias*. Manaus: UEA Edições.
- Anderson, Benedict. 2008. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: companhia das letras.
- Andreta, B.L. A literatura abolicionista de Maria Firmina dos Reis: o conto “A escrava”. In: *CONFLUENZE* Vol. 8, No. 1, UFSM
- Antologia da Academia Maranhense de Letras (1905 -1958)*. 2008. São Luis: Academia Maranhense de Letras/MA.
- Araújo, M. A.P, 2014. *Maria Aragão: uma mulher e suas paixões em busca de uma sociedade igualitária*. São Luís: EDUFMA.
- Assis, M. 1899. *Crítica Literária de Machado de Assis a obra de Veríssimo*, Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938. *Gazeta de Notícias*.
- Assunção, M. R. 2010. A memória do tempo de cativo no Maranhão. In: *Revista Tempo*. N. 29. Disponível: <https://www.scielo.br/j/tem/a/JFF39rKdbtb7FGsxR7C4C6v/?format=pdf>
- Auge, M.P. 1996. *"E Agora Falamos Nós": Literatura Feminina Afro-brasileira*. Disponível em: <LITERAFRO - www.letras.ufmg.br/literafro. Acesso em fevereiro de 2016.
- Azevedo, J.E. 1970. *Antologia amazônica: poetas paraenses*. Coleção Literatura Paraense. Série Inglês de Sousa. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 300 p.

- Bagno, M. *Os Graffiti de Léon-Gontran Damas*. Universidade de Brasília, s/d, p.201-210
- Balandier, G.1969. *Antropologia Política*. Barcelona: edições península.
- Barbosa, W. 1994. *Atrás do muro da noite*. Brasília: fundação Cultural Palmares.
- Barbosa, M. 1985. "Questões sobre Literatura Negra". In: *Reflexões sobre a Literatura Afro-Brasileira, Quimlombhoje*, São Paulo: Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo.
- Barthes, R. 1977. *Aula Inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix
- Blake, A.V.A. S. 1900. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. (6), Rio de Janeiro. Disponível: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/14856> Acesso em outubro de 2019.
- Boas, F. 2011. Raça, língua e cultura. In: *A mente do ser humano primitivo*. Tradução de José Carlos Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, Capítulo 8, p. 104-112
- Boivin, M.F; Rosato, A.; Arribas, V. 2004. *Constructores de otredad: Uma introducción a La Antropología Social y Cultural*. Buenos Aires: Antropofagia.
- Bourdieu, P. 1989. *O Poder Simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Betrand Brasil.
- Becker, B. K. 2006. *Amazônia: geopolítica na virada do III Milênio*. Rio de Janeiro: Garamond.
_____. 2001. *Amazônia*. Rio de Janeiro. Ed. Ática.
- Benchimol, S. 2009. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Ed. Valer.
- Benjamin, W. 1994. O narrador. In: *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Bernd, Z. 1988. *Introdução à Literatura Negra*, São Paulo: Brasiliense.
_____. 1987. *Negritude e Literatura na América Latina*, Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Bhabha, H. 1998. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG.
- Bhabha, H. 1990. *Nation and Narration*. London: Routledge.
- Bhabha, H. 1995. *Disseminação: tempo, narrativa e as margens da nação moderna*. Trad. Maria Cyrino Valle. Belo Horizonte: UFMG/FALE.

- Broca, B. 1953. As mulheres na literatura brasileira. In: *Românticos, Pré-românticos, Ultra-românticos*. Polis:INL
- Brookshaw. D. 1983. *Raça e Cor na Literatura Brasileira*, Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Bosi, A. 1992. *Dialética da colonização*. São paulo: Companhia das letras.
- Bosi, A. 2002. *Literatura e Resistência*. São Paulo: companhia das letras.
- _____, A. 2006. *História Concisa da Literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- Brasil. Senado Federal. 2012. *A Abolição no Parlamento: 65 anos de luta (1823-1888)*, (2), Brasília.
- _____. 2012. *A Abolição no Parlamento: 65 anos de luta (1823-1888)*, (1), Brasília.
- Brasil. Secretaria Especial de Editoração e Publicações. 1997. *Thoth*, Brasília, (1): 1 - 285, jan./abr. (Autor: Abdias)
- Candido, A. 2006. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 9 ed.
- _____. Antonio, 1987. *Literatura de dois gumes: A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, p. 163-180.
- Caldeira, T. P. do Rio. 1989. Antropologia e Poder: Uma Resenha de Etnografias Americanas Recentes. In: *BIB (ANPOCS)*, Rio de Janeiro, (27): 1-96, 1.º Semestre.
- Carvalho, R. de. 1929. *Pequena História da Literatura Brasileira*. - Rio de Janeiro: F. BRIGUIET & Cia.
- Castello, J. A. 1999. *A Literatura Brasileira. Origens e Unidade*.(1). São Paulo: EDUSP.
- Castilho, S.D. de. 2004. *A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas*. Olhar de professor, Ponta Grossa, 7(1): 103-113.
- Césaire, A., 2010. *Discurso sobre a Negritude/ Aimé Césaire; Carlos Moore (org.)*, Belo Horizonte: Nandyala. Coleção Vozes da Diáspora Negra, (3).
- Chartier, R. 1988. *A história cultural: entre praticas e representações*. Rio de Janeiro Bertrand Brasil.
- Clastres. P. 1982. *Arqueologia da Violência. Ensaio de antropologia política*. São Paulo: brasiliense.
- Clastres. P. 2003. *A sociedade contra o estado. Pesquisa de Antropologia Política*. São Paulo: Cosac Naify.

Clifford, J. 1991. Introducción: Verdades parciales. In: *Retóricas de la antropología*. Madri: Júcar Universidad.

Cohen, A. 1978. Relações de Poder e Comportamento simbólico. In: O Homem Bidimensional. Rio de Janeiro: Zahar editores.

Colombo, N. C. G. M. 2009. *Corpos negros x falas brancas: as representações do negro na literatura de expressão Amazônica*. Dissertação de Mestrado 91f. UFA, Rio Branco – Acre.

Corrêa, Mariza. 2005-2006. Raimundo Nina Rodrigues e ‘a garantia da ordem social’ .in: *Revista USP*, São Paulo, n.68, p. 130-139, dez/fev.

Costa, K. S. 2009. Apontamentos sobre a formação histórica da Amazônia: uma abordagem continental.

Costa, E.V. 2010. *Da Senzala a Colônia*. 5. Ed. São Paulo: Ed. UNESP

Cruz, M. dos S. 2016. Escravos, forros e ingênuos em processos educacionais e civilizatórios na sociedade escravista do Maranhão no século XIX. In: Fonseca, M. V.. & Barros. S. A. P. de (Orgs) 2016. *A história da educação dos negros no Brasil*. Niterói: EdUFF. 442p.

Culler, J. 1999. Teoria literária: uma introdução. São Paulo: beca produções culturais.

Cunha, E. da (1866-1909). 2000. *Um Paraíso Perdido: reunião de Ensaios Amazônicos / Euclides Da Cunha; Seleção e Coordenação De Hildon Rocha*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 393 p.-- (COLEÇÃO BRASIL 500 ANOS).

_____. *À margem da história*. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ub000011.pdf>. Acesso em 06/2017.

Cuti, L. 2010. *Literatura Negra brasileira*. São Paulo: Selo Negro.

Cuti, L. 2013. *Kizomba de Vento e nuvem* (poemas). Belo Horizonte: Mazza Edições

Dalcastagnè, R. 2012. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ.

_____. 2008. *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte.

Davis, A. 2016. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução: Heci Regina Candiani. -1. ed.-São Paulo: Boitempo.

Deleuze, G. & Guattari, F. 1996. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: Aurélio Guerra Neto et alli. Rio de Janeiro: Editora 34.

_____. 1977. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago.

Duarte, E. de A. 2013. O negro na literatura brasileira, In: *Revista Navegações*, Porto Alegre, 2 (6): 146-153.

_____. 2011. *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. (4). Belo Horizonte: UFMG.

Duarte, C.L.et al. 2018. *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*, Rio de Janeiro: Malê.

Escosteguy, A. C. et al. 2000. O que é afinal Estudos Culturais? Trad: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autentica.

Evaristo, M. da C. 2017. *Poemas de Recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê.

_____. 2010. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: Pereira, Edmilson de Almeida (org). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições.

_____. 2009. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. In *Mulheres no Brasil – Resistência, lutas e conquistas*, (org) Liane Schneider e Charliton Machado, João Pessoa: Editora Universitaria, UFPB. Disponível em: [Nossa Escrivência: Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. \(nossaescrevivencia.blogspot.com\)](http://nossaescrevivencia.blogspot.com)

_____. 2006. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições.

_____. 1996. *Literatura Negra: Uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação de Mestrado, PUC/RJ.

_____. 1992. "Meu Rosário". In: *Cadernos Negros*. São Paulo, Quilombhoje/ Edição dos Autores. (15): 23-24.

Farias, T. 2018. *Carolina- uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê.

Fanon, F. 2008. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 194p.

Fanon, Frantz. 1965. *Os Condenados da Terra*. Prefácio (J.P. Sartre). Lisboa: Editora Ulisséia, e-bock.

Feldman-Bianco, B.(Org). 1987. *A Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos/ organização e introdução*. —São Paulo: Global

Fernandes, J. G.& Correa, P. 2007. *Estudos de Literatura da Amazônia*. Belém.

Fernandes, J.G. 2005. Literatura brasileira de expressão amazônica, Literatura amazônica ou Literatura da Amazônia? In: *MOARA. Revista da Pós-Graduação de Letras da UFPA*. Belém: UFPA. N.23.

Ferreira, N.B. 2019. Quarto de Despejo: Gênero e Autobiografia na Literatura De Carolina Maria De Jesus. UFAM/ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS. Dissertação.

Ferreti, M. 2008. *Encantados e Encantarias no Folclore Brasileiro*. Apresentado no Apresentado no VI Seminário de Ações Integradas em Folclore. São Paulo.

Ferreti, S. 2006. Mário de Andrade e o Tambor de Crioula do Maranhão. In: *Revista Pós-Ciências Sociais*. São Luís. V.3, N. 5, jan. /jul.

Fonseca, Padre R.A. 1873. *Seleção Nacional*. Curso de Estudos. Maranhão. Disponível em: http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/ acesso: março de 2019.

Freitas, S.R.F.de. 2010. Noêmia de Sousa: Poesia Combate em Moçambique. In: *Cadernos Imbondeiro*. 1(1). João Pessoa.

Funes, E.A. 1995. *"Nasci nas matas nunca tive senhor": história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo.

Furtado, L.M. 2017. *Memorial de Maria Firmina: Prosa Completa e Poesia*. Livro 01. São Paulo: Editora Uirapuru.

Furtado, M.L.S. 2012. *Aquilombamento no Maranhão: Um Rio Grande de (Im) Possibilidades*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Disponível em: [marivania.pdf \(unesp.br\)](#) . Acesso em novembro de 2021.

Geertz, C. 1989. *El antropólogo como autor*. Barcelona: Paidós.

Geiger, Amir. 2002. "Histórias da Antropologia como antimitos da disciplina- alguns paradoxos da antropologia brasileira e suas denegações. In: XXVI Encontro anual da ANPOCS

Glissant, E. 1996. *Introduction à une poétique du divers*, Paris: Editions Gallimand.

Goldman, M. 2008. Os Tambores do Antropólogo: Antropologia Pós-Social e Etnografia. In: *PONTO URBE - Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, Ano 2, versão 3.0, p.1-11.

_____, 2006. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. In: *Etnográfica*, (X): 161-173.

Gomes, H.T. "Visíveis e Invisíveis Grades": Vozes de Mulheres na Escrita Afrodescendente Contemporânea.

Gonçalves, A.M. 2009. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record. 5 eds. 951p.

Gonzalez, L. 2018. *Primavera para as rosas negras*. Diáspora africana: Editora Filhos da África

Gonzalez, Lélia & Hasenbalg, Carlos, *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982

Gonzalez, L. 1982. A mulher negra na sociedade brasileira. In: Luz, Madel (Org). *Lugar da Mulher*. Rio de Janeiro: Graal Editora, p.91.

Gonzalez, L. 2016, A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: *Problemas de gênero*. Carla Rodrigues, Luciana Borges, Tania Regina (org) . Rio de Janeiro: Funarte.

Guimarães, M.A. 1990. É um umbigo, não é? A mãe –criadeira: um estudo sobre o processo de construção da identidade em comunidade de terreiro- Diss. De Mestrado. PUC/RJ

Hall, S. 2003. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Hall, S. 2016. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.

Hall, S. 2003. A identidade cultural na pós-modernidade. 7 eds. Rio de Janeiro: DB&A Edit.

Hauser, A. 1998. História Social da Arte e da Literatura. São Paulo: Martins Fontes.

Harris, M. 2006. Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo. In: sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade. São Paulo: Annablume.

hooks, bell, 2019. *Olhares negros: raça e representação*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Ed. Elefante.

Ianni, O. 1988. “Literatura e consciência”. In: *Estudos afro-asiáticos*. Rio de Janeiro, n.15

IPEA. 2021. *Atlas da Violência* .2021, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em parceria com o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/> Acesso: janeiro 2022.

Jesus, M. G. de. 2013. Astolfo Marques e as Festas Populares Maranhenses. In: *Revista Afro-Ásia*, 48: 337-360.

Jesus, C. M. de. 1960. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: livraria Francisco Alves, 4 edições.

Júnior, A. 1978. *Teoria, Crítica e História literária*. Seleção e Apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro, livros técnicos e científicos; São Paulo: editora da universidade de São Paulo.

Júnior, E. de A. F. 2016. Quilombos na Amazônia: um esboço preliminar do estudo de ‘comunidades de pretos’ no Complexo Madeira.

Jurandir, D. 2008. Marajó. 4. Ed. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa.

Kilomba, G. 2020. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* /Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Cobogó.

Kosby, M. F. 2015. *Os baobás do fim do mundo* - Trechos líricos de uma etnografia com religiões de matriz africana no sul do Rio Grande do Sul. Vera Cruz: Ed. Novitas.

Kuschinir, K. 2007. Antropologia e Política. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 2 n. 64

Kuschinir, K. & Carneiro, L.P. 1999. As dimensões subjetivas da Política, cultura Política e Antropologia Política. In: *Revista de Estudos Históricos*. N.227

Lara, T. A. 1988. *Caminhos da Razão no Ocidente*, São Paulo Cortez editora.

Leandro, J.A. 2009. A hanseníase no Maranhão na década de 1930: rumo à Colônia do Bonfim. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro*. v.16, n.2, abr.-jun., p.433-447. Disponível em: [ARTIGO JOSE LEANDRO.p65 \(scielo.br\)](http://scielo.br/artigo/JOSE_LEANDRO.p65)

Lima, O. da S. 2009. O comprometimento etnográfico afrodescendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães. *Tese de Doutorado em Literatura*. UnB – Universidade de Brasília – DF.. Disponível:<<http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/4137>> Acesso em 03/12/2021.

Lobo, L., 1989. “A Pioneira Maranhense Maria Firmina dos Reis”. In:*Estudos Afro-Asiáticos*, n. 16,RJ.

_____. 1987. Literatura Negra Brasileira Contemporânea, in: *Estudos Afro-Asiáticos*. Cadernos Cândido Mendes, Rio de Janeiro, n. 14, p. 109-140.

Löfgren, I & Gouvêa, P. (orgs.), 2018. *Exposição Mãe Preta*. São Paulo

Lopes, N. 2007. *Dicionário literário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Palhas.

Lopes, N. 1996. *Incursões sobre a pele*. Rio de Janeiro: Artium.

Llobera, J. R. 1979 . *Antropologia Política*. Barcelona: Anagrama

Luz, G. 2018. A Escrivência de Maria Firmina dos Reis no conto a escrava. In: *Revista Travessias*, Cascavel, v. 12, n. 1.Disponível: <http://www.unioeste.br/travessias>. Acesso em novembro de 2019.

Maranhão. 1905. *Regulamento da escola Normal, dos Institutos que lhes são jurisdicionados e da Escola Modelo ‘Benedito Leite’ e Curso anexo*. São Luis: Tipografia Frias

Maranhão, 1920. *Trabalhos do Congresso Pedagógico*. São Luis: Imprensa Oficial.

Marcondes, M.M. et al. 2013. Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: ... Brasília: IPEA.

Maria, V.S. de, 2011. *O processo de qualificação de votantes no Brasil Império: perfil da população votante do distrito sede de Juiz de Fora, Minas gerais (1872-1876)*. Dissertação de Mestrado apresentado ao Curso de História. Universidade Federal de Juiz de Fora.

Marques, C.A. 1863. *Almanach das Lembranças Brasileiras*. Maranhão, 2 ano.

Marques, C. A. 1864. Apontamentos para o Dicionário Histórico, Geográfico, Topográfico e Estatístico da Província do Maranhão. São Luiz.

Marques, W. J. 2013. Gonçalves Dias, a escravidão e o tapete levantado. In: *Teresa revista de Literatura Brasileira* [12 | 13]; São Paulo, p. 469-482.

Martin, C. 1988. Introdução. In: *REIS, Maria Firmina dos. Úrsula*. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília, INL. Coleção coordenada por Luiza Lobo

Mbembe, Achille. 2014. *Crítica da razão Negra*. Tradução: Maria lança. Lisboa/Portugal: Antígona

Mendes, A. M. 2006. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. 282 f. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://www.academicoo.com>> Acesso em 06/11/2021.

Mendonça, M. H. 1999. A literatura de autoria feminina: (re) cortes de uma trajetória. In: *Literatura e feminismo – Propostas teóricas e reflexões críticas*. Org. Christina Ramalho, Angélica Soares e Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Elo.

Miguel-Pereira, 1957. L. *História da Literatura Brasileira*. Prosa de ficção (1870-1920). Rio de Janeiro: Ed José Olympio

Montello, J. 1981. *Os Tambores de São Luís*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed.

Morais, R. de. 1983. *Lima Barreto*, São Paulo, Brasiliense.

Moraes Filho, J. N. de (Org.) 1975. Maria Firmina dos Reis. *Fragmentos de uma vida*. São Luis Governo do Maranhão.

Morrison, T. 2019. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras.

Moore, C. 2010. Negro sou, Negro ficarei (Prefácio). In: *Aimé Cesaire, Discurso sobre a negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, p. 7-35.

Munanga, K. 2004. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Belo Horizonte: Autentica editora.

_____. 1986. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática.

_____. 2003. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ*. 05/11/03.

Musa, A.B.N., 1990. Origens da Poesia Afro-Brasileira: Condicionamentos Lingüísticos in *Estudos Afro-Asiáticos* nº 19.

Muzart, Z. L. (Org.). 2004. *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

_____. 1999. *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Nascimento, A. 2016. *O genocídio do negro brasileiro*. São Paulo: perspectivas.

Nascimento, A. 1980. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes.

Olinto, A. 2007. *A Casa da água*. Ed. Bertrand Brasil/SA

_____. 1989. *O Rei de Keto*. Ed. Bertrand Brasil/SA

Neto, J.M.B. 1999. José Veríssimo: pensamento social e etnografia da Amazônia (1877/1915). In: *Dados: Revista de Ciências Sociais*. Disponível em: [SciELO - Brasil - José Veríssimo: pensamento social e etnografia da Amazônia \(1877/1915\)](#). Acesso em dezembro de 2021.

Neto, M. S. 2004. *O Negro no Maranhão; a trajetória da escravidão, a luta por justiça e liberdade e a construção da cidadania*. São Luís: Clara com. E editora Ltda.

Oliveira, G. S. & Quevedo, R. C. 2018. A poética de Mariana Luz. In: *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)* São Luís - Vol. 4 - Número Especial - Jul./dez.

Oliveira Filho, J. P. 1987. "Antropologia Política". In: Silva, B. (coord.) *Dicionário de Ciências Sociais*. 2. Ed. Rio de Janeiro: FGV.

Orlandi, E. P. 1988. "Incompletude do sujeito". In: *Sujeito e Texto*. São Paulo: PUC.

Pacheco, A.C.L. 2013. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: EDUFBA.

Paim, A. 1997. *Estudos Complementares a História das ideias filosóficas no Brasil. A Escola do Recife*. São Paulo.

Palmeira, M. & Barreira, C. (orgs). 2006. *Política no Brasil: visões de antropologia*. Rio de Janeiro: Relume/NUAP/UFRJ.

Peirano, M. 1998. "Antropologia política, ciência política e antropologia da política. In: *Três ensaios breves*. Serie Antropoloia. Brasília: UNB, n. 230.

Pessoa, J & Melo, S. 2010. "*Percorrendo becos e travessas: feitos e olhares das Histórias de Caxias*". Teresina: EDUFPI.

Penna, D.S.F. *Obras Completas*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971-1973. Coleção Cultura Paraense.

Pena, Sérgio. 2009. Desinventando as raças. In: *Charles Darwin: em um futuro não tão distante*. Landim, M. I. & Moreira, C.R. (Orgs.). Instituto Sangari.

Pratt, M. L. 1991. Trabajo de campo en lugares comunes. In: *Retóricas de la antropología*. Júcar Universidad.

Pflueger, G. 2018. Alcântara-Maranhão: de Tapuitapera à Base Espacial. In: *Cadernos de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo*. V. 18. N. 2 Ago/dez

Perrot, M. 1998. *Mulheres públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

_____. 2005. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução: Viviane Ribeiro, São Paulo: EDUSP, (Coleção História).

_____. 2007. *Minha história das Mulheres*. Tradução: Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto.

Pinheiro, R. A. 2016. O Conciliador e o jornalismo maranhense no início do século XIX. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social. PUC-Rio Grande do Sul. 248p.

Proença F., D. 1997. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: *Revista do patrimônio histórico e artístico nacional*. Rio de Janeiro, (25): 159-177.

Queiroz, Christina, 2020. Protagonismo restaurado. Disponível em: [087-090 maria-firmina_298.pdf \(fapesp.br\)](https://www.fapesp.br/087-090-maria-firmina-298.pdf). Acesso em novembro de 2021

Querino, M. 2018. *O Colono Preto como fator da Civilização Brasileira*. SP/ Jundiaí. CADERNOS DO MUNDO INTEIRO

_____. 20. 1956. *A raça africana e os seus costumes*. Salvador: Editora Progresso

Ramos, C. 1975. Nossas Várzeas Têm Mais Flores – Poetas Modernos do Maranhão, Fundação Cultural do Maranhão.

_____. 1973. *Nosso céu tem mais estrelas: 140 anos de literatura maranhense*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti.

_____. 1970. *Minha terra tem palmeiras. (Trovadores maranhenses) Estudo e antologia*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti,

Rangel, A. 1914. *Inferno Verde (Scenas e Scenarios do Amazonas)*. Tipografia Minerva: 2 Edição Revista.

Ratts, A. 2006. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento*. São Paulo.

Reis, M. F. dos. 2017. *Úrsula: romance; A escrava: conto*. 6 ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas.

_____. 2017. "Cantos à Beira-Mar e Gupeva". Academia Ludovicense de Letras, São Luís/MA

_____, 1975 . *Úrsula*. Edição Fac-simile, prólogo de Horácio de Almeida.

_____, 1825-1917. *Úrsula e outras obras [recurso eletrônico] / Maria Firmina dos Reis; prefácios de Ana Maria Haddad Baptista e Danglei de Castro Pereira*. – 2. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. (Série prazer de ler; n. 11 e-book)

Ribeiro, D. 2019. *Lugar de Fala*. São Paulo; Sueli Carneiro, Pólen, (Feminismos Plurais).

Ribeiro, D. 2006. *O Povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.

Rocha, J.G. da. & Rangel, P. L. N. 2014. *Úrsula: a voz dos excluídos do século XIX no romance de Maria Firmina dos Reis*. In: *Revista Mulheres e Literatura*, vol. 13.

Rodrigues, R.N. 1935. *Os africanos no Brasil*. Prefácio (Homero Pires). 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional

Romero, S. 1903. *História da Literatura Brasileira – Tomo Segundo (1830-1870)*, H. Garnier, Rio de Janeiro.

Romero, S. 1888. *Estudos sobre Poesia Popular do Brasil (1879-1880)*. Rio de Janeiro: Ttp . LAEMERT & C .

Rosa, J. G. 2001. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Ruffato, L. 2009. *À Flor da Pele*. In: *Questão de Pele*. Organização, prefácio e seleção de textos (Luiz Ruffato). Disponível em: [untitled \(linguageral.com.br\)](http://untitled.linguageral.com.br). Acesso em outubro de 2021.

Said, E. W. 2011. *Cultura e Imperialismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia de Bolso.

Salles, V. 2005. *O negro no Pará sob o regime da escravidão - (1971)*, Belém: IAP, Programa Raízes, 3. ed. Ampliada.

_____. 2016. *Lundu: Canto e Dança do negro no Pará*. Coordenação Jonas Arraes. -1. ed. – Belém, PA: Paka-tatu.

Sampaio, P. M. (org.). 2011. *O fim do silêncio – presença negra na Amazônia*. Belém: **Açaí** / CNPq. 298 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/afro/n45/a10n45.pdf>. Acesso em: outubro de 2017

Sampaio, P. 2011. “O Fim do Silêncio: presença negra na Amazônia”. Patricia Sampaio (Org.) Belém: Editora Açaí/CNPQ.

Santana, J. 2014. *Marianna Luz- vida e obra e coisas de Itapecuru-mirim*. Itapecurum: editora.

Santiago, S. 1989. *Para além da História social*. Nas malhas da letra. São Paulo. Companhia das letras.

_____, Silvano. *Democratização no Brasil-1979-1981*. In: Vale quanto pesa. Silvano

Santos, A. O. et al. 2013- *A História da Educação de Negros no Brasil e o Pensamento Educacional de Professores Negros no Século XIX*. In: *XI Congresso Nacional de Educação- EDUCERE*, PUC do Paraná.

Santos, Ilma de Jesus Rabelo. *A mulher no magistério: representações da identidade docente no Maranhão republicano (1890-1940)* / Ilma de Jesus Rabelo Santos. – São Luís, 2017.

Schmidt, R. T. 1999. Recortes de uma história: a construção de um fazer/saber. In: *Literatura e feminismo – Propostas teóricas e reflexões críticas*. Org. Christina Ramalho, Angélica Soares e Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Elo

Schwarcz, L.M. 1987. *Retrato em Preto e Branco: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.

Schwarcz, R. 1977. *Ao vencedor as Batatas*. São Paulo: duas cidades.

Serra, J. (*Ignotus*). 1883. *A imprensa no Maranhão: 1820-1880*. Rio de Janeiro: Faro&Lino Editores.

Silva, R. A. da. 2009. “A mente, essa ninguém pode escravizar”: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza.

Silva, T.T. da (org). 2013. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

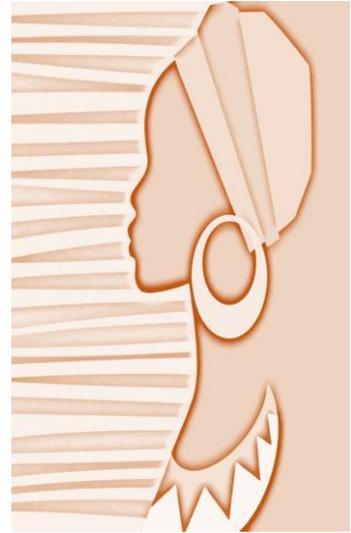
- Silva, R.S.C. 2013. O Sindicalismo docente da Educação Básica no Maranhão: da associação à emergência do sindicato. Tese de Doutorado. ICS/UNB
- Simões, B. 2019. *Firmina*. Rio de Janeiro: Malê.
- Spivak, G.C. 2010. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. UFMG
- Sodré, M. 1987. O terreiro e a cidade. Petrópolis: Vozes.
- Souza, E.F. de. 2017. *Poesia negra: Solano Trindade e Langston Hughes*. Curitiba: Appris.
- Souza, Márcio. 2009. *História da Amazônia*. Manaus: Editora Valer.
- Sousa, I. 2003. *O coronel sangrado: cenas da vida do Amazonas*. 2 ed. Belém: EDUFPA
- Veríssimo, J. 1970. As populações indígenas e mestiços da Amazônia; sua linguagem, suas crenças e seus costumes. In: *Estudos Amazônicos*. Belém: UFPA.
- Tourinho, M.A.C. 2011. Normalistas do Maranhão: entre rotina e resistência. In: *UNESP – FCLAs – CEDAP*, v.7, n.2, p. 204-224.
- Trindade, M.N.B, 2016. *Palavras entre rios e ruas- ensaios sobre Literatura na Amazônia*. Belém: FCP.
- Trindade, M.N.B. “Carolina, a mulher pelo avesso: uma poética do desassossego”, publicado nos anais do V CIELLA.
- Trípoli, M. J. 2006. *Imagens, Máscaras e Mitos: o negro na obra de Machado de Assis*, Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.
- Tupiassú. A. 2006. *Escrita literária e outras estéticas*. Amarílis Tupiassú (Org). Belém: Unama.
- Tíburi, Márcia. Crítica da razão negra: marcação e contramarcação Disponível em : <https://revistacult.uol.com.br/home/marcia-tiburi-critica-da-razao-negra-marcacao-e-contramarcacao/> Acesso em : janeiro de 2022.
- Tedeschi, L. A.2018. Por uma história menor – uma análise deleuziana sobre a história das mulheres. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 26(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n146069>. Acesso em janeiro de 2020
- Veríssimo, J. 1970. As populações indígenas e mestiços da amazônia; sua linguagem, suas crenças e seus costumes. In: *Estudos Amazônicos*. Belém: UFPA.
- . 2011. *Cenas da Vida Amazônica*. Antônio Dimas. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Veríssimo, J. 1915. *História Da Literatura Brasileira*. MINISTÉRIO DA CULTURA Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro.

Veríssimo, J. 2007. *Raça, cultura e Educação*. Belém: ETDUFPA.

Villen, P. 2013. *Amilcar Cabral e a crítica ao colonialismo: entre harmonia e contradição*. 1. Ed. São Paulo: Expressão popular.

Xavier, Giovana. 2019. *Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história*. Rio de Janeiro: Malê.

Zin, R. B. 2019. *Maria Firmina: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista*. (Estudos Literários 2); São Paulo: Aetia Editorial.



ANEXOS

“[...] Afinal, a literatura é a grande possibilidade de se estar no lugar do outro e aprender-lhe a dimensão humana (Cuti 2002).”

Anexo 1- Auto de Bumba meu boi, letra e música de Maria Firmina dos Reis

AUTO DE BUMBA MEU BOI

Letra e música de Maria Firmina dos Reis
(fragmentos)

Nóvrimos tirar licença
Que nosso amo mandou;
Ele ficou na cadeia bis
Como beirão brincador.

(retirada)

Senhora dona da casa,
Nos responde por favor,
Queremos lerar a nova
Prámeu amo brincador!
(chegada)

Lá vem a aurora
Lá vem o dia,
Lá vem "Caramba" bis
Que nós queria.

Lá vem a aurora,
Recapendo o mangue,
Vejo "Caramba"
Nos fuge o sangue.

(chegada do boi: a roda)

Chegou!!!
Ou já chegou
O boi "Caramba"
Com seus olho (s) matadô (res)
Ouegou!!!
Nosso boi "Caramba"

Com seus olho matadô (res)
(despedida)

Strá Dabá
Amazhoré,
"Caramba" pulou na roda bis
Passarinho estreameu!

Adeus, roséira,
Adeus, roséio!
Tudo mundo cheira e crava,
Eu também quero chetirê!
(uma fala do Pai Francisco)

Senhora dona da casa,
Eu também sou farrador,
Pois a ponte que eu traira
Casi saíra e se molhou.

Adeus, roséira,
Adeus roséio!
Todo mundo cheira o crava,
Eu também quero chetirê!

OF. MARIA FIRMINA DOS REIS



Op. 21, 1874

Anexo 2- MARIA FIRMINA- VOTANTE QUALIFICADA- 1874

166

dos Santos, Franklin Braga, Manoel Hygino Gomes, João Francisco de Faria, João de Azevedo e Silva, João da Conceição Silva, Alfino Frante da Costa, Manoel Pedro Coelho, José Manoel Cabral, João Andrade Cavainac, José Severiano Fernandes, Agostinho Antonio dos Reis.

**Professôr e professôra de 1.ª let-
tras.**

Daniel Victor Coutinho.
D. Maria Firmina dos Reis.

Delegado e supplente.

Padre Lourenço Custodio dos Anjos.
Major Francisco Coelho de Souza.

**Subdelegado de policia de Peri-
cuman.**

João José Gomes de Castro.

Supplentes.

- 1.º João Diogo da Costa Magalhães.
- 2.º Lucas José Corrêa.
- 3.º João Manoel Furtado Ribeiro.

Destacamento.

Consta de 5 praças, commandadas por um cabo e pagas pela thesouraria de fazenda.

**Professôr de 1.ª lettras da colo-
nia de Santa Isabel.**

Jeronimo Antonio Ferreira de Mendonça.

Delegado e supplente.

Major Antonio Bricjo de Araujo.
Tenente-coronel José Coelho de Souza Junior.

**Professôr de 1.ª lettras de Geni-
pauba.**

José Bemvindo Corte Maciel.

Delegado e supplente.

Francisco Xavier Ribeiro da Fonseca.
Capitão Joaquim Ribeiro da Cruz.

Anexo 5- Publicação de poema de Marianna Luz- Diário de São Luis de 10 de dezembro de 1946

S. Luiz (Terça-feira), 10 de Dezembro de 1946

DIÁRIO DE S. LUIZ
Praça João Lisboa, 177
PROPRIEDADE DA EMPRESA
"DIÁRIO DE S. LUIZ" LTDA.
VAREJA DE ASSINATURAS:
PARA A CAPITAL Cr\$ 100,00
PARA O INTERIOR Cr\$ 100,00
PARA O INTERIOR Cr\$ 80,00
TABELA DE PUBLICAÇÃO
Por centilhado de coluna
De 1ª página Cr\$ 5,00
De 2ª Cr\$ 4,00
De 3ª Cr\$ 3,00
De 4ª Cr\$ 2,00
De 5ª Cr\$ 1,50
De 6ª Cr\$ 1,00
De 7ª Cr\$ 0,50
De 8ª Cr\$ 0,50
De 9ª Cr\$ 0,50
De 10ª Cr\$ 0,50
De 11ª Cr\$ 0,50
De 12ª Cr\$ 0,50
De 13ª Cr\$ 0,50
De 14ª Cr\$ 0,50
De 15ª Cr\$ 0,50
De 16ª Cr\$ 0,50
De 17ª Cr\$ 0,50
De 18ª Cr\$ 0,50
De 19ª Cr\$ 0,50
De 20ª Cr\$ 0,50
De 21ª Cr\$ 0,50
De 22ª Cr\$ 0,50
De 23ª Cr\$ 0,50
De 24ª Cr\$ 0,50
De 25ª Cr\$ 0,50
De 26ª Cr\$ 0,50
De 27ª Cr\$ 0,50
De 28ª Cr\$ 0,50
De 29ª Cr\$ 0,50
De 30ª Cr\$ 0,50
De 31ª Cr\$ 0,50
De 32ª Cr\$ 0,50
De 33ª Cr\$ 0,50
De 34ª Cr\$ 0,50
De 35ª Cr\$ 0,50
De 36ª Cr\$ 0,50
De 37ª Cr\$ 0,50
De 38ª Cr\$ 0,50
De 39ª Cr\$ 0,50
De 40ª Cr\$ 0,50
De 41ª Cr\$ 0,50
De 42ª Cr\$ 0,50
De 43ª Cr\$ 0,50
De 44ª Cr\$ 0,50
De 45ª Cr\$ 0,50
De 46ª Cr\$ 0,50
De 47ª Cr\$ 0,50
De 48ª Cr\$ 0,50
De 49ª Cr\$ 0,50
De 50ª Cr\$ 0,50
De 51ª Cr\$ 0,50
De 52ª Cr\$ 0,50
De 53ª Cr\$ 0,50
De 54ª Cr\$ 0,50
De 55ª Cr\$ 0,50
De 56ª Cr\$ 0,50
De 57ª Cr\$ 0,50
De 58ª Cr\$ 0,50
De 59ª Cr\$ 0,50
De 60ª Cr\$ 0,50
De 61ª Cr\$ 0,50
De 62ª Cr\$ 0,50
De 63ª Cr\$ 0,50
De 64ª Cr\$ 0,50
De 65ª Cr\$ 0,50
De 66ª Cr\$ 0,50
De 67ª Cr\$ 0,50
De 68ª Cr\$ 0,50
De 69ª Cr\$ 0,50
De 70ª Cr\$ 0,50
De 71ª Cr\$ 0,50
De 72ª Cr\$ 0,50
De 73ª Cr\$ 0,50
De 74ª Cr\$ 0,50
De 75ª Cr\$ 0,50
De 76ª Cr\$ 0,50
De 77ª Cr\$ 0,50
De 78ª Cr\$ 0,50
De 79ª Cr\$ 0,50
De 80ª Cr\$ 0,50
De 81ª Cr\$ 0,50
De 82ª Cr\$ 0,50
De 83ª Cr\$ 0,50
De 84ª Cr\$ 0,50
De 85ª Cr\$ 0,50
De 86ª Cr\$ 0,50
De 87ª Cr\$ 0,50
De 88ª Cr\$ 0,50
De 89ª Cr\$ 0,50
De 90ª Cr\$ 0,50
De 91ª Cr\$ 0,50
De 92ª Cr\$ 0,50
De 93ª Cr\$ 0,50
De 94ª Cr\$ 0,50
De 95ª Cr\$ 0,50
De 96ª Cr\$ 0,50
De 97ª Cr\$ 0,50
De 98ª Cr\$ 0,50
De 99ª Cr\$ 0,50
De 100ª Cr\$ 0,50

SOCIETUDE
SONETO
Quem viveu sempre em nuvens cor de aminho,
Tudo existência alegre e desolada,
Sem pisar nunca a via dolorosa,
Nem se sentir nas pedras do caminho,
Ficou colheu sem encontrar na rosa
De perfume ideal um só espinho
Viveu entre docuras e carinhos
Sempre feliz, em sua delicia
Não viveu, vegetou; pôs-se em sonhos
E que se gozou dias tão risinhos,
Sem sentir uma dor... um mal pungente...
Viveu, e sabe dar valor à vida,
Quem põe o mundo a seus pés,
Quem sofre... quem chorou amargamente.

MARIANA LUZ
De grão em grão...
Apenas da inconsciência da
própria tarefa, o electroimã
de capaz de obrar milagres. E
eu penso em ti, lembrando
as tuas limitadas possibilida-
des — senior que és de
inexcedível, levantando mundos,
com o auxílio apenas de
tua vontade.

ULYSSES
GABRIEL CUNHA — Faz anos
hoje o jovem Gabriel Pereira Cunha,
acadêmico de farmácia da faculdade de
Braziliópolis, filho do sr. Manoel
Cunha e da sr. Miriam Pereira Cunha.
O aniversariante, que é neto do nosso
particular amigo sr. João Alves Ju-
nior Pereira e de sua esposa d. Gra-
ciana Pereira, receberá de seus
inúmeros amigos
Desta oportunidade carinhamente
HELOISA CAZOSO — A efemé-
ride de hoje marca o transcurso de
aniversário natalício da senhorita He-
loisa Cazoso, filha do sr. Clodomir
Cazoso e da sr. Leopoldina.
LEOCA NUNES — Completa anos
nesta data a senhorita Leoca Nunes,
inspirada poeta, contadora e figuran-
te das mais importantes companhias de
São Luiz.
POEIRA MARIANA LUZ — Trans-
correr nesta data o aniversário
natalício da moça brilhante contora
e cantora Mariana Luz, um dos mais prin-
cipais talentos da terra, cujo verso
carreiras que se sucedem, trazendo na
sua rima a beleza substancial da sua
divina inspiração.
No dia de hoje Mariana Luz reco-
lerá lembranças e homenagens dos
seus admiradores e seus amigos.

INSTALOU-SE A CONVENÇÃO DO P.R.
S. SALVADOR, 9 (asapress) — Instalou-se a Convenção do P.R. Adianta-se que apoiará o mesmo candidato do PTB ao governo do Estado.
Para a Câmara Federal estaria assentado o nome do sr. Barros Barreto, enquanto que para a terceira senadora o P.R. apoiaria o indicado do deputado Jurandir Magalhães.
Sociedade Maranhense de Belas Artes
A 20 horas de hoje, na Biblioteca Publica, reuniu-se o membros da Sociedade Maranhense de Belas Artes.
A sessão cuja finalidade é tratar da aprovação definitiva dos Estatutos e Regimento interno da nova entidade, pede-se a presença das pessoas interessadas no desenvolvimento da Sociedade Maranhense de Belas Artes.
DATADORES DE BORRACHA
(simples e com espaço para dizeres) Próprios para repartições e casas comerciais
TRES TIPOS DIFERENTES
FABRICA DE CARIMBOS
HAMILTON
Rua Afonso Pena, 322
Aceita-se pedidos para o interior do Estado pelo Serviço de Rembolsos Postal.
OUÇAM todos os sábados, na Radio Timbira, às 12:45, a "HORA DA FAMÍLIA".
de sua cunha, esposa, sr. d. Ilma Pereira de Souza.
Parafitearam suas avós materna e paterna, sras. Zaida Godinho Pereira e Filomena Cardoso da Sousa, suas pais e irmãos dr. Hamleto Godinho e senhora e dr. Raimundo Mendes e senhora.
A noite, na residência dos senhores, Maria da Paz ofereceu às suas amiguinhas uma lancha mesa de doces.
CASAMENTO
Consovencione-se, hoje, em capital bandedeante o novo contornado sr. José Vas. Figueira, funcionário do Departamento dos Correios e Telegrafos e filho do falecido Edgardo Figueira e de sua mãe, d. Carolina Vas. Figueira e a srta. Irene Corbani, filha do industrial João Corbani e de sua esposa d. Judith Corbani.
NASCIMENTOS
No dia 8 do corrente encheu-se de júbilo as grãos e bar do sr. Raul Euzébio e de sua esposa, srta. Maria do Carmo Leite Martins com o nascimento de uma robusta guriota que nas águas lastrais chamou-se Rosa da Conceição.
VIAJANTES
JOÃO APRIGIO — De regresso do interior do Estado, onde fora integrado em sua comitiva do PTB, seção local, encontra-se novamente entre nós o sr. João Aprigio, funcionário da SAEITPA e membro o diretório dos trabalhadores.
Vindo de Cursurup encontra-se na capital o sr. Antenor Godard, diretor estadual.

A PROXIMA CHEGADA A ESTA CAPITAL DO NOVO DELEGADO DO TRABALHO
O operariado maranhense prepara condigna recepção ao dr. Paulo Oliveira
Chegará, por estes dias, a São Luiz o dr. Paulo Oliveira, recentemente nomeado para o cargo de Delegado Regional do Trabalho, seu presidente sr. Apolinário Souza dos Anjos, e a qual foi discutido o programa de recepção ao sr. Paulo Oliveira que dentro de breves dias estará entre nós.
Outra reunião foi marcada para amanhã, às 19 horas, no mesmo local.
xxx
Do sr. Apolinário Souza dos Anjos recebemos o seguinte:
DECLARAÇÃO
A fim de evitar qualquer exploração em torno do meu nome, declaro que, convidado para integrar a comissão de homenagens ao dr. Paulo Oliveira, novo Delegado Regional do Trabalho, aceitei a honrosa incumbência, como presidente da Casa do Trabalhador Maranhense e representante, que sou, de um sindicato de classe.
S. Luiz, 9 de dezembro de 1946.
TRABALHADOR
Apolinário Souza dos Anjos

Na Polícia e nas ruas
João Francisco e Silva, residente à rua Afonso Pena nº 261, representante da firma Karto S. A. de São Paulo, compareceu à Central de Polícia onde comunicou que fora vítima do furto de es. De ordem do sr. Capitão Delgado Auxililar o acusado e o queixoso foram intimados à responder pelo queixa.
INAUGURAÇÃO DA FEIRA FLUANTE ITALIANA
RIO DE JANEIRO — Inaugurar-se-á hoje, às 11 horas, a feira flutuante italiana, a bordo do navio "Lugano", ancorado junto ao Touring Club na praia Mauá. Para essa oportunidade foram distribuídos convites especiais à imprensa, a comissão oficial corpo diplomático e entidades comerciais. O público poderá visitar o "Lugano", oportunamente.
COMICIO DAS OPÇÕES COLIGADAS DO RIO S. DO NORTE
NATAL, 9 (asapress) — Realizou-se hoje o comício das opções coligadas, falando o candidato a governador, desembargador Floriano Cavalcanti, deputado Café Filho e varios candidatos a Assembleia Legislativa.
O "meeting" reuniu grande massa popular.
GRANDE ESTOQUE DE CANETAS PARA COLEGIAS
AO PREÇO DE 25,00, 35,00 e 60,00
Receba a
Tipografia Teixeira
Rua de Herulano Parga, 247
São Luiz — Maranhão

PARA AS FESTAS DE FIM DE ANO

ESTÃO FAZENDO GRANDES BONIFICAÇÕES EM TODOS OS SEUS ARTIGOS.

AS LOJAS RIANIL ESTÃO FAZENDO GRANDES BONIFICAÇÕES EM TODOS OS SEUS ARTIGOS.

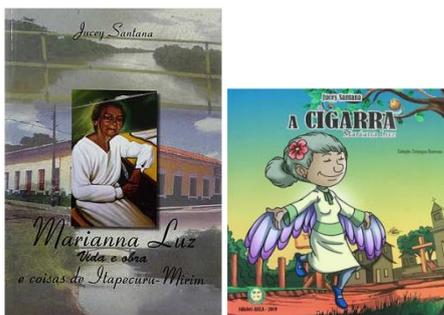
A COMEÇAR DE SEGUNDA-FEIRA, TODOS OS TECIDOS COM GRANDES REMARCAÇÕES.

A POPULAÇÃO DE S. LUIZ, DEVE ACORRER A'S AFAMADAS LOJAS RIANIL PARA SE CERTIFICAR DAS GRANDES VANTAGENS. **RIANIL... E NADA MAIS**

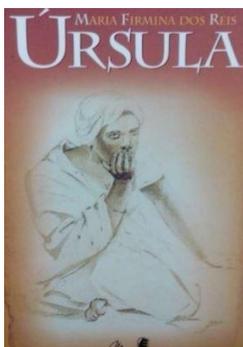
RUA OSVALDO CRUZ, 44 **SAO LUIZ -- MARANHÃO**

Anexo 6- Algumas ilustrações e capas recentes de publicações sobre as autoras aqui apresentadas

Marianna Luz

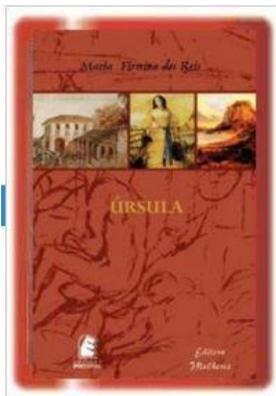


Maria Firmina dos Reis

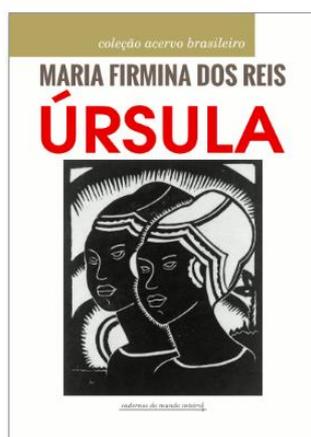


“Úrsula” e “A Escrava”, Maria Firmina dos Reis, organização de Zahidé Lupinacci Muzart, atualização de texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte, coedição da Editora Mulheres (Florianópolis, SC) e da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Belo Horizonte (MG), 2004.

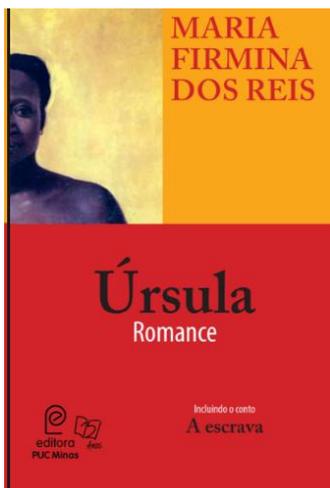
“Úrsula – Romance Afrodescendente”, Maria Firmina dos Reis, Editora O Dia, 2008.



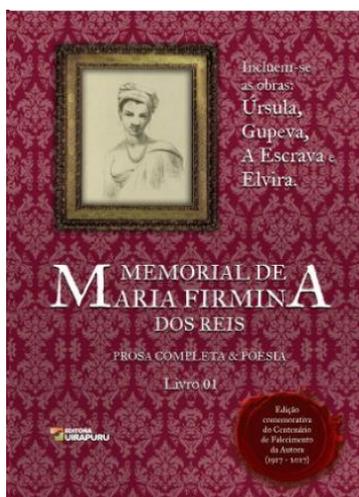
“Úrsula” e “A Escrava”, edição comemorativa dos 150 anos do romance, atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte, Editora Mulheres (Florianópolis, SC) e PUC Minas (Belo Horizonte, MG), 2009.



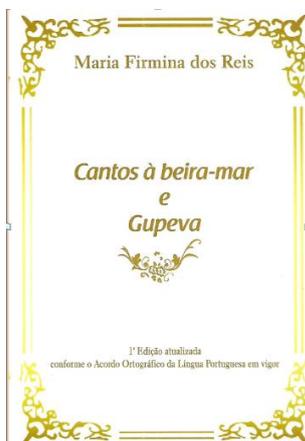
“Úrsula”, Maria Firmina dos Reis, Coleção Acervo Brasileiro, Volume 2, Editora Cadernos do Mundo Inteiro, 2017.



“Úrsula”, Maria Firmina dos Reis, 6ª edição, apresentação e posfácio de Eduardo de Assis Duarte, Editora PUC Minas (Belo Horizonte, MG), 2017.



“Memorial de Maria Firmina dos Reis – Prosa Completa & Poesia”, Livro 01, Editora Uirapuru, São Paulo, 2017.



“Cantos à Beira-Mar e Gupeva”, Maria Firmina dos Reis, Academia Ludovicense de Letras, São Luís (MA), 2017.